





34

OS LUSÍADAS

34

POEMA ÉPICO

DE

LUI S DE CAMÕES

EDIÇÃO ANNOTADA PARA LEITURA DA INFANCIA E DO POVO

POR

F. de Salles Lencastre

E

PRECEDIDA DE UMA EXPOSIÇÃO SOBRE A PRONUNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

POR

A. R. Gonçalves Vianna

CANTO I

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1892



# OS LUSÍADAS

POEMA ÉPICO

DE

LUI S DE CAMÕES

EDIÇÃO ANNOTADA PARA LEITURA DA INFANCIA E DO POVO

POR

F. de Salles Lencastre

E

PRECEDIDA DE UMA EXPOSIÇÃO SOBRE A PRONÚNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

POR

A. R. Gonçalves Vianna

CANTO I



*N. 12.448*

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1892





## ADVERTÊNCIA

Houve tempo em que o livro da grande epopeia nacional era leitura freqüente nas escolas, tanto nas de instrucção primária como nas do curso secundário, e começavam os alumnos, desde tenra idade, a instruir-se aprazivelmente, e sem se violentarem, na história, na geographia e na litteratura pátria, ao mesmo passo que iam educando o sentimento nacional, e amoldando-o á veneração pelas virtudes cívicas que inspiraram as formosíssimas estrophes dos *Lusiadas*. Explicava então o professor ao discípulo os trechos do poema onde era indispensável a observação, e porque ficava sendo bem comprehendido esse majestoso monumento litterário, succedia que mais tarde era estudado novamente e muitas vezes, mesmo por pessoas menos instruidas, depois de passada a época da leitura obrigatória.

Outro tanto não acontece hoje, talvez porque sejam os actuaes programmas de ensino tão extensos que falte o tempo para larga lição de cada especialidade; mas, se pela juventude continuar a ser tão raramente lido o poema da nacionalidade portuguesa, não é impossivel que chegue um periodo, e não distante, em que se perca no esquecimento o nome do Poeta, que foi não sómente o primeiro de Portugal, mas um dos primeiros do mundo, como tal considerado na litteratura de todas as nações cultas.

Foram considerações semelhantes que nos suggeriram a idea de concorrer para vulgarizar os *Lusiadas* por meio de uma edição em que as notas a par do texto facilitem a sua interpretação ás classes populares, e poupem, nas aulas de ensino elementar, algum trabalho ao professor.

vantagem de na própria página verem, junta ao texto respectivo, a explicação dos nomes próprios, e até a de muitos nomes communs, que precisam della. Nisto differe a nossa de muitas edições, que trazem no fim um dictionário de nomes próprios, e em que há o inconveniente de interrupções numerosas, ás vezes em uma mesma estância. Não pudemos evitá-las completamente, porque, dada uma explicação, não a repetimos, se o vocabulo occorre de novo; entretanto, differente é seguir caminho pelo qual se tenha já passado uma vez, do que entrar em vereda ainda não trilhada. E se a memória trae o leitor, pode elle recorrer ao glossário, que vae no fim do fasciculo, e no qual também se dá maior extensão a notas, que por vantagens de forma typographica foram demasiadamente resumidas, junto do texto.

Tendo sido benévola mente auxiliado por muitas correções, não só do sr. Gonçalves Vianna, mas também do illustre professor sr. J. Leite de Vasconcellos, sempre que solicitámos os seus conselhos, aqui lhes deixamos o testemunho do nosso mais cordial agradecimento.

Se o público der approvação a êste trabalho, continua-lo hemos; se, pelo contrário, se reconhecer que não tem utilidade real ou que os defeitos são insanáveis, desculpe-se ao obscuro obreiro, pela boa intenção, a ousadia do commettimento.

*F. de Salles Lencastre.*

EXPOSIÇÃO  
DA  
PRONÚNCIA NORMAL PORTUGUESA  
PARA USO DOS  
ESTRANGEIROS

---

1. A pronúncia da língua portuguesa não é uniforme, nem mesmo no continente; há todavia no centro do reino, entre Coímbra e Lisboa, um padrão médio, do qual procuram aproximar-se os que sabem ler e escrever, e que tende a absorver as particularidades dialectaes, não só nesse centro, mas ainda nas cidades das demais províncias. A este dialecto commum nos referiremos em especial ao expormos o valor de cada letra, e os sons, quer vogaes, quer consoantes, e suas modificações, que são elementos dos vocábulos portuguezes.

Concluiremos esta exposição por algumas considerações brevisimas sôbre a presumível pronunciação no tempo de Camões, que pertencia por nascimento a êsse centro, ao qual o consenso geral attribuiu sempre melhor elocução.

2. Os sons que constituem a língua portuguesa são **vogaes**, **semi-vogaes** e **consoantes**. As letras são: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z.*

3. O abecedário lê-se do modo seguinte: *â, bê, cê, dê, è, êfe, gê, agá, i, ji, kà, êle, éme, éne, ò, pê, quê, érre, ése, tê, u, vê, xis, ýpsilon, zê; que se pronunciam pouco mais ou menos como se em francês se escrevessem: â, bé, cé, dé, è, êfe, jé, eugá, i, ji, câ, èlc, ème, ène, o (como em or), pé, ké, èrre, ècc, té, ou, vé, chiche, ípsilone, zê.*

É importante o nome que tem cada letra, porque a inicial dêsse nome representa em geral o seu valor normal e o mais freqüente.

Êste alphabeto não expressa todos os sons da língua; é augmentado com signaes diacríticos e com grupos de letras, representando cada grupo um som. Dêste modo, há mais os símbolos seguintes, indicativos de outros tantos sons distintos: *â* (quasi *ö* allemão); *ç*, equivalendo hoje a *s*, bem como o *c* antes de *e*, *i*, *y*; *ch* valendo hoje por *x* (*ch* francês); *ê* (*é* francês); *gu* (*gu* francês, *gh* italiano), servindo o *g* para antes de *a*, *o*, *u*, ou consoante; *lh*, *nh*, que valem por *ll*, *ñ* castelhanos; *ô* (*ô* francês), *qu* (*qu* francês, *ch* italiano) servindo o *c* para antes de *a*, *o*, *u* ou consoante; *rr* para *r* dobrado; o signal (˘) chamado *til*, que denota nasalidade nas vogaes, *ã*, *õ*, e (´) ou accento agudo, que marca a vogal da syllaba tónica de cada vocábulo que se quiere accentuar gráphicamente, exceptuando *ê* e *ô*, que se indicam por meio do circumflexo (ˆ).

Apesar dêstes expedientes gráphicos o alphabeto é ainda muito insufficiente para a designação de todos os sons portuguezes, mesmo os do actual dialecto commum, a que, como dissemos, principalmente nos referiremos aqui; e por isso o ampliaremos de modo que possamos ser claros e concisos nesta exposição. Para tal effeito augmentamos os símbolos indicados com mais os seguintes: *a*, *q*, *ṭ*, *ó*, *ch*, *d*, *ë*, *ẽ*, *ç*, *ǰu*, *ì*, *ĩ*, *ĩ*, *ı*, *ı̇*, *ı̈*, *ı̉*, *ı̊*, *ı̋*, *ı̌*, *ı̍*, *ı̎*, *ı̏*, *ı̐*, *ı̑*, *ı̒*, *ı̓*, *ı̔*, *ı̕*, *ı̖*, *ı̗*, *ı̘*, *ı̙*, *ı̚*, *ı̛*, *ı̜*, *ı̝*, *ı̞*, *ı̟*, *ı̠*, *ı̡*, *ı̢*, *ı̣*, *ı̤*, *ı̥*, *ı̦*, *ı̧*, *ı̨*, *ı̩*, *ı̪*, *ı̫*, *ı̬*, *ı̭*, *ı̮*, *ı̯*, *ı̰*, *ı̱*, *ı̲*, *ı̳*, *ı̴*, *ı̵*, *ı̶*, *ı̷*, *ı̸*, *ı̹*, *ı̺*, *ı̻*, *ı̼*, *ı̽*, *ı̾*, *ı̿*. Todos êstes diacríticos são convencionaes, repetimo-lo, e adoptados para a conveniência dêste pequeno tratado.

#### 4. O alphabeto assim ampliado ficará sendo o seguinte:

*a*, *à*, *á*, *â*, *ã*, *ä*, *å*, *á*, *â*, *ã*; *b*, *ḃ*; *c*, *ç*, *ç*; *ch*, *ch*; *d*, *d*; *e*, *è*, *é*, *ê*, *ẽ*, *ç*; *f*; *g*, *ǰ*, *gu*, *ǰu*; *h*; *i*, *ı*, *ı̇*, *ı̈*, *ı̉*, *ı̊*, *ı̋*; *k*; *l*, *l*, *lh*; *m*; *n*, *ı̄*, *nh*; *ò*, *ó*, *ô*, *o*, *o*, *õ*, *o*; *p*, *ṗ*; *qu*, *qu*; *r*, *r̄*, *rr*; *s*, *ş*, *ş*, *ş*, *ş*, *ş*, *ş*; *t*, *ṫ*; *u*, *ú*, *û*, *ũ*, *ũ*; *v*; *á*, *ã*; *y*; *z*, *ż*, *z̈*, *z̉*, *z̊*, *z̋*, *ž*, *z̍*, *z̎*, *z̏*. Alguns dêstes caracteres designam sons que já se não usam no dialecto normal.

Os valores dêstes símbolos são os seguintes, comparados com sons de outras línguas, principalmente francês, italiano e allemão:

*à*, *á*, escrito usualmente *a* ou *á*: *a* intermédio entre os francezes de *pâte* e *patte*.

*â*, *ã*, escrito como *a* ou *á*: muito próximamente o *â* francês de *mâle*.

*ä*, *å*, escrito usualmente *a* ou *á*: o *a* inglês de *about*, sendo porém tónico; assemelha-se a *ö* allemão de *hölle*, e também a *e* francês de *le*.

*ç*, escrito usualmente *a*: êste mesmo, mas átono.

*ã*, escrito usualmente *ã*, *am*, *an*: êste mesmo, porém nasal; lembra o *un* francês.

*b*, escrito usualmente *b*: o *b* francês ou italiano.

*b*, escrito usualmente *b* ou *bb*: o *b* castelhano de *deber*, quasi *w* dialectal allemão; é um *v* proferido com os dois beiços.

*c* (antes de *a*, *o*, *u*, ou consoante), *c*, *cc*, *ch*: *c* francês, *k* allemão, em situação semelhante.

*ç* (final ou antes de *o* final átono), *c*, *cc*, *ch*: *c*, *k* aspirado.

*ch*, escrito *ch*: originária e dialectalmente *ch* castelhano e inglês; no centro do reino actualmente tem o mesmo valor que *ç*.

*ç(h)*, escrito *ch*: *ch* castelhano e inglês.

*ç*, escrito *ç(a)*, *ç(o)*, *ç(u)*, *c(e)*, *c(i)*: differenciado antigamente de *s*, mas hoje confundido com elle, excepto em parte de Trás-os-Montes, Minho e Beiras.

*d*, escrito na orthographia usual *d*: *d* proferido mais perto dos dentes que o *d* francês.

*ð*, escrito na orthographia usual *d*, *dd*: *d* medial castelhano, quasi *d*, o *th* inglês de *that* e não o de *thank* (*ʃ*).

*è*, *é*, escrito na orthographia usual *e*, *è*, *é*: *e* mais aberto que o *è* francês e *ä* allemão.

*ê*, (= *é*; *ê*), escrito na orthographia usual *e*: som originário e dialectal *ê* português; no centro do reino tem o mesmo valor que *â*, e só apparece antes das consoantes *ch*, *ç*, *j*, *lh*, *nh*, e no ditongo *ei*; em alguns pontos tem um valor médio, *ê*, entre *è* e *é* (igual ao do *e* castelhano).

*ê*, na orthographia commun *e* ou *ê*: o *é* francês de *fée*, *ee* allemão de *see*, e *chiuso* italiano de *sapeva*.

*ê*, na orthographia commun *em*, *en*: êste mesmo, porém nasal, differente de *in* francês, que é muito mais aberto.

*e*, *é*, na orthographia commun *e* ou *i*: um *e* mais fechado e menos perceptível que o *e* francês do artigo *le*, ou o allemão de *himmel*; quasi o ' de *ch'val* (pronúncia corrente do vocábulo francês *cheval*).

*f*, na orthographia commun *f*, *ff*, *ph*: *f* francês e allemão.

*g*, (antes de *a*, *o*, *u*, consoante, ou final) *g*, *gg*: o *g* francês na mesma situação, *g* inglês de *gold*, italiano de *largo*.

*gu*, (antes de *è*, *ê*, *i*, *y*), *gu*: o *gu* francês na mesma situação, *gh* italiano.

*g*, (antes de *e*, *i*, *y*), *g*: o *g* francês na mesma situação, semelhante a *j*, *j*.

*h*, escrito na orthographia commun *h*: sempre nullo; equivale ás vezes ao signal (") em francês, para desunir vogaes: *ah*, isto é, *á*.

*i*, *í*, escrito na orthographia commun *i*, *í*, *y*, *ý*: *i* allemão ou italiano, menos agudo que o *i* francês.

*ì*, escrito na orthographia commun *i*: *i* do inglês *bill*, muito próximamente; está para *i* como *è* para *ê*.

*î*, escrito na orthographia commun *im*, *in*: *i* nasal, differente de *ing* allemão.

*i*, escrito na orthographia commum *i*, *e*: *i* muito breve e atenuado, átono, antes de palatal.

*î*, escrito na orthographia commum *i*, *e*: *y* francês e inglês, *j* italiano, ou alemão, porém menos consonántico, com maior carácter de vogal.

*j*, (antes de *a*, *o*, *u*, *ç*), escrito na orthographia commum *j*, *g*: mais palatal que o *j* francês, e sem protração labial.

*ÿ*, (antes de *è*, *ê*, *i*, *ÿ*), escrito na orthographia commum *g*, *j*: ainda mais palatal.

*k*, (substituído por *c* ou *qu*), escrito na orthographia commum *c*, *ch*, *qu*, *k*: é de raro emprêgo: vale o *k* alemão.

*l*, na orthographia usual *l*, *ll*: o *l* hispanhol ou italiano, articulado mais próximo dos dentes que o francês.

*ł*, *l* depois de vogal na mesma syllaba, ou quando final: quasi o *ł* polaco, isto é, gutturalizado: a língua, deprime-se a meio, e faz-se convexa em direcção ao palato molle; a ponta, com a sua face inferior, toca a face interna dos incisivos superiores e forma o contacto com as gengivas; o effeito acústico é quasi o de um *u* muito sumido, ou do *w* inglês.

*lh* (melhor *łh*, ou simplesmente *ł*), escrito na orthographia commum *lh*: é um *l* palatal, o *ll* castelhano, e não *ill* parisiense, nem o *lj* alemão. Para o reproduzir deve ter-se em attenção que a ponta da língua há de encostar-se á face interna dos incisivos inferiores, e que o contacto é com a página superior da língua, convexa, na parte interna das gengivas dos incisivos superiores, quasi junto ao palato duro, próximamente a posição do *ch* alemão de *i ch*; o sôpro passa, como para todos os *ll*, por um ou pelos dois lados da língua.

*m*, escrito na orthographia commum *m*, *mm*: o *m* francês inicial, ou *m* italiano ou alemão.

*n*, escrito na orthographia commum *n*, *nn*: mais perto dos dentes que o *n* francês ou alemão.

*ng*, escrito na orthographia commum *n*: o *ng* alemão de *sang*, ou o de *singen*, conforme é precedido de *a*, *o*, *u* ou de *e*, *i*; só se ouve antes de *k*, *g*.

*nh*, (melhor *nh*, ou simplesmente *n*), escrito na orthographia commum *nh*: o *gn* francês, *ñ* castelhano, e não *nj* alemão, parecendo-se mais com o *ng* de *singen*, do que com esse compêndio de dois sons.

*ò*, *ó*, escrito na orthographia commum *o*, *ó*: é o *o* aperto italiano, quasi o *o* alemão de *sonne*, ou então o *o* francês de *or*.

*o*, *ô*; *o*, escrito na orthographia commum *o*, *ô*, *ou*: é o *o* *chiuso* italiano, *oo* alemão de *loos*, *ô* francês; *o* é ainda mais fechado, e só apparece antes de *t*.

*o*, escrito na orthographia commum *o*, *u*: é um *u* átono muito breve, e quasi imperceptível se é final.

*õ*, escrito na orthographia commum *on*, *om*: é *ô* nasal, differente do *on* francês.

*p*, escrito na orthographia commum *p*, *pp*: *p* francês e italiano.

*p̃*, escrito na orthographia commum *p*, *pp*: *p* aspirado.

*qu*, (antes de *è*, *ê*, *i*), escrito na orthographia commum *qu*: *qu* francês, *k* allemão na mesma situação.

*qũ*, (antes de *ĩ*), escrito na orthographia commum *qu*: *qu* (*k*) aspirado.

*r*, (final, medial, e antes de *p*, *f*, *t*, *s*, *x*, *c*, *qu*; *b*, *v*, *d*, *z*, *j*, *g*, *gu*, ou depois de consoante), escrito na orthographia commum *r*: é um *r* proferido de um só golpe com a parte anterior da ponta da língua na parte mais convexa das gengivas dos dentes incisivos superiores.

*r̃*, *rr* (*r* inicial, dobrado, e antes de *m*, *n*, *nh*, *l*, *lh*), escrito na orthographia commum *r*, *rh*, *rr*: é um *r* vibrado com a ponta da língua, junto ao palato duro, na parte interna das gengivas, á esquerda, portanto é uni-lateral; inicial e dobrado (*rr*) é mais vibrado. Estas duas espécies de *r* correspondem inteiramente ao *r* e *rr* de toda a península hispânica, quando normaes.

*s*, na orthographia commum *s*, *ss*, *sc*, *ç*, *x*: é quasi o *s* inicial francês, *ss* allemão; deve porém ter-se em attenção que é proferido com a língua convexa de encontro ás gengivas dos incisivos superiores, encostando-se a ponta á parte interna dos incisivos inferiores. O som originário e provincial (do norte) é o *de s*, que é o inverso d'este. (Veja-se *s*).

*š*; na orthographia commum *s*: *s* medial, valendo *z*. (Veja-se *z*).

*ś*, na orthographia commum *s*: *s* antes de consoante valendo *ž* ou *ž*. (Veja-se *ž*).

*š*; *š*, na orthographia commum *s*, *z*: *s* final ou antes de *p*, *f*, *t*, *ç*, *c*, *qu*, valendo *š* attenuado, quasi o *s* allemão de *spiel*, *stehen*; *š* é mais palatal.

*ś*, na orthographia commum *s*, *ss* (confundido com o *ç* = *s* no dialecto culto, há muito tempo, e assim também em todo o sul, do Mondego para baixo): som originário e dialectal do norte, differente do *ç*: é um *s* reverso, iste é, proferido com a parte anterior, um tanto cóncava, da ponta da língua no convexo das gengivas dos incisivos superiores, como o *s* vasconço e castelhano: lembra no effeito acústico *ś* reunidos.

*t*, na orthographia usual *t*, *tt*, *th*: é um *t* proferido mais perto dos dentes que o *t* francês e allemão, e sem aspiração.

*t̃*, (antes de *ç*, *ç*, *ĩ* finais), *t*, *tt*, *th*: o mesmo, porém aspirado.

*u*, *ú*, na orthographia usual *u*, *ú*: o *u* italiano e allemão, menos fechado que o *ou* francês.

û, na orthographia usual *u*: como *ou* francês de *foule*; só antes de *b*.

û, na orthographia usual *u*, *o*: *u* semivogal como o *u* italiano de *uomo*, differente do *w* inglês.

ũ, na orthographia usual *um*, *un*: é *u*, nasal, differente de un *g* allemão.

*v*, na orthographia usual *v*: *v* francês e italiano, não confundido nunca com o *b* no sul e centro do reino; raro no norte.

*x*, símbolo etymológico, valendo por *ks*, *ss*, *iš*, *iz*, *iž*, *š*, *z*, *ž*, conforme a sua posição com respeito aos sons contíguos.

š, na orthographia usual *x*, (ou *ch*): mais palatal que o *ch* francês, sem a protração labial d'este ou do *sch* allemão; análogo ao *sh* inglês; é o *x* tradicional da Península Hispânica, que desapareceu já do castelhano e seus dialectos, mas que permanece no gallego, no asturiano, no valenciano e no catalão com o mesmo valor. Figura principalmente depois dos ditongos *ai*, *ei*, *oi*, de *i*, e quando é inicial. (Emprego o ponto sobrescrito para o differenciar do *x* medial etymológico. O dialecto culto não distingue š de *ch*).

š̃, na orthographia usual *x* (ou *ch*): mais palatal que š, por se lhe seguirem ou o precederem *i*, *z*, *è*, *ê*.

*y*, na orthographia usual *y*: símbolo puramente etymológico e que vale por *i*; na orthographia antiga valia por *ï*, se era seguido de vogal, e também por *í*, depois de consoante.

*z*, na orthographia usual *z* (*s*): é um *z* semelhante ao francês, proferido porém, bem como o *s* português (veja-se), mantendo-se a ponta da lingua encostada aos incisivos inferiores.

ž (*š*); ž, na orthographia usual *s*, *z*, *x*: é um *j* atenuado; tem este valor o *s* antes de *b*, *m*, *v*, *z*, *d*, *n*, *l*, *j*, *nh*, *lh*, *g*, *r*; ž é mais palatal.

ž̃ (*š*), (*s* entre vogaes), na orthographia usual *s* (confundido há muito tempo com o *z* no dialecto culto): é um *z* proferido com as mesmas posições dos orgãos que o *s* reverso. É este o valor originário, e ainda o dialectal no norte, do *s* antes de *b*, *m*, *v*, *z*, *d*, *n*, *l*, *j*, *nh*, *lh*, *g*, *r*, e entre vogaes, differente do *z*. O seu effeito acústico lembra o de *zj* reunidos em um som único, e é também freqüente em dialectos italianos e catalães; em castelhano ouve-se antes de *b*, *d*, *g*, e ás vezes entre vogaes em pronunção rápida e emphática.

ž̃, na orthographia usual *z*: é o *z* final ou antes de *p*, *f*, *s*, *t*, *x*, *c*, *qu*, valendo por *š*, ž̃, no dialecto do centro.

ž̃ (*ç*) na orthographia usual *z*: vale por *ç* final no português antigo e ainda hoje em Trás-os-Montes, por se não escrever *ç* em fim de vocábulo, ou de syllaba; assim *luç* (= *luç*), *nizcaro* (= *nizçaro*).



Se houvéssemos de ter em attenção todo o systema de vogaes e consoantes já observado em dialectos portuguezes, haveria que augmentar as distincções gráphicas. Assim, temos no continente mais as vogaes: *ä* (*a* do inglês *bad*); *á* castelhano e gallego entre *à* e *q*; *æ* portuense de *mas*, entre *q* e *ä* ou è muito aberto; *ω*, ò muito aberto da Beira-Alta; *ó* castelhano, entre *ò* e *ô*; *û* do mirandês (*u* inglês de *full*); *υ* da Beira Baixa (*u* norueguês de *hus*); as vogaes nasaes gutturalizadas do Minho *ã*, *ê*, *õ*, etc., análogas ás francesas *an*, *in*, *on*. Do mesmo modo, houvéramos de differenciar o *ü* allemão de *fühlen*, e o *ÿ* (y polaco), que são frequentes em fallares açorianos. Com referéncia ás consoantes deveríamos incluir o *ξ* e o *ζ* peculiares do Porto e Trás-os-Montes, que se assemelham a *ts*, *dz* em um som único, respectivamente; o *ł* reverse minhoto; o *ǰ* (*j* inglês) do dialecto de Macau; o *ɹ* mirandês, igual ao *y* andaluz; *ɣ*, um *g* fricativo, ou aberto, correspondente a *ç*, *đ*, etc., etc.

Em nenhum fallar portuguez até agora estudado se observou ainda o *ɣ*, ou *j* castelhano moderno, comquanto se ouça na raia em certos vocábulos hispanhoes, não accomodados á pronúncia portuguesa, usados alli por individuos que são em grande parte bilingues.

Explicados assim os signaes de que nos serviremos, e comprehendidos os sons que elles representam e que constituem o cabedal phonético do portuguez do centro do reino, antigo ou hodierno, passamos a expor as leis que regulam a sua manifestação, e as alterações que soffrem por influencia dos sons contíguos ou próximos.

### Consoantes

#### 5. Fazem-se três divisões principaes nas consoantes :

1.<sup>a</sup> Conforme são, ou não, acompanhadas de voz na sua emissão, sendo **sonoras**, isto é, com voz: *b*, *β*, *v*, *m*; *d*, *ð*, *z*, *ʒ*, *n*, *l*, *ʎ*, *r*, *ʀ*; *j*, *ǰ*, *ʒ*, *ʒ*, *nh*, *lh*; *g*, *gu*, *ŋ*; **surdas** ou sem voz: *p*, *p*, *f*; *t*, *t*, *s*, *s*; *çh*, *ç*, *ç*, *ç*; *c*, *c*, *qu*, *qu*.

2.<sup>a</sup> Conforme a maior ou menor aproximação dos órgãos que as produzem, e são: **explosivas**, se há contacto delles, *p*, *p*, *b*; *t*, *t*, *d*; *çh*; *qu*, *qu*, *gu*, *c*, *c*, *g*; **fricativas** se há apenas aproximação, *f*, *β*, *v*; *d*, *s*, *z*, *ʒ*, *ç*; *ç*, *ç* (*ç*, *ç*; *ç*, *ç*) *j*, *ǰ*; **ancipites**, se há aproximação num ponto e contacto em outro, *lh*, *l*, *t*, *r*, *ʀ*; *m*, *n*, *nh*, *ŋ*: as cinco primeiras destas chamam-se **liquidas**, e as quatro últimas **nasaes**.

3.<sup>a</sup> Conforme os órgãos que as produzem, o que se vê do quadro seguinte, no qual estão inscritis em parêntese quadrado as que não pertencem ao dialecto culto actual do centro, e de que nos não occuparemos mais quando delle tratarmos exclusivamente.

## Quadro das consoantes portuguezas

	Explos.	Fricat.	Líquidas	Nasaes
Bilabiaes, com o lábio inferior no superior.....	{ p b	t		m
Lábio-dentaes, com o lábio inferior nos gumes dos dentes incisivos superiores.....	{	f v		
Apicaes, com o ápice da língua nas gengivas dos incisivos superiores.....	{ t d	d s z	l r	n
Reversas, ou sub-cacumi-naes, com o bôrdo anterior da ponta da língua na parte interna das gengivas dos incisivos superiores.....	{	[ʃ] [ʒ]	r̄ r	
Palatinas, com o dorso da língua na abóbada palatina :				
a).....	{ [é(h)]	ç(ç) j(ʒ)	î(h)	û(h)
b).....	{	ç(ç) j(ʒ)		
Gutturaes, com a raiz da língua no extremo do palato duro :				
a).....	{ qu gu			n
b).....	{ c g			n

## Vogaes

6. As vogaes portuguezas são oraes ou nasaes.

As vogaes oraes do centro do reino são as seguintes :

Abertas:	â, a, ê, ê, ò,	como em pá, sal, pé, míl,
		pó.
Fechadas:	á, ê, ê, i, ô, u,	como em ramo, seja, dê,
		lí, côr, tu.
Reduzidas:	ã, ɨ, ɛ, ɹ,	como em cada, tejobo, de,
		aro.
Semi-vogaes:	ĩ, ũ,	como em fiar, ceaz, pai,
		suar, soar, pau.

7. Estas vogaes distribuídas por órgãos dão o resultado seguinte:

Gutturaes:	a à á	g ɛ	} a à g ɛ	
Palataes:	è ë ê ì í ɨ	ĩ		è ê ì í ɨ ï
Labiaes:	ò ô u ɔ	ũ		ò ô u ɔ ũ

porque á, ã são iguaes a a tónico, á.

8. As vogaes ɨ, ɹ, ũ são iguaes em timbre a i e u, e conseguintemente o número total das vogaes oraes portuguezas normaes é de 11: a, à, ɔ, è, ê, ò, ô, ì, í, u, ɛ, no centro do reino, independentemente da sua maior ou menor sonoridade, determinada pela presença ou ausência do accento tónico, e pelos sons contíguos.

9. As vogaes oraes antes de t na mesma syllaba modificam-se, constituindo mais 4 vogaes, porque as duas reduzidas g, ɛ não formam syllaba com esse t: os valores das 7 vogaes seguidas de t são os seguintes: at, et, ot, ut, mais fechadas que as normaes; sendo a análogo ao a francês de lache; èl, òl, ùl, vogaes mais abertas e análogas, respectivamente, ao è aperto italiano de gelo, all inglês de call e ill inglês de bill. O timbre especial de qualquer vogal antes do l da mesma syllaba coincide com o que lhe cabe quando forma ditongo com ũ; exceptua-se porém o è, que conserva o seu valor è antes de ũ, sem a modificação que o affecta antes de t. Há dialectos em que eu, et tem o è idêntico.

10. Com as vogaes oraes à è ê, ò, ô, u e a semi-vogal ï formam-se os seguintes ditongos oraes, cuja dominante é a primeira: aĩ, escrito ai ou ae, como em pai, dae, análogo ao ai allemão de bei, Mai.

èĩ, escrito éi, sempre tónico, em fiéis, réis, análogo ao ij hollandês, eil do francês do norte.

*ëi*, escrito *ei*, como em *fieis*, *reis*, *leis*, análogo, mas não idêntico, ao *ay* inglês de *day*.

*ò*, escrito *ói* ou *óe*, como em *sóes*, *róes*, *bóia*, análogo ao *oy* inglês de *boy*, *eu*, *du* alemão de *treu*, *bäume*<sup>1</sup>.

*ô*, escrito *oi*, como em *sois*, *bois*, *foi*, análogo ao *ooi* holandês de *nooit*.

*ui*, escrito *ui* ou *ue*, como em *azues*, *sues*, *fui*, análogo ao *ui* alemão de *pfui*, *oei* holandês de *bloei*, *ouil* do francês do norte.

Com as vogaes oraes *a*, *ê*, *è* e (*ô*), modificadas como antes de *t*, e *è* formam-se os ditongos de subjuntiva *ã*, que teem também a primeira vogal dominante:

*añ*, escrito *au*, *ao*, como em *pau*, *mau*, análogo ao *au* alemão de *frau*.

*èñ*, escrito *éu*, *éo*, como *réu*, *céo*, sempre tónico.

*êñ*, escrito *eu*, como *breu*, *seu*, análogo ao *eeu* holandês de *sneeuw*.

*ou*, escrito *ou*, como *dou*, *sou*, que no centro do reino vale por *ô*, e do norte para o sul, até a Beira Baixa, *ôñ*, *ôñ* (sua pronúncia antiga) *õñ*, *õ* (com o *ö* alemão de *hölle*), valor êste último que lhe cabe no Fundão e nos Açores.

*iu*, escrito *iu*, como em *riu*, *fugiu*, que só figura, sempre tónico, nas terceiras pessoas do singular do perfeito indicativo dos verbos em *-ir*; assim, *riu* é diferente de *riú*.

44. As vogaes nasaes portuguezas normaes são as seguintes:  
*ã*, *ẽ*, *i*, *õ*, *ü*. (Veja-se 3.)

*ã*, escrito *ã*, *an-*, como em *lã*, *cansar*.

*ẽ*, escrito *en-* como em *vence*.

*i*, escrito *im*, *in-*, como em *fim*, *ins*.

*õ*, escrito *om*, *on-*, como em *som*, *sons*.

*ü*, escrito *um*, *un-*, como em *um*, *uns*.

Todas estas vogaes são formadas com as vogaes fechadas, *â*, *ê*, *í*, *ô*, *u*. No centro do reino a única vogal nasal aberta é *ã*, resultante de crase *a*, *à* + *ã* átono, como em *via* andar = *viãndár*, *via-a* a andar = *viããndár*, mais prolongada.

Quando a uma vogal nasal se segue consoante explosiva, além dessa vogal nasal ouve-se attenuada, reduzida, uma consoante nasal, homorgânica com essa explosiva; assim: *campa*, *canta*,

<sup>1</sup> Refiro-me ao seu valor considerado normal por W. Victor (*Die aussprache der in dem Wörterverzeichnis für die deutsche rechtschreibung zum gebrauch in den preussischen Schulen enthaltenen wörter*, Heilbronn, 1885), o de *ôi*, e não aos de *ôü*, *öü*, *öi*, *èü*, etc., que em outras pronúncias allemãs também são attribuídos aos digrammas *eu*, *äu*, differençados, ou não, um do outro.

manda, tranca, manga, pronunciam-se *cãmpa, cânta, mânda, trãncy, mângu*.

A nasalidade portugueza é mais fraca do que a franceza, pelo menos no centro e sul do reino.

12. Com as vogaes nasaes *ã, ê, õ, û* formam-se, mediante a semivogal *i* também nasalizada, quatro ditongos nasaes :

*ãi*, escrito *ãe*, como em *mãe, mães*.

*êi*, escrito *em, en*, como em *bem, bens*.

*õi*, escrito *õe*, como em *põe, pões*.

*ûi*, escrito *ui*, sómente em *mui, muito*. No norte porém *ruim* pronúncia-se *rûi*.

Com a semivogal *û*, nasalizada precedida de *ã* forma-se o ditongo *ãû*, escrito *ão* como em *mão, ourégão*, e *am* nas terminações átonas de verbos, como *amam, amavam*, e assim também nos monossílabos átonos, *tam, quam*, e algum outro.

Qualquer vogal ou ditongo nasal permanece assim ainda quando se lhe siga vocábulo iniciado por vogal, mesmo que não haja pausa intermédia; dêste modo as phrases seguintes — em *água, com a espada, sem alma, vão ali, lâ azul* — pronunciam-se *i água, kô a ıspáda, sãĩ átma, vãĩ ali, lâ qzũt*, com hiato entre a vogal ou ditongo nasal e a vogal inicial do vocábulo seguinte, ainda que seja também nasal, como — com *ânsia, cõ âsia* —, sem intercalação de qualquer consoante nasal que forme som de transição, ou da aspiração *h*, ou da explosiva pharyngea *ç*, inicial dos vocábulos allemães que começam por vogal tónica, consoante que não existe em portuguez, senão como defeito individual substituindo *c, qu (k)*.

Note-se, porém, que a subjuntiva de ditongo nasal, em taes casos, tem carácter de semivogal nasal, que poderia escrever-se *ÿ*, por exemplo.

Êstes ditongos não teem correspondentes nas línguas cultas europeias.

O ditongo *em*, (*ẽe* como dantes se escrevia e bem) é, de Lisboa a Coimbra, igual em valor a *ãe*, isto é, profere-se *ãi*; no norte, em geral, e em parte do sul do reino, do mesmo modo que no Brasil, vale *êi*, e em alguns pontos do Alentejo simplesmente *ê*, que era talvez o seu valor primitivo. O til (˘) só se usa para indicar a nasalidade de *ã* e a das prepositivas dominantes dos três ditongos *ão, ãe e õe*. Nas outras vogaes nasaes expressa-se por *m* quando final e antes de *b, p, m*, e por *n* em todos os mais casos; assim, escreve-se: *pão, pães, põe, pões, lâ, lãs; fim, som, algum*; porém *fins, sons, alguns, vence, rancho, enfiar, enviar*, etc.

13. As vogaes portuguezas são plenas ou reduzidas. As vogaes plenas são, além das nasaes *ã, ê, i, õ, û*, as abertas *à, è, ò e*

as fechadas *â, ê, ô, i, u*; as reduzidas são *ã, ẽ, õ* e as duas semivogaes, labial *ũ* e palatal *ĩ*.

As duas espécies correspondem-se dêste modo :

Plenas :	<i>â, ê, ô, i, u</i> ;	<i>à á</i>	<i>è ê</i>	<i>é i</i>	<i>ò õ u</i>
Reduzidas :	(i)	<i>ã</i>	<i>ẽ, ĩ</i>	<i>õ (e), ĩ</i>	<i>ũ, ã</i>

Segundo esta correspondência, que se verá com os seus accidentes na tabella seguinte, as vogaes e ditongos são alteráveis, ou inalteráveis, ao passarem de tónicos a átonos.

São inalteráveis : 1.º as vogaes nasaes menos *ẽ* inicial ; 2.º os ditongos nasaes ; 3.º os ditongos oraes, com excepção de *ái, ĩi, ĩi, ói* antes de vogal, e a vogal fechada *â*.

São alteráveis : *à, è, ò, ê, ẽ, i, u*, que perdendo o accento tónico se attenuam nas reduzidas que lhes correspondem.

Dizemos que *â* é inalterável porque *ã* lhe corresponde em timbre no sul; no norte, porém, em que, principalmente no Minho e Douro, o *a* tónico antes de consoante nasal é também *á*, quando terminando syllaba passa a átono, torna-se em *ã*, como qualquer outro *a*.

Semelhantemente, são no Minho e Douro também alteráveis as nasaes, conforme são :

tónicas	<i>ãñ</i>	<i>ẽñ, ĩñ</i>	<i>õñ, ãñ</i>
ou			
átonas	<i>ãñ</i>	<i>ẽñ</i>	<i>ũ</i>

em que *ñ* indica a nasalidade das vogaes, que ali se assemelha á das francesas.

Referindo-nos todavia aqui em especial ao dialecto culto, a única vogal nasal alterável é *ẽ* inicial e a preposição *em* que, átonas, se pronunciam *ĩ*, valor que também teem no norte.

14. A correspondência entre as vogaes plenas e ditongos alteráveis que pertencem ás syllabas tónicas, e as suas reduções átonas é a que se vê da tabella seguinte :

Tabella da correspondência entre as vogaes tónicas e as átonas

Vogaes e ditongos tónicos. ....	á	â <sup>1</sup>	ê	é	è	á <sup>1</sup>	à	ê <sup>1</sup>	è	ò	ô <sup>1</sup>	ú
					(ê)							
Reduções em syllabas átonas:												
Íniciaes	antes de vogal.....	á	â	ê	é	è	á	à	ê	ò	ô	ú
	antes de consoante palatal, <i>ç, x, j,</i>											
	<i>j, lh, nh, s, z, s (= z, z).</i> .....	á	â	ê	é	è	á	à	ê	ò	ô	ú
	antes de outra consoante.....	á	â	ê	é	è	á	à	ê	ò	ô	ú
Mediaes	antes de vogal.....	á	â	ê	é	è	á	à	ê	ò	ô	ú
	antes de consoante palatal, <i>ç, x, j,</i>											
	<i>j, lh, nh, s, z, s (= z, z).</i> .....	á	â	ê	é	è	á	à	ê	ò	ô	ú
	antes de outra consoante.....	á	â	ê	é	è	á	à	ê	ò	ô	ú
Finaes	depois de vogal.....	á	â	ê	é	è	á	à	ê	ò	ô	ú
	depois de consoante palatal, <i>ç, x, j,</i>											
	<i>j, lh, nh, s, z, s (= z, z).</i> .....	á	â	ê	é	è	á	à	ê	ò	ô	ú
	depois de outra consoante.....	á	â	ê	é	è	á	à	ê	ò	ô	ú

esritos com e

esritos com i

esritos com o

esritos com u

## Observações

1. *â* tónico só existe antes de consoante nasal *m*, *n*, *nh*, e é peculiar do centro e sul.

2. *ç* final, depois de *è* ou *ê* do mesmo vocábulo, intercala *î* na pronúncia ainda que não se escreva, por exemplo, *ide* a = *idêîç*, *europa*(i) a = *eurçpêîç*.

3. É facultativo pronunciar *ai* tónico antes de *ç* como simples *â*, que é talvez a pronúnciação primitiva; *ai* átono em tal posição, também pode ser proferido *ài* ou *â*.

4. *êi* antes de *ç*, *j*, pode, quando tónico, proferir-se simplesmente *ê*; átono é sempre *êi*, com excepção de alguns poucos vocábulos em que se reduz a *z*, como em *peixinho*, *peixeiro*, de *pê(i)çe*, que em Lisboa são pronunciados *piçinho*, *piçeiro*; mas de *bê[i]çõ*, *bêiçár*, de *frê[i]çõ*, *Frêiçidál*, *dêiça*, *dêiçár*.

5. Numa série consecutiva de syllabas cuja vogal seja sempre *i*, só o da última é assim proferido, se a consoante que se segue aos outros não é palatal; êsses *ii* átonos, não seguidos ou precedidos de palatal, proferem-se como *ç*; assim *ministro*, lê-se *mênistrô*, *dividir*, lê-se *dêvêdir*; *ridicularia*, lê-se *reçdicularia*. São excepções principaes á redução de *i* átono a *ç*, as seguintes:

a) O *i* da terminação do infinito dos verbos em *-ir*, conserva-se inalterável no seu derivado, o condicional; ex.: *dividir*, *dividiria*; *unir*, *uniria* pronunciam-se *dêvêdir*, *dêvêdiria*, *unir*, *uniria*.

b) O *i* do radical nos derivados e deminutivos é também inalterável; ex.: de *rico*, *riquíssimo* e não *reçquíssimo*; de *fita*, *fiti-nha* e não *fêçinha*; e por maioria de razão, nos deminutivos formados com o infixo *z*, os quaes teem dois accentos, *fítazinha*, sendo o último o predominante (*hauptton*), e o primeiro o subordinado (*nebenton*).

6. O *i* e o *ç* átonos antes ou depois de palatal, em que se incluye o *s* final de syllaba (= *ç*, *j* atenuados), valem ambos *z*, isto é, *i* atenuado; assim *mares*, *estar*, *história*, *desdem*, *desdenhar*, *chegar*, *sejamos* pronunciam-se, no centro e sul do reino principalmente, *marz*, *istar*, *istoria*, *dizdã*, *dizdenhar*, *çigár*, *çijamçs*. Se, porém, são precedidos ou seguidos de *l*, *r*, o *ç* e o *i* conservam o seu valor especial; dêste modo — geral profere-se *jêral*, e não *çêral*; *girar* diz-se *çirár* e não *çirar*; *gelar*, *çêlar* e não *çêlar*; *legista*, *leçjístç* e não *leçjístç*.

7. *ôi* tónico antes de palatal pode na pronúncia perder o *i*, que de facto se suprime no fallar usual, suppressão antiquíssima, como o prova a escrita *-ox-* por *-oix-* (Cf. *ai* seguido de *ç*, observa-



ção 3); átono, em tal caso, reduz-se a  $\rho$ ; assim em vez de *rôixô*, *grrôixádô*, *rôixô*, *grrôixádô*<sup>1</sup>.

8.  $\rho$ ,  $i\rho$ , finais precedidos de consoante surda (*f*, *s*,  $\acute{x}$ , *ch*, *p*, *t*, *c*, *qu*) são proferidos em segrêdo, ciciados; assim se pronunciam *bafo*, *paço*, *acho*; *tapo*, *pato*, *patio*, *fico* (*fiçô*) *fique-o* (*fiçô*), e a consoante, se é explosiva, aspira-se. (V. 4.) Em tal caso  $\rho$  supprime-se, ficando sómente a aspiração da consoante se é explosiva; assim *bofe*, *passé*, *tape*, *sete*, *fique*, *lêem-se* *bòf*, *pàç*, *tàp*, *sèt*, *fiç*. Nos incrementos destes vocábulos formados com *s* (=  $\acute{x}$  atenuado) o  $\rho$  passa a  $\xi$ , também proferido em segrêdo; ex.: *bofes*, *passes*, *tapes*, *setes*, *fiques* pronunciam-se *bófis*, *pásis*, *tápis*, *sétis*, *fiçis*, com *i* ciciado, e sem aspiração as explosivas *p*, *t*, *qu*. Se êsse  $\rho$  final é precedido de palatal, vale por  $\xi$  sonoro se a palatal é sonora, por *i* ciciado se a palatal é surda; ex.: *raxe*; *foge*, *desenhe*, *trabalhe*, pronunciam-se: *rãxi* com  $\xi$  ciciado; *fóji*, *deçênhi*, *trabálhi*, com  $\xi$  sonoro. Na ligação syntáctica de um a outro vocábulo o incremento *es* profere-se *ez*, se o segundo começa por vogal; assim: *quero que fiques ahí* = *kérô leç fiçezáí*.

#### Influência de vogaes postónicas nas accentuadas

15. Há vogaes finais átonas que exercem influência nas tónicas *e*, *o*, fazendo que estas se profram abertas *è*, *ò*, ou fechadas *ê*, *ô*, conforme o valor dessas vogaes finais.

Esta influência dá-se :

a) Nos verbos da conjugação em *-er*, do seguinte modo : terminações que contenham *e*, convém saber, *-e*, *-es*, *-em*, pedem as vogaes *e*, *o* tónicas abertas, *dêver*, *dêve*, *dêves*, *dêvem*, *têmer*, *tême*, *têmes*, *têmem*; *côrrer*, *côrre*, *côrres*, *côrrem*; *cômer*, *cóme*, *cómes*, *cómem*; terminações que contenham *a*, *o*, isto é, *-a*, *-as*, *-am*, *-o*, pedem-nas fechadas, *dêvo*, *dêva*, *dêvas*, *dêvam*; *têmo*, *têma*, *têmas*, *têmam*; *côrrô*, *côrra*, *côrras*, *côrram*; *cômo*, *côma*, *cômas*, *cômam*.

b) Nos adjectivos, principalmente se a tónica é *o*: terminações que contenham *o* pedem a vogal fechada, *tôrto*, *formôso*; terminações que contenham *os*, *a*, *as*, pedem-na aberta, *tórtô*, *tórtô*, *tórtô*, *fôrmôsô*, *fôrmôsô*, *fôrmôsô*. Assim também *êlle*, *êlles*, *êlla*, *êllas*; *êsse*, *êsses*, *êssa*, *êssas*; *êste*, *êstes*, *êsta*, *êstas*.

<sup>1</sup> Seria de presumir que a pronúncia *âix*, *ôix*, em vez de *âx*, *ôx*, fôsse artificial, devida à graphia *ix*, na qual o *i* servisse como expediente gráfico para designar *ê*, se não fôsem tam vulgares as pronúncias *âix*, *ôix* no Minho, pôsto que quási desusadas, e por nenhum modo populares, no sul.

Em conformidade também com esta metaphonia, os seguintes substantivos tem o tónico fechado no singular, e aberto no plural: abrolho, almôço, caroço, chôco, chôro, corcôvo, corno, côro, corpo, corvo, despôjo, escolho, esfôrço, espôso, estôrvo, fogo, fôrno, fôro, fosso, meolo, ôlho, osso, ovo, pescoço, poço, porco, rôgo, soro, soccôrro, tejolo, tojo, tordo, tôrno, tremoço, trôco, trôço, e seus derivados e compostos, em todos os quaes só se marca o accento circumflexo quando há outro vocábulo que escrito com as mesmas letras tenha o o aberto. (V. **Accentuação gráphica**). Estes nomes nos derivados femininos tem o o aberto; exemplo *pôço, póça, ôvo, óva*, como o tem no plural.

Comparável também com esta metaphonia é a que se dá nos verbos da conjugação em *-ar* correspondendo a nomes affins, por exemplo, eu *trôco*, o *trôco*, eu *gêlo*, o *gêlo*, nos quaes o verbo tem *ê, ò* abertos e o nome *ê, ô* fechados. Excepções principaes são: o antes de nasal, ou de vogal, que é em geral fechado, no nome e verbo; e antes de palatal, *ch, x, j, lh, nh*, que se conserva fechado, *ê*; ex.: vergonha, envergonha; *vôo*, escolha, *fêcho, desêno*, nomes e verbos.

Nos verbos em *-ir* a metaphonia aparece já na escrita: as vozes terminadas em *o, a*, ou cuja última syllaba contenha estas vogaes, tem a vogal do radical *i* ou *u*; as que terminam em *e, es, em* exigem *è, ò*. Nos verbos que contem *ẽ(n)* no radical, êste passa a *ĩ(n)* quando a syllaba seguinte tem as vogaes *o* ou *a*; ex.: acudo, acuda; frijo, frija; minto, minta; porém *acòde, frêge, mēnte*. Raros são os verbos em *-ir*, como fingir, zumbir, zunir, punir, luzir, mesmo os de introdução moderna, que escapam á metaphonia, a qual todavia não abrange todos os dialectos.

### Conjugações e flexões dos verbos

16. As variações da vogal radical são sobretudo importantes nos verbos, e dominam toda a flexão delles; as que são occasionadas pela moção do accento tónico acham-se compendiadas na tabella (14), e nessa parte a conjugação exemplifica-as.

A flexão dos verbos portuguezes, phonologicamente das mais complexas que se conhecem, pode ser classificada por dois aspectos, tomando respectivamente por característica o pretérito perfeito do indicativo, ou o infinito.

Pela primeira destas características dividem-se os verbos nas duas seguintes flexões: 1.<sup>a</sup> Flexão forte, 2.<sup>a</sup> flexão fraca.

Na flexão forte o pretérito perfeito do indicativo é accentuado, na 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas do singular, sôbre o radical, e a vogal radical

dessa 1.<sup>a</sup> pessoa aparece no aoristo<sup>1</sup>, no imperfeito do subjuntivo e no futuro dêste modo, que assim é sempre diferente do infinito; além disto nas terminações pessoaes tónicas destas quatro linguagens a vogal tónica é o *e* aberto; ex.: fiz, fizêste, fizêra, fizêsse, fizêr, do verbo fazêr. Êstes verbos fortes são considerados irregulares.

Na flexão fraca, o pretérito perfeito é formado por terminações accentuadas, acrescentadas ao radical em todas as pessoas; o futuro do subjuntivo é igual ao infinito; a vogal da terminação temporal do aoristo e do imperfeito do subjuntivo é igual á da terminação modal do infinito, ex.: amei, amou, amár, amára, amásse; venci, vencêu, vencêr, vencêra, vencêsse; puni, puniu, punír, punira, punísse.

Pela segunda característica os verbos repartem-se em três conjugações, diferenciadas e indicadas pelo infinito: 1.<sup>a</sup> conjugação, em -ár, 2.<sup>a</sup> em -êr, 3.<sup>a</sup> em -ír; podem porém sê-lo também pela 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do perfeito, -ôu, -êu, -iu.

Êstes verbos quasi todos denominam-se regulares, comquanto o seu radical soffra várias alterações na vogal da sua última syllaba, quer em razão de ser, ou não, tónica, quer na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugações pela metaphonia a que acima nos referimos, quando a vogal radical é *e* ou *o*, *i* ou *u*. A 1.<sup>a</sup> conjugação é a mais simples, e é por ella que todos os verbos novos, com excepção dos inchoativos em -çer, se flexionam. A 2.<sup>a</sup> e a 3.<sup>a</sup> perderam a vitalidade.

A conjugação em -ôr comprehende o verbo pôr, antigo pôêr, poêr, irregular, e os seus derivados.

Vamos apresentar systematicamente essas modificações, precedendo-as de um quadro das três conjugações completas, exemplificadas por verbos de radical inalterável. Por elles pode ser estudada a pronúncia das flexões pessoaes (terminaes), que não varia.

Para melhor comprehensão, pois, de todas as alterações que pode soffrer um radical de verbo, principiaremos por apresentar os paradigmas das três conjugações regulares, 1.<sup>a</sup> em -ár, 2.<sup>a</sup> em -êr, 3.<sup>a</sup> em -ír, dando em seguimento as formas que exemplifiquem successivamente todas as alterações que nos occorrerem de taes radicaes. Chamamos á vogal da base vogal radical, ainda quando seja ditongo. As vogaes radicaes inalteráveis na 1.<sup>a</sup> conjugação e na 2.<sup>a</sup> são *i*, *u*, vogaes nasaes, ditongos (excepto *ai*, *ei*, *oi*, antes de vogal) e qualquer vogal antes de *l* da mesma syllaba; na 3.<sup>a</sup> estas mesmas, com excepções, porém, para *i*, *u* e *en*. A syllaba *ol* tónica, todavia, converte-se em *ot*, isto é, *ot* átono, quando passa a átona. (V. 14).

<sup>1</sup> Chamo aoristo, por ter diferentes funções na oração, ao denominado mais-que-perfeito, que equivale também ao condicional e ao pretérito do subjuntivo.

Verbos de radical invariável

Formas de radical tónico

	1. <sup>a</sup> conj. em -ar: tirar	2. <sup>o</sup> em -er: viver	3. <sup>a</sup> em -ir unir
IMPERATIVO.....	Sing. tira	vive	une
INDICATIVO PRESENTE.....	1. <sup>a</sup> tiro	vivo	uno
	2. <sup>a</sup> tiras	vives	unes
	3. <sup>a</sup> tira	vive	une
	Pl. tiram	vivem	unem
SUBJUNTIVO PRESENTE.....	Sing. 1. <sup>a</sup> tire	viva	una
	2. <sup>a</sup> tires	vivas	unas
	3. <sup>a</sup> tire	viva	una
	Pl. tirem	vivam	unam

Formas de radical átono

IMPERATIVO.....	Pl. tirai	vivei	uni
INDICATIVO PRESENTE.....	1. <sup>a</sup> tiramos	vivemos	unimos
	2. <sup>a</sup> tirais	viveis	unis
SUBJUNTIVO PRESENTE.....	1. <sup>a</sup> tiremos	vivamos	unamos
	2. <sup>a</sup> tireis	vivais	unais

INDICATIVO IMPERFEITO . . . . .	Sing. 1. <sup>a</sup> 2. <sup>a</sup> 3. <sup>a</sup> Pl. 1. <sup>a</sup> 2. <sup>a</sup> 3. <sup>a</sup>	tirava	vivia	vivia	unía	unía
		tiravas	vivias	vivias	unias	unias
		tirava	vivia	vivia	unía	unía
	Pl. 1. <sup>a</sup> 2. <sup>a</sup> 3. <sup>a</sup>	tirávamos	vivíamos	vivíamos	uníamos	uníamos
		tiráveis	vivíeis	vivíeis	uníeis	uníeis
		tiravam	viviam	viviam	uniam	uniam
INDICATIVO PERFEITO . . . . .	Sing. 1. <sup>a</sup> 2. <sup>a</sup> 3. <sup>a</sup> Pl. 1. <sup>a</sup> 2. <sup>a</sup> 3. <sup>a</sup>	tirei	vivi	vivi	uni	uni
		tiraste	viveste	viveste	uniste	uniste
		tirou	viveu	viveu	uniu	uniu
	Pl. 1. <sup>a</sup> 2. <sup>a</sup> 3. <sup>a</sup>	tirámos	vivemos	vivemos	unimos	unimos
		tirastes	vivestes	vivestes	unistes	unistes
		tiraram	viveram	viveram	uniram	uniram
INDICATIVO AORISTO . . . . .	Sing. 1. <sup>a</sup> 2. <sup>a</sup> 3. <sup>a</sup> Pl. 1. <sup>a</sup> 2. <sup>a</sup> 3. <sup>a</sup>	tirara	vivera	vivera	unira	unira
		tiraras	viveras	viveras	uniras	uniras
		tirara	vivera	vivera	unira	unira
	Pl. 1. <sup>a</sup> 2. <sup>a</sup> 3. <sup>a</sup>	tiráramos	vivéramos	vivéramos	uniramos	uniramos
		tiráreis	vivéreis	vivéreis	unireis	unireis
		tiraram	viveram	viveram	uniram	uniram
SUBJUNTIVO IMPERFECTO . . . . .	Sing. 1. <sup>a</sup> 2. <sup>a</sup> 3. <sup>a</sup> Pl. 1. <sup>a</sup> 2. <sup>a</sup> 3. <sup>a</sup>	tirasse	vivesse	vivesse	unisse	unisse
		tirasses	vivesses	vivesses	unisses	unisses
		tirasse	vivesse	vivesse	unisse	unisse
	Pl. 1. <sup>a</sup> 2. <sup>a</sup> 3. <sup>a</sup>	tirássemos	vivéssemos	vivéssemos	uníssemos	uníssemos
		tirásseis	vivésseis	vivésseis	unísseis	unísseis
		tirássem	vivéssem	vivéssem	uníssem	uníssem

INDICATIVO IMPERFEITO . . . . .

INDICATIVO PERFEITO . . . . .

INDICATIVO AORISTO . . . . .

SUBJUNTIVO IMPERFECTO . . . . .

	1. <sup>a</sup> conj. em -ar: tirar	2. <sup>o</sup> em -er: viver	3. <sup>a</sup> em -ir unir	
SUBJUNTIVO FUTURO, E INFINITO	Sing. 1. <sup>a</sup> <i>tirár</i>	<i>viver</i>	<i>unir</i>	
	2. <sup>a</sup> <i>tirares</i>	<i>viveres</i>	<i>unires</i>	
	3. <sup>a</sup> <i>tirar</i>	<i>viver</i>	<i>unir</i>	
	PL.      {	1. <sup>a</sup> <i>tirarmos</i>	<i>vivermos</i>	<i>unirmos</i>
		2. <sup>a</sup> <i>tirardes</i>	<i>viverdes</i>	<i>unirdes</i>
		3. <sup>a</sup> <i>tirarem</i>	<i>viverem</i>	<i>unirem</i>
INDICATIVO FUTURO	Sing. 1. <sup>a</sup> <i>tirará</i>	<i>viverá</i>	<i>unirá</i>	
	2. <sup>a</sup> <i>tirarás</i>	<i>viverás</i>	<i>unirás</i>	
	3. <sup>a</sup> <i>tirará</i>	<i>viverá</i>	<i>unirá</i>	
	PL.      {	1. <sup>a</sup> <i>tiraremos</i>	<i>viveremos</i>	<i>uniremos</i>
		2. <sup>a</sup> <i>tirareis</i>	<i>viveréis</i>	<i>unireis</i>
		3. <sup>a</sup> <i>tirarão</i>	<i>viverão</i>	<i>unirão</i>
CONDICIONAL	Sing. 1. <sup>a</sup> <i>tiraria</i>	<i>viveria</i>	<i>uniria</i>	
	2. <sup>a</sup> <i>tirarias</i>	<i>viverias</i>	<i>unirias</i>	
	3. <sup>a</sup> <i>tiraria</i>	<i>viveria</i>	<i>uniria</i>	
	PL.      {	1. <sup>a</sup> <i>tirariamos</i>	<i>viveríamos</i>	<i>uniríamos</i>
		2. <sup>a</sup> <i>tiraríeis</i>	<i>viveríeis</i>	<i>uniríeis</i>
		3. <sup>a</sup> <i>tirariam</i>	<i>viveriam</i>	<i>uniriam</i>
GERÚNDIO	<i>tirando</i>	<i>vivendo</i>	<i>unindo</i>	
PARTICÍPIO PASSIVO	<i>tirado, -a</i>	<i>vivido, -a</i>	<i>unido, -a</i>	

A pronúncia marcada no itálico é a de Lisboa : é a minha.

17. É esta a flexão fraca nas três conjugações : as terminações pessoaes que se seguem á vogal tónica são em regra estas, com raras modificações, que mencionaremos. O que é alterável é a vogal radical (isto é, os elementos vocálicos que entram na última síllaba do radical) conforme ella é átona ou tónica; e na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugações também conforme a síllaba da terminação que segue immediatamente a tónica contém *e* (-es, -em), ou *o*, *a* (-as, -am), se essa síllaba radical é formada com *e* ou *o* na 2.<sup>a</sup> conjugação, e com *e*, *i*, *o*, *u* na 3.<sup>a</sup> As síllabas que precedem a última do radical são invariáveis em toda a conjugação, qualquer que seja o número dellas, porque, ao contrário do que acontece em italiano, nunca podem ser tónicas.

Para indicarmos todas as variantes servirá de typo para a vogal radical átona o infinito; para a vogal radical tónica o singular do imperativo. Para exemplificar a metaphonia na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugações servirá este mesmo singular do imperativo, porque termina em *e*, e por elle pois se regula a vogal radical da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas do singular e 3.<sup>a</sup> plural do presente do indicativo; a 1.<sup>a</sup> do singular deste tempo e modo, que termina em *o*, servirá portanto de norma á 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> do singular e 3.<sup>a</sup> do plural do subjuntivo presente, que contem *a* na terminação; são estas linguagens as únicas em que há metaphonia, por serem as únicas de radical accentuado.

#### Verbos com vogaes alteráveis no radical

São estas: na 1.<sup>a</sup> conjugação, *a*, *ai*, *e*, *ei*, *o*, *oi*, *ol*; na 2.<sup>a</sup>, *a*, *e*, *o*; na 3.<sup>a</sup>, *a*, *e*, *i*, *o*, *u*.

I. *a*: no radical tónico é *â*, no átono *a*; ex.: lavar *lavár*, lava *lávã*; bater *batêr*, bate *bátê*; partir *partír*, parte *pártê*; acabar *acabár*, acaba *acábã*, etc.

OBSERVAÇÕES. — 1.<sup>a</sup> Se á vogal *a* se segue consoante nasal, *m*, *n*, *nh*, fica ella inalterável, porque é *ç* quando accentuada.

2.<sup>a</sup> Se o radical contém o ditongo *ai*, seguido logo da vogal da terminação, esse *ai* quando tónico é *âi*, quando átono é *ãi*; ex.: cair *caír*, caia *caía*.

3.<sup>a</sup> Semelhantemente, se o radical acaba em *a* seguido logo da terminação, quando tónico intercala *i*; ex.: attrahir *atráír*, attrahe *atrâi*, attraia *atrâã*; sair *sáír*, saia *sáã*.

II. Radical *e*, *o*. 1.<sup>a</sup> Conjugação: no radical tónico è, ô, no átono e, o; ex.: levar *levár*, leva *levã*; morar *mórár*, mora *mórá*.

OBSERVAÇÕES. — 1.<sup>a</sup> Os substantivos derivados de verbos, sem ser por meio de suffixo, teem no seu radical tónico ê, ô, se a termina-

ção é *ç*; è, ò se ella é *ç*, *ç*; ex.: trocar *troçár*, troca *tróça*, verbo; troca, *tróça*, *trôco*, nomes; encerrar, *iserrár*, encerro, *iserrá*, verbo; encêrro, *iserrá*, nome; entregar *intregár*, verbo, entrega, *intréga*, nome e verbo. Dão-se estas alterações, qualquer que seja o valor das vogaes *e*, *o* nos nomes que deram origem aos verbos derivados, de que procedem êsses substantivos verbaes; ex.: substantivo cêra *sêra*, verbo encerrar *iserrár*, nome derivado encera *isêra*; sêco, sêca adjectivos, verbo secar *secár*, substantivo verbal seca *sêca*; substantivo escôva, verbo derivado escovar *iscovár*, substantivo verbal escova *iscóva*; substantivo fôlgo, verbo folgar, *folgár*, com *o* fechado átono, substantivo verbal folga *fótgá*; verbo tocar, substantivo verbal *tóque*.

2.<sup>a</sup> Quando a *e*, *o* se segue consoante palatal, o radical tónico é *ë* (= *é*), *ô*, tanto no verbo como no nome, primitivo ou derivado, e no radical átono o *e* pronuncia-se *z* e o *o* vale *ç*; ex.: telhar *telhár*, telha *têlha*; fechar *fexár*, fecho *fêçá*; desejar *dezjár*, dezeja *dezêçá*, desejo *dezêçá*, desenhar *deznhár*, desenha *dezênha*, desenho *dezênhá*; escolher *iscólhêr*, escolha *iscólhá*; mas invejar, *invéja*.

3.<sup>a</sup> Se a *e*, *o* se segue nasal, o radical tónico tem o *e* ou o fechados no nome e no verbo também; ex.: penar *penár*, pena *pêna*; remar *remár*, rema *rêma*; envergonhar *ivergonhár*, envergonha, vergonha, *ivergónhá*, *vergónhá*; abonar *abonár*, abona *ábôna*, abono *ábônô*.

Todavia, tomar, *sommar*, tem no radical tónico *ò*, *tóma*, *sómá*, quer no verbo, quer no nome.

4.<sup>a</sup> Se o radical termina em *o*, quando átono é *ç*, quando tónico *ô*; ex.: coar *coár*, coa *côa*.

5.<sup>a</sup> Se o radical termina em *e*, quando tónico intercala *i* entre êste e a terminação; ex.: ceiar *siár*, ceia *sêia*, verbo e nome; e semelhantemente o radical átono suprime esse *i* se pertencia ao radical tónico e o *e* vale por *z*, como de regra por se lhe seguir vogal; ex.: passeio, *pasêia*, passear *pasíar*; receio, *resêia*, recear, *resíar*.

6.<sup>a</sup> Por confusão com êstes verbos, que são de origem popular, conjugam-se do mesmo modo muito dos que, de origem artificial, tem o radical terminado em *i*, como odiar, de ódio, negociar, de negócio, commerciar, de comércio, que fazem no radical tónico odeia, negoceia, commerceia, como se o radical átono terminasse em *e*.

Não porém assim os de radical *i* que são de origem popular, e se derivam de nomes com *i* tónico, como fiar, fia, de fio, avaliár, avalia, de valia, estiar, estia *istia*, de estio *istio*.



7.<sup>a</sup> Nos casos da observação 4.<sup>a</sup> o substantivo verbal intercala *e* para fazer o radical tónico *ēi*; assim: ansiar, *āsiār*, anseia *āseīa*, verbo, anseio *āseīo*, nome, como se o verbo fosse escrito *ansear*; presenciar, *preseīa*, presença, *prezēseīa*.

Vae-se manifestando certa reacção contra esta analogia, entre a gente culta, nos verbos novamente derivados; pronuncia-se e escreve-se evidência, de evidenciar, e êste de evidência.

8.<sup>a</sup> Do latim *perdonare* proveiu o verbo (\**perdōar*) *perdoar* *perdōār*, com a queda normal do *n* medial, e dêste verbo derivou-se o substantivo *perdão* *perdāo* mediante um thema *perdon*, *perdō*. A imitação dêste facto, quando de um substantivo acabado em *-ão* se deriva um verbo, termina elle de ordinário em *oar* (e não em *-onar*) cujo radical tónico é *o*, e o átono *o* = *u*; ex.: razão, thema *razō*, verbo derivado *arrazoar* *arrazuār*, *arrazoa* *arrazōa*; assim também de *melão*, por ex.: *melōat*, em nome derivado de outro nome.

2.<sup>a</sup> Conjugação, radical *e*, *o*: tónico *è*, *ò*, *ê*, *ô*; átono *e*, *o*; ex.: dever *dever*, deve *dève*, devo *dêvo*; cozer *cozêr*, coze *cóze*, cozo *côzo*; temer *temêr*, teme *tême*, temo *têmo*; comer *comêr*, come *côme*, como *cômo*.

OBSERVAÇÃO—Se a consoante que se segue á vogal radical é palatal, o *ê* do radical tónico é *ē* (= *é* em Lisboa), e o radical átono tem *e* = *ɨ*, se a consoante que o precede não é *l* ou *r*; ex.: mexer *mixer*, mexe *méxi*, mexo *mêxo*; proteger *protijêr*, protege *protéxi*, protejo *protéjo*; mas, reger *rejêr*, rege *réxi*, reje *réjo*, elege *ilejêr*, elege *iléxi*, elejo *iléjo*.

3.<sup>a</sup> Conjugação, *o*, *u*; *e*, *i*: radical tónico *u*, *i*, se a terminação contém *o*, *a*; *ò*, *è* se contém *e*; o átono é o próprio radical, com as modificações que a sua atonia e as consoantes contíguas lhe imprimem; ex.: ferir *ferír*, fere *féxi*, firo *fíro*; frigidir *fréjír*, frege *fréxi*, frijo *fríjo*; dormir *dormír*, dorme *dórme*, durmo *dúrmo*; sumir *sumír*, some *sóme*, sumo *súmo*; repetir *repetír*, repete *reπέte*, repito *reπίto*.

OBSERVAÇÕES.—1.<sup>a</sup> Os verbos em que *e* é seguido de *n* + outra consoante, flexionam-se como os seguintes exemplos: sentir *sêntír*, sente *sênte*, sinto *sânto*; mentir *mêntír*, mente *mênte*, minto *mînto*.

2.<sup>a</sup> Muitos verbos da 3.<sup>a</sup> conjugação escaparam á metaphonia: assim entupir faz entupe, entupo; dirigir, dirige, dirijo; construir *cōstruír*, construe, *cōstruú* ou constróe *cōstróe*; zumbir, zumbe; punir, pune; *tinír*, *tiné*; *dijír*, *dijide*, rugir, ruge.

3.<sup>a</sup> Os verbos cuja vogal radical é seguida de *s*, *z* não teem *e* terminal na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, ainda quando sejam regulares no resto da conjugação; assim *luzir*, conjuga-se: *luzo*, *luzes*, *luz*, e não *luzo*, *luzes*, *luze*; esta última forma litterária, mas não popular, é considerada como singular do imperativo, ao passo que *luz* é considerada 3.<sup>a</sup> do singular do presente do indicativo. O povo não observa tal distinção, a qual é artificial.

As formas anteriores, porém, eram *luze*, *produze*, tanto no imperativo como no indicativo; ao passo que verbos como *acudir* se conjugavam no indicativo *acudo*, *acode*, e no imperativo *acude*.

A 2.<sup>a</sup> pessoa do imperativo tanto na 3.<sup>a</sup> como na 2.<sup>a</sup> conjugação terminava no português medieval em *-i*, que por metaphonia exigia *-i-*, *-u-* no radical tónico <sup>1</sup>.

Os verbos da flexão forte são considerados como irregulares; em muitos delles, porém, a irregularidade consiste apenas em que tem radical tónico o pretérito-perfeito do indicativo, permanecendo a vogal radical dessa linguagem nas suas derivadas, aoristo, imperfeito e futuro do subjuntivo, nos quaes, como já dissemos, a vogal da flexão pessoal é *e* aberto, em vez de coincidir com a do infinito. Nesta flexão, cada uma de taes formas constitue vocábulo differente, resultante da forma latina de que provém, não sendo essas linguagens, como as da flexão fraca, devidas a analogia, a não ser entre uns e outros destes verbos; o que, por exemplo, se observa comparando *tive* com *estive*, *quis* com *fiz* etc. Taes são os seguintes, alguns dos quaes são verdadeiramente irregulares, como se pode ver nas grammáticas :

---

<sup>1</sup>Veja-se sobre este, como sobre muitos outros pontos da phonologia histórica do português, *Die Portugiesische Sprache* do dr. Júlio Cornu, in «Grundriss der Romanischen Philologie», Estrasburgo, 1888.

INFINITO	1. <sup>a</sup> pessoa	PERFEITO	2. <sup>a</sup> pessoa	AORISTO	1. <sup>a</sup> pessoa	IMPERF. SUBL.	1. <sup>a</sup> pessoa	FUT. SUBL.
dar <i>dár</i>	dei <i>dēi</i>	deste <i>dēstē</i>	deste <i>dēstē</i>	dera <i>dérq</i>	desse <i>dēsē</i>	der <i>dér</i>	der <i>dér</i>	
estar <i>istár</i>	estive <i>istivē</i>	estiveste <i>istivēstē</i>	estiveste <i>istivēstē</i>	estivera	estivesse	estiver	estiver	
ter	tive	tiveste	tiveste	tivera	tivesse	tiver	tiver	
querer <i>krēr</i>	quis <i>quīs</i>	quiseste <i>quisēstē</i>	quiseste <i>quisēstē</i>	quisera	quisesse	quiser	quiser	
fazer	fiz	fizeste	fizeste	fizera	fizesse	fizer	fizer	
dizer	disse	diseste	diseste	dissera	disesse	disser	disser	
caber	coube	coubeste	coubeste	coubera	coubesse	couber	couber	
saber	soube	soubeste	soubeste	soubera	soubesse	souber	souber	
haver	houve	houveste	houveste	houvera	houvesse	houver	houver	
[a]prazer	[a]prouve	[a]prouveste	[a]prouveste	[a]prouvera	[a]prouvesse	[a]prouver	[a]prouver	
jazer	*jouve	*jouveste	*jouveste	*jouvera	*jouvesse	*jouver	*jouver	
trazer	trouxe <i>trósē</i>	trouxeste	trouxeste	trouxera	trouxesse	trouxe	trouxe	
poder	pude	pudeste	pudeste	pudera	pudesse	puder	puder	
vir	vim	vieste	vieste	viera	viesses	vier	vier	
pôr	pus	puseste <i>pusēstē</i>	puseste <i>pusēstē</i>	pusera	pusesse	puser	puser	

## Recapitulação

19. Compendiando o que fica dito, indicaremos, conforme a pronúncia de Lisboa, o valor de cada letra, modificada ou não.

*a*: tem quatro valores, *à*, *a*, *q*, *ã*.

1.º *à*, tónico: a) Se se lhe segue consoante, que não seja nasal ou *l*; ex.: caso, casem, furar, goraz, Isaac, etc., e bem assim no ditongo *ai*, como *pai*, *geraes*.

b) átono: na última syllaba, seguido de *r*; ex.: César, alcáçar, açúcar (pop. *açucres*).

c) átono: nos nomes próprios Camões, Sabor, e outros, e em alguns appellativos, em que é crase de dois *aa*; ex.: *padeiro*, *caveira*, *sadio*.

d) átono: em crase de outro *à* ou de *q*; ex.: *casa-a* (= *cázà*), *a abadessa* (= *àbadêssa*).

e) átono: antes de *r* da primeira syllaba, ex.: *largura*, *harpejo*; nem sempre, porém: *fartura* (= *fartúra*); mormente, contudo, se provém de *á* tónico, em derivados conscientes.

f) átono: antes de *c*, *p* ou outra consoante explosiva da mesma syllaba, ou ellas se pronunciem, ou sejam nullas; ex.: *adaptar*, *facção*, *acção* (= *acção*); mesmo, ás vezes, quando inicial, ex.: *absurdo*, *absoluto*, também pronunciados *abesúrdô*, *abesólúô*.

g) No ditongo *ai* átono, ex.: *painel*, *pairár*, se é seguido de consoante, e também no radical do verbo *ganhar* (*ganhár*).

2.º *a*, átono ou tónico, sómente antes de *l* da mesma syllaba, e no ditongo *au*; ex.: *falta*, *faltar*, *pau*, *paulada* (*falta*, *faltár*, *pañ*, *paúlada*). Quando tónico, muitos pronunciam *a* todo o *a* antes de *l*, mesmo da syllaba seguinte; ex.: *saia*, *raia*, e em Lisboa é esta a pronúncia dominante, mas não a mais aprovada entre os cultos.

3.º *a*, tónico: a) antes de consoante nasal; ex.: *ramo*, *romano*, *lanho* (exceptua-se o radical de *ganhar*, *gânho*) *louvamos*, *temamos*, *sintamos*.

b) átono, todo o *a* que não está comprehendido nas regras 2.ª a 7.ª de *à*; ex.: *a* (preposição, artigo e accusativo enclítico do pronome ella) *cova*, *fabricou*, *túbara*, *partir*, *apartar*, *satisfação*, *arreatou*.

4.º *ã*, tónico ou átono antes de consoante nasal seguida de outra que o não seja, ou aquella se pronuncie, como em *pranto*, *campo*, *jantar*, ou seja nulla, como em *cansa*, *cansar*, *ranchos*, *arranchar*, *granjear*, *anfião*, etc.

*á*: três valores, *à*, *â*, *ã*, tónicos.

1.º *à* tónico em antepenúltima síllaba; em última, final ou seguido de *s*; em penúltima, quando a última termina em *i*, *u*, ditongo ou consoante, que não seja *s* precedido de *a*, *e*, *o*; ex.: sátyra, fará, farás, carácter, quási, sável, sáveis, alcáçar (*alkásàr*); e na terminação -ámos dos preteritos; ex. louvámos. Átono em *á* (*à*) contracção da preposição *a* e do artigo *a* (ambos = *a*).

2.º *â* tónico, isto é, *á*, antes de consoante nasal, inicial da síllaba seguinte, em vocábulos esdrúxulos ou inteiros que tenham de ser accentuados gráphicamente; ex.: cânave, cámara, mediterráneo.

3.º *ã* tónico, antes de consoante nasal da mesma síllaba, ou ella se profira, ou não, em esdrúxulos ou inteiros que tenham de ser accentuados gráphicamente; ex.: sándalo, ánsia, trânsito (*sândalò*, *ãsiã*, *trãzitò*).

*ã*: vale sempre *ã*, isto é, *á* nasal; ex.: lâ, irmã, irmãzinha, christãmente; e no ditongo *ãe* (= *ãi*); ex.: mãe, pães, capitães, Guimarães.

*b*: dois valores, *b* explosivo, e *β* fricativo, ou é nullo.

1.º *b*, inicial ou medial, depois de consoante, que não seja *s* (= *z*, *ž*); ex.: balde, ambos, teorba, absolvição.

2.º *β*, medial, entre vogaes, final quando não é nullo, e depois de *s* (= *z*, *ž*); ex.: abanar, abbade, cobrir, sob, Jacob (ou Jacó) os bois (= *z* *β* *ôis*), Lisboa (= *L* *β* *ôg*), esbirro (= *z* *β* *ôrr*).

Às vezes é nullo; ex.: subtil, ant. sotil.

O grupo *bb* vale *b* singello.

*c*: três valores, *k*, *k'*, *s*, ou é nullo.

1.º *k*, quando, final de síllaba, se pronuncia; inicial de síllaba antes de *a*, *o*, *u* ou consoante; ex.: facção (= *f* *aks*ão), cá, côr, cru, claro, faca.

2.º *k'*, ou *k* aspirado, final de vocábulo e antes de *o* átono final; ex.: fico (= *f* *ic* *o*), Habacuc (= *g* *β* *ac* *ú*), Isaac (= *I* *z* *á* [*c*], melhor escrito dantes Isaque).

3.º *s*, antes de *e*, *i*, *y*; ex.: céu, círio, cylindro, pendência, tencionar, receber (= *r* *es* *ç* *b* *ê* *r*); merecer (= *m* *er* *ç* *ê* *r*).

Antes de *ç*, *t*, é muitas vezes nullo; ex.: acção, acto (= *ac*ção, *ac*to).

O grupo *cc* antes de *a*, *o*, *u* ou consoante vale *k* singello.

ç: s, antes de a, o, u, ex.: çarça, çáfaro, faço, açude, tenção, taça, Çamatra, Maçuá.

çh: seis valores, ç, ç̃; c, c̃, qu, qũ.

1.º ç, antes ou depois de a, e, o, u, ou depois de consoante; ex.: chave, fecho, chuva, tacha, archeiro, mocho, cartucho, Champá.

2.º ç̃, antes ou depois de è, ê, i, i; ex.: cherva, achêga, chita, feche (*fçhç*) chegar, China, Cochim.

3.º etymológico por c = k, antes de a, o, u ou consoante; ex.: Chálcis, chorea, Christo (= *kálsis, kpréig, krístg*).

4.º etymológico por ç̃, final átono antes de ç, ç̃; ex.: Aristarcho, synédoche (= *arçstárçg, sínédçk*).

5.º etymológico por qu, antes de e, i, y, ex.: cherubim, chýmica, chylo (= *quçrubî, químikç, quilç*).

6.º etymológico por qũ, antes de ç, ç̃, io, finais átonos; ex.: Eustáchio (*eustáquç*).

d: dois valores, d explosivo, e d fricativo.

1.º d, explosivo, inicial, e medial depois de consoante, excepto s (= ç, ç̃); ex.: dar, arder, andar, aldeia.

2.º d, fricativo, medial entre vogaes ou depois de s (= ç, ç̃), ou final não sendo nullo; ex.: ádito, amado, desde (= *dẽçdç*), David (também *dçví*), addição.

O símbolo *dd* vale *d* singello.

e: doze valores: è, ê, ë, ễ, ãi, ei, i, i, ç, ç̃ nasal, e ç̃. É a mais variável das vogaes.

e tónico, seis valores: è, ê, ë, ễ, ãi, éi.

1.º è: a) no alphabeto o nome da letra E, e no verbo *ser* quando é inicial, ex.: é, era.

b) nos incrementos do aoristo e pretérito do indicativo, e do futuro e pretérito do subjuntivo dos verbos da flexão forte; ex.: dera, deste, der, desse, souberas, soubemos, souberem, soubéssemos.

c) na syllaba tónica dos verbos em *-ar*, em que o nome primitivo tem e fechado, como encero, de cera (= *cêrg*), e bem assim nos substantivos femininos, correspondentes, ou não, a outros masculinos, mórmente se derivam de verbos, como espera (de esperar) seca (de secar, a par de sécô, sêca, adjectivo), rega (de regar); canella (a par de canêllo), cancella (a par de cancêllo).

d) nas terminações *-ela*, *-ella*, *-elle*, como *cautela*, *cidadella*, *pelle*, e *-er* que não seja do infinito de verbo; ex.: mulher, talher, colher, Esther.

c) nos femininos esta, essa, ella, aquella, cadella, cella e poucos masculinos, como Barcellos, Vasconcellos, vitello, farelo, flagello; enquanto os masculinos tem em geral ê. [V. c) na p. anterior].

f) no radical accentuado dos verbos em *-er*, *-ir*, quando a terminação tem *e*; ex.: deve, devem, feres, ferem (de dever, ferir).

g) quando a última syllaba contém *e*, ainda que o *e* tónico esteja antes de nasal, comtanto que não pertença a verbo da 1.<sup>a</sup> conjugação; ex.: prece, entregue, solemne.

h) em geral, quando provém de *ĕ*, *ae*, *oe* latinos, se alguma regra da phonologia portuguesa se lhe não oppõe; ex.: cego, César, terno, evangelho (*ivãjêlho*).

i) em vocábulos eruditos tirados de latim e grego, quando se lhe não segue consoante nasal + *a*, *o*, mormente se são esdrúxulos; ex.: recto (*rêto*), Vénus, Rheno, Magdalena, Ceres, réplica, cérebro, Cérbero (*sérbôro*, *sérbôro*).

j) na syllaba *el*; ex.: fel, xairol, guelras, acelgas: neste caso é mais aberto.

k) nos ditongos *eu*, *ei* que na maioria dos vocábulos proveem da queda ou mudança de *l*, casos em que os escrevemos sempre *éu*, *éi*; ex.: céu, vergéu, chapéu, xairéis, painéis, vergéis, réis (pl. de real, moéda nominal de conto).

l) Quando provém da crase de duas vogaes; ex.: queda, mestre (ant. *queeda*, *meestre*); aqueço, esqueço.

2.<sup>o</sup> ê: a) nas terminações dos verbos fracos da 2.<sup>a</sup> conjugação; ex.: devêr, devêra, devêsse.

b) na tónica de nomes masculinos derivados de verbos da 1.<sup>a</sup> conjugação; ex.: comêço, (mas, *eu comêço*, de *começar*), encêrro (mas, *eu encêrro*, de *encerrár*), rêgo.

c) bem assim em substantivos masculinos, como canêllo, cancêllo, a par dos femininos canélla, cancélla.

d) em certos masculinos, cujo feminino tem *e* aberto; ex.: elle, aquelle, êste, êsse.

e) antes da consoante nasal da syllaba seguinte, se a ella se segue *o* ou *a* (*o*, *a*); ex.: Helena, remo, diadema; pena, penna (= *pêna*) feno; mas, Vénus, Rheno, Magdalena, com *e* aberto.

f) no radical tónico dos verbos da 2.<sup>a</sup> conjugação, quando a terminação contém igualmente *o* ou *g*; ex.: devo, deva, devas, devam (de *devêr*), temo, tema, temas, temam.

g) nos suffixos *ez*, *esa*, *eza*, *esso*, *essa*; ex.: sordidez, defesa, avareza, condessa; nas flexões singular feminina e plural dos nomes em *ês*, que também se escrevem com *z*; ex.: (português, cortês) portugueses, portuguesa, cor-

teses, e bem assim nas desinências dos verbos em *-er* da flexão fraca; ex.: *valera, valeste, valemos, valesse, valer*; e no infinito da forte na 2.<sup>a</sup> conjugação; ex.: *saber*.

h) no ditongo *eu* (que não provém de supressão de *l*); ex.: *meu, judeu, neutro, Viseu*.

i) em raros vocábulos em *el*, sendo neste caso mais fechado o *ê*; ex.: *felpa, feltro*.

j) em geral são fechados os *ee* procedentes de *ê, Y* latinos, êste último sobretudo antes de consoante da mesma síllaba; ex.: *segrêdo, cera, pera, cesta, sêco, sêca*, adjectivo, quando regras phonológicas portuguezas se lhe não oppõem, como em *seco*, verbo, *seca*, verbo e nome, *segredo, segreda*, com *ê*, verbo de *segrêdo*, nome.

3.<sup>o</sup> *ë* (= *é*), *e* originariamente fechado ou médio de outros dialectos, antes de consoante palatal, e no ditongo *ei* não resultante de supressão de *l*; ex.: *cereja, fecho, lenha, abelha, reixa, lei, beijo, fazeis, rei, reis* (= *serájá, fájxo, lánha, aŷólha, rájáa, láí, bájíjg, fazájis, rájí, rájis*).

4.<sup>o</sup> *ẽ* antes de consoante nasal na mesma síllaba, ou ella se pronuncie ou não; ex.: *gente, tempo, dengue, lenço, genro*, (= *jẽntẽ, tẽmpo, dẽngue, lẽso, jẽro*).

5.<sup>o</sup> *ãî*, escrito *em* quando final, e *en* seguido de *s*; ex.: *bem, bens* (= *bãî, bãis*) e na 3.<sup>a</sup> pessoa plural presente indicativo dos verbos *ter* e *ver*, *teem, veem* (= *tãîî, vãîî*, com o accentto na 1.<sup>a</sup> síllaba) que também se podem ler *tãî, vãî*, como é geral na conversação, não se differenciando do singular.

6.<sup>o</sup> *êî*, quando tónico é seguido immediatamente de *a*, ex.: *idea* (= *idêîa*), *platea* (= *platêîa*).

e átono, onze valores: *è, ê, a, ã, ãî, î, i, ı, ı̂, î̂, î̂ nasal, e;* ou é nullo.

1.<sup>o</sup> *è*: a) em síllabas que terminem em *c, p*, pretónicas, quer o *c* ou *p* se profiram quer não, e em *r* átonas finaes; ex.: *secção, direcção, accepção, excepção; carácter, cadáver* (= *sèkção, dirèção, açèpção, isèção; caràtèr, cadávèr*; porém *caratères, cadávères*; ou na síllaba *et*, sendo então mais aberto; ex.: *relvoso, amável, sável, nível*.

b) em raros vocábulos latinos e gregos, inicial antes de vogal, ex.: *Eolo (èólô) echoar (ècôlar)*; ou final, ex.: *ave, salve, inclusive* (= *ávè, sálvè, inkluzivè*).

c) em alguns, ainda que poucos, vocábulos em que é crase de duas vogaes anteriores, antes separadas por consoante; ex.: *sediço, esquecer, aquecer, seteira* (= *sèdícô, isquècêr, aquècêr, sètíîrô*), *mestria (mèstriô)*.

d) em alguns derivados de *e* tónico aberto, antes das pal. *j, lh*; ex.: *sejeiro, de seje; velhice, envelhecer* (= *vèlhice*,



*ivêlhecêr*) de *vêlho*; ou de *r, s* como *hervanario, empestar* Guilhermina (*êrvanário, impêstár, Guilhêrmina*); mas perder, perdão, herdar, etc. (*perdêr, perdão, irdár*), e mesmo certíssimo, certeza, etc. (*sertísimo, sertêzga*), comquanto derivados immediatos e conscientes de certo (*sértga*).

2.º *ê*: postónico na terminação *en* de vocábulos latinos e gregos; ex.: abdómen, híphen, gérmen (pl. *gbdómênes*, etc.)

3.º *ẽ*: não inicial antes de consoante nasal na mesma síllaba, quer ella se pronuncie, quer não, excepto nas terminações *em, ens*; ex.: defender, lembrar, pensar benjoim (= *defêndêr, lêmrár, pêsár, bẽjũi*).

4.º *ã*: no ditongo *ei* átono (= *ãi*); ex.: feitor, amáveis, exame (*ãizãme*).

5.º *ãi*: nas terminações *em, ens*; ex.: viagem, viagens, devem.

6.º *i*: inicial átono antes de consoante nasal, quer ella se profira, quer não; ex.: entrar, entender, enxame, ensinar (= *intrár, intêndêr, iẽãme, isinár*).

7.º *i*: a) inicial antes de consoante; ex.: elogio, e (conjunção), heroe (= *ilãjã, i, irói*), mesmo quando provenha de *é* ou *ê*; ex.: errar (substantivo *êrro*, verbo *êrro*).

b) depois das vogaes *a, o, u* quando com ellas não forme ditongo; ex.: ajaezar, poemeto, duellista, pronunciados *ajãizár, pãmêto, duilistã*, derivados de *jãez, pôema, duêllo*.

8.º *z*: antes ou depois de consoante palatal, incluindo *s* (= *z, z̄, z̄̄*); ex.: despir, estar, espelhar, desenhar, chegar, saudades, ennesgado, feixe, tejolo (= *diẽpír, zstár, zẽplhár, dezanhár, xizár, sãidãdã, imãzgár, fãzãz, tãjõlo*). Se ambas as consoantes com as quaes está em contacto, ou a única, são surdas, o *z* é proferido em segrêdo, ciciado; ex.: pestana (= *piãtãg*). Se a *e* se segue *l, r, s, z*, ou se o precedem *l, r* o *e* vale *ç*; ex.: gelar, geral, engessar, Jesus, legião, reger (= *jẽlar, jẽrãl, iẽsãr, jezús, lẽzãũ, rẽjẽr*).

9.º *i*: átono antes de vogal tónica ou átona, e na subjuntiva dos ditongos *ae, oe, ue* (*ãi, õi, uĩ*); ex.: cear, areeiro, área, pae, roe, azues (= *siãr, ariãro, ária, paĩ, rõi, azũs*).

10.º *i* nasal, na subjuntiva dos ditongos *ãe, õe*; ex.: mães, escritães, põe (= *mãis, iẽscrivãis, põi*).

11.º *ç*: é o valor mais geral de todo o *e* átono entre duas consoantes, nenhuma das quaes seja palatal, quer no interior da palavra, quer final, se não está nas condições anteriores do *e* átono; ex.: pelo, pela, pelos, pelas (contractão da prep. *pêr*, e do art. *z, g*), ceder, deverã; de, que, se, me, te, lhe (mesmo apesar de palatal, por ser final), se o vocábulo seguinte não faz que fique submettido a qualquer das regras precedentes,

como por exemplo em: disseste-lhe hontem que elles não vinham (= *diséstelhiõntã kiêlyž nãv vnhão*).

12.º Este ç é muitas vezes nullo, se fica entre duas consoantes, ambas surdas, ou ambas sonoras, quer no vocábulo, quer de um para outro vocábulo. Se é final precedido de consoante surda que não seja palatal, mormente explosiva, é nullo também, e esta consoante aspira-se; ex.: desse, Fafe; tape, sete (= *dés, faf; tãp, sét*).

É também em geral nullo entre *f*, *v* ou consoante explosiva, e *r*, excepto no futuro e condicional dos verbos; assim, verão, substantivo, perigo (= *vrão, prigo*); mas *verão* (do verbo *vér*) *terã* (do verbo *tér*).

É frequentemente nullo também antes de *r*, ou entre *r* e a fricativa *s*; ex.: querer, parecer, que usualmente se pronunciam *krêr*, *parsêr*. Em razão desta supressão de ç em contacto com *r*, o prefixo *pgr* confunde-se na pronúncia com o prefixo *pre*; assim perdição e predicção na elocução usual pronunciam-se ambos *prdisão*, pertinho e pretinho como *prtínho*, valendo o *r* por vogal.

è: è átono, como *prêgar*, *crêdor*, *pêgada*.

é: dois valores, è, ê.

1.º è tónico, ex.: pé, péla, gémeo, médico, zéphyro (= *zéfiro*), éther; céu, batéis, painéis. Êstes ditongos também se escrevem com *e* sem accento; representam o resultado da supressão de *l* originario, e o *e* em tal caso é sempre aberto.

2.º ê, antes de consoante nasal da mesma syllaba, ou ella se profira, ou não; ex.: tèmpera, pénsil (= *pêsil*) sciência (= *siêsiq*),

ê: sempre ê tónico; ex.: mercê, mercês (= *mersê, mersês*), pêssego (= *pêsegô*).

f: um único valor, o de *f*, ainda quando se escreva *ff*, ex.: fraco, bofe, atagar, affeição.

g: três valores, *g*, *j*, *ÿ*.

1.º *g*: antes de *a*, *o*, *u*, ou consoante, e quando final; ex.: gado, gola, gume, arguir, argue, grave, glória, resignar, persignar-se, Gog e Magog. Às vezes nullo, como em augmentar, Magdalena, Ignacio, signal, assignar.

2.º *j* antes de *e* (= *ç*), como geral gelar (= *jerál jelár*).

3.º *ÿ* antes è, ê, *i* (*y*); ex.: género, gêsso, gis, gyro.

O grupo *gg* vale *g* singello.

*gu*: dois valores, *gu*, *g*.

1.º *gu*, um *g* mais palatal antes de *è*, *ê*, *i*; ex.: guerra, erguer, seguir.

2.º *g* antes de *ç*, *ë*; ex.: erguerá, pessegueiro (= *irgerá*, *pessegáiro*).

*N. B.* Alguem proferem o *g* medial um tanto aberto, como no castelhano *luego*, sem que seja cóntudo tam fricativo como o *γ* do grego medieval e moderno.

*h*: sempre nullo; serve para converter as letras *c*, *n*, *l*, nas consoantes palataes *ch*; *nh*, *lh* (= *ç*, *ë*; *ñ*, *l*), e para desunir *u* e *i* de vogaes com que não formem ditongo, como *ahi*, *bahu* (= *ahí*, *báhu*).

*i*: sete valores, *i*, *í*, *î*; *ï*, *î*, *î* nasal; *ï* (= *ç*).

*i* tónico: três valores, *i*, *í*, *î*.

1.º *i*: todo o *i* tónico que não esteja nas condições do 2.º e 3.º

2.º *î* antes de *l* da mesma síllaba, e no ditongo *iu* que só aparece na 3.ª pessoa do singular do pretérito indicativo dos verbos fracos, regulares, em *-ir*, e do verbo irregular *ver*; ex.: mil, fusil, bilro; fujiu, viu.

3.º *î*: antes de consoante nasal da mesma síllaba, pronunciada ou nulla; ex.: lindo, limpo, domingo (= *lindô*, *limpô*, *dômingô*) incha, nympha (= *îça*, *nîfça*); fim, fins (*fî*, *fîs*).

*i* átono: seis valores, *i*, *î*, *ï*, *î*; *î* nasal; *ç*.

1.º *i*: contanto que não esteja em contacto com consoante palatal (V. *i* átono 3.º), pronuncia-se como *i* qualquer *i* átono que esteja nos seguintes casos:

a) inicial, ex.: *içar*, *igual*, *hissope*.

b) final, raro, ex.: *quási* (popular *kázçe*); ou postónico na penúltima, lógica, óptimo (*ótimô*) príncipe (pop. *prîsipç*).

c) o *i* de qualquer síllaba medial, não havendo outra depois que tenha *i* átono ou tónico, ou *z*, ou *o* da última havendo mais de uma síllaba com *i*; ex.: *tirar*, *livrar*, *additamento*, *militar* (= *mçlitar*), *visita* (= *vçsita*) *divisória* (= *de-vizóriç*) *vicejar* (= *vçsîjâr*).

d) Mesmo que haja mais de uma síllaba contendo *i*, pronuncia-se como *i*, sem que seja o da última, aquelle que provenha de *i* accentuado em vocabulo da lingua do qual proceda o derivado átono; ex.: *dividiria*, *finíssimo*, *liquidar* (= *devediria*, *finissimô*, *liquidâr*) de *dividir*, *fino*, *líquido*; *fitinha*, *trigui-nho*, de *fita*, *trigo*. (V. *i* 6.º)

2.º *î*, antes de consoante nasal da mesma síllaba, quer ella se profira, quer não; ex.: *interior*, *insular* (= *intrîôr*, *îsulâr*).

3.º *z*, em conjunção com consoante palatal, incluindo *s* (= *š*, *ž*); ex.: distância, fisgar, linhal, silhar, enrijar, esguichar (= *ḍistância*, *f̣ižgar*, *ḷinhál*, *ṣilhár*, *irrižar*, *ižguičár*). Se o *i* fica assim entre duas consoantes surdas, é proferido em segredo, ciciado; ex.: *pistola* (cf. *pestanda* = *p̣ištána*). Em razão desta pronúncia *z*, o prefixo *dis* confunde-se com *des* antes de consoante; ex.: *dispor*, *destoar* (= *ḍispôr*, *ḍištúár*).

4.º *i*, antes de vogal, tónica ou átona, e nas subjuntivas dos ditongos; ex.: *fiar*, *fiador*, *labio*; *pai*, *sei*, *foi*, *fui* (= *f̣iár*, *f̣iádôr*, *láḅio*, *p̣ai*, *ṣei*, *f̣oi*, *f̣ui*). Se, postónico, é precedido de consoante forte e seguido de *a*, profere-se em segredo, ciciado; ex.: *pátio*, *palácio*.

5.º *i* nasal, só nos vocábulos *mui*, *muito* (*ṃui*, *ṃuito*), porque os ditongos *ai*, *ei*, *oi* se escrevem com *e*, *ae*, *em*; *oe*.

6.º *i* = *ç*: numa série de síllabas, contendo todas *i*, não seguido de consoante palatal, incluindo *s* (= *š*, *ž*) só o *i* da última, átono ou tónico, assim se profere; os das outras que estão antes della soam como *ç*, pronúncia que as orthographias archaicas comprovam ser antiquíssima; ex.: *ministro*, *militar*, *dividir*, *visita*, *visitar*, *limite*, *limitar*, *anniquilár*, *ridículo*, em que o símbolo *i*, representa *ç*.

Se porém qualquer *i* átono, nestas circumstâncias, provém de *i* tónico de vocábulo primitivo na língua, a tendência é conservar-lhe o valor de *i*; assim *diffícilimo*, *dividiria*, *fitinha*, *peritíssimo*, de *diffícil*, *dividir*, *fila*, *perito*, *ridículo*. [Veja-se *i* átono 1.º c) e d) e 3.º]

*i*: dois valores, *i* e *z* tónicos.

1.º *i* tónico, em todos os casos em que não está seguido de consoante nasal; ex.: *líquido*, *nível*, *lídimo*, *legítimo*, etc.

2.º *z* tónico, seguido de consoante nasal na mesma síllaba, ou ella se profira, ou sirva sómente para indicar a nasalidade do *i*; ex.: *infimo*, *ínsua*, *íntimo*, *íngreme*, *ímpio* (= *ifimo*, *isua*, *intimo*, *ingremç*, *imp̣io*).

*j*: dois valores, *j*, *ç*.

1.º *j*, em conjunção com as vogaes *a*, *o*, *u*, *ç*; ex.: *já*, *jôgo*, *jugo*, *haja*, *Jesus*.

2.º *ç*, em conjunção com vogaes palataes, *è*, *ê*, *ë*, *i*, *ç*; ex.: *laranjinha*, *laranjeira*. É raro, porque em seu logar se escreve *ç*, principalmente se a etymologia o pede. Se porém o *e* vale *ç* o *j* pronuncia-se *j*, por não ser o *ç* vogal palatal; ex.: *Jerichó* (= *jericó*), *Jerusalem* (= *jêruzqlã*), também pronunciado *jêruzqlã*.

*k*: como o *k* alemão; rarissimo, sendo substituído por *c* antes de *a*, *o*, *u* ou consoante, e por *qu* antes de *e*, *i*; ex.: ukase (*ucásq*), kilo (*quílq*).

*l*: tem dois sons, *l* e *ł*.

1.º *l*: quando inicial de síllaba, e depois de consoante; ex.: lá, lapa, pala, plácido, glória.

2.º *ł*: depois de vogal da mesma síllaba, modificando-a (V. 4); ex.: mal, malta, fel, relva, felpa, mil, bilro, rol, solda, sôlto, soltar, sul, tumulto, multar.

O grupo *ll* vale *ł* singello.

*m*: cinco valores, *m*, *~m*, *~ĩ*, *~ũ*, *~*.

1.º *m*: quando é inicial de síllaba, como *má*, *arma*, *immenso* (= *imẽsq*).

2.º *~m*: nasalidade da vogal que o precede, seguida de *m*, antes *b*, *p*, e *m* nos derivados do prefixo *em*, *im*, significando «dentro de» ou «mudança de estado», e antes do suffixo adverbial *-mente*; ex.: campo, limpo, limbo, emmalar (= *cãmpo*, *lĩmpo*, *lĩmbo*, *ĩmalár*), commumente (= *lqmũmẽntq*).

3.º *~ĩ*: isto é, nasalização da vogal precedente, seguida de *ĩ* nasal, no ditongo *em* (= *ẽĩ*, *ãĩ*); ex.: bem, além, fazem (= *bãĩ*, *ãlãĩ*, *fãzãĩ*).

4.º *~ũ*: isto é, nasalização da vogal precedente, mais *ũ* nasalizado, no ditongo *am*, átomo de verbos (= *ãũ*): amam, devam (= *ãmão*, *dẽvão*).

5.º *~*, simples nasalização da vogal precedente; ex.: islam (= *ĩzlã*), sim, som, um (*sĩ*, *sũ*, *ũ*).

O grupo *mm*, fóra do caso 2.º, equivale a *m* singello.

*n*: cinco valores, *n*, *~*, *~n*, *~n*, *~ĩ* nasal.

1.º *n*: a) inicial de síllaba; ex.: nó; pena, penna (= *nò*; *pẽnq*).

b) final de vocábulo grego ou latino, se está precedido de vogal átona; ex.: abdómen, Lycáon, gérmén. Não porém assim quando essa é tónica, como Pan, Canaan (= *pã*, *kãnaã*).

2.º *~*, isto é, nasalidade da vogal precedente, quando final de vocábulo ou antes de consoante fricativa, *s*, *z*, *š*, *š*, *ž*, *ž*, *š*, *š*, *ž*, *ž*, ou de *n* do prefixo *-en*; ex.: lan (= *lã*, melhor orthographia *ã*), lança, cinza, fins, rancho, franja, lãs, anfião (= *lãsq*, *šãzq*, *fĩš*, *rãšq*, *frãžq*, *lãš*, *ãfũo*); ennastrar (= *ĩnãštrár*). (Cf. *mm*, 2.º)

3.º *~n*, isto é, nasalidade da vogal precedente seguida de *n*, antes de *t*, *d*; ex.: tanto, lindo (= *tãntq*, *lĩndq*).

4.º *~n*, isto é, nasalidade da vogal precedente seguida de *n*, an-

tes de *c* (= *k*) *qu*, *g*, *gu*; ex.: manco, renque, longo, enguia (= *mānko*, *rēnke*, *lōngo*, *īnguíā*).

5.º *ĩ*, isto é, nasalidade da vogal precedente seguida de *ĩ* nasal, no ditongo *en* (= *ēĩ*); ex.: bens, vinténs, viagens (= *bāĩs*, *vintāĩs*, *viājāĩs*).

O grupo *nn*, a não ser o da observação 2.ª, vale *n* singello.

*o*: seis valores, *ò*, *ô*, *o*, *õ*, *ú*, *ũ* nasal.

*o* tónico: três valores, *ò*, *ô*, *õ*.

1.º *ò*: a) quando procede de *ō* latino, ou de *ö*, *õ* em vocábulos eruditos; ex.: forma, aurora, atroz, cópia, prosa; e bem assim nos comparativos orgânicos maior (mor), menor, melhor, peor; e no nome da letra *O*.

b) no plural e feminino do sufixo *-ôso*, isto é, *-òsos*, *-òsa*, *-òsas*, e no radical de muitos substantivos e adjectivos femininos, que teem *ô* no masculino; ex.: formosos, formosa, formosas; tortos, torta, tortas; maçaroca, ova, poça.

c) no plural de vários substantivos, que teem *ô* no singular; ex.: ovos (*ôvo*) almoços (*almôço*) fogos (*fôgo*). (V. 15.)

d) no radical de verbos da primeira conjugação, que teem *ô* nos substantivos correspondentes derivados, ou que lhes dão origem; ex.: escova (substantivo *escôva*), torno (*tôrno*), ensopa (*sôpa*), olha, olho (= *ólha*, *ólho*; mas o subst. *ólho*).

e) no radical dos verbos da 2.ª e 3.ª conjugação, quando na terminação átona há *e* ou *em*; ex.: corre, correm, foge, fogem (de *çorrer*, *fugir*).

f) antes de *l* final, sendo então mais aberto, e em alguns vocábulos em que *-ol* é medial; ex.: sol, arrebol, solfa.

g) no ditongo *ói* (escrito *õe* quando provém de *ole*, ou é desinência verbal da 2.ª ou 3.ª conjugação); ex.: combóio, bóia, lóio; faróes; dóe.

2.º *ô*: a) quando procede de *ō* ou *ũ* latinos, sobretudo se êste último está antes de consoante da mesma syllaba; ex.: côr, amor, pastor, devedor, lobo, loba, boca, roto, (*buccam*, *ruptum*).

b) no masculino dos adjectivos e substantivos em *-ôso*, e no radical de muitos adjectivos masculinos que teem *ò* no plural e feminino; ex.: formoso, torto, maçaroco, ovo, poço; e nos dois vocábulos femininos esposa[s], raposa[s]; mas *esposos*, «os dois cônjuges».

c) no singular de muitos substantivos e adjectivos que teem *ò* no plural; ex.: poço, almôço, rôgo, sôlto, fôlgo, ôlho, carôço.

d) em muitos substantivos e adjectivos, cujos verbos correspondentes da 1.ª conjugação tem *ò* no radical; ex.: ôlho, escôva,

tôrno, adôrno, accôrdo, [as]sópro. Mais fechado se está antes de *l*, ex.: sôlto, sôlta.

e) no radical dos verbos da 2.<sup>a</sup> conjugação quando a terminação tem *o*, *a*, *am*; ex.: soffro, soffra, soffram, roo, roa, roam (de *saffrêr*, *rôêr*).

f) nas terminações *oa*, *oo*; ex.: Lisboa, gamboas, loa, toa, boa (pop. *lôã*), e quando pertence a verbos da 1.<sup>a</sup> conj.: doa, soa, doo, soo,

g) no digramma *ou*, com *u* nullo; ex.: amou, noute, pouco.

h) no ditongo *oi*, ex.: boi, foi, foice, toiro. Este ditongo alterna indifferentemente com *ou*, mormente antes de *-r-* e *-te*; ex.: noite, noute; moiro, mouro.

õ: antes de *m*, *n*, seguidos ou não de consoante, ou esta se pronuncie, ou não; ex.: som, Solon, rompo, fonte, onça, concha (= *sõ*, *Sôlõ*, *rõmpõ*, *fõnt*, *õsã*, *cõxã*).

o átono: seis valores, ò, ô, o, õ, õ, ù, ù nasal.

1.<sup>o</sup> ò: a) nas terminações átonas acabadas em consoante que não seja *s* ou nasal; ex.: sóror, álcool (*q̄icũdõr*).

b) inicial ou medial seguido na mesma syllaba de consoante, que não seja *s*, *r*, *l* ou nasal; ex.: optar, cocção, (*õptár*, *kõksãõ*); mesmo quando seja nulla essa consoante; ex.: adoptar, adopção (*q̄dõtar*, *q̄dõcãõ*).

c) inicial em vocabulos eruditos; ex.: orar, orador, oráculo.

2.<sup>o</sup> ô, na syllaba medial átona *õl*, (em que é mais fechado), mesmo quando lhe corresponda *õl* tónico; no digramma *ou*; no ditongo *õi*, e em poucos mais casos, não havendo *õl*, *õi*, átonos senão finaes; ex.: *võltár* (a par de *vólta*); *boiár* (a par de *bóia*), louvar (= *lõvár*), em que *õ* designa ô átono.

3.<sup>o</sup> o: é o valor de todo o o átono seguido de consoante, quando não faça excepção, qualquer que seja o do o tónico que lhe corresponda, se não está antes de nasal pertencente á mesma syllaba; ex.: *fõrmoso*, *infõrmár* (de *fõrma*), *enfõrmar* (de *fõrma*), *põrtãõ* (de *põrtã*), *põrtinho* (de *põrto*), *põstar* (de *põsto*), *põstal* (de *põsta*), *cõmmõdidãde*, *q̄cõmmõdár* *q̄cõmmõdo*, (de *cõmmõdõ*).

4.<sup>o</sup> õ, seguido de *m* ou *n*, e éstes de consoante; ex.: romper, mondar, onzena (= *rõmpêr*, *mõndar*, *õzẽã*).

5.<sup>o</sup> ù: antes de vogal, ou como subjuntiva de ditongo segundo uma orthographia já pouco usada; ex.: voar; voador, pao, Macao (= *vũár*, *vũãdõr*; *pãũ*, *maçãũ*).

6.<sup>o</sup> ù nasal: no ditongo *ãõ*; ex.: pão, coração, órfão (= *pãũ*, *cõrçãũ*, *õrfãũ*).

ó: dois valores, ò e õ, tónicos.

1.<sup>o</sup> ó: antes de consoante, que não seja nasal seguida de outra consoante; ex.: sólido, avó, sótão.

2.º *õ*: antes de *m*, ou *n* seguidos de consoante; ex.: Ómphale, vergóntea (= *õfale*, *vergõntiã*).

*ô*: sempre o valor de *ô* tónico, segundo as regras da accentuação gráfica; ex.: avô, lôbrego, cômore, rôgo, chôro.

*õ*: dois valores, *õ* e *õĩ* tónicos.

1.º *õ*: no ditongo *õe* (= *õĩ*); ex.: põe, corações.

2.º *õĩ*: na forma *põem*, do verbo *pôr*, e seus derivados (= *põãĩ*, com *ĩ* nasal); não porém em *sõem*, *toem*, *perdoem*, que se proferem *sõãĩ*, *tõãĩ*, *perdõãĩ* (pop. *perdõĩãĩ*).

*ò*: em alguns vocábulos como *dõninha* (= *dõninhã*), diferente de *doninha* (*dõninha*), deminutivo de *dõna*, para designar que o *o* aberto é átono.

*p*: dois valores, *p̃*, *p*, ou nullo. O grupo *pp* é igual a *p*.

1.º *p̃*: antes de *ç*, *ç*, *ĩ*, *ç* finaes; ex.: tape, tapo, tape-o (= *tap̃*, *tap̃ç*, *tap̃ĩç*).

2.º *p*: em todos os mais casos. É nullo ás vezes antes de *ç*, *t*; ex.: adopção, adoptar, corrupto.

*ph* vale *f*; ex.: philosophia, Phariseu (= *filozofia*, *fgrizêu*).

*qu*: cinco valores, *k*, *qu*, *qu*, *kũ*, *k*.

1.º *k*: antes de *ç* final; ex.: fique (= *fik*).

2.º *qu*: antes de *ç*, *ç* final; ex.: terráqueo (= *terraquũç*), colloquio (*kolóquũç*).

3.º *qu*: antes de *è*, *è*, *ĩ*, *ĩ*; ex.: queda, quê, quite.

4.º *kũ*: antes de *a*, (raras vezes *e*, *i*) (quatro, frequente (= *kũtra*, *frêkũnte*).

5.º *k*: antes de *a*, *o*, em poucos vocábulos; ex.: quatorze, quociente (= *kátôrçe*, *kòsiẽntç*), e antes de *ç* não final; ex.: pequenez, que, querer (*pçkẽnẽs*, *kç*, *krêr*).

*qu*: *kũ*; ex.: seqüência, liquidar (= *seqũẽsiã*, *likũidãr*)

*r*: quatro valores, *r*, *r*, *r̄*, *rr* (= *r̄r̄*).

1.º *r*: a) final, ex.: cõr, dãr, por.

b) medial entre vogaes, não sendo a 1.ª nasal; morar, darã, ferira, parede.

c) depois de consoante explosiva, ou das fricativas *f*, *v*; ex.: prato, grato, branco, pedra, fraco, palavra.

e) antes de explosiva ou fricativa, sonoras; ex.: arder, largo, argüir; cirzir, margem, herva.



2.º *r* (surdo): antes de explosiva ou fricativa, surdas; ex.: harpa, arte, arco; fôrça, arfar, archote, côr sombria (*kôer sômbria*).

3.º *r̄*: a) depois de vogal nasal; ex.: honra, encenrada, genro (*ôrã, isêrãda, jêrã*).

b) depois de *l, s, z* (= *z̄, z̄*); ex.: abalroar, Israel (*gããrãr, z̄rãt*).

c) antes de *m, n, l*; ex.: arma, carne, Carlos.

4.º *rr*: inicial, como rei, rato, rapar.

*rr* medial = *r̄r*; carro, ferro, curro.

*s*: seis valores; *s, z, s̄, s̄, z̄, z̄*.

1.º *s*: inicial de vocábulo, ou de syllaba depois de consoante; ex.: ser, bolsa, cansa, balsa, verso; ou em derivados, como presuppôr, quando há consciência da derivação.

2.º *z*: a) entre vogaes oraes, casa, rosa, os homens (*zômãis*).

b) entre nasal e oral, no prefixo *trans*; ex.: trânsito.

c) depois de *b*, em alguns vocábulos; ex.: obséquio (= *ôbêzê*), no qual verdadeiramente está entre vogaes, comquanto o *e* se não escreva.

3.º *s̄*: depois de *a, o, u*: a) final de vocábulo na pausa; ex.: farás, capas.

b) antes de consoante surda; ex.: lasca, os tiros, os sacos.

4.º *s̄*: depois de *e, i*: a) final de vocábulo na pausa; ex.: fretes.

b) antes de consoante surda; ex.: peste, chispa, lista.

5.º *z̄*: depois de *a, o, u*, antes de consoante sonora; ex.: osga, os bois (*z̄ bôis*).

6.º *z̄*: depois de *e, i*, antes de consoante sonora; ex.: fisga, nesga, Lisboa, esmo, cysne, Venceslau, Israel, és mau (*z̄ mãu*), fazes bem (*fãz z̄ bãi*).

*ss*, vale por *s*, quando medial, porque *s* singello entre vogaes vale por *z*.

*t*: dois valores, *t̄, t*.

1.º *t̄*, seguido de *e, o, i* em finaes de vocábulos; ex.: bate, bato, bate-o.

2.º *t*, em qualquer outra circumstância.

Os grupos *tt, th* valem *t* singello.

*u*: quatro valores, *u, o, û, ù*.

1.º *u*: quando é tónico; ex.: tu, túmulo; antes de *l* é mais fechado, ex.: tumulto, culto.

2.º *o*: quando é átono; ex.: buraco, aluguer, tribu.

3.º *ũ*, átono antes de vogal; ex.: água, mingua, qual, quatro.

4.º *ũ*: seguido de consoante nasal na mesma síllaba, ou ella se profira, ou não; ex.: unto, meunçalha, uns, um (= *ũnto*, *mũsálhq*, *ũs*, *ũ*).

*u* é nullo no ditongo *ou*, mas conserva-lhe sempre o valor de *ô*; ex.: louvou (= *lvô*).

*û* = *ũ* depois de *g*, *q*, antes de *e*, *i*; ex.: *freqũente*, *agũentar*.

*ú*: *u* tónico, em antepenúltima; ex.: cúmulo, fúnebre.

*v*: só um valor, o de fricativa branda lábio-dental.

*x*: oito valores, *â*, *ã*, *ã*, *ã*, *ã*[*ã*]*z*, *ã*[*ã*]*z*, *ãiz*, *ks*, *s*.

1.º *â*: a) inicial, como xadrez, xairel, xarope, Xenophonte (= *ãxãofõnt*).

b) medial depois de consoante, ou entre vogaes, *a*, *o*, *u* em vocábulos de origem popular; ex.: faxes, taxa, roixo (= *rôãxã*), buxo, cartuxo.

2.º *ã*: nos mesmos casos seguido ou precedido de *e*, *i*; ex.: Xerxes, Xisto, lixa, fixe, caixa, roixo (= *kããxãg*, *rôãããg*, ou *kããg*, *rôããg*).

3.º *ã*: no fim de síllaba, precedido de *e*, *i*; ex.: córtex, mixto, Félix.

4.º [*ã*]*z*: na síllaba inicial *ex* antes de vogal; ex.: exame, exemplo, que se pronunciam *ãizãmg*, *ãizẽplo*, e mais usualmente *izame*, *izẽplo*.

5.º [*ã*]*z*: na síllaba *ex* antes de consoante surda; ex.: ex-cepto, que se pronuncia *ãããsẽtãg*, ou mais communmente *ããsẽtãg*.

6.º *ãiz*: id. antes de consoante sonora; ex.: ex-ministro.

7.º *ks*: medial em vocábulos doutos; ex.: fixo, annexo (= *fãksãg*, *ããksãg*).

8.º *ss*: em vocábulos doutos que há muito se tornaram populares, e nos perfeitos e aoristo do verbo trazer; ex.: esdrúxulo, próximo, auxílio, trouxe, trouxera, trouxesse (= *ãã-drũsulãg*, *prõsimãg*, *ãããllããg*, *trõsãg*, *trõsẽrãg*, *trõsẽsãg*).

*y* vale o mesmo que *i*, sendo actualmente apenas um símbolo de orthographia etymológica; dantes valia *ï* ou *í*; mayor, Mandovy.

*z* cinco valores, *z*, *z*, *z*, *z*, *z*.

1.º *z*, inicial de síllaba, como zêlo, fazer.

Os outros valores são os que correspondem ao *s* final de síllaba.

## Quantidade prosódica

20. Nas consoantes, se exceptuarmos *r* inicial e *rr* medial, o alongamento só se dá por supressão de *ç* final de vocábulo, seguido de outro vocábulo começado por consoante homorgânica com a que precede o *ç*; em taes casos a primeira consoante explosiva da geminação passa a implosiva; ex.: *veste-te*, pronunciado *vêstet-çt* em enunciação lenta, mas *vêstetç* na falla usual e descuidada; assim também, por causa de *ti* = *pprc̄cauzçtí*; a vontade de Deus, pronuncia-se *çvõtãdçdçdêús*; tome-me este conselho = *tómmeçtkçsçlhoç*; desce-se = *dêçss*.

A quantidade decididamente longa nas vogaes é igualmente resultado da crase de duas vogaes homorgânicas da mesma série, ordinariamente de um a outro vocábulo, podendo dar-se como preceito que ella se produz logo que não haja qualquer pausa intermédia. Nestes termos:

$a + a = \bar{a}$ ; mas  $a + \grave{a}$ , ou  $\grave{a} + a$ , ou  $\grave{a} + \grave{a} = \bar{a}$ , isto é  $\bar{a}$  longo.

$\grave{e} + \grave{e} = \bar{e}$  longo;  $\grave{\epsilon} + \grave{\epsilon} = \bar{\epsilon}$  longo.

$\grave{e}i + \grave{e} = \bar{e}i$  longo; assim, *passie* = *pasēi* imper. sing. de *passear*, differente de *passai* = *pasēi* 1.<sup>a</sup> do perf. de *passar*.

$i + i, i + \grave{e} = \bar{i}$ ; ex.: *fiç*, *fī*.

$\grave{o} + \grave{o} = \bar{o}$  longo;  $\acute{o} + \acute{o} = \bar{o}$  longo.

$\grave{a} + u$  ou  $u + u$  ou  $u + \grave{a} = \bar{u}$ .

Porém, sendo *e* ou *i* átonos, antes de vogal iguaes a *i*, e *o* ou *u* nas mesmas condições iguaes a *u*, não se dá a crase, e portanto não há alongamento.

Pode ainda dizer-se que a vogal tónica é sempre mais longa, a pretónica mais breve, e brevissima a postónica que não seja nasal, não resulte de crase, não constitua ditongo, ou não pertença a síllaba fechada por *r* ou *l*.

## Accentuação

## 21. Accentuação tónica.

Chama-se *accento tónico* o *ictu* ou entoação especial de uma síllaba, em geral, em cada vocábulo, que a destaca das mais que o constituem. Nos vocábulos em que há mais de um *ictu*, ou *accento tónico*, o mais forte, que em português é sempre o último, denomina-se *principal* ou *predominante*, e o outro ou outros *subordinados* ou *secundários*.

Esta entoação é sobretudo perceptível na vogal única ou na principal dessa síllaba, e em português normal consiste particularmente na elevação da voz e energia maior da sua emissão.

As vogaes que podem ser tónicas ouvem-se nos vocábulos seguintes: (cada), dá, sé, sê, si, só, côr, tu, lâ, venci, sim, som, um; podem igualmente ser tónicos todos os ditongos, e o são na maioria dos vocábulos, quando finaes.

As vogaes de *mê*, *dê* nunca podem ser tónicas na phrase, a não ser ao citarem-se os vocábulos em que ellas entram, por exemplo: «a preposição *dê*, a contracção *dê*»; nem tam pouco o *ç* de *dispor* ou o *ç* de *cabço*; porém o *ẽ*, originariamente *ê* fechado antes de palatal, *ê*, *ê*, *lh*, *nh*, *ch*, e *a* antes de nasal (*m*, *n*, *nh*) podem ser tónicos, comquanto em Lisboa qualquer delles valha por *â*, isto é, *â*, (*a* accentuado.)

### Accentuação pronunciada

22. Os vocábulos portuguezes, com relação a accentuação tónica, dividem-se em quatro espécies.

1.<sup>a</sup> **Agudos**, ou **oxytonos**, com a última síllaba accentuada ou predôminante, como *faltar*, *faltarâ*, *batel*, *fugi*, *batéis*, *barril*, *contém*.

2.<sup>a</sup> **Inteiros**, **graves** ou **paroxytonos**, com a penúltima síllaba dominante, como *falta*, *faltava*, *sável*, *móveis*, *cóntem*, *davam*.

3.<sup>a</sup> **Esdrúxulos**, **dáctylos** ou **proparoxytonos**, com a antepenúltima síllaba dominante: *faltávamos*, *árvore*, *médico*.

4.<sup>a</sup> **Bis-esdrúxulos**, tendo dominante qualquer síllaba antes da antepenúltima, como *louvávamos-to*, *louvávamo-vo-lo*; *êstes*, porém, só por **inclinação**, ou adjunção dos pronomes pessoais, complementos átonos, após o verbo. Neste caso mesmo, o accento nunca recua mais de quatro síllabas, isto é, não pode haver mais de quatro síllabas átonas depois da tónica, por não haver linguagem verbal que possa ser por si bis-esdrúxula, e porque taes pronomes complementos átonos são todos monossyllábicos, não podendo formar por acumulação mais de quatro síllabas, pois que *me*, por exemplo, seguido de *o* contrahe-se em *mo*, *lhes*, seguidos de *o*, *a*, em *lho*, *lha*.

23. Pela ordem da sua freqüência, tendo-se em attenção a constituição da síllaba final, a accentuação vocabular é a seguinte:

a) São em geral **agudos** os vocábulos terminados:

1.<sup>o</sup> em *i*, *u*, seguidos, ou não, de *s* ou outra consoante; ex.: *fugi*, *fugis*; *bambu*, *bambus*. São raríssimos os termina-

dos em *i* átono, e nos que teem *u* attenuado como final é êsse *u*, com pouquíssimas excepções, escrito com *o* = *u*.

2.º em vogal nasal, seguida ou não de *s*; ex.: irmã, irmãs; maçã, maçãs; setim, setins; vagom, vagons; atum, atuns.

3.º em *a*, *e*, *o* seguidos de consoante que não seja *s*; ex.: casal, casar, talher, saber, pavor, farol, Jacob, feroz, capaz.

4.º em ditongo oral, seguido ou não de *s*; ex.: casai, casais; sabeí, sabeis; painéis, destróe, destróes, influe, azues, sarau, saraus, judeu, judeus, chapéu, chapéus, casou.

5.º em ditongo nasal, seguido ou não de *s*; ex.: aldeão, aldeões, compõe, salões, capitães, vintém, vinténs (ou vintêe, vintêes).

Os monosyllabos que não são átonos são evidentemente agudos; ex.: tu, li; lâ, lãs, som, sons, fim, fins, um, uns; pá, pás, pé, pés, dê, dês, pó, pós; dar, côr, ser; sal, fel, sol; pai, pais, pau, paus, rei, reis, réis, teu, céu, céus, roe, roes, boi, bois, sou; pão, pães, mãos, põe, pões; bem, bens.

b) São em geral **inteiros** os vocábulos terminados em *a*, *e*, *o* (*g*, *g*, *g*) seguidos, ou não, de *s*, em *am*, *em*, *ens* (= *êe*, *êes*, que seria melhor orthographia, á maneira dos escritores antigos, e em harmonia com *ão*, *ãe*, *õe*, guardando-se *em* para a terminação átona dos verbos, também em harmonia com *am*, que só neste caso se emprega); ex.: casa, casas, case, cases, caso, casos, casam, casem; viagem, viagens, (melhor: viágêe, viágêes; mas levem, tomem, em concordância com levam, tomam).

São mais raros os agudos da categoria b) e os inteiros da categoria a).

c) **Esdrúxulos**, que se dividem em duas espécies:

1.ª Com a última syllaba começada por vogal, que não faça ditongo com a que precede, e que se contam em geral por inteiros no meio do verso; ex.: glória, área, tábua, múgoa, que poderiam ser marcados *glória*, *arêa*, *tabúa*, *magôa*, pois que em taes casos *e* *i*, *o* *u*, valem pelas semivogaes *i*, *ü*.

2.ª Com a última syllaba começada por consoante, sendo êstes os verdadeiros esdrúxulos; ex.: cúmulo, límpido, crédito, lôbrego, amávamos, etc., que fora da conjugação muito raros são na lingua popular, sendo quási todos de origem artificial, erudita.

Effectivamente, aos três vocábulos cúmulo, crédito, lim-pido, etc., correspondem outros de origem popular, que são com-bro, creto, limpo e lindo, etc.

É conveniente advertir também que não há vocábulos esdrúxulos em português, nos quaes a penúltima síllaba termine em consoante, em vogal nasal ou em ditongo, a não ser por inclinação dos pronomes monossyllábicos átonos, como dá-vam-to, dá-vas-mo.

d) **Bis-esdrúxulos**, também de duas espécies.

1.<sup>a</sup> Terminados em três síllabas átonas, como louvávamos-to.

2.<sup>a</sup> Terminados em quatro síllabas átonas, como louvávamo-vo-lo, sómente possíveis na syntaxe de forma esdrúxula do verbo com o dativo dos pronomes da 1.<sup>a</sup> ou 2.<sup>a</sup> pessoa do plural, seguido do accusativo da 3.<sup>a</sup>

Assim, repetimos, os bis-esdrúxulos só podem aparecer em português em virtude da adjunção dos pronomes átonos a uma lingua-gem inteira ou esdrúxula de verbo.

24. A accentuação mais antiga da língua portuguesa é evidentemente a de última e penúltima; nessa conformidade foram resumi-das as palavras que do latim herdou, e assim é a da maioria dos seus vocábulos, com excepção das linguagens proparoxytónicas dos verbos. Mais tarde estabeleceu-se a accentuação dos esdrúxulos da 1.<sup>a</sup> especie; sendo quasi todos os esdrúxulos da 2.<sup>a</sup> especie, fóra da flexão verbal, de origem artificial, eruditos, copiados dos dactýlicos latinos e gregos, e ainda hoje em pequeno número, compara-dos aos agudos e inteiros, como já dissemos. Os bis-esdrúxulos de-vem ser de origem muito antiga na língua, visto que pertencem á flexão verbal, em que não influíu artificio erudito.

A accentuação vocabular procura-se nos dicionários, que são quasi todos accentuados: basta que citemos, pela ordem das datas das suas publicações, os modernos mais conhecidos e auctorizados.

*Dictionnaire Portugais-Français* de J.-I. Roquette. Paris, Ail-laud, 1855, que tem a vantagem de ser muito copioso e conter nomes próprios, até geográficos.

*Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*. Lisboa, 1881.

João Felix Pereira, *Vocabulario sonico*. Lisboa, Lucas Evangelista Torres, 1888.

*Diccionario Manual Etymologico*, por F. Adolpho Coelho. Lisboa, Plantier.

Os três últimos indicam a pronunciação de cada vocábulo, e assim também o de João de Deus (*Diccionario prosodico*); êste porém re-presenta a pronúncia culta algarvia, e não o dialecto commum.

Como generalidade, diremos apenas que em português a síllaba dominante é a mesma que a do vocábulo latino original, com as

excepções que existem em outras linguas románicas, e a já citada de, nos verbos, o accento não poder recuar além da última syllaba do radical e de se deslocar para a vogal radical por analogia. (V. 16).

### Accentuação gráfica

25. Em geral accentua-se pouco na escrita e impressão usual, sendo a regra de accentuação mais seguida a de marcar a tónica dos vocábulos agudos terminados em *a(s)*, *e(s)*, *o(s)*, e consequentemente os monosyllabos de taes terminações.

No texto da presente edição dos *Lusiadas*, nas notas e neste trabalho, a accentuação gráfica é próximamente a que foi adoptada nas *Bases da Orthografia Portuguesa*, publicadas por mim e pelo sr. G. de Vasconcellos-Abreu (Lisboa, Imprensa Nacional, 1885).

Esses principios são, em resumo, os seguintes :

I. Os signaes de accentuação gráfica são: *accento agudo* (´), *accento circumflexo* (^), *accento grave* (˘) e *til* (¨). Nesta exposição empregamos também o signal (¨) sobre o *e*, para figurarmos a sua pronunção vária, e a dominante no dialecto do centro do reino igual a *ê* (ê).

II. Como principio geral accentuam-se gráphicamente só as excepções, sendo (´) o signal por excellência da syllaba tónica, e servindo o circumflexo apenas para differenciar *ê* de *é*, e *ô* de *ó*.

III. Nesta conformidade não marcamos a vogal tónica dos agudos designados em a) de 23, nem a dos inteiros apontados em b) do mesmo número, a não ser para differenciar *ê* de *é* e *ô* de *ó*, como fica dito. Com o mesmo fim de differenciação marcámos com o agudo os ditongos, sempre tónicos, *éi*, *éu* com *é* aberto, e *ói*, *óe* (= *ói*), para os distinguir de *ei*, *eu*, *oi* (= *ěi*, *êu*, *ói*), que vão sem accento, entendendo-se em tal caso que são igualmente tónicos quando finaes; assim *fiéis*, *seu*, *sois* pronunciam-se *fiêis*, *sêu*, *sôis*, em quanto que *fiéis*, *cêu*, *sóes*, se pronunciam *fiêis*, *sêu*, *sôis*.

IV. Os esdrúxulos das duas espécies teem sempre marcada a vogal tónica; os bis-esdrúxulos igualmente; e os vocábulos compostos tantos accentos quantos os que pedirem os seus componentes, comtanto que a composição seja evidente, consciente. O mesmo preceito se teve em attenção nos derivados que teem mais de um accento, e que são:

a) os formados com o suffixo *-mente*. ex.: *fácilmente*, *cortêsmente*, *verídicamente*, etc.

b) os deminutivos ou augmentativos formados com infixos, como *homem-zinho*, pronunçado *hómêizinho*, e escrito usualmente *homemzinho*.

A última síllaba accentuada é sempre a predominante, ao contrário da accentuação germânica, qualquer que seja o número e natureza dos accents secundários que a precedam.

26. Entendido isto, diremos o emprego dos accents gráficos.

Marca-se com o agudo ('):

a) A vogal tónica dos esdrúxulos.

1.º Quando é *à, è, ò, i, u*; ex.: ádito, débito, léito, flórido, lúgubre, área, sério, quício, róseo, fúria, água, égua, Quíloa, póvoa, mútua.

2.º *a, è, ò, i, u*, antes de consoante nasal da síllaba seguinte; ex.: contrerráneo, Eugénia, Herminio, Apollónia, calúmnia.

3.º *a, e, i, o, u*, antes da consoante nasal da mesma síllaba, que os nasaliza; ex.: âmbito, témpora, límpido, cómputo; ánsia, deméncia, fimbria, cóngrua, Mogúncia.

b) 4.º Os inteiros cuja vogal tónica seja *a, è, ò, i, u*, se a última síllaba não terminar em *a, e, o* (= *q, g, g*), seguidos, ou não, de *s*, ou em *am, em, ens*; ex.: carácter, débil, débéis, crível, criveis, móvel, móveis, tribu, quási, órfão, órfãos, éxul, (= *qizut*), etc.

5.º Os inteiros nas mesmas circunstâncias quando a vogal tónica for *a, e, i, o, u* nasaes, por precederem consoante nasal da mesma síllaba (Cf. a) 2.º e 3.º); ex.: cónsul, pénsil, etc.

6.º O *à* de *-amos* 1.ª pessoa do plural no perfeito do indicativo dos verbos da conjugação em *-ar*, para a differençar da do presente, que no centro do reino se pronuncia *-amos*; ex.: louvámos, amámos, pretérito perfeito; louvamos, amamos, presente.

7.º O *u* dos grupos *gue, gui*, quando é tónico; ex.: argúe.

8.º Os três vocábulos, pára, pélo, pólo, para os differençar de para, pelo, polo (= *para, pela, pola*).

9.º *i* e *u* tónicos que não formem ditongo com a vogal precedente, em vocábulos inteiros; ex.: saúde, moído, roído.

c) 10.º O *i, u* dos agudos quando não formam ditongo com a vogal precedente; ex.: argúí (= *argúí*), ruim (= *rúí*), roí (= *rúí*), Esaú (= *izáú*).

11.º Os agudos terminados em *à, è, ò*, seguidos, ou não, de *s*, e no ditongo nasal *em, ens* (que melhor se escreveria *êe*) que não pertença a monossíllabos; ou em *èis, èu, èus, òi (òe) òis (òes)*; ex.: farás, farás, galé, galés, cipó, cipós, vintém, vinténs, batéis, chapéu, chapéus, arreboés; mesmo quando sejam monossíllabos; ex.: pá, pás, pé, pés, pó, pós, réis, réu, réus; mas tem, tens, vem, vens, bem, bens.



27. Marcam-se com o circumflexo na vogal tónica, quando ella seja *e*, *o*, fechados.

a) Os esdrúxulos:

1.º Antes de consoante que não seja nasal; ex.: côdea, pêssego, lôbrego.

2.º Antes de consoante nasal pertencente á syllaba seguinte; ex.: fêmea, cômodo.

b) Os inteiros:

3.º Quando não terminarem em *a*, *as*, *e*, *es*, *o*, *os*, *am*, *em*, *ens*; ex.: Estêvão.

4.º Todas as vezes que a tónica seja *ê*, *ô*, quando haja outro vocábulo escrito com as mesmas letras, em que ella seja *è*, *ò*; ex.: gêlo, fôrça, sôem, a par de gelo, força, soem (*jêlô*, *fôrça*, *sòem*).

5.º O *ê* dos verbos monosyllábicos em *-êr*, na 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo, e do verbo *dar* do presente do subjuntivo: *crêem*, *vêem*, *lêem*, *dêem*; porém *veem*, *teem* (*vêem*, *lêem*) dos verbos *vir* e *ter*, diferentes dos singulares *tem*, *vem* (*têi*, *vêi*), distinção moderna, mas que se tornou geral na pronúncia culta.

c) 6.º Os agudos em que a tónica seja *ê*, *ô*, seguidos, ou não, de *s*, mesmo os monosyllabos; ex.: avô, avôs, mercê, mercês, portugûes, vê, vês, pôs.

7.º Os agudos terminados em qualquer consoante que não seja *s*, em que a vogal tónica seja *ê*, *ô*, quando houver outro vocábulo escrito com as mesmas letras que tenha *e*, *o*, com outra pronúnciação, mesmo que sejam monosyllabos; ex.: côr, pôr, fêz, quê, a par de cor (*còr*), por (*pòr*) fez (*fêz*), que (*quê*, *quê*), colhêr, a par de colher (*colhêr*).

28. O accentto grave emprega-se nos seguintes casos:

1.º Para marcar *à*, *è*, *ò* (abertos) átonos, quando haja outro vocábulo escrito com as mesmas letras, em que elles tenham outro valor; ex.: prègar, paulada, môlhinho, a par de pregar, paulada, molhinho (= *pregár*, *pauláda*, *môlhínho*), Sâbor (= *sâbôr*), nome de rio, a par de sabor (*sabôr*).

2.º Para indicar, em caso de necessidade, o som de uma vogal aberta, *à*, *è*, *ò*, etc., sem referência a ser tónica; ex.: *sàdio*, *arrèdio*, *còrar*.

3.º No *u* dos grupos *que*, *qui*, *gue*, *gui*, quando, sem ser tónico, se profere; ex.: freqüente, argüirei (= *freqüente*, *argüirêi*).

4.º O *i*, *u*, átonos, que não façam ditongo com a vogal precedente, quando seja necessário indicar esse facto; ex.: saúdade, vaidade, reúnir (= *riunír*).

29. O til (˘) vale como accento da vogal nasal ã, e dos ditongos ão, ãe, ãe, quando não houver outra syllaba gráphicamente accentuada no vocábulo; ex.: farão, escrevães, compõe, irmã; mas órfão, Estêvão, que são inteiros.

30. Os bis-esdrúxulos teem a accentuação marcada dos verbos de que procedem; ex.: dávamos-to, comprávamo-vo-lo, e assim também os inteiros e esdrúxulos provenientes, do mesmo modo, de inclinação dos pronomes átonos; ex.: dá-to, dava-to, damos-to, davam-to, deram-nos, vê-o (= dáto, dávatō, dámoſto, dávamto, déramnos, vê-o).

#### Observações sôbre a pronúncia do português do centro do reino no tempo de Camões

31. Comquanto seja pouco provável que em Portugal se adopte uma leitura rigorosa dos *Lusíadas*, que represente aproximadamente aquella que o próprio poeta lhes daria, não é ocioso, todavia, dar aqui algumas indicações das differenças entre essa pronúncia de há três séculos e a actual, as quaes serão sem reluctância aproveitadas por estrangeiros, a quem hábito adquirido não dá o preconceito de que só a sua pronúnciação é legítima, como acontece aos portuguezes com respeito ás suas, individuaes ou dialectaes. Serão esses preceitos suggeridos dogmáticamente, porque a demonstração e justificação delles tomaria espaço descabido nesta publicação. Sabem os estudiosos estrangeiros que essa leitura rigorosa é hoje considerada uma necessidade absoluta em philologia, e cremos que lhes serão gratas as considerações que vamos apresentar, porque lhes pouparão trabalho ímprobo e talvez sem fructo.

32. Em primeiro lugar, e porque em qualquer modo de pronúnciação o preceito é de igual fôrça, seja para que verso for, os *ee* átonos nunca devem ser elididos, quando o poeta não contou com essa elisão para a sua feitura: desta maneira, logo na I estância do poema, no 3.º e 5.º versos

*Por mares nunca de antes navegados  
E em perigos e guerras esforçados,*

cumpre que o *e* de *mares* e o de *perigos* sôe distintamente, como soa em *terás*, differente de *trás* monosyllabo.

Esta regra não é geralmente observada pelos portuguezes, nem mesmo no theatro normal, a não ser por um ou outro actor mais

consciencioso e sabedor, o que faz que ali se recitem errados taes versos. Em um soneto de Camões, o mais afamado de todos, é usual errar-se o 1.º verso do 1.º terceto, pela elisão, feita duas vezes, do *e* surdo, tirando-lhe duas syllabas!

*E se vires que pode merecer-te*

que lêem :

*E se vir's que pode mer'cer-te*

em vez da leitura correcta :

*E se virs que pode merçer-te*

A supressão, pois, do *e* surdo em conjunção com *r*, tam vulgar, e perfectamente admissível e admittida na conversação usual, tolerável mesmo na leitura ou declamação de prosa, é um êrro grosseiro nas do verso, todas as vezes que ella não esteja indicada; ler-se há, portanto : *esperança, flores*, como se lê *terá, verá; verão*, substantivo, como *verão*, futuro do verbo *ver*, e não *esprança, flors, vrão*, pronunciações correntes na falla trivial.

33. Parece averiguado que há três séculos a pronúncia do portugûes de Lisboa differia da actual nos seguintes pontos, que deveriam ser tidos em attenção numa leitura rigorosa do poema.

I. O *s* inicial e *ss* mediaes (*saber, passo*) differencavam-se de *ç* ou *c* antes de *e, i*, em que, como ainda hoje em Trás-os-Montes e parte do Minho e Beiras, eram proferidos com a superficie anterior do ápice da lingua, aproximando esse ápice, assim cóncavo, das gengivas dos incisivos superiores, posição que denominámos reversa, e que indicámos pelo símbolo *ç*. Êste valor do *s* mantinha-se-lhe depois de consoante, e, quando final, na pausa e antes das consoantes surdas *p, t, c, qu, ç, f, x*. Portanto o vocábulo *passo* era differente de *paço*, êstes pronunciava-se *êstçs* (V. 4)

II. Semelhantemente, *z* inicial ou medial differencava-se de *s* sonoro entre vogaes, em que êste era, como é em Trás-os-Montes e parte do Minho, um *z* proferido com os órgãos na mesma posição que fica descrita para o *s* inicial (V. 4), distinguindo-se consequentemente o vocábulo *coser* (*cozêr*) do vocábulo *cozer*. Esta pronuncia do *s* pode designar-se por *ç* ou *z*. Este som tinha o *s* também antes de consoante sonora, *b, d, g, gu, z, j, v, m, n, nh, r, l, lh*, quer dentro de um vocábulo, quer de um para outro vocábulo, e do mesmo modo o *s* final na junção com a vogal inicial seguinte : *azarmas*, e não *azarmas* = as armas.

O *z* final, porém, assim como o *z* interno muito raro, antes de consoante surda, proferia-se, o que acontece actualmente em Trás-os-Montes, como *ç*; assim paz, luz pállida, luz azul, luz verde pronunciavam-se respectivamente: *paç*, *luçpállidç*, *luzazul*, *luz(z)veêrdeç*.

III. O *ch* era explosivo, quasi *tç*, como o *é* em quasi todo o norte do reino, distinguindo-se de *ç*. É, porém, duvidoso se *ge*, *gi* e o *j* valiam também por *dj*, ou se tinham o seu valor actual.

IV. É muito de presumir que as vogaes finaes de syllaba tónica antes da consoante inicial nasal da syllaba seguinte fossem nasaes, como o *ão* na Beira Alta e Algarve; assim, *cama*, *pena*, *sanha*, *lenho*, *cimo*, *dono*, *fumo* deviam proferir-se *cãma*, *pẽna*, *sãnha*, *lẽnho*, *cĩmo*, *dõno*, *fũmo*.

V. O *ẽ*, quere dizer, o *e* theóricamente fechado antes de consoante palatal, *ch*, *x*, *j*, *lh*, *nh*, e bem assim o do ditongo *ei* (não o de *éi*) differença-se de *â*, como ainda acontece em uma grande parte do reino, em ter provávelmente o valor de *ê*, que no principio dèste século conservava em Lisboa; dèste modo *sêja*, *fêchõ*, *fêixe*, *lẽnha*, *abêlha*, *rêi*, e não *sâja*, *fâcho*, *fâxe*, *lânha*, *abâlha*, *râi*. Análogamente o ditongo *ẽe* (em da orthographia actual) era differente de *ãe*, e por consequente bem (= *bêi*) não rimava com *mãe*; *têe*, *vêe* liam-se *têi*, *vêi*.

VI. Deviam existir os ditongos *iĩ*, *ũũ*, *õõ* (*õũ*), que precederam as nasaes finaes de vocábulo, taes como um, fim, dom, do que dá testemunho Duarte Nunes do Leão.

VII. O ditongo *ou* era differente de *ô*, em que se condensou no sul, do Mondego para baixo, e deveria proferir-se *õũ*.

VIII. A syllaba inicial *em*, *en* átona deveria pronunciar-se *ẽ(m)*, *ẽ(n)* e não *i*, *im* ou *in*, como acontece actualmente, com excepção do Alemtejo e Algarve; e portanto a primeira syllaba do vocábulo *entender*, por exemplo, pronunciava-se *ẽn* e não *in*, *ẽntẽndẽr*, não *intẽnder*.

IX. O ditongo *ui* de *mui(to)* não era nasal, *mũito* e não *mũito*.

X. As formas femininas *esta*, *essa*, *aquella* e *ella*, e seus pluraes tinham provávelmente o *e* fechado, como as masculinas, e conforme ainda hoje é uso em Trás-os-Montes e outros pontos do reino: *êsta*, *êla*, e não *êsta*, *êla*, etc.

XI. O *ç* antes de palatal é natural que se achasse confundido com *i* quando átono, no valor de *ç* commum aos dois, o que acontece actualmente em quasi todos os falares do reino; antes, porém, de *s* + consoante ou *s* final, tal confusão não se dava, porque, como dissémos em I e II, o *s* não era palatal, mas reverso.

XII. Diferenças individuaes na pronunciação de certos vocabulos vão indicadas nas notas que acompanham o texto, e semelhantemente o vão algumas formas hoje desusadas.

Concluiremos por uma justificação.

Parecerá não haver fundamentos para se attribuir ao português central do século XVI a existência dos sons  $\xi$ ,  $\zeta$  que actualmente assumem *e*, *o* átonos de síllabas abertas, fechadas por *s*, ou por *r* antes da tónica, e *o* de  $\xi$  que adquirem *e*, *i* átonos, em conjunção com palatal.

Os nossos argumentos para manter essas transcrições, confessamo-lo, são de carácter negativo.

O dr. Júlio Cornu, no número 68 da obra que citámos em nota a p. xxiv, expressa-se dêste modo a tal respeito: «Êste enfraquecimento das vogaes *e*, *o*, que foi prejudicial para a euphonia da língua, não é antigo, pois na primeira metade do século XVIII ainda se pronunciavam  $\xi$ ,  $\hat{o}$ .» E confirma esta doutrina no número 298 com relação ao *e*.

Esta afirmação é terminante, quasi preceptiva, proferida por um romanista de tamanha autoridade, e cuja sisudez, perspicácia, erudição e segurança de método se patenteiam em todo aquelle escrito, como antes delle já se achavam demonstradas por outros muitos, quer referentes ao português, quer a outros idiomas neo-latinos.

As nossas objecções a êste ponto de doutrina são as seguintes:

1.<sup>a</sup> Para apreciarmos rigorosamente os valores das graphias do português archaico e o das indicações ou omissões dos nossos grammáticos coévos falta-nos a contraprova de documentos preciosos, como os que auxiliarem, por exemplo, Ellis<sup>1</sup> e Sweet<sup>2</sup> nas suas investigações sôbre as pronúncias inglesas anteriores ao século actual e na sua determinação, contraprova ministrada pelas descrições e comparações feitas por autores e grammáticos estrangeiros, também coévos, com relação a essas pronúncias.

2.<sup>a</sup> Em nenhum dialecto continental ou insular português, nem mesmo daquelles que, como os trasmontanos, conservam particularidades phonéticas mais archaicas, perdurou o mais pequeno vestigio de que *e* e *o* átonos tivessem outra pronunção, differente da que se lhes dá presentemente no centro do reino; antes alguns factos parecem confirmar a doutrina opposta, taes como o valor de  $\xi$  antes de *s* final de síllaba.

Só no Brasil se dão as excepções á regra geral; mas, ainda assim, os fallares do Brasil estão bem longe de enumerados e conhecidos todos, quanto mais estudados. Só no Brasil, dizemos, se observa que aquellas vogaes teem, respectivamente, os valores de  $\xi$  (e também *i*, note-se), e de  $\hat{o}$ , mais ou menos fechados.

<sup>1</sup> *Early English pronunciation.*

<sup>2</sup> *A history of English sounds.* 1.<sup>a</sup> ed. 1874, e sobretudo 2.<sup>a</sup> ed. 1888.

Ora, os fallares brasileiros, ao contrário do que poderia suppor-se e já se tem dito, não representam, em grande maioria de casos, na sua pronúncia, um português archaico do continente, que ahí persista em estado de boa conservação; mas esse português, modificado na bôca de estrangeiros no sentido de menor complexidade da syllaba e da sua mais clara enunciação e delimitação, adquiridas essas qualidades á custa da rapidez e da fluência da loquela, tão peculiares, hoje pelo menos, do português fallado na Europa. Ganhôu ou perdeu o brasileiro? Os estrangeiros o dirão <sup>1</sup>.

É por estas razões que nos pareceu preferível a interpretação que adoptámos para o português quinhentista, com referéncia a essas duas vogaes átonas. Com effeito, conforme o nosso modo de ver, é (*i*), e *ó* átonos no Brasil não são reliquias do português continental de outras eras; mas sim um producto crioulo, um defeito de pronúncia estrangeira, como outras particularidades que lá se nos offerecem, e cujos domínios respectivos estão por determinar.

Taes são: um *ɣ* final tónico que deve ter-se originado em hábitos de pronúncia indígena, a banheenga; o *à* ou melhor *á* pretónico em vez de *á*; o *z* (*r* fricativo sonoro) inicial; *ɾ* (*r* fricativo surdo) final, tam commum no Rio de Janeiro e cremos que também no Maranhão; o alongamento das vogaes pretónicas, que, destacando-as como na medição do verso, transmittê á elocução aquelle carácter preguiçoso e lento de dicção arrastada, que é sem dúvida grato aos ouvidos, mas que contrasta singularmente com a energia do fallar português, e que denuncia immediatamente o brasileiro, seja qual for a terra da sua naturalidade, e o differença do individuo nascido e criado em Portugal.

Os dialectos do Brasil, pouco estudados, é verdade, scientíficamente ou em qualquer modo, por escrito, são familiares, comquanto indiscriminadamente, aos ouvidos portuguezes, sobretudo em Lisboa. Revelam, de certo, muitos factos de interêsse a respeito do léxico archaico, pouquíssimos que elucidem a phonologia ou a syntaxe

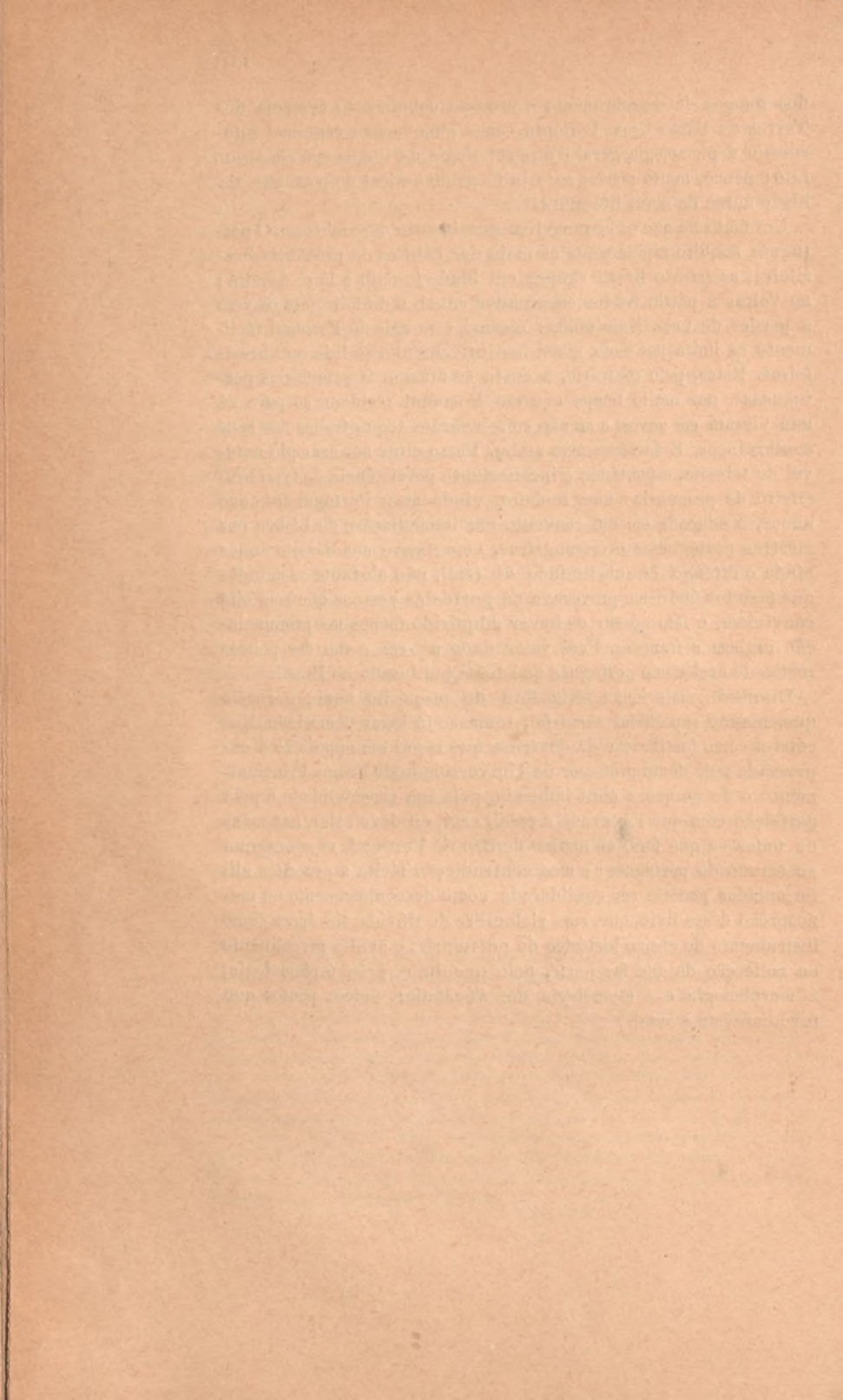
---

<sup>1</sup> Cabe aqui citar duas opiniões contradictórias: uma de autor inglês, que há cincoenta annos declarava ser o português «as a conversational language, superior to the Spanish»: a outra de um phonetista e glottólogo eminente, o professor Frederico Wulff, da Universidade de Upsala, e que é um primor de observação insuspeita e sem predisposição. Exprime-se assim a pág. 6 do seu opúsculo intitulado *Un chapitre de Phonétique avec transcription d'un texte andalou*, Estocolmo, 1889: «Il est curieux, du reste, de comparer le castillan, ou le latin prononcé à la castillane, d'un côté avec la prononciation portugaise et de l'autre avec l'andalouse. Le portugais affecte souvent quelque chose d'étranglé, de palatalisé, il tend à faire de l' a un æ ou o (= d), de l' o un u (ou), de l' e un i, et de supprimer autant de voyelles atones que possible, tandis qu'il nasalise nombre de voyelles et abonde en chuintantes... Le parler portugais peut avoir des effets agréables et beaux, je le sais bien, mais en venant d'Andalousie on le trouve rude à l'oreille».

dos tempos do descobrimento e escassa colonização europeia das Terras de Santa Cruz. Portanto esses phenómenos especiaes interessam á phonologia geral e á psychologia da linguagem em absoluto; pouco, muito pouco, ao estudo grammatical do portuguez da idade áurea da nossa literatura.

Um facto há que os estrangeiros geralmente desconhecem. O portuguez adquire rápidamente os mais dos hábitos da pronúncia brasileira, se para o Brasil emigra em idade juvenil e lá se demora; ao voltar á pátria trá-los encarnados em si, e difficilmente os vem a perder de todo. Mais ainda: mesmo sem sair de Portugal fácilmente os imita por mofa, quasi instinctivamente, se lida com brasileiros. Êstes, pelo contrário, a custo se afazem ás pronúncias portuguezas, por muito tempo que em Portugal residam, se para cá não vieram em novos, e se não conservaram sequestrados dos seus conterrâneos. E ás vezes nem assim. Posso citar um exemplo notável de teimosa, espontânea e inconsciente persistência de typo brasileiro de pronúncia: uma senhora, vinda para Portugal aos onze annos, e educada em um convento nas immedições de Lisboa por mestras portuguezas e estrangeiras, conservava aos dezoito annos ainda o ditongo *êi* substituindo *ãi* (em), não obstante os motejos que êsse brasileirismo provocava da parte das pessoas que com ella conviviam, e isto apesar de haver adquirido menos má pronúncia inglesa e franceza. Êsse valor dado a *-em* é um dos poucos restos de archaísmo portuguez que teem perdurado no Brasil.

Discussão mais longa seria fora de propósito aqui; e receio que, mesmo superficial como foi, tomasse já logar demasiado. Encetei-a como justificação da doutrina que segui em opposição á expressada pelo douto professor da Universidade de Praga. Principalmente o fiz porque a obra indicada, pela sua especialidade e pela perfeição com que foi levada a cabo, está, ou deve estar, nas mãos de todos os que fora, ou mesmo dentro de Portugal, se consagram ao estudo do portuguez; e uma contradicção tácita a preceitos alli formulados poderia ser considerada como desconhecimento ou menosprêzo dêsse livro, que, sem vislumbre de dúvida, faz época como instrumento de ensino histórico do portuguez, e avulta preeminente na collecção de que faz parte, pelo que diz respeito á phonologia, á morphologia e á etymologia dos vocábulos, únicos pontos que teve em vista o autor.





TRANSCRIÇÕES PHONÉTICAS  
DAS  
TRÊS PRIMEIRAS ESTÂNCIAS DOS LUSÍADAS  
CONFORME A  
PRONÚNCIA ACTUAL DE LISBOA  
E A  
PRESUMÍVEL NO TEMPO DE LUÍS DE CAMÕES

---

(Os vocábulos átonos são transcritos reunidos áquelles a que se prendem  
e de cuja accentuação ficam dependentes)

Edição de 1892

## I

As armas e os Barões assinalados,  
Que da occidental praia Lusitana,  
Por mares nunca de antes navegados,  
Passaram ainda além da Taprobana,  
E em perigos e guerras esforçados,  
Mais do que prometia a fôrça humana.  
Entre gente remota edificaram  
Novo reino, que tanto sublimaram;

## II

E também as memórias gloriosas  
Daquelles Reis que foram dilatando  
A Fée, o Império, e as terras viciosas  
De África e de Ásia andaram devastando;  
E aquelles, que por obras valerosas  
Se vão da lei da morte libertando—  
Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte!

## III

Cessem do sábio Grego e do Troiano  
As navegações grandes, que fizeram;  
Cale-se de Alexandro e de Trajano  
A fama das victórias que tiveram:  
Que eu canto o peito illustre lusitano,  
A quem Neptuno e Marte obedeceram;  
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta.

## Pronúncia actual

## I

qzármaq iñz̄v̄arv̄iz asinalád̄os,  
 k̄ed̄q̄osid̄entát̄ práiq̄ lozilánq̄,  
 p̄rmár̄iz̄ n̄n̄kq̄ d̄ántiz̄ navegád̄os,  
 p̄qsár̄aũ q̄and̄al̄ain̄ datq̄p̄rob̄ánq̄;  
 iã̄imper̄iḡoz̄ iguerr̄az̄ is̄forsád̄os,  
 màiz̄ d̄ok̄é p̄rm̄et̄iã̄ f̄ors̄q̄ ùm̄ánq̄,  
 ěntrē j̄ĕnt̄ē r̄em̄ót̄q̄ id̄ē fikár̄aũ  
 nôv̄ō r̄q̄in̄ō ket̄ánt̄ō sūblimár̄aũ;

## II

it̄amb̄ã̄i q̄z̄m̄em̄óriã̄z̄ glorióz̄q̄z̄  
 dāqūel̄iz̄ r̄q̄is̄ k̄ef̄or̄ã̄in̄ dilat̄ã̄nd̄ō  
 q̄f̄é, ù̄imp̄ériq̄, iq̄st̄ér̄q̄z̄ visióz̄q̄z̄  
 diã̄f̄rikā idiã̄zī ànd̄ar̄ã̄in̄ dev̄q̄st̄ã̄nd̄ō;  
 iq̄qūel̄iz̄ k̄ep̄or̄ó̄br̄az̄ val̄eróz̄q̄z̄  
 sev̄ã̄in̄ dāiq̄ī dam̄ort̄ē lib̄ert̄ã̄nd̄ō;  
 k̄ã̄nt̄ã̄nd̄ũ is̄p̄q̄l̄har̄q̄ī p̄ort̄ód̄q̄ p̄ar̄t̄,  
 sīq̄at̄ã̄nt̄ō mīq̄jud̄ar̄ ù̄j̄ã̄nh̄ō iã̄rt̄.

## III

S̄ésã̄in̄ d̄osáb̄iq̄ gr̄egũ̄ id̄ot̄rōiã̄n̄ō  
 q̄z̄n̄aveḡq̄s̄d̄īz̄ gr̄ã̄nd̄iz̄ k̄ef̄iz̄er̄ã̄i;  
 k̄ã̄l̄es̄ē diã̄q̄l̄ã̄ã̄nd̄r̄ũ̄ id̄et̄r̄q̄j̄ã̄n̄ō  
 q̄f̄ã̄m̄q̄ dāz̄vil̄óriq̄z̄ ket̄iv̄er̄ã̄i;  
 quīẽũ̄ k̄ã̄nt̄ ù̄p̄q̄it̄ũ̄ il̄úst̄rē lōzit̄ã̄n̄ō,  
 q̄k̄ã̄ī n̄et̄ũ̄n̄ũ̄ im̄ã̄rt̄ ò̄b̄ēd̄es̄er̄ã̄i;  
 s̄es̄ē t̄ũ̄d̄ũ̄quiã̄m̄ũ̄z̄ à̄nt̄iḡã̄ k̄ã̄nt̄q̄,  
 quīȭtr̄q̄ val̄l̄or̄ mà̄iz̄ã̄ã̄t̄ō sīq̄l̄ev̄ã̄nt̄q̄

Edição de 1572

## I

As armas, & os barões affinalados,  
 Que da Occidental praya Lusitana,  
 Por mares, nunca de antes nauegados,  
 Passaram, ainda alem da Taprobana,  
 Em perigos, & guerras esforçados,  
 Mais do que prometia a força humana:  
 Entre gente remota edificaram  
 Nouo Reino, que tanto sublimáram.

## II

E tambem as memorias gloriosas  
 Daquelles Reis, que foram dilatando  
 A Fee, o Imperio, & as terras viciosas  
 De Africa, & de Asia, andaram deuaftado  
 E aquelles que por obras valerosas  
 Se vão da ley da Morte libertando.  
 Cantando espalharey por toda parte,  
 Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

## III

Ceffem do fabio Grego & do Troyano,  
 As nauegações grandes que fizeram:  
 Callesé de Alexandro, & de Trajano  
 A fama das victorias que tiueram,  
 Que eu canto o peyto illustre Lusitano,  
 A quem Neptuno, & Marte obedeceram:  
 Cesse tudo o que a Musa antigua canta,  
 Que outro valor mais alto se aleuanta.

## Pronúncia do seculo XVI

## I

azármaz iõzbarõiz asingládõs,  
 keçadõsidẽntãt práia luzitãõ,  
 pormárẽz nõakõ diãntẽz navegádõs,  
 paçárãũ gindalẽin dataprobãõ;  
 õimpeçrigõz iguerraz esforsádõs,  
 mãizdõkẽ prometiã fõrsõ umãõ,  
 õntre jẽntẽ fẽmõtõ idifikárãũ  
 nõõõ fẽiõõ ketãntõ sublimárãũ :

## II

itãmbẽi azmemóriãz gloriõzõz  
 daquẽlẽz fẽiõ keçfõrãũ dilãtãndõ  
 afe, õimpériõ; iãstẽtrẽz visiõõz  
 diáfrikõ idiãzi andãrãũ devãstãndõ;  
 iãquẽlẽz keçpõrõbrãz valerõõz  
 seçãũ dõlẽi dõmõrtẽ libertãndõ;  
 kãntãndõ eçpãlharẽi portõdõ pãrtẽ,  
 siãtãntõ miãjudãr õẽjẽnhõ iãrtẽ.

## III

sẽsẽin dõçãbiõ grẽgũ idõtrõãõ  
 aznaveçgãõiz grãndẽz keçfizãũ;  
 kãlẽsç diãliããndrũ idõtrõãõ  
 aãmã dãçvitõriãz ketivãũ;  
 quiẽũ kãnt õpẽitũ ilũstrẽ luzitãõ,  
 aguçẽi nẽtũnũ imãrti õbẽdẽsãũ;  
 sẽsç tũdũquiãmũz antigã kãntõ  
 quidõtrõ valõr mãizãtõ siãlẽvãntõ



# OS LUSÍADAS

## CANTO PRIMEIRO

1. *Lusitânia* é o nome antigo (em diferentes épocas) de toda a faixa occidental da península ibérica, portanto abrangendo a maior parte do território do Portugal de hoje; *lusos*, ou *lusitanos* (habitantes da Lusitânia), aqui, no poema, significam o mesmo que «portugueses»; *Lusíadas* (vocábulo adoptado pelo Poeta para título d'êste seu poema épico\*) significa «os lusitanos illustres» — a «história dos gloriosos feitos dos portugueses», principalmente dos que foram companheiros de Vasco da Gama na viagem da descoberta da Índia pelo Cabo da Boa Esperança.

Comparem-se os seguintes títulos:

*Eneida* (poema de Vergílio), que contém a narração dos grandes feitos de *Eneas* (príncipe troiano, que o poeta latino celebra como heroe e progenitor dos romanos).

*Iliada* (poema grego, attribuído a Homero), que se occupa especialmente dos feitos notáveis acontecidos por occasião da guerra de Troia (*Ilión* era o nome grego da mesma cidade).

Na opinião, que aceitamos, do sr. Leite de Vasconcellos, o vocábulo *Lusíadas* é formado por analogia com *Aeneadas* (acc. pl. de *Aeneades*) os descendentes de *Eneas*, os romanos, etc., e com *Iliadas* (acc. pl. de *Iliades*, os descendentes de *Ilus*, os troianos, significando portanto *Lusíadas* os «filhos de Luso», segundo a lenda contada adeante pelo Poeta (III, 21).

2. *Cantos*, as principaes divisões materiaes ou partes de um poema (litt. concôrto e harmonia de vozes: hymnos, cánticos, cantares, canções, etc.)

---

\* *Poema épico* (o mesmo que epopeia) — a narração em verso de acções grandes e heroicas; *poema*, obra em verso com certa extensão e entrecho; *épico*, próprio da epopeia.

## I

As armas, e os Barões assinalados,  
 Que da occidental praia Lusitana,  
 Por mares nunca de antes navegados,  
 Passaram ainda além da Taprobana,  
 E em perigos e guerras esforçados,  
 Mais do que prometia a força humana  
 Entre gente remota edificaram  
 Novo reino, que tanto sublimaram;

1 e 2) *armas* (fig.), os exércitos, os actos praticados por esses exércitos (portugueses) || *Barões* (arch.), varões, (litt. so nobres que serviam na milícia) || *assinalados*, notáveis, egrégios, illustres || *occidental praia lusitana* (fig.), as praias de Portugal; porque a este reino corresponde uma parte da antiga Lusitânia; *occidental*, o que está mais ao occidente da Europa.

3 e 4) *nunca de antes*, nunca antes: mares, aos quaes nunca tinham ido navios da Europa antes dos portugueses: diziam os clássicos *o dia de antes*, o dia precedente áquelle de que se fallava || *Taprobana*, a ilha de Ceilão, no oceano Índico. Foi assim denominada pelos antigos, que acceitaram, modificando-o, o nome indigena. Cf. Vasconcellos Abreu, *Fragments d'une tentative de estudo scolastico da epopeia portuguesa*, Lisboa 1880, pag. 39 e seg.

5) *esforçados*, animosos, valorosos, intrépidos: e que, esforçados — e que, sendo (ou porque eram) esforçados, edificaram...

6) *promettia*... mais do que era de esperar de forças humanas. Diziam os antigos: «prometter de alguém grandes cousas» = esperar grandes cousas de alguém.

7) *gente remota* (fig.), gente de regiões longínquas || *edificaram*, constituíram, criaram.

8) *Novo reino*, mais um empório (o da Índia portuguesa) || *sublimaram*, exaltaram, engrandeceram.

Obs. O sentido da est. 1 liga-se ao da est. 2; e nesta é (v. 7) que está o verbo da oração principal: Espalharei (celebrarei)... as armas e os barões... que, [partido] da... praia lusitana, passaram... ainda além da Taprobana, e [que] esforçados... edificaram... [um] reino novo...; e também [tornarei célebres] as memórias... daquelles reis que foram dilatando a fé... e [que] andaram devastando as terras... de Africa e de Asia; [e tornarei célebres finalmente] aquelles [barões] que se vão libertando da lei da morte por obras valerosas.



## II

E também as memórias glori'osas  
 Daquelles Reis, que foram dilatando  
 A Fée, o Impériõ; e as terras vici'osas  
 De África e de Ásia andaram devastando;  
 E aquelles, que por obras valerosas  
 Se vão da lei da morte libertando—  
 Cantando espalharei por toda a parte,  
 Se a tanto me ajudar o engenho e arte!

1) *memórias* (fig.), os actos, os feitos que deixam memória, que não são esquecidos.

2 e 3) *dilatando a Fée* (arch. = *fê*), propagando a crença nos dogmas da religião christã, augmentando o numero de pessoas no grémio desta religião || *reis*: allude-se a D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, D. João II, D. Manuel e D. João III, em cujos reinados se fizeram conquistas importantes, primeiro em África e depois na Ásia—seculos xv e xvi || *impériõ*, domínio (lusitano) || *terras viciosas* (fig.), povos bárbaros.

4) *andaram devastando* (fig.), andaram castigando (litt. assolando, destruindo); o verbo *andar*, que tem numerosas significações, está empregado, aqui, como auxiliar para exprimir a frequência com que os reis combatiam para augmentar o território portuguez; como se disséssemos «devastaram constantemente». No mesmo sentido está empregado o verbo *ir* nos versos 2 e 6.

5) *por*, por meio de || *valerosas* (arch.) = valorosas; obras de valor, actos de virtude, de intrepidez.

6) Quem praticou actos de valentia, de abnegação em favor da pátria não morreu na lembrança das gerações que lhe succederam, porque deixou perpétua memória de si: é este o sentido que tem as palavras «libertando-se da lei da morte». Allude-se aos heroes que vão mencionados em todo o poema.

7) *Cantando*, narrando em verso, e com o louvor devido || *espalharei* (divulgarei), tornarei conhecidos, célebres.

8) *engenho e arte*, o talento e o saber.

## III

Cessem do sábio Grego e do Troiano  
 As navegações grandes, que fizeram;  
 Cale-se de Alexandro e de Trajano  
 A fama das victórias, que tiveram:  
 Que eu canto o peito illustre lusitano,  
 A quem Neptuno e Marte obedeceram;  
 Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
 Que outro valor mais alto se levanta.

1) *Cessem as navegações* (fig.), não fallemos das navegações do sábio Grego (porque de nada valem comparadas com as que o Poeta vae narrar) || *Grego*, Ulysses (filho de Laertes, rei de Ithaca, que é hoje Theaki, uma das ilhas Jónias) || *Troiano*, Eneas (filho de Anchises), que deu assumpto á *Eneida*, de Vergilio. V. pag. 1.

3) *Cale-se*, extinga-se (a fama de A. e de T., porque ficou eclipsada pela de illustres varões portuguezes) || *Alexandro*, Alexandre III de Macedonia, cognominado Magno ou o Grande (336 A. C.). *Alexandros* nome grego; em latim *Alexandrum* (accus.); por isso em port. (arch.) se dizia *Alexandro*, e agora *Alexandre* (que é uma forma secundária) || *Trajano*, imperador romano (98-117).

5 e 6) *Que*, porque || *canto*, vou celebrar em verso || *peito* (fig.), o coração, o valor, a intrepidez (dos portuguezes) || *Neptuno* (myth.), deus do mar, ou (fig.) o próprio mar || *Marte* (myth.), deus da guerra, ou (fig.) os exércitos || *obedeceram* (fig.): os mares foram tempestuosos, as guerras foram atrozes; mas os portuguezes continuaram na sua derrota, e venceram os seus adversários na guerra.

7 e 8) *Cesse tudo...* (fig.), ponhamos de parte todos os feitos, que a poesia antiga celebra || *Musas*, divindades pagãs que se invocavam para proteger as artes liberaes; Clio era a musa da História; Euterpe, da Música e da Poesia lírica; Thalia, da Comédia; Melpómene, da Tragédia; Terpsichore, da Dança; Erato e Polýmnia, também da Poesia lírica; Úrano, da Astronomia; e Calliope, da Eloquência e da Poesia heroica. É neste último sentido que se toma, neste verso, a palavra *Musa* (poesia heroica) || *antigua* (arch.), antiga || *valor...* (fig.), outros feitos de maior grandeza (os dos lusitanos) se nos apresentam dignos de menção || *levantar*, forma obsoleta de *levantar*, ainda usada hoje popularmente, e que recommçou modernamente a ser empregada no sentido de *elevantar*.

Obs. Querendo reduzir-se o texto a prosa, sem alterar a syntaxe, será mester attender ás palavras subentendidas: — Cessem as grandes navegações do sábio Grego, e do Troiano, [navegações] que [elles] fizeram; cale-se a fama das victórias de Alexandro e de Trajano, [fama] que [elles] tiveram, porque eu canto, etc.

## VI

E vós, ó bem nascida segurança  
 Da Lusitana-antigua liberdade,  
 E não menos certíssima-esperança  
 De-aumento da pequena Christandade;  
 Vós, ó novo temor da Maura lança,  
 Maravilha fatal da nossa idade,  
 Dada-ao mundo por Deus, que todo-o mande  
 Pera do mundo-a Deus dar parte grande;

1) *bem nascida*, nascida para o bem, nascida em boa hora; feliz || *segurança*, penhor, caução, pessoa que inspira a confiança e dá a certeza de não haver perigo (que o rei a quem o Poeta se está dirigindo é segurança da liberdade de Portugal).

2) *liberdade*, independência || *antigua* (arch.), antiga (porque os antigos lusitanos tinham conseguido a sua independência; liberdade que já vinha de longe).

4) *Christandade*, povos christãos.

5) *temor*: o que o rei inspira, e não o que elle tenha (vós sois mais um rei português que inspira terror aos mouros) || *Maura*, da Mauritània (que corresponde aos Estados chamados barbarescos, Marrocos, etc.) || *lança* (fig.), hostes, exércitos.

6) *Maravilha*, pessoa que causa admiração || *fatal*, providencial, decretada pelo fado, pelo destino.

7) *Dada*: este participio concorda com *maravilha*, e este vocábulo é substituição das palavras subentendidas (8-1) «poderoso rei» || *que todo o mande*, [para] que o mande [governe] todo — idea a que serve de desenvolvimento o verso seguinte.

8) Este verso e os antecedentes devem assim interpretar-se: vós [poderoso rei]... que sois maravilha providencial destes tempos, dada por Deus ao mundo, para que [tão grande maravilha] o governe todo, a fim de dar ao mesmo Deus (i. é., converter á fé christã) uma grande parte desse mundo... || *Pera* (arch.), para (dá-se ao e o som que tem na palavra «scrá»).

Obs. Liga-se o sentido da estancia 6 com o das três seguintes, sendo no 1.º verso da 9.ª que está o verbo da oração principal; o Poeta, acabada a sua invocação ás musas, dirige-se a el-rei D. Sebastião: «E vós ó [poderoso rei, que sois] segurança da liberdade lusitana... (6); vós [que sois] de uma árvore (família) amada por Christo... (7); vós, cujo imperio é o primeiro que o sol alumia... (8), inclinae a majestade dêsse rosto...» (9). A oração principal é, pois, formada por um sujeito com muitos attributos, expressado cada um destes por uma oração incidente.

## VII

Vós, tenro e novo ramo florecente  
 De ãa árvore, de Christo mais amada  
 Que nenhũa nascida no Occidente,  
 Cesárea ou christianíssima chamada  
 (Vêde-o no vosso escudo, que presente  
 Vos amostra a victória já passada,  
 Na qual vos deu, por armas, e deixou  
 As que Elle pera si na Cruz tomou);

1 e 2) *tenro*, juvenil (el-rei D. Sebastião teria 12 ou 13 annos quando foi escripto o poema || *ramo de uma árvore* (fig.), descendente de uma familia || *mais amada de Christo que...* = mais amada por Christo do que... || *florecente* (fig.), esperançoso.

3 e 4) *nenhũa* (arch.), nenhuma || *Occidente* (fig.), Europa || *cesárea* [árvore] de César — titulo dos imperadores romanos; também se intitulou «César» o imperador do Occidente (continuador nominal do império romano e do de Carlos Magno), e a esse alludiria o poeta || *christianíssima* [majestade], titulo dos reis de França.

5 e 6) *escudo*, arma de defesa dos que combatiam com lança, espada ou frechas; nelle se pintavam ou debuxavam símbolos ou signaes, para commemorarem os feitos de quem o usava, ou dos ascendentes. Esses símbolos e desenhos, que se reproduziam igualmente em bandeiras, chamaram-se «armas», «brasão», e também «escudo» — aqui empregado como synónimo destes dois últimos vocábulos. O escudo ou emblema real era então uma cruz azul em campo (fundo) branco || *Vos amostra presente*, vos traz á memória (a cruz no escudo devia lembrar ao rei, que a sua familia era amada por Christo — idea mais ampliada nos dois versos seguintes) || *mostrar* (arch. e pop., obsol. na prosa), mostrar. Cfr. 9-3.

7 e 8) *armas*, as do reino de Portugal; allude-se aos signaes a que se dá o nome de «quinas» (lat. *quini*, a e, a — composto de cinco) ou as «cinco chagas» — as que recebeu Christo. Com tal emblema se commemora a crença do apparecimento de Jesus (crucificado) ao fundador da monarchia, promettendo-lhe a victória na batalha de Ourique, a qual, segundo a tradição, concorreu para que Portugal se tornasse independente.

Obs. Continuando a dirigir-se a el-rei D. Sebastião, o Poeta affirma que o juvenil monarcha e os seus antepassados são mais favorecidos pela Providência do que os poderosos reis de França ou do que os imperadores do Occidente, e a prova disso é que o próprio Jesus deu e deixou por armas, ao primeiro rei português, os symbolos, que o mesmo Jesus tomara para si — a cruz em que foi crucificado e as chagas do seu martyrio.

## VIII

Vós, poderoso Rei, cujo alto império  
 O Sol, logo em nascendo, vê primeiro  
 (Vê-o também no meio do Hemisphério,  
 E, quando dece, o deixa derradeiro);  
 Vós, que esperamos, jugo e vitupério  
 Do torpe Ismaelita cavalleiro,  
 Do Turco oriental e do Gentio  
 Que ainda bebe o licôr do santo Rio;

1 e 2) *alto* (fig.), grande, extenso; emprega-se uma dimensão (altura), por outras (superfície) || *império*, domínio || *logo em nascendo* (expressão obsol.), logo que nasce, logo ao nascer || *vê* (fig.), alumia; personificação do sol || *primeiro*, primeiramente (antes de alumiar outros países).

3 e 4) *Vê-o também...* [o sol] também o alumia (ao império lusitano) no equador || *Hemisphério* (fig.), a esphera terrestre (a parte pelo todo) || *no meio* (della), onde o equador a divide em duas partes (hemisphérios Norte e Sul) || *derradeiro*, último, últimamente || *deixa-o derradeiro*; é o último [império] que alumia (o ultimo por onde passa) || *dece* (arch. e vulg.), desce.

O domínio português é tão vasto — vem a dizer o Poeta — que o sol o alumia constantemente: primeiro, quando nasce (na Índia); depois, quando chega ao zenith, na zona equatorial (costa de Moçambique, S. Thomé, Costa da Mina, Guiné, Angola, etc.); e por último, quando declina e chega ao Occidente (Brasil). O Poeta segue as theorias de Ptolemeu sobre o systema do universo, comquanto provavelmente conhecesse as de Copérnico, a esse tempo muito impugnadas; entretanto em alguns logares, como succede neste, usa da linguagem dos tempos mythológicos, em que se imaginava a terra furada de lado a lado, saíndo o sol, todos os dias, por um dos lados (nascimento, ao oriente), e entrando por outro (ocaso, ao poente).

5 e 6) *que esperamos...*, que esperamos [sereis] jugo = sereis, [o] que esperamos, jugo..., i. é. subjugareis || *vitupério*, humilhação (humilhareis) || *torpe*, immundo, vil || *Ismaelita*, descendente de Ismael, que, segundo o velho testamento, era filho de Abrahão e de uma escrava chamada Agar, a qual, fugindo para o deserto da Arábia, teve doze filhos, que constituiram outras tantas tribus; *ismaelita* tem, aqui, a mesma significação que «mussulmano, mahometano, agareno, mauritano, mauro»; (fig.), os mouros (singular pelo plural): «mahometanos,» porque Mohammed (Mahamede,

## IX

Inclinaí por um pouco a majestade  
 Que nesse tenro gesto vos contemplo,  
 Que já se mostra qual na inteira idade,  
 Quando subindo ireis ao eterno templo;  
 Os olhos da Real benignidade  
 Ponde no chão: vereis um novo exemplo  
 De amor dos pátrios feitos valerosos,  
 Em versos devulgado numerosos.

---

Mafamede, Mafoma, Mahomet), descendente de uma daquellas tribus, intitulado-se propheta de Deus (601) fundou o islamismo (deriv. de *islam*, que em árabe significa submissão, obediência), religião seguida na Mauritânia (cfr. 6-5, nota); «agarenos» por serem descendentes de Agar; «mouros», porque esta palavra é synónyma de mauritanos ou mauros; «mussulmanos», porque seguem a religião de *islam* || *cavalleiro* (fig.), as hostes de cavallaria (porque os mauritanos a empregavam nas guerras).

7 e 8) *Turco oriental* (fig. singular pelo plural), os turcos da Ásia (oriental), que eram tártaros mahometanisados, e auxiliavam os seus correligionários no Hindostão contra os portugueses || *Gentio*, gentes idólatras, pagãos, bráhmaes, etc., habitantes da Índia || *licor*, líquido (a água) || *santo Rio*, o Ganges—que nasce no Himalaia e desagua no golpho de Bengala (3:000 kilom.); *santo*, porque os hindus suppõem que, banhando-se nelle, ficam purificados de todos os peccados.

---

1 e 2) *majestade*, superioridade, expressão de grandeza que inspira respeito (aqui não significa o titulo que se dá aos reis): baixae da vossa superioridade — imagem da attenção do rei, que se suppõe occupada em pensamentos elevados || *tenro gesto*, rosto juvenil (cfr. «tenra idade», expressão muito usada).

3 e 4) *Que*; refere-se a «majestade» e não a «gesto» || *quãl na... idade*, como [será] na idade completa, na virilidade || *Quando* = em que; na idade em que *haveis de ir* subindo... é um vaticínio; tem a phrase muito mais fôrça do que se disséssemos «quando fordes» || *templo eterno* (fig.), a glória: divisava-se no rosto juvenil do rei um aspecto de tanta superioridade, como se elle tivesse já muitos annos, e houvesse praticado feitos gloriosos, para que estava pre-

## X

Vereis amor da pátria não movido  
 De prémio vil, mas *alto* e quasi eterno;  
 Que não é prémio vil ser conhecido  
 Por um pregão do ninho meu paterno.  
 Ouvi: vereis o nome engrandecido  
 Daquelles de quem sois senhor superno;  
 E julgareis qual é mais excellente,  
 Se ser do mundo rei, se de tal gente.

destinado ou como se tivesse chegado ao limite natural de uma vida longa, e aureolado fosse em caminho do céu (da bem-aventurança).

5 e 6) *Ponde os olhos no chão*: (fig.), quasi a mesma idea dos versos 1 e 2; pedido feito ao rei, para que do alto do throno baixe benignamente os olhos para o chão, onde está o Poeta; não o receba com severidade, e lhe ouça com attenção o poema. Camões expressa, dêste modo, perante a realza a sua reverencia || *ново*, renovado, mais um || *exemplo de amor*, acção que prova o amor.

7 e 8) *amor dos pátrios feitos*, o aprêço do Poeta pelas acções heroicas dos portuguezes || *devulgado* (arch.), divulgado; concorda com «amor» || *numerosos*, cadentes, harmoniosos (aqui, o vocábulo não significa «muitos»).

2) *vil*, mesquinho, insignificante || *alto e quasi eterno*, digno e duradouro (circumlóquio, para significar «a fama gloriosa» de perpetuar, com os seus versos, os feitos dos portuguezes).

3 e 4) *Que*, pois || *pregão* (fig.), a acção de louvar (litt. discurso feito em público) || *ninho paterno* (fig.), a pátria — ninho (fig.), a casa em que se dá o nascimento e a criação; *paterno*, pátrio, da pátria, todos latinos, e derivados de *pater*, «pae».

6) *superno*, supremo, absoluto.

Obs. Affirma o Poeta a el-rei D. Sebastião, que, escrevendo os *Lusíadas*, não foi incitado pela esperanza ou com o fim de obter quaesquer dádivas humanas — todas seriam mesquinhas; o que elle deseja é a glória (o prémio eterno) de ser conhecido das gerações futuras por ter louvado altamente, e com justiça, as virtudes e os feitos dos varões que nasceram no seu país; el-rei, ouvindo-o, convencer-se-há das grandes virtudes dos seus súbditos, e ha de ufanar-se mais de ser delles o senhor, do que se fosse rei do resto do mundo.

## XI

Ouvi: que não vereis com vãs façanhas,  
 Phantásticas, fingidas, mentirosas,  
 Louvar os vossos, como nas estranhas  
 Musas, de engrandecer-se desejosas:  
 As verdadeiras vossas são tamanhas,  
 Que excedem as sonhadas, fabulosas;  
 Que excedem Rodomonte e o vão Rugeiro,  
 E Orlando, ainda que fôra verdadeiro.

---

1 e 2) *façanhas*, feitos heroicos, que demandaram grande esforço, virtude, sciência || *vãs* (fig.), inventadas || *Phantásticas*, que não existiram, que foram phantasiadas, imaginadas.

3 e 4) *estranhas Musas* (fig.), poetas estrangeiros, de outros países (Ariosto, e outros que eram lidos no tempo de Camões) || *vossos*, subentende-se «súbditos».

5) *vossas* (fig.), dos vossos súbditos.

7 e 8) *Rodomonte*, *Rugeiro*, *Orlando*, personagens do poema intitulado «Orlando Furioso» do célebre poeta italiano Ariosto (1474-1523); são individualidades que só tiveram existência na mente dos poetas, e que se descrevem como tendo sido paladinos esforçados. O primeiro nome, que também se encontra escripto «Rhodomonte e Rhodamonte», usa-se ainda hoje em França para caracterisar um fanfarrão. O segundo nome diz-se hoje «Rogério»; o terceiro é a forma italiana, que os francezes dizem «Rolland» e os portuguezes «Roldão». Este paladino (sobrinho de Carlos Magno) foi também celebrado pelos antigos chronistas francezes; delle se contava ter com a sua espada terrível — que chamavam Durandal, donde vem o nosso vocábulo burlesco «durindana» — dado uma cutilada numa rocha de Roncesvalles, abrindo uma fenda, que se ficou chamando «a brecha de Roldão» || *vão* (fig.), que não existiu || *inda que fôra verdadeiro*, ainda que fosse verdadeira a sua existência.

---

1 e 2) *Por estes vos darei...*, em vez de vos fallar dessas individualidades [das que só existiram na phantasia de poetas], exporei á vossa contemplação... || *Nuno* (D.) Álvares Pereira: prestou serviços notáveis no tempo de D. Fernando, pelejando contra os castelhanos quando estes bloqueavam Lisboa; com D. João I, foi condestável do reino (o primeiro pôsto militar); e, como denodado cabo de



## XII

Por estes vos darei um Nuno fero,  
 Que fez ao rei e ao reino tal serviço,  
 Um Egas e um Dom Fu'as, que de Homero  
 A Cithara, p'ra elles, só cobizo;  
 Pois, polos doze Pares, dar-vos quero  
 Os doze de Inglaterra e o seu Magriço;  
 Dou-vos também aquelle illustre Gama,  
 Que, para si, de Ene'as toma a fama.

guerra, pode dizer-se que abriu com a espada o caminho para esse rei subir ao throno. Uma lenda a seu respeito serviu de assumpto ao drama de Garrett, «O Alfageme de Santarém» (v. IV-14) || *fero*: aqui não significa «feroz», «deshumano», mas sim «denodado», «ativo» (é o *ferus* lat., o *fiero* ital. e cast., o *fier* fr.).

3 e 4) *Egas Monís*, aio de D. Afonso Henriques, e que arriscou a vida por amor delle, e por princípios de brio e lealdade (v. III-35) || *Fuas* [Roupinho]: é a quem as chónicas attribuem a defesa notável do Porto de Moz e o ter alcançado grandes victórias navaes em Africa || *Dom*, título honorifico, que tinham os reis de Portugal ou as pessoas a quem os mesmos reis davam esse privilégio (lat. *dominus*, «senhor») || *Cithara* (fig.), inspiração poética (antigo instrumento; símbolo da poesia).

5 e 6) *Pares*: os doze nobres que o imperador do Occidente, e rei de França, Carlos Magno (771-714), levou consigo á guerra, e que elle considerava iguaes a si (*pares* lat. significa «iguaes») || *doze de Inglaterra*, os doze portugueses que foram a Inglaterra combater com outros tantos inglezes, (v. VI-46 e seg.); as palavras «e o seu» querem dizer, «comprehendido o seu»; a conjuncção *e* serve para realçar a valentia de Magriço (*O texto dos Lusíadas*, etc., já cit., pag. 24).

7 e 8) *Gama* [Vasco da], o insigne e celebrado navegador português (1469-1524), que descobriu o caminho das Indias pelo cabo da Boa Esperança, e cuja viagem de descoberta principia a ser narrada neste primeiro canto || *Eneas*, principe troiano (o heroe da «Eneida» de Vergílio) que pelejou com valentia contra os gregos no cerco de Troia, e que depois foi para o Lácio (Itália), do que vem a tradição de attribuirem os romanos a sua origem aos troianos.

Obs. Attenda-se nos primeiros quatro versos ás palavras subentendidas: Por estes [varões] dar-vos-hei... um Nuno, que fez ao reino... tal (tão grande) serviço—e dar-vos-hei um Egas e um D. Fuas [que também fizeram tantos serviços]—que só para elles (sómente para celebrar esses heroes) cobizo a cithara (a inspiração) de Homero (do grande poeta grego); *tal* no 2.º verso é correlato de *que* no 3.º

## XIII

Pois se a trôco de Carlos, rei de França,  
 Ou de César, quereis igual memória,  
 Vêde-o primeiro Affonso, cuja lança  
 Escura faz qualquer estranha glória:  
 E aquelle que a seu reino a segurança  
 Deixou com a grande e próspera victória:  
 Outro Jo'ane, invicto cavalleiro,  
 O quarto e quinto Affonsos e o terceiro.

1 e 2) *se a trôco de... quereis...*, se quereis que vos falle de portugueses tão illustres como Carlos ou César... || *Carlos* Magno (742-814), notável como conquistador, como político, e como protector das letras. De raça germânica, e apesar de semibárbaro foi elle quem estabeleceu o limite onde começaram a melhorar-se a sociedade antiga e os costumes bárbaros, e para assim dizer iniciou a civilização moderna. Vindo a ser imperador do Occidente, reformou a Igreja de accôrdo com o Papa, exterminou cruelissimamente os saxões, conteve os árabes, destruiu na Italia o reino dos Lombardos || *César* [Júlio], célebre general romano; guerreiro e conquistador 101-44. A. C.); absorveu todos os poderes em Roma; foi notável escriptor; importantes são os seus *Commentários*, memórias históricas || *memória*, lembrança.

3 e 4) *Affonso I*, o fundador da monarchia portuguesa || *lança* (fig.), feitos militares || *faz escura qualquer...* (fig.), é mais brilhante do que qualquer... || *estranha*, de estrangeiros.

5 e 6) *E aquelle [rei] que*: allude-se a D. João I (1357-1463); percebe-se que é este monarcha, por causa do circumlôquio (a referência á próspera victória), e por causa das palavras «outro Joane» do v. 7; *outro* deixa subentender que já tinha fallado de um do «mesmo nome». Com effeito D. João I consolidou a independência da pátria ganhando a decisiva batalha de Aljubarrota—em cuja memória mandou construir o grandioso mosteiro da Batalha (conc. de Alcobaça); tomou Ceuta, e iniciou o caminho das famosas navegações que deram renome aos portugueses: no seu reinado se descobriu o archipélago da Madeira, o dos Açores e o de Cabo Verde || *segurança* (fig.), independência. No verso 6.º a terceira syllaba métrica é «com a» = «cô a».

7 e 8) *Joane*: é a forma primitiva de «João» (lat. *Johannes*). Allude-se ao rei D. João II (1455-1495) que practicon actos de extraordinário valor na batalha de Toro (Hespanha); no seu reinado foi descoberto Benim (Guiné), o Congo e o cabo da Boa Esperança ||

## XIV

Nem deixarão meus versos esquecidos  
 Aquelles que, nos reinos lá da Aurora,  
 Se fizeram por armas tão subidos,  
 Vossa bandeira sempre vencedora:  
 Um Pacheco fortíssimo, e os temidos  
 Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;  
 Albuquerque terrível, Castro forte . . .  
 E outros em quem poder não teve a morte.

*invicto*, nunca vencido; porque além de vencedor nas batalhas, destruiu sempre as numerosas tramas e intrigas que moveu contra elle a nobreza || *Affonsos*: D. Affonso III (1210-1279) que libertou o Algarve do jugo dos mouros, conquistou algumas villas da Andaluzia, e promulgou leis notáveis sobre commercio e agricultura; D. Affonso IV (1291-1357) que, com um trôço de portuguezes, defendeu Castella de um poderoso exército mouro—capitaneado pelo rei de Granada, que pretendia restabelecer o dominio serraceno—e ganhou uma notável victória nas margens do Salado (campos de Tarifa); e Affonso V (1432-1435) que conquistou Alcácer Seguer, Arzila e Tânger (cfr. III-94 e 38, V-54).

Obs. Pois, se quereis . . . vêde o primeiro Affonso; . . . e vêde aquelle [D. João I] que . . . [vêde] outro Joane [D. João II] . . . e [vêde] os Affonsos III, IV e V.

1 e 2) *Aurora* (fig.), o Oriente, as Índias — porque a aurora é a primeira claridade que se descobre a oriente antes de nascer o sol.

3 e 4) *fizeram-se subidos*, tornaram-se notáveis, elevaram-se (pelas armas, pelos seus feitos na guerra) || *Vossa bandeira* . . . , [sendo a] vossa bandeira sempre vencedora.

5 e 6) *Pacheco*: é Duarte Pacheco Pereira, o defensor de Cochim (reinado de D. Manuel), que venceu o Çamorim (rei do Malabar e Calecute), e a quem chamavam o Achilles Lusitano, o Sansão portuguez || *Almeidas*: são D. Francisco de Almeida e seu filho D. Lourenço de Almeida; o primeiro (que foi vice-rei da Índia) desbaratou árabes, persas e turcos, vindo a ser morto nas praias africanas, o segundo morreu heroicamente no porto de Chaúl, pelejando contra as armadas do Egypto e de Cambaia; cfr. X-26 e 27.

7 e 8) *Albuquerque*: é o grande Affonso de Albuquerque—o vice-rei da Índia que mais dilatou o empório luso-asiático, alcançando

## XV

E enquanto eu estes canto, e a vós, nam posso,  
 Sublime rei, que nam me atrevo a tanto,  
 Tomai as rédeas, vós, do reino vosso,  
 Dareis matéria a nunca ouvido canto;  
 Comecem a sentir o pêso grosso  
 (Que polo mundo todo faça espanto)  
 De exércitos e feitos singulares,  
 De África as terras, e do Oriente os mares.

brilhantíssimas victórias sôbre persas, malabares e turcos (cfr. X 45) || *terribil* (arch., do lat. *terribilis*, terrível, temível || *Castro*: é D. João de Castro, também vice-rei da Índia (no reinado de João III), e que se tornou igualmente notável pelos feitos ahi praticados, e descriptos minuciosamente por Jacyntho Freire de Andrade (cfr. X-57) || *outros em quem a morte não teve poder*: outros que se immortalisaram (cfr. 2 e 6), que, apesar de terem morrido, se conservam na memória de todos, como se ainda vivessem.

Obs. Os meus versos nem (tambem não) deixarão esquecidos aquelles que se fizeram subidos pelas armas... [nem deixarão esquecidos] Pacheco... Almeidas... [nem] Albuquerque... Castro... e outros, etc.

1 a 4) *estes*: os varões referidos nas estâncias anteriores (emquanto os vae celebrando...) || *não posso*: subentende-se «cantar-vos» «louvar-vos» — porque o Poeta julga ousadia dirigir elogios ao rei, comquanto no verso 4 e na est. 16 o louve altamente — ornato litterário, a que se dá o nome de «preterição» || *rédeas* (fig.), direcção || *matéria*, assumpto || *canto nunca ouvido*, louvores maiores do que outros quaesquer que tenham sido ouvidos.

5 a 7) *sentir*, saber [qual é] || *pêso grosso* (fig.), domínio inflexível, grande valor || *Que polo mundo...*, [espero] que pelo mundo [esse pêso] faça espanto || *polo* (arch.), pelo; o primeiro o pronuncia-se como o de *polir* || *singulares*, únicos (tão notáveis, que não ha outros semelhantes).

Obs. (v. 4 e seg.): Comecem as terras de África e os mares do Oriente a sentir (a ouvir-me e a saber qual é) o pêso grosso (o grande valor) de exércitos [portugueses] e de [seus] feitos singulares, [valor] que [espero] faça espanto pelo mundo todo.

## XVI

Em vós os olhos tem o Mouro frio,  
 Em quem vê seu exício-afigurado;  
 Só com vos ver, o bárbaro Gentio  
 Mostra-o pescoço-ao jugo já-inclinado:  
 Téthys todo-o cerúleo senhorio  
 Tem pera vós por dote-apparelhado;  
 Que,-affeição-ada ao gesto bello-e tenro,  
 Deseja de comprar-vos pera genro.

1 e 2) *Mouro* (fig.), o imperador de Marrocos, ou, os habitantes da Mauritânia || *frio* (fig.), assustado (porque o medo faz affluir o sangue ao coração, e as extremidades do corpo esfriam) || *exício*, ruína, destruição, morte terrível || *afigurado*, representado, symbolizado. || A construção directa é: «O mouro... tem os olhos em vós, em quem vê...»

3 e 4) *bárbaro*, estranho, não conhecido (aqui não tem a significação commum de «inculto, não civilizado», mas o sentido que davam geralmente os latinos ao vocabulo barbarus, «estrangeiro») || *Gentio* (fig.), os povos da Índia (litt. seria «os pagãos») || *jugo*, canga com que se jungem os bois ao carro ou arado (metáphora que tem aqui relação de semelhança entre esses animaes assim subjugados e os povos vencidos que se submettem ao domínio do vencedor).

5 e 6) *Téthys* (myth.), filha de Úrano e de Vesta, esposa do Oceano, deusa do mar; (não se deve confundir com «Thétis» sua neta; cfr. V-55) || *cerúleo*, côr do céu (epitheto metonymico para designar a côr dos mares, que é geralmente assim) || *senhorio*, domínio, propriedade [da riqueza dos mares] || *apparelhado por dote*, destinado a ser-vos dado em dote.

7 e 8) *Que*, porque || *affeioada*... (ablat. orac.), porque [sendo] affeioada... || *ao gesto*... *tenro*, ao [vosso] rosto... juvenil || *comprar-vos pera genro* (fig.), dar-vos, em dote, a riqueza dos mares, para casardes com as filhas da deusa (as Oceanitides) — tal é o aprêço em que ella tem o monarcha lusitano. No c. IX, in fine, e c. X. in princ., tambem se finge o casamento de Vasco da Gama com Thétis e o dos companheiros com as Nereidas; na antiga Veneza simulava-se annualmente o casamento da cidade com o Adriático — cerimonia acompanhada por luzidas festividades públicas || *Deseja de*... , tem o desejo de... (alguns verbos, com a prep. *de*, tem a força de auxiliares de infinito, cfr. 24-5, 80-5 e *passim*.)

## XVII

Em vós se vem, da Olympica morada,  
 Dos dous Avôs as almas cá famosas;  
 Ûa, na paz angélica dourada;  
 Outra, polas batalhas sanguinosas:  
 Em vós esperam ver-se renovada  
 Su'a memória e obras valerosas;  
 E lá vos tem logar no fim da idade,  
 No templo da suprema eternidade.

1 e 2) *se vem*, se revêem (como em um espelho) || *da Olympica morada*, as almas... que estão na olympica morada...; cfr. com expressões usuaes, como esta: «da janella vimos passar as tropas»; || *Olympica* (fig.), celeste, divina, (porque o Olympo — montanha da Grécia — chegava ao céu segundo a fábula, e era a morada dos deuses || *dous Avôs*: allude-se a D. João III e ao imperador Carlos V: o primeiro, avô paterno, cujo reinado (1521-1557) foi próspero (v. 3), o segundo, avô materno — o rei de Hespanha, e depois imperador da Allemanha (1519), que teve a ambição de exercer o dominio universal, sustentando para esse fim luctas sangrentas (v. 4) || *cá*, na terra (em contraposição a «morada celeste») || *famosas*, celebradas com boa fama.

3 e 4) *Ûa... Outra...*: uma [famosa] na paz; outra [famosa] pelas batalhas; *ũa*, aqui, é dissyllabo || *angélica* (lat. angelus, anjo), como se fosse de anjos || *dourada* (fig.), feliz — allusão ao reinado de D. João III; diz-se «idade de ouro» a época em que os homens viviam felizes e em paz, segundo a ficção dos poetas.

5 e 6) *Em vós...*; [os dois avôs] esperam ver-se (rever-se) em vós, [sendo] renovada [a] sua memoria e [renovadas] as obras valerosas que elles praticaram. O verso 6 é composto das seguintes syllabas métricas: su-a-me-mo-ri'-o-bras-va-le-rosas || *valerosas*: vid. 2-5, e cfr. «temerosas» por «temorosas».

7 e 8) *no fim da [vossa] idade*, quando perecerdes || *templo da suprema eternidade* (fig.), o Céu, a morada do Deus supremo; por ficção poética, o logar onde habitam as almas dos heroes, dos que praticaram feitos gloriosos; o vocábulo «templo» designa (litt.) o monumento religioso erigido em honra da divindade; dahi procede a ficção de um «monumento eterno» nas regiões celestes.

Obs. As almas dos [vossos] dous avôs, [de lá] da olympica morada, vêem-se (estão-se revendo) em vós — [almas] famosas cá [na terra], uma na paz... etc. Elles esperam que o neto pratique acções iguaes ás que elles praticaram — e, por isso, esperam ser lembrados.

## XVIII

Mas, emquanto-êste tempo passa lento  
 De regerdes os povos que o desejam,  
 Dai vós favor ao novo atrevimento  
 Pera que estes meus versos vossos sejam;  
 E vereis ir cortando-o salso-argento  
 Os vossos argonautas, porque vejam  
 Que são vistos de vós no mar irado;  
 E costumai-vos já-a ser invocado.

1 e 2) *Mas...*, emquanto passa êste tempo de regerdes os [vossos] povos—tempo que ha de ser lento (dilatado) como esses povos desejam...

3 e 4) *Dai favor*, protegei, dae incitamento || *atreimento*: tem esta palavra, aqui, a significação de «arrôjo, commettimento, emprehendimento de um fim árduo», e não o sentido vulgar de «falta de respeito»; portanto: dae incitamento a novas descobertas, a novas conquistas, cfr. VII, 14-3, «christãos atreimentos» || *Pera que...* para que estes meus versos sejam vosso louvor (modo indirecto de louvar, porque o Poeta, «não se atreve a tanto», cfr. 15-1 e 2); mas elle celebrará o monarcha, se este intentar empresa digna de ser cantada, cfr. X-155 e 156.

5 e 6) *vereis...* sereis testemunha do que valem os vossos argonautas os de hoje; vereis que são tão exímios como os seus antepassados || *salso* (neolog. do lat. *salsus*), salgado || *argento* (fig. e neologismo), mar; porque este apresenta ás vezes uma superficie que parece prateada (lat. *argentum*, prata) || *argonautas*: deu-se primitivamente esse nome aos heroes gregos que, segundo a fábula contada por poetas da antiguidade, foram, na nau *Argos*, conquistar o Velloçino—carneiro com vellos (pêlos) de ouro—á Cólchide (*Cólquide*), na Ásia, entre o Cáucaso e a Arménia; o vocábulo, aqui, significa, pois—«exímios navegadores».

6 a 8) *porque* = para que (complemento de *dai* e não de *vereis*); dae incitamento a novas viagens, para que os vossos argonautas vejam... || *são vistos de vós...*, que tendes em apêço os vossos súbditos, corajosos na lucta com os mares || *irado* (fig.), tempestuoso || *costumai-vos...* [procedendo assim] sereis invocado desde o principio do vosso governo; o vosso nome há de ser pronunciado como o de um ente superior e poderoso; «invocar» é «chamar alguém em auxilio ou favor, dirigir lhe vozes que festemunham respeito».

## XIX

Já no largo-Oce'ano navegavam,  
 As inqui'etas ondas apartando;  
 Os ventos brandamente respiravam,  
 Das naus as velas cóncavas inchando;  
 De branca-escuma-os mares se mostravam  
 Cobertos, onde-as pro'as vão cortando  
 As marítimas águas consagradas,  
 Que do gado de Próteo são cortadas;

1 e 2) *Oceano*: nome dado ás grandes porções de água que cercam os continentes—O. Glaciaes (boreal e austral), Atlântico, Índico e Pacífico; aqui significa o O. Índico (cfr. 42) || *navegavam*... [os argonautas] navegavam... *apartando* [com as proas dos navios] as ondas... (a proa do navio em andamento parece com effeito que *aparta*, separa em duas a onda que encontra na frente) || *inqui'etas*, porque o mar só parece quieto quando não ha ondas; estas movem-se constantemente.

3 e 4) *respiravam*: sopravam (se diria em linguagem vulgar); mas o verbo *respirar* (lat. *spirare*) significa rigorosamente a impressão táctil e auricular que produz o vento em quem o sente || *inchando*... , enfundando as *cóncavas velas* das naus — (côncavas, do lado em que lhes bate o vento, porque êste deprime-as no centro).

5 e 6) *escuma*: esta é a fôrma rigorosamente etymológica e ainda pop. do vocábulo português, que é de origem germânica (alto allemão antigo *skûm*, fr. *écume*, ital. *schiuma*). Os lat. porém diziam *spuma*, donde vem o escreverem «espuma» alguns AA. portugueses. Os mares «cobertos de escuma» dão idea da velocidade com que as proas das naus cortavam as águas (deixavam atrás de si uma faixa luminosa e esbranquiçada).

7 e 8) *consagradas*, sagradas (allusão á mythol.), por serem habitadas por Neptuno (deus do mar) || *gado de Próteo* (myth.), os peixes em geral, e as phocas: cfr. 52-4; hoje denominam-se «phocas» certos amphíbios que habitam os mares glaciaes, e que não se encontram nas regiões percorridas pelos navegantes a que se está alludindo; mas antigamente era dado esse nome, assim como o de boi marinho, porco marinho, etc., a outros mammíferos, que habitam as zonas temperadas; fig. *gado*, porque esses amphíbios se apresentam em cardumes ao lume de agua, e, vistos em distância, parecem rebanhos || *Próteo*: no canto VII, 85 (em rima) encontra-se *Proteio*, divindade que se disfarça em monstros marinhos || *cortadas* (fig.). sulcadas; as phocas, caminhando á superficie das ondas, parece que as vão cortando.

Obs. Começa nesta estância a narrativa da viagem de Vasco da Gama, estando as naus já no Oceano Índico; o sentido completa-se na estancia immediata: Os argonautas navegavam...; os ventos respiravam...; os mares mostravam-se cobertos de escuma... (xix), quando os deuses... se ajuntavam no Olympo... (xx).



## XX

Quando os Deuses no Olympo luminoso,  
 Onde o governo está da humana gente,  
 Se ajuntam em concilio glori'oso  
 Sobre as cousas futuras do Ori'ente:  
 Pisando o crystallino Céu fermoso,  
 Vem pela vi'a Láctea juntamente,  
 Convocados da parte de Tonante  
 Pelo Neto gentil do velho Atlante.

1 e 2) *Olympo luminoso* (fig.), céo que emite luz || *o governo da gente humana*, aquelles que a governam.

3 e 4) *ajuntam-se*, reúnem-se || *concílio*, reunião ou assemblea extraordinaria, destinada a discutir assumptos graves e importantes; iam discutir sobre as cousas do Oriente (o futuro da Índia, a região que os portuguezes buscavam): iam resolver se devia consentir-se que elles lá aportassem e conquistassem aquelles povos || *concílio*, geralmente tambem significa assemblea religiosa, ou junta de pessoas de alta gerarchia ecclesiástica, presididas por bispos, ou pelo pontífice da igreja cathólica || *glorioso*, luzido, resplandecente — ou (?) composto de quem tinha alcançado glória (dos deuses).

5 e 6) *Vem juntamente*: veem todos juntos, formando cortejo || *via Láctea*, grande faxa (de uma claridade esbranquiçada — «láctea» ou côr de leite), que se observa no firmamento, e na qual se descobrem com o telescópio milhões de estréllas. Chama-lhe o vulgo «estrada de San-Tiago». Fingem os poetas que por esse caminho (lat. *via*, estrada) andavam os deuses da fábula.

7 e 8) *Convocados* = pois tinham sido chamados || *Tonante* (lat. *tonans*, *tonantis*) trovejador — epitheto de Júpiter, a quem se attribua o poder de crear e desencadear as trovoadas. Considera-se, comtudo, aqui, nome próprio, e não epitheto; por isso de Tonante (e não *do*) como se disséssemos da parte de Júpiter. || *Neto gentil*... Mercúrio, mensageiro dos deuses; filho de Júpiter e de Maia; esta, filha de Atlante || *Atlante* (ou Atlas), filho de Júpiter, rei fabuloso da Mauritânia. Tendo recusado hospitalidade a Perseu (outro filho de Júpiter) este, mostrando-lhe a cabeça de Medusa, transformou-o em montanha. Medusa, mulher fabulosa que tinha o poder de petrificar quem para ella olhava, primeiro fôra muito formosa, e tinha lindos cabellos, depois foi um monstro; Minerva, a quem ella offendera converteu-lhe os cabellos em serpentes. Perseu cortou-lhe a cabeça, a qual levava em todas as suas expedições, servindo-se della para petrificar os seus inimigos.

## XXI

Deixam dos sete Céos o regimento  
 Que do poder mais alto lhe foi dado  
 (Alto poder que, só c'ò pensamento,  
 Governa o Céu, a Terra e o Mar irado!);  
 Ali se acharam juntos num momento  
 Os que habitam o Arcturo congelado,  
 E os que o Austro tem e as partes onde  
 A Aurora nasce e o claro sol se esconde.

1 e 2) *Deixam o regimento*, [os deuses] abandonam o governo (=regimento), que lhes fôra confiado por poder superior || *dado do...* = dado pelo... || *sete Céos*: as regiões que os sete planetas (os conhecidos naquelle tempo) percorriam na sua órbita, e que eram: Saturno, Júpiter, Marte, Titão, Vénus, Mercúrio e Diana. Estes nomes eram também os dos entes mythicos que se fingia governarem os mesmos planetas. Attribute-se aos deuses tal interêsse pela viagem de Vasco da Gama, que elles abandonam os negócios do governo celeste para reunirem concílio, e lá decidirem como haviam de ser tratados os navegantes || *lhe* (arch. e usual) = lhes.

3 e 4) *Alto poder* (fig.), Deus grande || *Mar irado* (fig.), mar revólto, encapellado, de grandes vagas.

5 e 6) *Os que habitam o Arcturo congelado*, os deuses que habitam no frio polo do Norte || *Arcturo* (gr.  $\alpha\rho\kappa\tau\omicron\varsigma$ , urso e  $\omicron\upsilon\rho\alpha$ , cauda), estrellá da constellação chamada «Úrsa» (no polo Norte).

7 e 8) *Os que o Austro tem* (fig.), aquelles deuses que teem (governam) as regiões do Sul = os deuses que habitam as regiões do Sul (os latinos chamavam «Austro» ao vento sul || *e as partes onde nasce a Aurora...* (fig.), [e os deuses] que teem (governam ou habitam) as regiões (partes) do Oriente e do Occidente (aquellas donde vem o sol e aquellas onde elle se esconde): iam pois pela via lactea todos os deuses — os do Norte, os do Sul, os do Oriente e os do Occidente — comprehendidos os que governavam os sete céos.

Obs. Já houve quem julgasse errado o verso 7.º, sem attender a que o hiato é muitas vezes intencionalmente empregado na métrica daquelle tempo; a notação que ali deixamos indica a forma da leitura:

E os que o Ans-tro tem e as par-tes on-de  
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

## XXII

Estava-o Padre-ali sublime-e dino,  
 Que vibra-os feros raios de Vulcano,  
 Num assento de-estréllas crystallino  
 Com gesto-alto, severo-e soberano:  
 Do rosto respirava um ar divino,  
 Que divino tornara um corpo humano;  
 Com ãa coroa e sceptrô rutilante  
 De-outra pedra mais clara que diamante.

1 e 2) *Padre* (lat. pater), pae: epitheto de Júpiter, cujo verdadeiro nome era Jove (de Jovis pater ou Zeys pater se fez Júpiter, pae dos deuses) || *dino* (arch.), digno (orthographia conforme a pronúncia do tempo) || *vibra*, despede, arremessa || *feros raios*, raios mortíferos || *Vulcano*, filho de Júpiter e Juno, deus do fogo, forjava os raios de que seu pae se servia (foi precipitado do Olympo por sua mãe; caindo na ilha de Lemnos, resultou-lhe da queda o ficar coixo, e estabeleceu sobre o Etna as forjas em que trabalhava com os Cyclopes).

3 e 4) *Num assento crystalino de estréllas...* brilhante como estréllas || *gesto alto...*, e *soberano*, semblante altivo e majestático (o aspecto de auctoridade suprema).

5 e 6) *respirava*: [Júpiter] respirava (exhalava) do rosto um ar divino (o verbo aqui é activo — comquanto tenha a mesma significação sendo neutro; soltar o ar dos pulmões é o contrário de «aspirar» || *Que tornara divino...*, que divinizaria um (= qualquer) corpo humano [que recebesse o hálito ou sopro delle Júpiter]; é da índole da lingua port. o emprêgo do pret. m. que perf. do indic. pelo condicional.

7 e 8) *rutilante* (lat. rutilans), de côr vermelha ardente, ou também — resplandecente, scintillante: reflectindo com várias côres o brilho, a luz viva dos astros || *outra pedra*: contraposição á pedra «diamante»; «outra» denota a grande differença para mais em clareza, comparada a pedra da coroa e do sceptrô com a do diamante (hypérbole), aliás seria «de uma pedra mais clara...» || *clara*, transparente, diáphana, pura.

Obs. No verso 7 a recitação pede que *ua* seja dissyllabo, se se fizer elisão do primeiro o de «coroa»; aliás (e talvez seja o verso mais harmonioso) tem de ser monosyllabo:

Com na co-ro-a e sce...  
 1 2 3 4 5 6

## XXIII

Em luzentes assentos, marchetados  
 De ouro e de perlas, mais abaixo estavam  
 Os outros Deuses todos assentados,  
 Como a Razão e a Ordem concertavam;  
 Precedem os antigos, mais honrados,  
 Mais abaixo os menores se assentavam;  
 Quando Júpiter alto assi dizendo,  
 C'um tom de voz começa, grave e horrendo:

1 e 2) *marchetados*, embutidos. As obras de marchetaria eram tidas em grande preço; por isso a ficção do Poeta serve de realçar o valor dos bancos em que estavam assentados os deuses. Matisa-se com várias côres e desenhos um fundo de madeira, por exemplo, embutindo-lhe pedaços de outras madeiras, ou de marfim ou de madre-pérola; é o «marchetado». Obteem-se labores em uma superfície de ferro ou aço, embutindo-lhe ouro ou prata; teem esses artefactos o nome de «tauxiados». Reúnem-se pedacinhos de esmalte ou pedras de varias côres formando figuras e desenhos; é o que se denomina «mosaico.» || *perlas* (arch.), perolas.

4 e 5) *Como a Razão* . . . , estavam assentados nos logares que lhes competiam; estavam dispostos em certa ordem, e essa era determinada pela razão, pelo que era justo (a idea completa-se nos versos seguintes) || *concertavam*, (aqui o verbo é neutro) harmonisavam-se; a razão e a ordem concordavam na disposição e collocação || *Precedem*, estão adeante || *mais honrados*, mais qualificados = por serem (como mais antigos) aquelles a quem eram devidas maiores honras.

7 e 8) Nestes dois versos a collocação dos vocábulos, em syntaxe regular seria: quando [o] alto Júpiter, começou dizendo assim com um tom grave e horrendo || *tom* . . . Pondo de parte a significação litteral, em música ou em acústica, dos vocabulos *som* e *tom*, e attendendo sómente á significação usual quando elles se applicam á linguagem fallada, vemos que se diz «*tom* altivo, humilde, grosseiro, indignado, etc.» para designar a impressão moral que produz a palavra e o aspecto de quem falla; e diz-se «que o *som* da voz é estridente alto, baixo, agreste, etc.» para designar a impressão phísica, meramente auricular || *alto*, magestoso.

Obs. Rigorosamente, depois dos verbos no pretérito «estavam, concertavam» (v. 4), deveria dizer-se «precediam» em vez de «precedem» (v. 5). Depois de «assentavam» (v. 6) deveria dizer-se «começou» em vez de «começa» (v. 8), mas é usual o emprego do presente do indicativo a substituir o pretérito.

## XXIV

«Eternos moradores do luzente  
 Estellifero pólo-e claro-assento,  
 Se do grande valor da forte gente  
 De Luso não perdeis o pensamento,  
 Deveis de ter sabido claramente  
 Como-é dos fados grandes certo-intento  
 Que por ella se-esqueçam os humanos  
 De-Assýrios, Persas, Gregos e Romanos.

1 e 2) *Eternos moradores...* (circumlóquio) ó deuses || *pólo* (fig.), céo — a parte pelo todo, porque os pólos são as extremidades do eixo imaginário em volta do qual se nos afigura mover-se a esphera celeste em 24 horas || *luzente*, alumiado, brilhante || *Estellifero*, estrelado (latinismo de *stellifer*) || *claro assento*, habitação cheia de luz: moradores do pólo [que é] claro assento.

3 e 4) *gente de Luso*, gente [que descende] de L. (cfr. pag. 1) || *Se não perdeis o pensamento* (do valor dos lusitanos), se não vos esquecis delle, se o tendes na lembrança.

5 e 6) *sabido como* = sabido que || *intento*, intenção || *certo*, certamente, com certeza || *fados* (fig.), deuses (porque «fados» = «destinos»); e finge-se que uns certos deuses legislavam sobre os destinos, i. e., determinavam os acontecimentos futuros || *grandes*, poderosos.

7 e 8) *Que por ella...*, que, por causa della [da gente lusitana]; subentende-se «por ser mui valorosa» (v. 3) || *os humanos se esqueçam*, a humanidade se esqueça dos Assýrios... i. e., dos povos célebres da antiguidade || *Assýrios*, povos da Assýria, hoje Curdistão (Asia), cuja capital Nínive foi destruída totalmente (625 A. C.); contam-se maravilhas dessa capital e do seu fundador || *Persas*, povos do antigo império, que chegava desde o Indo até o Mediterrâneo, e desde o Cáspio até o deserto da Líbya, e que foi destruído por Alex. Magno (300 A. C.) || *Gregos* (os antigos), notáveis pelos seus heroes, e pela cultura das artes e das letras (começada treze seculos antes da era christã) || *Romanos*, afamados pela sua intrepidez, e porque a antiga Roma (800 A. C.—400 E. C.), conquistando a Itália, a Grécia, as Gállias, etc., chegou a dominar quasi todo o mundo conhecido.

Obs. Começa nesta estância um discurso de Júpiter aos deuses, elogiando os portuguezes—discurso que termina na est. xxix.

## XXV

«Já lhe foi (bem o vistes) concedido,  
 C'um poder tam singelo e tam pequeno,  
 Tomar, ao Mouro forte e guarnecido,  
 Toda a terra que rega o Tejo ameno:  
 Pois, contra o Castelhanao tam temido  
 Sempre alcançou favor do Céu sereno:  
 Assi que sempre, emfim, com fama e glória  
 Teve os trophéos pendentés da victória.

1 e 2) *lhe*: refere-se á «gente» lusitana (est. anterior v. 3) || *concedido*, permittido [pelos deuses] || *C'um poder...*, com um tão simples e tão pequeno exército.

3 e 4) *Mouro* (sing. pelo pl.), mouros || *forte* [em número], numerosos || *guarnecido*, armado e mettido em fortalezas || *a terra que rega o Tejo*: allude-se ás primeiras conquistas de Portugal em terras occupadas pelos mouros, taes como Santarem, Lisboa, etc.

5 e 6) *Pois*, porque; conj. explicativa ou talvez adversativa, estabelecendo a correlação entre *já* (v. 1) e *sempre* (v. 6); a gente portugueza *já* (noutro tempo) teve o auxilio divino contra os mouros (quando foi preciso tomar-lhes as terras que occupavam em Portugal); pois (= mas, ou, porque) nas guerras contra os Castelhanos, teve ella sempre esse auxilio || *Céu sereno* (fig.), a providência benigna: allusão ás victórias contra Castella em diversas guerras: principalmente no tempo de D. Dinis, e D. Affonso (durante 12 annos, no fim dos quaes foi Castella quem pediu a paz); e na célebre batalha de Aljubarrota, assim como nas de Trancoso e Valverde, reinando D. João I.

7 e 8) *Assi que*, de maneira que; *asi* (arch.) assim || *trophéos da victória*, bandeiras, armas, escudos e outros despojos tomados ao inimigo no campo da batalha || *pendentes*, pendurados [das paredes], expostos em público.

A construcção directa dos últimos dous versos seria: «assi que [a gente lusitana] sempre teve pendentés, com fama e glória, os trophéos da victória» (esta nunca era fácil, mas sim alcançada sempre á custa de muito esforço e de assinalados combates, por isso gloriosa).

## XXVI

«Deixo, Deuses, atrás a fama antiga,  
 Que co-a gente de Rómulo alcançaram,  
 Quando com Viri'ato, na inimiga  
 Guerra Romana, tanto se afamaram;  
 Também deixo a memória que os obriga  
 A grande nome, quando alevantaram  
 Um por seu capitão, que, peregrino,  
 Fingiu na Cerva espírito divino.

1 e 2) *Deixo... a fama atrás*, não fallo da fama... (fig. denominada «preterição») || *com a gente de Rómulo*, deve entender-se: a fama que os lusitanos alcançaram [combatendo] com (= contra) a gente de Rómulo; este, segundo a tradição, filho do deus Marte e de Rhea Silvia, fundou com seu irmão (Remo) a cidade de Roma (753 A. C.) || *alcançaram*: o sujeito deste verbo é ainda a gente lusitana (est. 24-3); tem o Poeta em mente «os guerreiros lusitanos» cujo conjuncto se pôde exprimir pelo singular—«gente» (assim as orações que se seguem).

3 e 4) *com Viriato*, commandados por V. (a prepos. tem aqui significação diferente da que tem no verso anterior). Viriato, chefe lusitano (149 A. C.) levantou os seus compatriotas contra os romanos, que tinham invadido a Lusitânia e o resto da Hispânia.

5 e 6) *Tambem deixo a memória... quando*, não fallo também dos successos, que deixaram memória, quando... || *obriga*, liga, prende || *nome* (fig.), renome, celebridade, fama || *alevantaram por* = elevaram a...

7 e 8) A ordem directa de construcção seria: «... quando alevantaram, por seu capitão, um peregrino, que na cerva fingiu espírito divino» || *peregrino*, estrangeiro; allude-se a Quinto Sertório, (121-72 A. C.) que foi pretor romano na Hispânia, e que se retirou á Libya, por occasião da lucta entre o dictador S. Cornélio Sylla e o general Mário. Foi estando Sertório na Libya que os lusitanos o convidaram para seu chefe contra os romanos; possuía elle uma corça ou cerva branca, e conta-se que fingia, para os seus soldados, quando ia entrar com elles em empresas arriscadas, que esse animal, inspirado do espírito divino, lhe predizia o futuro.

## XXVII

«Agora vêdes bem que, commettendo  
 O duvidoso mar num lenho leve,  
 Por vi'as nunca-usadas, não temendo  
 De África e Noto a fôrça, a mais se atreve;  
 Que, havendo tanto já que as partes vendo  
 Onde o dia é comprido e onde breve,  
 Inclinam seu propósito e perfia  
 A ver os berços onde nasce o dia.

1 e 2) *commettendo*, afrontando || *mar duvidoso*; incerto, ora bonançoso, ora tempestuoso || *lenho* (lit.), madeiro; (fig.), navio — a matéria pelo objecto feito, a embarcação || *leve*, de pouco peso relativamente ao peso das águas, uma pequena aragem o faz mover.

3 e 4) *vias*, caminhos, (fig.), mares || *nunca usadas*, nunca servidas: nunca navegadas [pelos europeus] || *África*, (lat. *Africus*) o vento que sopra do lado de Africa para a Europa (Oes'Sudoeste), que geralmente é acompanhado de tempestades || *Noto* (lat. *Notus*), o vento do Sul, que é também acompanhado de borrascas || *a mais*, a maiores cousas (á conquista da India).

5 e 6) *as partes... onde o dia é comprido*; os navegantes tinham saído de Lisboa em julho de 1497, e ao tempo em que falla Júpiter estavam elles no canal de Moçambique (cfr. 42), em fevereiro de 1498, tendo percorrido os mares em volta de Africa durante oito meses, e diversas estações do anno, em que, segundo os logares, o dia ou é comprido ou é breve (o dia chamado artificial, ou o tempo que dura o sol sobre o horizonte). (Cfr. 29-3.)

7 e 8) *Inclinam*, dirigem: o verbo no plural subentende ainda «a forte gente» representando este colectivo o plural «navegantes portuguezes». Alternativa frequente: ora o verbo no sing., ora no plur.; ora referindo-se ao subst. «gente» ora á collectividade «portuguezes» || *propósito*, resoluções, deliberações || *perfia*, (arch.), porfia, constância, afinco || *os berços... (fig.)*, logares do nascimento do sol, as terras do Oriente. (Cfr. 10-4, *ninho*).

Obs. Agora vêdes bem que [essa gente] se atreve a mais... que (=pois), havendo [os portuguezes] tanto [tempo] já que estão vendo... (=andam percorrendo longinhas regiões), inclinam [agora] o seu propósito... a ver... (a India).



## XXVIII

«Promettido lhe está do Fado eterno,  
 Cujã alta Lei não pode ser quebrada,  
 Que tenham longos tempos o govêrno  
 Do mar que vê do Sol a roxa entrada:  
 Nas águas tem passado o duro inverno;  
 A gente vem perdida e trabalhada;  
 Já parece bem feito, que lhe seja  
 Mostrada a nova terra que deseja.

1 e 2) *Promettido do...* = promettido pelo... || *Fado*, destino || *alta*, sublime (compare se com as expressões muito communs: «altos juízos de Deus», «altos decretos da Providência») || *quebrada* (fig.), violada, transgredida; lei que o não pode ser, i. e., que se ha de cumprir, succeda o que succeder.

3 e 4) *longos tempos* = por longos tempos || *govêrno*, dominio (para lembrar que os portuguezes haviam de ser senhores das terras banhadas pelo oceano Índico) || *o mar que vê...* (prosopopéa), o mar que banha as terras do Oriente (O. Índico) || *roxa*, aqui significa —rubra, como rojo, ainda hoje em castelhano e rouge em francês; por isso se chamava Mar Roxo ao Mar Vermelho || *entrada* (fig.): ficção de que o sol vem do fundo do mar, e que a primeira região da terra em que elle entra é a Índia; e antes do sol nascer (aurora) o firmamento apresenta-se ali de côr rubra (cfr. 8 e 27.)

5 e 6) *tem passado*: o sujeito é «gente de Luso», á qual pertencem «os navegantes» que vão com Vasco da Gama || *duro* (fig.), cruel, inclemente || *gente* (aqui) significa «as tripulações das naus» (termo marít.) || *perdida*, exausta de forças, fatigadíssima || *trabalhada*, molestada pelos trabalhos: cfr. com as expressões «passar trabalhos, metter-se em trabalhos»

7 e 8) *parece bem feito que...*, parece que devemos (dar auxilio a essa gente para que descubra a Índia, onde ella deseja ir). Compare-se com a expressão popular: «é bem feito!» para significar que certo caso devia succeder como succedeu; que uma pessoa teve o prémio ou o castigo que merecia.

## XXIX

«E porque, como vistes, tem passados  
 Na vi'agem tam ásperos perigos,  
 Tantos Climas e Céos experimentados,  
 Tanto furor de ventos inimigos,  
 Que sejam, determino, agasalhados  
 Nesta costa Africana, como amigos;  
 E, tendo guarnecida a lassa frota,  
 Tornarão a seguir sua longa rota.»

1 e 2) *tem passados... experimentados* (arch.), = tem passado, experimentado (subentende-se «os navegantes»). Actualmente o particípio perfeito, conjugado com o verbo auxiliar «ter» não varia a sua forma em *o*: hoje diz-se «elle, ella ou elles tem estudado muitos livros»; porém os clássicos antigos usavam do particípio concordado com o substantivo; e diziam «elle, ella ou elles tem estudados muitos livros» (como acontece em italiano, e em francês em certas circunstâncias). || Note-se que os *ee* de «ásperos perigos» devem fazer-se ouvir na recitação.

3 e 4) *Climas* (lat. clima): este vocábulo (t. geograph.) significa uma faixa de terra limitada por dous círculos parallelos ao equador; tem a acceção extensiva de tractos de terra, paizes, regiões, que differem uns dos outros pela temperatura do ar, ou por circumstancias peculiares, que nada tem commum com a posição geographica, e assim se diz «clima temperado, frio, ardente, húmido, sêcco, saudável, paludoso»; por isso, aqui, «tantos *climas*» quer dizer «regiões de tão diversos e de tão distantes logares do globo terrestre» || *Céos* (fig.), ares (repetição da idea «climas»); tinham percorrido muitas regiões (cfr. 27-5 e 6). || A última palavra do v. 3 deve recitar-se «experimentados» o contrário do que succede no v. 2 em «ásperos, perigos» || *furor*, violência, aggressão, contrariedade || *ventos inimigos*, ventos contrários, ou ponteiros (t. naut.), obstando a que os navegantes proseguissem no seu rumo.

6) *costa Africana*: determina Júpiter que os nautas sejam bem acolhidos pelos habitantes de Melinde (costa de Zanguebar), onde recebam mantimentos. (Cfr. II-75 e seg.)

7 e 8) *guarnecida*, provida, abastecida e descansada || *lassa*, cansada, quebrantada pelo trabalho e pelas privações || *frota*, aqui, significa (fig.) as tripulações dos navios (litt. era «o ajuntamento de navios mercantes comboiados por uma ou mais naus de guerra»; também significava «o conjuncto de navios de guerra», o que hoje chamamos «esquadra» ou «armada») || *rota*, derrota, viagem.

## XXX

Estas palavras Júpiter dezia,  
 Quando os Deuses, per ordem respondendo,  
 Na sentença um do outro difiria,  
 Razões diversas dando e recebendo.  
 O padre Baccho ali não consentia  
 No que Júpiter disse, conhecendo  
 Que esquecerão seus feitos no Ori'ente,  
 Se lá passar a Lusitana gente.

1 a 4) *dezia* (por «dizia»): conservamos assim a escripta porque supponmos representar a pronuncia vulgar daquelle tempo || *quando*... a construcção directa vem a ser: Júpiter dizia (acabava de dizer) estas palavras, quando, respondendo os deuses (=na occasião de responderem os deuses), um (= cada um delles) differia do outro (do que precedera a fallar) na sentença (voto, opinião) || *difiria* (arch.), hoje usa-se differir (lat. differre, ser differente uma cousa da outra) || *dando e recebendo*..., proferindo e ouvindo razões, argumentos diversos (contrários).

5 a 8) *Baccho*, (myth.), deus do vinho, filho de Júpiter; bacchantes eram mulheres que celebravam festas e que, desgrenhadas, mas com as cabeças enfeitadas de hera, empunhando thyrsos (lanças também ornadas de hera e pámpanos), dançavam, atroando os ares com gritos discordantes; taes festas, que se chamavam «bacchanaes», eram celebradas antigamente no Egypto, na Grécia e na Itália; os latinos davam a Baccho o epitheto de pater (padre ou pae). A opposição á viagem dos portuguezes, é porque já prevê que, chegando os navegantes á India, farão lá cousas tão notáveis, que se extinga a fama que ali adquirira Baccho, exercendo domínio por 50 annos, e tendo com o alarido das suas bacchantes (que levavam adufes e pandeiros, em vez de rodellas e dardos) pôsto em fuga os índios e os seus elephantes de guerra || *consentia*, concordava || *ali*, naquelle concilio dos deuses.

Obs. Baccho [disse que] ali não consentia no que Júpiter disse (= dissera) conhecendo que [os homens] esquecerão seus feitos (os d'elle Baccho) no Oriente, se lá passar a lusitana gente.

Nas duas estâncias seguintes continuam a ser narrados os motivos expostos por Baccho para impugnar a determinação de Júpiter.

## XXXI

Ouvido tinha aos Fados, que viria  
 Ûa gente fortíssima de Hespanha  
 Pelo mar alto, a qual sujeitaria  
 Da Índia tudo quanto Doris banha:  
 E com novas victórias venceria  
 A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha:  
 Altamente lhe doe perder a glória,  
 De que Nysa celebra inda a memória.

1 e 2) *Fados*, decretos da providência», palavras dos deuses; ou também (fig.) os próprios deuses (cfr. 24-6, e 27-1) || *Hespanha*, naquella época era uma designação genérica; abrangia os diversos reinos da península: Portugal, Castella, Leão, Navarra, etc. || *ũa*, aqui, é dissyllabo.

3 a 6) *mar alto*: em ling. náutica e pop. dos habitantes das regiões á beira do Oceano diz-se «alto mar» o mar largo, distante da terra ou em que se perde a terra de vista; e diz-se «mar alto» o que está encapellado, quando as ondas se encrespam formando rolos sobre si próprias; no primeiro sentido se deve aqui tomar, apesar de estar posposto o adjectivo (o que se explica por exigência do metro) || *Dóris* (myth.), mulher de Nereu, filha do Oceano e de Téthys, mãe das nymphas marinhas, deusa do mar. Aqui significa (fig.) o «próprio mar» o Oceano Indico. Baccho ouvira o vaticínio de que a gente lusitana subjugaria toda a região do littoral da Índia, e apagara a fama — ou fosse a sua (a delle Baccho) ou [fosse] estranha (a de outras personalidades que lá eram celebradas).

7 e 8) *Altamente lhe doe* (fig.), causa-lhe immenso pesar; o verbo *doer* significa umas vezes «causar dor» (as pancadas doem); outras vezes toma-se na accepção de «ter compaixão» (o rico mal se doe do pobre); ou no sentido de «queixar-se» (doe-se de um pé); outras vezes significa «ter dor física» (doe-lhe a cabeça) ou fig. «causar pena»: — [o] perder a glória doe a Baccho || *Nysa*, cidade da antiga Grécia situada no Parnaso e consagrada a Baccho.

## XXXII

Vê que já teve-o Indo sojugado  
 E nunca lhe tirou Fortuna-ou caso  
 Por vencedor da Índia ser cantado  
 De quantos bebem a-água de Parnaso;  
 Teme-agora que seja sepultado  
 Seu tam célebre nome-em negro vaso  
 De-água do-esquecimento, se lá chegam  
 Os fortes Portugueses que navegam.

1 a 4) *Indo*, o grande rio (tambem chamado *Sinde*) que nasce no Thibet e desagua no mar de Omán (curso de 2:800 kilom.); aqui significa (fig.) o Hindostão || *sojugado* (também se encontra em outros logares *su-*, e *sub-*; o *b* não se pronunciava, como hoje é uso, cfr. *sujeição*, escripto antes *sojeição*). O prefixo *sub-* deu regularmente *so*; ainda popularmente se diz «somergir», e é geral «sonegar» (*sub-negare*). *Baccho* recorda-se de ter subjugado a Índia, cfr. 30-7 e 31-8 || *Fortuna* (*myth*), divindade allegórica do polytheismo greco-romano, que dispensava caprichosamente, aos homens, a felicidade ou o infortúnio. Representavam-na sobre um globo ou sobre uma roda || *caso* (= acaso), successo imprevisito, devido a causas desconhecidas; contraposição á *Fortuna*; *Baccho* fôra sempre celebrado na Índia ou por uma causa conhecida (o favor da *Fortuna*) ou por causas desconhecidas (o acaso) || *Por vencedor* = como vencedor || *cantado de...* = cantado por... (celebrado) || *quantos* = todos os que || *Parnaso*, montanha (da Grécia antiga) dedicada a *Apollo* e ás *Musas*; (fig.), a poesia; ficção de que só era poeta quem bebia agua nascida nessa montanha; por isso «de quantos bebem água do *Parnaso*» equivale a dizer «de todos os poetas.» || A construcção directa destes versos seria: «[*Baccho*] vê que já teve...», e [vê que a] *Fortuna* ou [o] acaso nunca lhe tirou [o] ser cantado, por vencedor da Índia, de quantos...»

5 a 8) Repete-se a idea expressa nos versos 7 e 8 da est. 30. *Baccho* prevê «que esquecerão seus feitos no Oriente, se lá passar a lusitana gente» || *sepultado* (fig.), extincto || *água*: allusão ao *Lethes* (*myth.*), um dos rios dos infernos chamado também «rio do esquecimento», cfr. X-9; as sombras bebiam as suas águas para se esquecerem completamente do passado || *negro* (fig.), horrendo; ou a significação litteral, por se suppor que a água e tudo era negro nas regiões infernaes || *se lá chegam* (á Índia): referencia ao v. 3 || *que navegam* [para lá]; cfr. 19. || A rima dos dous últimos verbos deixa presumir que o *e* de *chegam* fosse aberto, ou talvez antes o *e* de *navegam* fechado.

## XXXIII

Sustentava contra-elle Venus bella,  
 Affeio'ada-á gente Lusitana  
 Por quantas qualidades vi'a, nella,  
 Da-antiga tão amada-sua Romana,  
 Nos fortes corações, na grande-estrêlla  
 Que mostraram na terra Tingitana,  
 E na língua, na qual quando imagina,  
 Com pouca corrupção crê que-é a Latina.

1 a 4) *Sustentava*: subentende-se «voto, opinião, ou parecer» || *Vénus* (myth.), deusa das graças, da belleza, do amor e dos prazeres; muito celebrada pelos romanos || *Affeioada*, porque era affeioada || *Por quantas qualidades via* = por causa de todas as qualidades que via... || *sua*; aqui é monosyllabo e deve ler-se com *u* átono como em «persuadir».

5 e 6) *estrêlla* (fig.), sorte, fortuna das armas portuguezas (porque os portuguezes venceram importantes batalhas em Africa; allude-se a D. João I, que tomou gloriosamente aos mouros a praça de Ceuta; ou talvez a D. Affonso V, que conquistou Arzilla, Alcácer e Tânger). || *Tingitana*, mauritana (porque a capital da Mauritânia — Tânger — era denominada pelos latinos — Tingis) || *fortes corações* (fig.), valentia, intrepidez.

7 e 8) *imagina*, pensa, repara, presta attenção (aqui o verbo é neutro) || *corrupção*, alteração da linguagem. A língua portugueza, com effeito, é muito próxima da latina, porque derivá della em todos os pontos essenciaes da sua grammática e na maior parte do seu vocabulário || *na qual quando imagina* = a qual quando [*Vénus*] imagina nella, [a mesma *Vénus*] crê que é a [língua] latina. Cfr. Grammatica Portugueza do sr. Epiphania Dias, § 245.

A construcção directa e rigorosa das orações desta estância, introduzidas as palavras subentendidas, seria: «*Vénus*, bella, sustentava [opinião] contra elle, porque era affeioada á gente lusitana — [e era-lhe affeioada] por quantas qualidades nella via, da antiga [gente] romana, tão sua amada, [qualidades semelhantes] nos fortes corações, na grande estrêlla que mostraram [ter] na terra Tingitana, e [qualidades semelhantes] na lingua [portugueza], quando imagina na qual, crê que é a latina com pouca corrupção».

## XXXIV

Estas causas moviam Cytherea;  
 E mais, porque das Parcas claro-entende  
 Que-ha de ser celebrada-ã clara Dea  
 Onde-a gente belligera se-estende.  
 Assi que-um, pela-infâmia que-arrecea,  
 E-o outro, polas honras que pretende,  
 Debatem-e na perfia permanecem:  
 A qualquer seus amigos favorecem.

1) *Estas causas*: as razões expostas na estância antecedente (o affecto de Venus pelos portugueses) || *Cytherea* (myth.), a deusa Vénus, á qual se dava esse epitheto por lhe ter sido dedicada a ilha de Cythera — hoje Cerigo, uma das sete ilhas Jónias que eram da antiga Grécia e pertencem á Inglaterra desde 1863 — situada entre a costa leste da Itália meridional, e a costa da Turquia da Europa, no parall. 36 N.

2 a 4) *E mais*: e [outras causas] mais, cfr. IX-37 || *Parcas* (myth.), as três deusas do inferno (Clotho, Láchesis e Átropos), que sabiam de ante-mão os destinos dos homens, porque ellas fiavam, dobavam e cortavam os fios da vida || *claro* (adj. adverbial), claramente, com certeza || *entende das...* sabe pelas... (a própria deusa [a Vénus Cytherea] bem sabe, por tê-lo ouvido ás Parcas); cfr. IX-37 || *clara*, illustre || *Dea* (latinismo), deusa (Vénus); a terminação *ea* rima com «arrecea» || *Onde...*, nas terras até onde a *gente belligera* (guerreira, a gente lusitana) *se estende*, até onde ella chega.

5) *Assi que...*, de maneira que; cfr. 25-7 || *um pela infâmia...* um (Baccho) porque receia a «perda da boa fama» (adquirida na Índia) cfr. 30-7 e 8 || *arrecear* (arch.), é ainda hoje assim usado popularmente.

6 e 7) *o outro* (é Vénus): na linguagem vulgar, quando se tem fallado de duas pessoas — uma do sexo masculino e outra do feminino — e se faz referéncia a ambos, usa-se dizer «um e outro», embora os dous individuos sejam de differente sexo || *polas honras...*, porque deseja ser celebrada, cfr. v. 3 || *Debatem*, discutem || *permanecem...* continuam na discussão || *perfia* (arch.), porfia, contenda; mas também se encontra *porfia*. Cfr. 36.

8) *A qualquer* [dos dois] isto é, a Vénus e a Baccho || *seus amigos...*, os deuses, segundo são amigos de Vénus ou de Baccho, assim *favorecem a* (dão voto a favor de) ella ou a elle.

## XXXV

Qual Austro fero ou Bóreas, na espessura  
 De silvestre arvoredo abastecida,  
 Rompendo os ramos vão da mata escura,  
 Com impeto e braveza desmedida;  
 Brama toda a montanha, o som murmura,  
 Rompen-se as folhas, ferve a serra erguida:  
 Tal andava o tumulto levantado  
 Entre os deuses no Olympo consagrado.

1 e 2) *Austro* (lat. *Auster*), o vento Sul || *fero* (fig.), violento, soprando com força || *espessura* (fig.), bosque, floresta, porque é ali espesso e denso o arvoredo (vocábulo muito frequente na litteratura clássica) || *Bóreas* (lat. *Boreas*), o vento Norte || *silvestre*, sem cultura, dos matos || *abastecida* («abastecer», dar em abundância sufficiente), povoada, cheia.

3 e 4) *Rompendo*, partindo || *mata*, bosque, floresta, selva, breinha significam os logares cobertos de arvoredo; outras vezes (como aqui), o próprio arvoredo || *escura*, sombria (por serem muito frondosas as árvores) || *impeto* (forma arch. e pop.): o impeto é o impulso ou abalo súbito e violento.

5 e 6) *Brama... murmura*: (lit.), o primeiro verbo significa fazer grande ruído, como faz o touro, o leão, as grandes feras quando estão raivosas; na montanha sente-se grande estrondo, o ruído prolongado do ramalhar das arvores, quando sacudidas pelas rajadas do vento; o ruído principia fortissimo e acaba diminuindo a ponto de mal se ouvir (o *murmúrio*) || *rompen-se*, rasgam-se, partem-se || *serra erguida*, serra alta (fig.), as árvores que cobrem a montanha || *ferve* (fig.), agita-se (o arvoredo) desordenadamente, á semelhança dos líquidos em ebullicão.

1 e 8) *Qual e Tal* — são correlatos; na linguagem commum, e em construção directa emprega-se geralmente o último como primeiro: O tumulto, no Olympo...; andava *tal qual* [andam] Austro ou Bóreas... [quando] vão rompendo os ramos da mata... na espessura abastecida de silvestre arvoredo; [então] brama toda a montanha...



## XXXVI

Mas Marte, que da deusa sustentava  
 Entre todos as partes em porfia  
 (Ou porque o amor antigo o obrigava,  
 Ou porque a gente forte o merecia),  
 De antre os deuses em pé se levantava:  
 Merencório no gesto parecia;  
 O forte escudo ao collo pendurado  
 Deitando pera trás, medonho e irado;

1 e 2) *Marte*, filho de Júpiter e de Juno, deus da guerra || *entre todos*, mais do que nenhum dos outros [deuses] || *sustentava as partes*, defendia os do partido [da deusa] || *partes*, bando, parcialidade || *em porfia* (cfr. 34-7), porfiadamente, com obstinação.

3 e 4) *amor antigo*: porque Marte amara a deusa Vénus — amor de que nascera Cupido || *gente forte* (lit.), robusta (fig.), guerreira, os lusos. No terceiro verso a 3.ª syllaba métrica «coa» é formada de tres syllabas grammaticaes — que, o, a — com o *o* átono, cfr. «sua» em 33-4.

5 e 6) *antre* (arch.), entre (que também se encontra nesta mesma est. v. 2, e *passim*), forma frequente nos escriptores antigos || *levantava*, em vez de «levantou» porque é da índole da lingua portuguesa o emprego do pret. imperf. a substituir o pret. perf. do indicativo; são vulgares expressões como estas «eu *precisava* (= precisei) sair hoje antes de jantar, mas fui obrigado a ficar em casa» || *merencório*, enfadado (cfr. 37) || *gesto*, semblante.

7 e 8) *collo*, pescoço || *escudo* (cfr. 7-2), a arma defensiva do guerreiro || *medonho*, causando medo (com o seu aspecto carrancudo).

Esta e as duas estâncias seguintes são formadas de um aggregado de orações, das quaes a culminante está no primeiro verso da est. 38; a construcção directa é como se segue: Marte, que entre todos, sustentava o partido da deusa, ou porque o amor... o obrigava [a isso] ou porque a gente... o merecia — levantava-se em pé...; parecia merencório...; [depois] deitando para trás o escudo...; [mostrando-se] medonho e irado (36), alevantando a viseira...; e dando uma pancada com o bastão no sólio... (o céo [nessa occasião] tremeu...) pôs-se [Marte] armado, forte... deante de Júpiter, por dar seu parecer (37); e disse assim: «O padre...» (38).

## XXXVII

A viseira do elmo de diamante  
 Alevantando um pouco, mui seguro,  
 Por dar seu parecer, se pôs de'ante  
 De Júpiter, armado, forte e duro,  
 E dando-ũa pancada penetrante  
 C'o conto do bastão no sólio puro  
 (O céo tremeu; e Apollo de torvado  
 Um pouco a luz perdeu, como enfiado);

1 e 2) *elmo*, capacete de ferro que usavam os guerreiros — composto de várias peças, uma das quaes era a *viseira*, que se deixava caída para cobrir o rosto ao entrar em combate || *de diamante* (fig.), polido e rijo como diamante || *mui seguro*, com muita firmeza.

3 e 4) *Por dar* = para dar || *armado* (subent. Marte), vestido com a armadura de guerreiro — como deus da guerra || *forte* (fig.), de ánimo severo || *duro* (fig.), de maneiras ásperas, aspecto carrancudo, (cfr. *merencório*, 36-6).

5 e 6) *penetrante*: tão rija, que o som penetrava profundamente nos ouvidos || *bastão*, pau ou cajado (com grande castão em uma das extremidades), que se empunhava como distinctivo do supremo mando militar || *conto*, a parte inferior do bastão, a que se costuma assentar no chão, a extremidade opposta ao castão || *sólio*, throno de reis || *puro* (fig.), crystallino.

A copulativa no principio de v. 5, liga os dous particípios «alevntando» e «dando».

7 e 8) *torvado*, perturbado, tomado de susto (com o estrondo do bastão e com o aspecto carrancudo de Marte) || *perdeu a luz*: póde significar «perdeu o brilho, deixou de refulgir», se considerarmos que Apollo, o deus do sol, estava no concellio revestido do brilho dêsse astro; pode significar «empallideceu», estabelecida a ficção de que elle estava revestido da simples forma humana || *enfiado*, desmaiado, pálido por causa de medo ou de ira.

## XXXVIII

E disse assi: «Ó Padre, a cujo império  
 Tudo aquillo obedece que criaste,  
 Se esta gente, que busca outro hemisphério,  
 Cuja valia e obras tanto amaste,  
 Não queres que padeçam vitupério,  
 Como ha já tanto tempo que ordenaste,  
 Não ouças mais, pois és juiz direito,  
 Razões de quem parece que é suspeito.

1 e 2) *Padre*, pae dos deuses (Marte dirige-se a Júpiter.) || *império*, poder || *tudo aquillo que criaste*: personifica-se figuradamente o deus verdadeiro no deus pagão, attribuindo a este a criação de todas as cousas || A copulativa no primeiro verso liga os verbos «pôs-se» (37-3) e «disse».

3 e 4) *outro hemispherio*, o hemisphério oriental (fig.) a Índia || *valia* = valor; qualquer dos vocábulos, applicado a pessoas, exprime merccimentos, não só os de quem possui coragem e intrepidez nos campos de batalha, mas em geral os de quem é insigne pelo saber ou pela virtude || *amaste*, apreciaste; allusão ás estancias 25 e 26.

5 e 6) *padeçam*: o sujeito dêste verbo é o colectivo «gente» (do verso 3) representando agora «os navegantes» (cfr. 24, 27 e 28) || *vitupério*, opprobrio, deshonra, desgosto, porque os navegadores, depois de tantos lances trabalhosos, haviam de padecer desaire, se não chegassem ao termo da projectada viagem || *como já... ordenaste*: allusão á estancia 26.

7 e 8) *suspeito*: no conceito de Marte, é suspeito o voto de Baccho, por isso Júpiter não deve prestar-lhe mais attenção || *direito*, recto, justo: Ó padre, a cujo império obedece tudo aquillo que criaste — se não queres, como... ordenaste..., que padeça vitupério esta gente, que busca outro hemisphério [e] cuja valia e obras tanto amaste — não ouças mais...

## XXXIX

«Que, se aqui a razão se não mostrasse  
 Vencida do temor demasi'ado,  
 Bem fôra que aqui Baccho os sustentasse,  
 Pois que de Luso vem, seu tam privado;  
 Mas esta tenção su'a agora passe,  
 Porque emfim vem de estámago danado;  
 Que nunca tirará alhea enveja  
 O bem que outrem merece e o Céu deseja.

1 e 2) *Que* (conjunc.), subentende-se: [e diz] que... Na estância antecedente vem as próprias palavras de Marte; nesta, o resumo de parte do discurso; na seguinte, outra vez, as palavras textuaes || *razão*, o raciocínio, o entendimento de Baccho || *aqui*, neste pleito que se está discutindo || *temor demasiado*, o receio que tinha Baccho de ficar eclipsada a sua fama com a dos portugueses; esse receio vence (obscurece) a razão de Baccho, não o deixa raciocinar.

3 e 4) *os sustentasse* («os» refere-se ao colectivo «gente» da est. 38-3.): pugnassem a favor dos navegantes || *bem fôra que...*, o que era natural, o que devia ser é que... || *vem de Luso*, [elles, os navegantes portugueses] são descendentes de Luso (que, dizia-se, tinha sido o primeiro rei da Lusitânia, e companheiro de Baccho, quando este andara pela península hispânica, cfr. pag. 1, nota, e III-22 || *privado* [amigo], particular, íntimo.

5 e 6) *tenção*, voto, parecer || *passe* (fôrma imperativa) = deixemos passar, não façamos caso (do voto de B.) || *estámago* (arch. na pronuncia e no signif.), ânimo; ainda hoje na ling. pop. se diz «estámago» por estômago || *danado*, enraivecido (conservamos a orthographia para se ver que naquelle tempo, como hoje, não se pronunciava o *m* em «damno»).

7 e 8) *Que*; a mesma significação que tem no v. 1 || *enveja* (orthog.) castelhano «envidia», inveja || *alheia*; a [inveja] dos outros não tirará (= não deve tirar) a qualquer pessoa o bem que esta merece; o haver quem tenha inveja dos beneficios dados pelo céo a quem os merece, não é razão para se destruírem esses beneficios.

## XL

«E tu, Padre de grande fortaleza,  
 Da determinação que tês tomada  
 Nam tornes por detrás, pois é fraqueza  
 Desistir-se da cousa começada:  
 Mercúrio, pois excede em ligeireza  
 Ao vento leve e á seta bem talhada,  
 Lhe vá mostrar a terra onde se informe  
 Da Índia, e onde a gente se reforme.»

1 e 2) *Padre, ó Júpiter* || *fortaleza*, firmeza, constância de ánimo || *tomada* = tomado (cfr. 29-1 e 3 — *passados, experimentados*).

3 e 4) *Nam tornes por detrás da determinação tomada*: que não resolva o contrário do que já mandara, porque Júpiter já tinha determinado que aos navegantes se desse agasalho nos portos de África (cfr. 29-5). Algumas edições modernas tem substituído *por detrás* pelas palavras *para trás*. O sr. Adolpho Coelho, porém, na sua edição conservou aqui o texto da princeps, como fez sempre que julgou não haver erro. Seguimos esse exemplo, porque a phrase nem archaísmo é; pode hoje dizer-se: «F. subiu até o meio da calçada, voltou *para trás*, mas chegou á porta donde tinha saído, não entrou nella, e metteu-se na travessa para ir *por detrás* entrar pela porta do quintal.» Neste exemplo se evidenciam duas significações; uma de voltar *directamente* pelo mesmo caminho, outra a de voltar *indirectamente*. Ora, nas resoluções tomadas, succede bem frequentes vezes a qualquer pessoa o annullá-las por modo *directo*, ou por modo *indirecto*.

5 e 6) *Mercúrio* (myth.), filho de Júpiter e de Maia (esta, filha de Atlante); fingiam os poetas que era o mensageiro dos deuses; por isso lhe attribuíam asas nos pés para ir a toda a parte rápidamente; [ordenae a] *Mercúrio*... [que] lhe vá mostrar || *bem talhada*, bem cortada, sem curvas nem altibaixos — pois nestas condições é que a frecha ou seta é mais veloz.

7 e 8) *Lhe, á gente das naus que andam com Vasco da Gama no oceano Indico* || *onde* [essa gente] *se informe da Índia*, onde lhe seja dado piloto, que lhe ensine o caminho || *gente*, tripulações || *se reforme*, seja reformada, descance e recupere as forças. O v. 8 pode ter também a seguinte notação métrica:

Da — In — di — on — d'a — gen etc.  
 1    2    3    4    5    6

## XLI

Como isto disse, o Padre poderoso,  
 A cabeça inclinando, consentiu  
 No que disse Mavorte valeroso  
 E néctar sobre todos esparziu.  
 Pelo caminho Lácteo glorioso  
 Logo cada um dos Deuses se partiu,  
 Fazendo seus re'aes acatamentos,  
 Pera os determinados apousentos.

---

1 e 2) *Como* (= logo que) *isto disse*, quando Marte acabou de falar || *o Padre*, o pae dos deuses (Júpiter) || *consentiu*, concordou.

3 e 4) *Mavorte*, o mesmo que Marte. Os latinos diziam *Mauors* (nom.) *Mauortis* (genit.); por terem caído as letras *uo*, passara a dizer-se *Mars, Martis*; daqui o emprêgo que o Poeta faz das duas formas || *valeroso*, intrépido, como era próprio do deus da guerra (cfr. 2-5) || *néctar*, líquido aromático que bebiam os deuses da fábula, e com que eternisavam a vida; dizia-se fabricado no Olympo || *esparziu*, espalhou, aspergiu, borrifou; a cerimónia de aspergir significava uma saudação — neste caso, a saudação de despedida, o encerramento do concílio.

5 a 8) *caminho lácteo*, via láctea (cfr. 20-6) || *glorioso*, resplandecente (cfr. 20-3) || *partiu-se* (arch.), partiu, ausentou-se || *acatamentos*, cortezias || *determinados apousentos*, as moradas que estavam determinadas a cada um dos deuses (cfr. 21-1) || *apousento* (arch. assim como «apousamento», etc.), aposento, a casa em que alguém mora ou vive; cfr. *apouquentar* por *apouquentar*, de *pouco*.

---

1 e 2) *Casa ethérea*, casa puríssima, transparente, (fig.) o céu; («éther» é a substância subtil que occupa o espaço da atmosphera em que giram os astros) || *Olympo* («céo», em 20 e *passim*); aqui no sentido (fig.) de Júpiter.

3 e 4) *a gente... cortava...* (fig.), os navios, em que iam os portuguezes aguerridos, sulcavam o oceano Índico || *da banda do Aus-*

## XLII

Emquanto isto se passa na fermosa  
 Casa ethérea do Olympo omnipotente,  
 Cortava o mar a gente bellicosa  
 Já lá da banda do Austro e do Ori'ente,  
 Entre a costa ethiópica e a famosa  
 Ilha de Sam Lourenço; e o Sol ardente  
 Queimava então os deuses, que Typhéu,  
 C'o temor grande, em pexes converteu.

tro, porque estavam no hemisphério sul (cfr. 21-7) e do oriente porque iam próximos da costa oriental da África.

5 e 6) *costa ethiópica*, costa oriental de África, mais estrictamente do Zanguebar, ou de Moçambique: os antigos denominavam «Ethiópia» toda a região (parte da qual não conheciam) ao sul do Egypto || *Sam Lourenço*, hoje ilha de Madagascar (20.º lat. sul); dava-se-lhe aquelle nome, segundo uns, por ter sido descoberta em dia de S. Lourenço; e segundo outros por ter sido descoberta por Lourenço de Almeida (1506); o mar comprehendido entre essa ilha e a costa oriental denomina-se canal de Moçambique || *famosa*: epitheto justificado pela grandeza da ilha (14 graus de extensão), pela excellência das suas producções e pelo estado relativo de civilização dos habitantes. Parte da ilha está hoje submettida ao dominio da França.

7 e 8) *Typhéu* (myth.), filho de Titão e da Terra. Estando em conversação com Vénus, de quem se havia enamorado, e apparecendo nessa occasião outros deuses, teve medo delles, e, para evitar que se approximassem, converteu-os em peixes. O Poeta identifica estes «peixes» com o grupo de estrellas que tem idéntica denominação. Numa zona ou faixa da esphera celeste (zona chamada «zodiaco» e que coincide com a marcha apparente do sol) estão comprehendidos os planetas conhecidos da antiguidade; o zodiaco é dividido em 12 partes (correspondentes aos meses do anno), chamadas signos, e occupadas por outras tantas constellações ou agrupamentos de estréllas, cujos nomes em portuguez, são: Carneiro, Touro, Gémeos, Caranguejo, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e *Peixes*. E em *março* que o sol, no seu curso apparente, se aproxima da constellação dos *Peixes*; e estando próximo della, suppõe-se transmittir-lhe grande calor: razão por que o Poeta diz «queimava». Significam portanto os últimos versos que decorria o mez de *março* quando os navegantes se encontravam no canal de Moçambique, cfr. 43-5 e 6 || *peixes* (arch.), talvez com a pronuncia «pêxes», que ainda hoje se conserva em alguns logares.

## XLIII

Tão brandamente os ventos os levavam  
 Como quem o Céu tinha por amigo;  
 Sereno o ar e os tempos se mostravam  
 Sem nuvens, sem receí'o de perigo;  
 O promontório Praso já passavam  
 Na costa de Ethiópia, nome antigo,  
 Quando o mar, descobrindo, lhe mostrava  
 Novas ilhas que em torno cerca e lava.

1 e 2) *os levavam*. . . o vento era favorável á derrota dos navegantes; era vento á popa e brando; parecia que a providência os favorecia.

3 e 4) *Sereno*, brando || *ar*, vento || *tempos* (tempo no sentido de atmosphaera), céos. O ar [mostrava-se] sereno (havia branda aragem), os tempos (céos) mostravam-se sem nuvens || *sem receio de*. . . , sem [inspirarem] receio de. . . || *perigo*; na recitação é mister não elidir o *e*, mas fazê-lo sentir como em *será*.

5 e 6) *promontório*, cabo, ponta de terra proeminente estendida para o mar || *Praso*: é o nome antigo de uma das linguas de terra que formam a baía de Tungue, e demora por 10° 40' lat. Sul; chama-se hoje Cabo Delgado, e constitue o limite norte do districto do mesmo nome na provincia de Moçambique — districto, que tem por capital a villa do Ibo. Manuel Correia suppôz que o Praso era o Cabo das Correntes (24° lat. Sul), e vários annotadores reproduziram o erro. Faria e Sousa e João de Barros julgaram acertadamente que o Poeta identificara o *Praso* com o continente fronteiro á ilha de Moçambique ou com a própria ilha: e allegaram elles em abôno da sua opinião a referéncia da est. 77. Mas esse parecer soffrê impugnação em presença dos factos históricos rigorosamente averiguados; no dia 1 de março de 1498 (uma quinta feira) os navegantes avistaram a ilha de Moçambique, mas afastaram-se; «viraram na volta do mar, e pairaram até madrugada, vindo a entrar o canal das ilhas no *dia immediato*»: como se há de portanto explicar, que, estando os navios em 10° e 40' — visto que *já passavam* o Praso — lhe apparecessem logo as *novas ilhas* (que eram a de Moçambique e os ilhéos proximos, como se vê na est. 49), se essas ilhas estão em 15°, i. e., a trezentas milhas do antigo promontório? Outra face da questão: pode admittir-se que o Poeta commettesse um erro geographico? elle, que, além de possuir tanta erudição, havia visitado aquellas paragens? A incoheréncia tem a seguinte explicação :



## XLIV

Vasco da Gama, o forte Capitão,  
 Que a tamanhas empresas se offerece,  
 De soberbo e de altivo coração  
 A quem fortuna sempre favorece,  
 Pera se aqui deter não vê razão,  
 Que inhabitada a terra lhe parece:  
 Por de'ante passar determinava,  
 Mas não lhe succedeu como cuidava.

os navegantes avistaram naturalmente alguma das pontas de terra que formam a baía da Condúcia ou a baía de Mocambo (defronte da ilha de Moçambique), fizeram as suas observações astronómicas e acharam-se em 15°, olharam para as cartas de Africa daquelle tempo e viram que nessa altura estava marcado o *promontorium Prassum* — ultimo ponto então conhecido da Ethiópia, pois dahi para o Sul tudo era ignoto. (Vid. *Ptolemaei Geographicae Enarrationis*, annot. J. de Régio Monte, 1575 tab. iv, Africae). O erro era pois da cartographia da época, pois mais tarde é que se viu ser de 10° 40' (proximamente) a lat. daquelle logar, como acima fica dito. (Cfr. 54 e 77) || *Ethiopia*, denominação vaga, dada noutro tempo ao conjuncto das regiões africanas ao Sul do Egypto || *offerece*: pronuncia-se o e da segunda syllaba como em *será*.

7 e 8) o mar, descobrindo, o mar ficando descoberto, avistando-se ao aclarar o dia. «Descobrir» aqui é verbo neutro; assim dizemos: «o sol descobriu», o «baixo descobriu» em vez de «ficou descoberto» || *em torno cerca e lava*: a ilha de Moçambique e os ilhéos próximos são pequenos, e viam-se completamente cercados de água || *Novas ilhas*; a ilha de Moçambique (15.º lat. N.) e os ilhéos de Goa e S. Jorge (cfr. 44); *novas*, porque dias antes tinham avistado algumas das chamadas hoje «Ilhas Primeiras» que ficam proximas da costa, ao sul de Angoche e Moçambique.

1 e 2) *Vasco da Gama*, o capitão a quem o rei D. Manuel commetteu a heroica empresa de levar a cabo o descobrimento do caminho da Índia por mar, e que, saindo de Lisboa em 1497 com quatro embarcações e cento e setenta homens, voltou em 29 de julho de 1499, depois de realisar o descobrimento, soffrendo enormes perigos e contratempos. Três navios eram de guerra: o *S. Gabriel*, commandado

## XLV

Eis apparecem logo em companhia  
 Ûs pequenos batéis, que vem daquella  
 Que mais chegada á terra parecia,  
 Cortando o longo mar com larga vela:  
 A gente se alvoroça e, de alegria,  
 Não sabe mais que olhar a causa della:  
 «Que gente será esta, em si deziã,  
 «Que costumes, que lei, que Rei teriam?»

---

pelo almirante Vasco da Gama, tendo por piloto Pedro de Alenquer; o *S. Rafael*, do commando de Paulo da Gama, irmão do almirante, tendo por piloto João Coimbra; o *Berio*, de que era capitão Nicolau Coelho, e piloto Pedro Escobar. A quarta embarcação era um transporte, tendo por piloto Gonçalo Nunes || *forte*, valente, animoso.

3 e 4) *soberbo*, excellente || *altivo*, brioso || *fortuna*, sorte, destino, cfr. 32-2.

6 e 8) *inhabitada*: porque pareciam desertas as ilhas (por serem muito pequenas.) V. 43-5 a 8 || *cuidava*, suppunha || *determinava* *passar por deante*, estava resolvido a não se deter (repet. da idea do v. 5).

---

1 a 4) *batéis em companhia*, próximos uns dos outros || *daquella* [ilha] *mais chegada á terra*, a ilha de Moçambique, onde está a capital da provincia do mesmo nome. Cfr. 43 e 44 || *cortando o mar com larga vela*: os batéis navegavam á vela, não a remos.

5 a 8) *gente*, a tripulação das naus || *alvoroça-se*, fica impressionada com o apparecimento súbito e inesperado dos batéis || *de alegria* = porque ficou alegre || *Não sabe mais que olhar...*, não sabe... senão; não faz outra cousa senão olhar, examinar a *causa della* (da alegria), os batéis || *em si*, para consigo, mentalmente || *deziã* (cfr. 30-1), subentende-se «os tripulantes» das naus, representados pelo colectivo «gente» do verso 5 || *teriam* (a phrase do narrador) || *será* (a phrase textual dos tripulantes).

## XLVI

As embarcações eram na maneira  
 Mui velozes, estreitas e compridas;  
 As velas, com que vem, eram de esteira  
 Dũ'as folhas de palma, bem tecidas;  
 A gente da côr era verdadeira  
 Que Pha'etón nas terras acendidas  
 Ao mundo deu, de ousado e não prudente:  
 O Pado-o sabe, e Lampetusa-o sente.

1 e 2) *na maneira...*, no feitiço, na forma [porque] eram estreitas e compridas, [por isso] velozes, deslisavam rápidamentee na água || *veloces* (latinismo *velox, velocis*) velozes.

3 e 4) *vem*, por «vinham» — necessidade do metro; mesmo em prosa se emprega muitas vezes o presente do indicat. para referir casos já passados || *As velas* com que as emb. vem = as velas que as emb. trazem || *esteira de folhas de palma*: fabrica-se, ainda hoje, abundância destas esteiras no Algarve para cobrir o pavimento e para outros usos; ha esteiras tecidas tambem de junco, palhas ou folhas; e diversas são as especies de esteiras que os africanos fabricam e empregam em velas das suas embarcações || *Dũas* (= de umas), no v. 4 é dissyllabo.

5 a 8) *A gente era da... côr que Phaeton... deu ao mundo*, a gente era preta (a côr que tem geralmente os objectos queimados) || *Phaetón* (myth.), ou Phaetonte, filho de Apollo e de Clímene, tendo a imprudência de guiar o carro de seu pae (o Sol), mas, não sabendo dirigi-lo, aproximou-se da Terra demasiadamente, e abrasou-a; ficaram por isso algumas terras *acendidas*, queimadas; por tanto, pretas || *Pado*, nome antigo do rio Pó (Italia), que nasce nos Alpes e desagua no golpho de Veneza (por 45.º lat. N.) tendo percorrido 550 kilómetros. Fingiram os poetas que nesse rio caiu Phaetonte, quando Júpter o fulminou de um raio, em castigo da sua imprudência. Por isso presuppõe-se que os habitantes das margens do Pado *sabem* desse caso || *Lampetusa*, irmã de Phaetonte, a qual chorou muito a morte dêste; inspirou por isso piedade aos deuses, que a converteram em álamo. Cremos nada haver commum entre a *Lampethusa* da fábula, e a ilha *Lampedusa* (no Mediterrâneo) entre a ilha de Malta e a Sicilia — porque Vivien de Saint Martin, geógrapho moderno bem conhecido, attribue ao nome daquella ilha uma etymologia que nada tem que ver com a fábula.

## XLVII

De pannos de algodão vinham vestidos,  
 De várias côres, brancos e listrados:  
 Ûs trazem derredor de si cingidos,  
 Outros em modo airoso sobraçados:  
 Das cintas pera cima vem despídos;  
 Por armas tem adargas e tarçados,  
 Com toucas na cabeça; e, navegando,  
 Anafis sonorosos vão tocando.

1 e 2) *pannos*: retalhos de tecido, com 2 a 3 metros de extensão e sem obra de qualquer espécie; portanto *vestidos* = cobertos; por isso também lêmos: «vestidos de pannos» em vez de «vestidos de panno» (no sing.) como aliás diríamos se o vestuário fosse «roupa feita», (cfr. n. 3 e 4) || *vinham* os tripulantes dos batéis [os pretos] || *listrados*, com listras, listas, riscas ou betas.

3 e 4) *Ûs trazem*... [elles, os pretos] trazem uns [pannos] cingidos de redor de si; [e trazem] outros [pannos] sobraçados em modo airoso. Os primeiros, cingidos á cinta e pendentés até o joelho; os segundos *sobraçados*, i. e., *apanhados* sôbre um dos hombros e metida uma das pontas por baixo do braço—«de modo airoso», porque effectivamente os mouros usam esses pannos com certa elegância, fazendo lembrar o embuçado das capas dos estudantes. Hoje na costa de Moçambique, o vestuário dos pretos mahometanisados é ainda como nos tempos da descoberta.

6) *adargas*, escudos ou rodellas (provavelmente feitos de pelle de cavallo marinho, como ainda últimamente se viam em Zanzibar). Não se devem confundir com «adagas», especie de punhaes || *tarçados*, terçados, espadas curtas.

7 e 8) *toucas*—o mesmo que «trunfas» ou «turbantes»—compridas faixas de tecido (de algodão ou seda) com que os mouros, os indios e outros habitantes do oriente envolvem a cabeça || *Anafil*, trombeta direita usada pelos mouros || *sonorosos*, de som forte || *navegando*... *vão tocando*: tocam ao mesmo tempo que navegam; aqui o verbo *vão* não está contraposto ao *vinham* do primeiro verso, não significa «irem-se embora»; é um auxiliar apenas que equivale a *seguiam, estavam*.

## XLVIII

C'os panos e c'os braços acenavam  
 Às gentes Lusitanas, que esperassem;  
 Mas já as pro'as ligeiras se inclinavam  
 Pera que junto às Ilhas amainassem.  
 A gente e marinheiros trabalhavam,  
 Como se aqui os trabalhos se acabassem;  
 Tomam velas; amaina-se a vêrga alta;  
 Da âncora o mar ferido encima salta.

1 e 2) *acenavam*: [os pretos] faziam acenos (signaes) ás naus para que estas parassem. «Ao divisar as três ilhas do canal (de Moçambique) Vasco da Gama ordenou a Nicolau Coelho que entrasse primeiro. Achando pouco fundo, Nicolau Coelho virava de bordo para avisar os outros (navios), quando saíram da ilha umas sete ou oito almadias carregadas de gente, que bradava que os esperassem» (Pinheiro Chagas, *Hist. de Portug.*, iv, pag. 341) || *esperassem*; pronuncia-se o segundo e como em *será*.

3 e 4) *as proas... se inclinavam*, os navios [quando os pretos começaram a acenar] já se moviam em direcção ás ilhas, para fundearem || *ligeiras* (cfr. *veloces*, 46-2), rápidamente || *Pera que... amainassem* (fig.): com o fim de irem fundear. A signif. liter. (v. a.), é colhêr as velas do navio (v. 7); com outra significação (v. n.) é «sossegar»: «o vento amaina»; é nesta última acceção que (fig.) se deve tomar, como simile, porque o navio é ancorado para não seguir mais avante.

5 e 6) *A gente e marinheiros...* todos, mesmo os que não eram marinheiros, trabalhavam com tanto afã e tanta alegria, como se tivessem chegado ao termo da viagem. O colectivo *gente*, aqui, talvez se entenda *d'armas* (a tropa que ia a bordo), e não (como em outros logares) *gente do mar* (tripulantes, marujos).

7 e 8) *Tomam as velas*: colhem-nas, para diminuir o andamento do navio; arriam-se as velas triangulares chamadas «latinas», e envolvem-se as das vêrgas, as chamadas «redondos» || *amaina-se...*, colhe-se a [vela da] vêrga alta || *vêrga*, a peça de madeira que cruza o mastro || *alta*, a do mastro grande || *Da âncora...* (ferido de = ferido por); o mar, batido pela âncora quando esta se solta de repente, forma cachão e espadana água, que vem molhar o convés do navio || *ferido*; pronuncia-se o e como em *será*.

## XLIX

Não eram ancorados, quando a gente  
 Estranha pelas cordas já subia.  
 No gesto ledos vem; e humanamente  
 O capitão sublime os recebia;  
 As mesas manda pôr em continente:  
 Do licor, que Ly'eu prantado havia,  
 Enchem vasos de vidro: e, do que deitam,  
 Os de Phaetón queimados nada enjeitam.

1 e 2) *Não eram...*; [ainda] não estavam ancorados [os navios]; subentende-se o vocábulo «ainda» correlato de «já» || *gente estranha*, de aspecto desusado (os pretos que vinham nos batéis). Alguns commentadores supõem que seriam Mussulmanos do Mediterrâneo ou Turcos, mas esses não comeriam ou beberiam com christãos; o que nos parece provável é que fossem negros suahiles, os quaes não teriam taes escrúpulos. Quem escreve estas notas, estando por duas vezes em Zanzibar, foi testemunha de terem os grandes funcionários do sultão (apesar de seguirem a religião mussulmana) accitado a bordo refeições á mesa dos passageiros, comendo até fiambre e bebendo vinho e líquidos alcoólicos — isto é, alimentos que lhes são defesos pela religião. Não acontece o mesmo a respeito dos hindus (cfr. VII, 75).

3 a 5) *No gesto ledos...*; [os pretos] vem alegres no semblante estão representados no colectivo «gente» do primeiro verso (a multidão que vinha nas almadias) || *humanamente*, com maneiras benignas, affáveis || *sublime*, eminente, digno || *pôr as mesas*; expressão commum que significa preparar as mesas, pondo-lhes o necessário para qualquer refeição || *em continente* (loc. adv.), immediatamente; é a locução latina *in continenti* (de *continen*s, próximo, immediato.)

6 a 8) *Os de Phaetón queimados...* = os [homens] queimados pelo sol (os pretos) cfr. 46-6 || *Enchem vasos...* enchem-os com o líquido [extrahido da videira] que Lyeu havia plantado || *licor* (tem aqui signif. lit.); corpo líquido; só por synédoche se dá essa denominação aos líquidos alcoólicos || *nada enjeitam do que deitam*: bebem até a última gota, nada desaproveitam || *Lyeu*, um dos cognomes de Baccho, a quem a fábula attribue a cultura da videira e o fabrico do vinho || *prantado* (por «plantado»): ainda hoje se emprega essa forma na linguagem popular; á consoante seguida de *t* de vocab. lat. corresponde, geralmente, essa mesma consoante seguida de *r* nos vocabulos de segunda formação portuguesa (i. é, semiliterária); cfr. *frol* = *flor*.

## L

Comendo, alegremente perguntavam,  
 Pola-Arábica lingua, donde vinham,  
 Quem eram, de que terra, que buscavam  
 Ou que partes do mar corrido tinham?  
 Os fortes Lusitanos lhe tornavam  
 As discretas repostas que convinham:  
 «Os Portugueses somos, do-Occidente,  
 Imos buscando-as terras do-Ori'ente».

2) *Pola arábica lingua* = em (por meio da) lingua árabe. Os habitantes da Ethiópia Oriental (Arábia), antes da descoberta de Moçambique pelos portugueses, haviam já feito migrações para aquellas paragens; muitos mouros lá iam mercadejar; e o ouro, os rubis, os topázios, as sedas e as especiarias eram, já então usuaes no commercio, por isso ali se fallava, como ainda hoje, o arábe.

6) *discretas repostas* . . ., cautelosas, dictadas pelo tino e sagacidade dos portugueses, a quem não cessavam de perguntar, se os navios eram de Turcos ou Mouros, e se traziam consigo os seus livros religiosos, ao que Vasco da Gama evitava responder directamente, pois com a sua natural finura previa a possibilidade de ter por inimigos os indígenas, logo que estes percebessem que os navegantes eram christãos.

7) *Os Portugueses somos, do Occidente*, somos os portugueses, [somos das terras] do occidente (Moçambique está proximo de 60 graus a leste de Portugal). É uma phrase emphática, isto é, dá a entender mais do que as palavras declaram, podendo assim interpretar-se: «a nossa empresa é tão ingente e tão audaciosa, quanta é a enorme distancia que separa o nosso país (no extremo Occidente) do país que buscamos (a Índia, no extremo Oriente).» Para alguns commentadores o trecho lembra a *Odyssea*, onde se encontra passo semelhante, quando se pergunta aos viandantes: «quem sois, donde vindes?»

8) *Imos* . . . (forma arch., popular e regular do verbo «ir»), vamos.

## LI

«Do mar temos corrido e navegado  
 Toda a parte do Antártico e Callisto,  
 Toda a costa Africana rodeado;  
 Diversos Céos e Terras temos visto;  
 Dum Rei potente somos, tão amado,  
 Tam querido de todos e bemquisto,  
 Que não no largo mar, com leda fronte,  
 Mas no lago entraremos de Acheronte.

1 e 2) *Do mar...*; temos corrido e navegado toda a parte do mar Antártico e [do mar de] Calisto || *Antártico*, sul; o prefixo «anti» indica opposição — o lado opposto ao Ártico (Norte), cfr. 21-6, Arcturo || *Calisto*, Norte; o motivo desta significação é o seguinte: Calisto (myth.) filha de Lycaón, rei da Arcádia, teve de Júpiter um filho; e Juno (esposa de Júpiter), de ciumenta, transformou-a em urso; mas o mesmo Júpiter a pôz no céu, convertida em estrélla. Os astrónomos deram o nome de «Ursa» a uma constellação do Norte, e a uma das estréllas dessa constellação denominaram Calisto — identificando-a com a filha do rei da Arcádia.

3 e 4) *Diversos céos e terras...* cfr. 27-5, os portugueses percorreram já as regiões «onde o dia é comprido e onde breve»; e 29-3 — «tantos climas e céos experimentados» — os descobrimentos dos archipélagos da Madeira, Açores e Cabo Verde no tempo de D. João I (1415-1432), a passagem do Cabo Bojador, por Gil Eannes (1433), a descoberta da costa da Mina, por Diogo da Azambuja (1481-82), do rio Zaire e reino do Congo, por Diogo Cam (1484-85), da Guiné, por João Affonso de Aveiro (1486), a passagem do Cabo da Boa Esperança, por Bartholomeu Dias (1487) etc. || *toda a costa rodeado*: os portugueses, naquelle tempo já conheciam grande parte do norte de Africa (Mauritânia, Ceuta, Tânger), tinha o Infante D. Pedro ido ao Egypto (1425 ou 1426) e talvez á Ethiópia (?); finalmente os navegantes haviam entrado na maior parte dos portos da costa Occidental e Oriental, cfr. Oliveira Martins, *Os Filhos de D. João I*, pag. 83 e seg.

5 a 8) *De um rei somos...*; pertencemos a um rei poderoso, tão amado, tão querido e bemquisto de todos, que [por amor delle] entraremos com leda fronte, não só no largo mar (como quem diz mentalmente: — «e essa empresa já é difficil»), mas até no lago de Acheronte || *potente*, poderoso || *querido*; pronuncia-se o *e* como em «seria» || *leda fronte*, rosto alegre || *Acheronte* (myth.), o Inferno (fig., em ling. poética) a Morte.



## LII

«E, por mandado seu, buscando-andamos  
 A terra-ori'ental que o Indo rega;  
 Por elle-o mar remoto navegamos  
 Que só dos feos phocas se navega.  
 Mas já razão parece que saibamos  
 (Se-entre vós a verdade não se nega)  
 Quem sois, que terra-é esta que-habitaes,  
 Ou se tendes da Índia-algũs sinaes?»

1 e 2) *por mandado seu*, em obediência ao rei potente 51-5 || *rega* (fig.), banha em grande extensão; o Indo tem um percurso de 2:600 kilómetros; é formado pela reunião de cinco rios, que correm nos valles do Panjabe (nome que quer dizer «cinco águas»), e depois de passar por um planalto de mais de tres mil metros de altitude, irrompe pelas gargantas do Himalaia.

3) *Por elle*, por amor d'elle (do rei) || *mar remoto*, longinquo, que fica longe da pátria.

4) *só dos . . . se navega*, só é navegado pelos . . . (fig.), só é habitado pelos phocas — para se entender que ainda ali não havia navegação europea; em «se navega pelos phocas» ha que notar a conjugação reflexa (na 3.ª pess.) servindo de voz passiva, nomeando-se o agente, contra o uso actual. Cfr. Ep. Dias. *Gram. port. elem.*, 1889. § 192 b || *phocas* (indifferentemente masculino e feminino): são amphíbios, cobertos de pellos, e com patas curtas de cinco dedos; constituem várias espécies. Parece que na antiguidade se encontravam em todos os mares; hoje só nos da Groenlândia, e ali mesmo são raros; exterminou-os quasi completamente a caça porfiada que se lhes tem feito por incitamento dos grandes lucros que dava o commercio das suas pelles e gorduras, cfr. 19-9 (gado de Próteo).

5 a 8) *razão parece* (expressão ellíptica), parece que é de razão, que é justo || *entre vós*, na vossa terra, segundo os vossos costumes || *sinaes . . .*, noticia da Índia.

## LIII

«Somos (um dos das Ilhas lhe tornou)  
Estrangeiros na terra, lei e nação;  
Que os próprios são aquelles, que cri'ou  
A Natura sem Lei, e sem Razão.  
Nós temos a Lei certa, que ensinou  
O claro descendente de Abrahão,  
Que agora tem do Mundo o senhorio;  
A mãe Hebre'a teve e o pae Gentio.

1 e 2) *tornou*, respondeu || *estrangeiros*... , estranhos — na terra, porque não eram ali nascidos — na lei (religião), porque eram mahometanos, e não gentios, como os indigenas — na nação, porque eram árabes, gente do mar Vermelho, sendo provavel que fosse árabe quem fallava a Vasco da Gama, mas que, na maioria, os homens que vinham nas almadias fossem pretos mahometanizados, cfr. 49-8 e 56.

3 e 4) *próprios* [da terra], os indigenas || *sem Lei*, sem religião, idólatras || *sem Razão*, selvagens || *Natura*, natureza (latinismo) || No v. 2, «lei e» recita-se como sendo uma unica syllaba métrica; as mesmas palavras, no v. 4, separam-se em duas, por exigencia do metro.

5 e 6) *Lei certa*, religião verdadeira (é um mussulmano que está fallando, e exprime a sua convicção, a sua crença) || *claro*, illustre || *descendente de Abrahão*, Mafoma (cfr. ismaelita, 8-6) || *Abrahão*, o cabeça (que então se chamava «patriarcha») das tribus hebreas.

7 e 8) *tem do Mundo o senhorio*: está convencido o mouro de que o cabeça do islamismo é naquella época o monarcha mais poderoso da terra || *mãe Hebre'a*: Amina, a mãe de Mafoma, de origem hebre'a (judaica, israelita) || *pae Gentio* (cfr. 8-7), Abdallá (545-570) idólatra (pagão). Diz-se também que Abdallá e Amina eram árabes puros. Os hebreus, porém, eram poderosos nas terras do Islám, por isso a tradição vulgar suppunha ser judia a mãe do apóstolo mussulmano (Burton, trad. ing. dos *Lus.*)

## LIV

Esta ilha pequena, que habitamos,  
 É, em toda esta terra, certa escala  
 De todos os que as Ondas navegamos  
 De Quíloa, de Mombaça e de Sofala:  
 E, por ser necessária, procuramos,  
 Como próprios da terra, de habitá-la;  
 E, porque tudo emfim vos notifique,  
 Chama-se a pequena ilha Moçambique.

2 e 3) *terra*, região || *escala*, pôrto intermédio onde as embarcações vão receber mantimentos ou commerciar, deixando parte das mercadorias, e recebendo outras, antes de chegarem ao termo da viagem. Os barcos saídos de Sofala para Quíloa ou Mombaça tocavam sempre ali, em Moçambique || *as Ondas de...* (fig.); as águas que banham Quíloa, etc.

4) *Quíloa*, (e não Quilôa) cidade e ilha na costa do Zanguebar (por 9º lat. Sul), pertencente hoje ao protectorado germânico || *Mombaça*, povoação na mesma costa (por 4º lat. Sul); era cidade opulenta, foi domínio português até fins do século xv, depois esteve sujeita ao sultão de Zanzibar e está comprehendida hoje no protectorado britânico || *Sofala*, porto e villa (antigamente capital) do districto do mesmo nome na provincia de Moçambique (por 21º lat. Sul). Nesse districto jazem as riquíssimas minas de Manica.

5 e 6) *por ser necessária*, por ser [escala] necessária || *procuramos de...* diligenciamos habitá-la e estabelecer ali domínio como se fossem naturaes do país, para dar protecção aos barcos que precisavam tocar nesse pôrto. Note-se a preposição «de» entre os dous verbos, dos quaes o primeiro tem a força do auxiliar. Cfr. «tratar, de indagar», cfr. 80-2, e 84-3, «determinar de vir».

7 e 8) *porque* (arch.), para que || *vos notifique*, vos faça saber || *Moçambique*: nesta ilha está hoje a capital (cidade de S. Sebastião) da provincia do mesmo nome (a capital fôra anteriormente em Sofala): diz-se «Moçambique» para designar não só a provincia, mas também a ilha e a cidade.

## LV

«E já que de tam longe navegaes,  
 Buscando o Indo Hydaspe e terra ardente,  
 Piloto aqui tereis, por quem sejaes  
 Guiados pelas ondas sábiamente:  
 Também será bemfeito que tenhaes  
 Da terra algum refrêscos, e que o Regente,  
 Que esta terra governa, que vos veja  
 E do mais necessário vos proveja.»

1 e 2) *de tam longe*; cfr. «do Occidente» 50-7 || *Hydaspe*, nome que davam os antigos ao «Jelom», ou «Jelam», rio importante e confluyente do Indo (33° lat. Norte), no Panjabe; aqui o substantivo «Indo» exerce função de adjectivo para com «Hydaspe»; o Indo é formado em grande parte com as águas do Hydaspe, que no termo do seu curso toma o nome de Indo || *terra ardente*, as terras banhadas por êsses rios, nas quaes é elevada a temperatura.

3 e 4) *Piloto*: indivíduo que pela prática (de uma costa, de um pôrto), ou pela sciência, sabe dirigir o navio para determinado rumo; entre Moçambique e a Índia havia tráfego permanente a esse tempo, por isso fácil era haver ali pilotos que soubessem a derrota para aquellas paragens || *sábiamente*, com prudência, por quem sabe o caminho.

5 e 6) *bemfeito*, cfr. 28-7 || *Regente*, o xeque (a auctoridade moura, que também chamavam sultão).

7) O último «que» do v. 7, é pleonastico, porque está expresso no v. 6; esse pleonasmio porém, é proprio da indole da ling. portug., todas as vezes, que o verbo se não segue immediatamente á conjuncção *que* da oração integrante. Cfr. expr. communs como esta: «supponho que elle que não vem.»

## LVI

Isto dizendo, o Mouro se tornou  
 A seus batéis com toda a companhia;  
 Do Capitão e gente se apartou  
 Com mostras de devida cortesia.  
 Nisto Phebo nas águas encerrou,  
 C'o carro de crystal, o claro dia,  
 Dando cargo á Irmã que alumiasse  
 O largo Mundo, enquanto repousasse.

1 e 2) o *Mouro*: aqui não significa «mauritano» mas sim «musulmano»; como já dissemos, os chamados «mouros» de Moçambique eram árabes, por muito tempo domiciliados na costa africana, e bastardos ou mestiços (suahiles), muitos dos quaes tripulavam os navios em que os banianes navegavam entre Africa, Arábia e Índia, cfr. 50-2, 63-2, n || *tornou-se a* (arch.), voltou para || *gente*, tripulantes das naus.

3) *apartou-se*, retirou-se || *mostras*, aparências || *toda a companhia*, todas as pessoas que iam em companhia do Mouro.

5 e 6) *Phebo* (lat. Phoebus): denominação de Apollô, como deus do sol e do dia || *nisto*, nesta ocasião, locução adverbial de lugar, por tempo || *carro de crystal*: fingem os poetas que Apollo (o sol) faz o seu trajecto num carro crystallino, transparente || *encerrou o claro dia nas águas*, encerrou no mar a claridade do dia; (fig.), pôs-se o sol, começou a escurecer a atmosphera; cfr. 21-8—*claro sol*; 27-8—*berços do dia*; 28-4—*roxa entrada*.

7 e 8) *Dando cargo á I. que...* (arch.), ordenando á I., que; incumbindo a I. de... || *Irmã* [de Phebo]: é Diana ou a Lua, também cognominada «Phebéa», filha de Júpiter e de Latona; pedindo ella ao pae que não a obrigasse a casar, Júpiter deu-lhe frechas e um cortejo de nymphas, fazendo-a deusa dos bosques. Por isso, e porque a sua occupação principal era a caça, foi considerada como divindade protectora dos caçadores || *emquanto repousasse*, durante a noute: enquanto [elle Phebo] estivesse mergulhado nas águas, que ficasse a terra alumiaada por Diana, ou a lua.

## LVII

A noite se passou na lassa frota  
 Com estranha-alegria e não cuidada,  
 Por acharem da terra tão remota  
 Nova de tanto tempo desejada.  
 Qualquer então comsigo cuida-e nota  
 Na gente-e na maneira desusada,  
 E como-os que na-errada seita creram  
 Tanto por todo-o mundo se-estenderam.

1 e 2) *lassa* fatigada || *frota* (fig.), os tripulantes da frota, cfr. 29-7 || *estranha*, extraordinária, imensa || *não cuidada*, não pensada, inesperada.

3 e 4) *acharem*: o sujeito deste verbo é o colectivo «frota», i. e., «as pessoas que iam nas naus» || *remota*, distante de Portugal, a terra do Indo-Hydaspes, para a qual o Mouro promettera piloto, cfr. 55-2 || *Nova*, notícia.

5 e 6) *Qualquer*: pronome indefinido que se refere, aqui, indeterminadamente ás «pessoas que iam a bordo da armada»; o mesmo que «cada qual» (= todos) || *comsigo cuida e nota*... *Na gente*... *desusada*: «cuidar» umas vezes é verbo activo (no sentido de «escogitar») como em *Lusiadas*, I, 73 «cuida um falso engano»; outras vezes é neutro (no sentido de «reflectir») como neste verso; por isso, se diz «*cuida na*... (=reflecte na... = pensa na...). O verbo «notar» (=observar) é activo; mas aqui (=reparar) é neutro também, pode pois, este trecho assim interpretar-se: «cada qual cuida comsigo (pensa) e repara na gente [de Moçambique] e na maneira [dessa gente]; ou nota [que é] desusada essa mesma gente e a maneira della || *desusada*, estranha || *maneira*, usos, costumes.

7 e 8) *E como*...; e [cada qual nota] como (=quanto) se estenderam pelo mundo (como foram parar áquelles logares remotos) os sectários de Mafoma, que os navegantes só conheciam, então, da Mauritània || *seita*, conjuncto de pessoas que seguem doutrinas que se apartam de algumas da comunidade.

## LVIII

Da Lũa os claros raios rutilavam  
 Polas argénteas ondas Neptuninas:  
 As estréllas os Céos acompanhavam,  
 Qual campo revestido de boninas;  
 Os furiosos ventos repousavam  
 Pelas covas escuras, peregrinas;  
 Porém da armada a gente vigiava,  
 Como por longo tempo costumava.

1 e 2) *Lũa*: «forma constante em *Lus.* por «lua», hoje fixada na linguagem litterária; as edições modernas teem *lua*, excepto quando a rima força a escrever *lũa*, por ex.: 9-47 (*lũa, nenhũa, algũa*); *lũa* é a forma intermédia entre latim *luna* e a usual *lua*; é ainda hoje popular, principalmente no Minho» (sr. Adolpho Coelho, na ed. de *Lus.* pelo Gabinete Portug. de leit. no Rio de Janeiro) || *raios*, os feixes de luz emitidos pelos corpos luminosos || *rutilar*, brilhar, reflectindo viva e intensamente a luz || *argénteas*, que parecem prateadas, cfr. «argento» 28-5 e «argéteos» II, 20-2 || *Neptuninas*, do mar (de Neptuno).

3 e 4) *acompanhavam*, adornavam a abóbada celeste || *Qual campo...*, [o céu assim estrelado era] qual (como, semelhante a) campo revestido de boninas (florinhas do campo). Cfr. IX, 24-4.

5 e 6) *repousavam...* (fig.), os ventos personificados nas divindades da mythologia (Eolo era o Deus dos ventos, cfr. Bóreas, Austro, 35) descansavam, como se dormissem; a prep. *por* denota dispersão: uns em umas covas, outros em outras || *covas... peregrinas*, cavernas estranhas para os homens, i. é, só dos ventos: segundo a mythologia o vento, quando não soprava, estava fechado em fundas cavernas

7 e 8) *por longo tempo...* havia muito tempo que os da armada costumavam de noute estar álerta; apesar de verem o céu estrelado, e não terem por isso que recear os perigos do mar — velavam, acautelando-se de alguma cilada da gente de terra.

## LIX

Mas, assi como-a-Aurora marchetada  
 Os fermosos cabellos espalhou  
 No Céu sereno,-abrindo-a roxa-entrada  
 Ao claro-Hyperiónio que-accordou,  
 Começa-a-embandeirar-se toda-a-armada,  
 E de toldos alegres se-adornou,  
 Por receber com festas e-alegria  
 O Regedor das ilhas, que partia.

1 e 2) *assi como* (arch.), logo que || *Aurora* (myth.), filha do titão Hyperião; a claridade que precede o sol nascente. Titães se chamaram os gigantes, que, segundo a mythologia, se revoltaram contra os deuses e tentaram escalar o céu pondo montanhas sobre montanhas, mas que foram fulminados por Júpiter || *marchetada*, embutida: porque o raiar da aurora apresenta no horizonte várias côres, que parecem marchetadas ou embutidas, como em mosaico, efr. *marchetados*, 23-1 || *cabellos* (fig.), os raios do sol nascente, os quaes se finge serem os cabellos de Aurora.

3 e 4) *roxa entrada* (fig.), a rubra porta pela qual entra o sol na terra, quando sae das ondas; a côr vermelha que toma o horizonte, a leste, quando começa a apparecer a aurora. O poeta emprega a palavra «roxa» para designar a côr vermelha, efr. 28-4 || *Hyperião*, pae de Aurora, nome também dado ao Sol; aqui tomado por Apollo—que accordou, porque na véspera tinha ido repousar, efr. 56-8.

5 e 6) *toldos*, obra de panno que cobre os barcos e os navios para abrigar do sol quem vae sobre a coberta || *alegres* (fig.), de côres vivas, que, para assim dizer, alegam a vista.

7 e 8) *Por... com o fim de...* || *O Regedor das ilhas*, o xeque de Moçambique || *partia*, estava na praia embarcando; partia de lá, para ir a bordo das naus.



## LX

Partia, alegremente navegando,  
 A ver as naus ligeiras Lusitanas,  
 Com refrêscos da terra, em si cuidando  
 Que são aquellas gentes inhumanas,  
 Que, os apouentos Cáspios habitando,  
 A conquistar as terras Asi'anas  
 Vi'eram, e, por ordem do destino,  
 O Império tomaram a Costantino.

1 a 3) *Partia* . . . , [o xeque] largava a praia, navegando em direcção ás naus || *ligeiras*, que eram de rápido andamento, cfr. 48-3 || *refrêscos* (t. marít.), mantimentos, principalmente fructos e água, que os navios, durante a viagem, recebem nos portos em que tocam, para uso dos tripulantes e passageiros, e não para commercio || *em si cuidando* . . . , (cfr. 57-5) suppondo, dizendo consigo, que a gente das naus era turca.

4 a 8) *inhumanas*, deshumanas, cruéis || *apouentos* (fig.), regiões (litt. moradas), cfr. 41-8 || *Cáspios* (adj.), do mar Cáspio — mar interior que banha, na Europa e na Asia, regiões que pertencem hoje quasi todas á Rússia (só uma pequena parte á Pérsia), mas onde dominavam os turcos, quando estes invadiram a India, e se estabeleceram em Constantinopla || *Asianas* (neol.), asiáticas || *Costantino*, por «Constantino» (pronúncia popular do tempo; cfr. *mostrar* do lat. *monstrare*) nome de treze imperadores romanos. Um dos mais notáveis foi Const. I, «o Grande» (306), que, transportando a sede do império para Byzáncio, deu a esta cidade o nome de Constantinopla, que quer dizer em grego «cidade de Const.». O Poeta, porém, refere-se aqui ao XIII, o último imperador do Oriente, que succumbiu, defendendo Constantinopla contra Mahomet II (1453). || No v. 8, e na edição princeps, vem «tomarão», e na 2.<sup>a</sup> «tomaram»; em ambos os casos — pretérito, porque este se escrevia naquella tempo dos dous modos; e haveria anachronismo, dando como futuro (em 1498) um facto passado em 1453 (a tomada de Constantinopla). Dada a suppressão do dith. nasal *ão*, passando para *o* e elidindo-se este com a vogal seguinte (fig. chamada ecthlipse, de que ha exemplo em *com a*, que se recita *co'a* numa única syllaba métrica, pronúncia que é a usual no Minho ainda hoje), o verso tem de recitar-se assim:

O Im-pe-rio to-má-ro a Cons-tan-ti-no  
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

lendo *tomaro'a* como se *tomaram* se pronunciasse ainda *tomárõ*, que foi realmente a forma primitiva, ainda hoje conservada no Entre-Douro e Minho a par de *tomáro*.

## LXI

Recebe-o Capitão alegremente  
 O Mouro-e toda su'a companhia;  
 Dá-lhe de ricas peças um presente,  
 Que só pera-êste effeito já trazia;  
 Dá-lhe conserva doce-e dá-lhe-o-ardente  
 Não usado licor, que dá-alegria:  
 Tudo-o Mouro contente bem recebe,  
 E muito mais contente come-e bebe.

## LXII

Está a gente marítima de Luso  
 Subida pela-exárchia, de-admirada,  
 Notando-o estrangeiro modo e-uso  
 E-a linguagem tão bárbara-e-enle'ada.  
 Tambem o Mouro-astuto-está confuso,  
 Olhando-a côr, o trajo-e-a forte-armada,  
 E, perguntando tudo, lhe dezia,  
 Se por ventura vinham da Turquia?

---

3 a 6) *peças*, objectos de várias espécies || *ardente licor*, vinho ||  
*Não usado*: porque a religião do Islam prohibe aos mahometanos o  
 uso delle, cfr. 49.

---

1 a 4) *Está*: elide-se o e na recitação || *gente marítima de Luso*,  
 os marinheiros portuguezes || *exárchia* (hoje *enzarcia*; gr. médio  
 EXARTIA, ital. sarta, aparelho do navio: G. Körting, *Lat. Rom.*  
*Wörterbuch*, s. v.), enfrechadura, os cabos que prendem os mastros  
 ao casco, em forma de escadas || *de admirada*, porque estava admi-  
 rada || *estrangeiro*, estranho, desusado || *bárbara*, rude, desconhecida  
 || *enleada*, embaraçada, inintelligível para os portuguezes — o sua-  
 hile, ou talvez o macúa, a linguagem dos naturaes de Moçambique;  
 não a lingua arábica em que o mouro fallava a Vasco da Gama,  
 cfr. 50-2.

5 a 8) *astuto*, manhoso, ardiloso || *confuso*, perplexo; na incerteza  
 sôbre que gente era aquella || *Turquia*, o império othomano, que  
 naquella época (século xv) chegara ao auge da grandeza, estabele-  
 cida sôbre as ruínas do império byzantino, exercendo domínio na  
 península balcânica, na Asia Occidental e no Egypto.

## LXIII

E mais lhe diz também que ver deseja  
 Os livros de sua lei, preceito ou fê,  
 Pera ver se conforme á su'a seja,  
 Ou se são dos de Christo, como crê;  
 E, porque tudo note e tudo veja,  
 Ao Capitão pedi'a que lhe dê  
 Mostra das fortes armas de que usavam,  
 Quando c'os inimigos pelejavam.

## LXIV

Responde o valeroso Capitão,  
 Por um que a lingua escura bem sabia:  
 «Dar-te hei, senhor illustre, relação  
 De mi, da lei, das armas que trazia;  
 Nem sou da terra, nem da geração  
 Das gentes enojosas de Turquia;  
 Mas sou da forte Europa bellicosa;  
 Busco as terras da Índia tam famosa.

1 a 8) *lei*, *preceito* ou *fê*, religião, doutrina ou crença; *fê*, para rimar com *crê* e *dê*; cfr. *Féc.*, 2-3 || *Para vêr se seja* (arch.), para vêr se é: emprega-se o modo subj. pelo indic., cfr. *ou se são* no v. seg. || *E porque note...*, e para tudo notar = e como observa tudo || *pedia*, pede (cfr. 36, e *passim* — o emprêgo do pret. imp. pelo pret. perf.) || *dar mostras* (arch.), mostrar.

1 a 8) *Por um...* por intermédio de um [intérprete] || *lingua escura* pode ter dupla significação: o ser obscura, inintelligível para os portugueses, e (fig.) o ser lingua de pretos, cfr. 62-4 n. «enleada» || *trazia*, por «trago»; cfr. *pedia*, 63-6 || *enojosas*, odiosas; convem notar que V. da Gama trata o Mouro com toda a cortesia («senhor illustre», v. 4), e ao mesmo tempo chama «enojosa» a gente da Turquia, que era da mesma religião que os mouros; os turcomanos, como invasores, exerciam domínio odioso sobre esses mesmos de quem haviam adoptado a religião: por isso o epitheto devia lisongear o xequê, cfr. 60-4, *inhumanas* || *Europa*; então os turcos não eram considerados europeus, cfr. Cáspios, 60-5 || *bellicosa*, habitada por gente guerreira || *famosa*, afamada.

## LXV

«A lei tenho daquelle a cujo império  
 Obedece o visível e invisível,  
 Aquelle que criou todo o hemisphério,  
 Tudo o que sente e todo o insensível,  
 Que padeceu deshonra e vitupério,  
 Soffrendo morte injusta e insoffribil,  
 E que do Céu á terra, em fim, deceu,  
 Por subir os mortaes da terra ao Ceu.

## LXVI

«Dêste Deus-homem, alto e infinito,  
 Os Livros que tu pedes nam trazia;  
 Que bem posso escusar trazer escrito,  
 Em papel, o que na alma andar devia.  
 Se as armas queres ver, como tens dito,  
 Comprido esse desejo te seria,  
 Como amigo as verás; porque eu me obrigo  
 Que nunca as queiras ver como inimigo.»

---

1 a 8) *lei*, religião || *império*, auctoridade || *visibil...*, *invisibil...*, *insensibil*, etc. (arch., forma usual em *Lus.* do suff. lat. — *ibilis*), tudo o que é visível, etc. || *todo o hemisphério* (fig.), todas as espheras, todo o universo (a parte pelo todo, e singular pelo plural) || *Tudo o que sente...*, todos os seres animados e todos os entes inanimados || *padeceu deshonra e vitupério*, foi escarnecido e aviltado (referência aos mártírios de Christo) || *E que do Céu...*; referência ao credo apostólico romano, segundo o qual Deus veio á terra, e consubstanciado em Jesus Christo soffreu mártírio e morte, para remir a humanidade do peccado original || Note-se a rima «deceu» e «Ceu», palavras em que o som do *e* não é hoje idéntico.

---

1 a 8) *alto*, superior, poderoso || *Deus-homem*, Jesus Christo || *trazia, devia*; por «trago». Cfr. 65-4 || *Se queres... te seria*: Esta forma condicional costuma geralmente ser correlata de oração com verbo no imperf. do subj. ou indicativ., e notada com a conjunção «se»; por tanto o rigor grammatical indica: «se quisesses ou se queiras... esse desejo te seria»; mas, na poesia popular, e na dos can-

## LXVII

Isto dizendo, manda-os diligentes  
 Ministros amostrar as armaduras:  
 Vem arneses e peitos reluzentes,  
 Malhas finas e lâminas seguras,  
 Escudos de pinturas differentes,  
 Pilouros, espingardas de aço puras,  
 Arcos e sagittiferas aljavas,  
 Partasanas agudas, chuças bravas;

cioneiros; hoje ainda na linguagem fallada, é freqüente substituir o imp. do subj. pelo pret. do indicativo; cfr. com expressões usuaes como esta: «Se tomo naquella occasião o teu conselho, não teria de que me arrepender» || *obriço-me...*, prometto (como quem tem a certeza) que ficarás escarmentado das nossas armas, se te portares como inimigo. || A majestade grandiosa desta e da antecedente estância attestam bem vivamente não só a intensa fé religiosa que illuminava o Poeta, mas também a sua índole grandemente corajosa.

1 a 3) *Ministros* (arch. nesta acceção): diríamos hoje «moços de bordo, ou grumetes» (do lat. minister, servo, o que presta serviço) || *Vem*, são trazidos || *armaduras*, o conjuncto das peças metálicas que os guerreiros usavam para proteger o corpo || *arneses*, peças de armadura que defendiam o tronco do guerreiro || *peitos*, peças que defendiam o peito || *reluzentes*, por serem de aço pulido.

4) *Malhas* [saias de], espécie de camisas feitas de pequenos anéis de ferro || *Lâminas*, vestidura de couro guarnecida de lâminas ou pequenas chapas metálicas || *seguras*, de boa ténpera, rijas || *Pilouros* (pelouros), balas de espingarda ou arcabuz || *espingardas de aço puras*, em vez de «puro»: imitação de syntaxe latina, para dar rima com os v. 2 e 4.

7 e 8) *aljava*, bolsa, coldre ou careaz, onde se traziam as setas para atirar || *sagittiferas* (latinismo: sagitta «seta», e fero «levar»): diríamos hoje porta-setas || *Partasanas*, espécie de alabardas: haste de pau, tendo no extremo uma lâmina de ferro larga, comprida, e atravessada por uma meia lua || *chuça* (ou chuço), também haste de pau, com simples choupa em um dos extremos || *bravas* (fig.), rijas.

## LXVIII

As bombas vem de fogo, e juntamente  
 As panellas sulphúreas, tam danosas;  
 Porém aos de Vulcano nam consente  
 Que dem fogo ás bombardas temerosas;  
 Porque o generoso ânimo e valente,  
 Entre gentes tam poucas e medrosas,  
 Não mostra quanto pode; e com razão,  
 Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

## LXIX

Porém disto que o Mouro aqui notou,  
 E de tudo que viu com ôlho attento,  
 Um ódio certo na alma lhe ficou,  
 Úa vontade má de pensamento;  
 Nas mostras e no gesto o não mostrou,  
 Mas, com risonho e ledo fingimento,  
 Tratá-los brandamente determina,  
 Até que mostrar possa o que imagina.

---

1 a 3) *bombas*, balas ocas de ferro, atacadas de pólvora e metralha, que se lançavam por meio de «bombardas» || *panellas sulphúreas*, cheias de enxôfre (substancia que se aquecia até estar candente, quando taes projecteis se arremessavam) || *danosas*, que produzem estragos || *aos de Vulcano* (fig.), aos artilheiros || *Vulcano* (myth.), filho de Júpiter e de Juno, deus do fogo; expulso do Olympo, estabeleceu forjas no Etna || *não consente*: subentende-se [o Capitão].

4 a 8) *bombardas*, morteiros ou canhões curtos || *temerosas*, temerosas, cfr. «valerosas» 2-5, que causam temor || *generoso ânimo*...: quem possui sentimentos elevados não faz alardo da sua força deante dos fracos; faze-lo é só proprio dos cobardes.

---

1 a 6) *disto*, [em resultado] disto || *nas mostras* (arch.), nas apparencias, nas maneiras || *gesto*, semblante || *fingimento ledo*, fingimento de alegria, sorrisos fingidos.

7 e 8) *Tratá-los brandamente*... [o xeque] toma a resolução de tratar os portuguezes com maneiras affáveis, até que possa mostrar o que imagina (até haver oportunidade de pôr em prática a traição que premedita) || *mostrar*: note-se a repetição do vocábulo, em tres formas, a qual é sem dúvida intencional.

## LXX

Pilotos lhe pedia o Capitão  
 Por quem pudesse á Índia ser levado;  
 Diz-lhe que o largo prémio levarão  
 Do trabalho que nisso for tomado.  
 Promette-lh'os o Mouro com tenção  
 De peito venenoso e tam danado,  
 Que a morte, se pudesse, neste dia  
 Em logar de pilotos lhe daria:

## LXXI

Tamanho o ódio foi e a má vontade  
 Que aos estrangeiros súbito tomou,  
 Sabendo ser sequaces da verdade  
 Que o filho de David nos ensinou!  
 Os segredos daquela Eternidade  
 A quem juízo algum nunca alcançou!  
 Que nunca falte um pérfido inimigo  
 Aquelles de quem foste tanto amigo!

---

1 e 2) *Pilotos*: os marítimos que fazem particular estudo sobre a arte de conduzir os navios; nas embarcações de vela (mercantes), piloto é o immediato ao capitão, o substituto dêste; mas aqui está noutra accepção: é o marítimo que tem particular estudo e conhecimento de uma barra, de um canal, de certa porção de mar. Para a travessia do mar Vermelho ainda hoje muitos navios da Europa tomam pilotos árabes.

3 a 6) *o largo prémio*... o pagamento que estivesse em proporção do tempo de serviço que se lhes tomasse, mas que havia de ser avultado. «Accedeu a isto o negro (a dar pilotos), dizendo que contratasse com elles, o que effectivamente Vasco da Gama fez, ajustando dous pilotos por 30 maticaes de ouro, e dando-lhes além disso fato, que os satisfez muito. Mas, como se estabeleceu trato amigavel entre os navios e a terra, não tardaram os mouros mercadores a saber que lidavam com christãos, e logo projectaram a sua perda». (Pinheiro Chagas, *Hist. de Port.*, tomo iv, pag. 342) || *peito venenoso* (fig.), intenção malévola || *danado*, ruim, pérfido, cfr. 39-6, 67-2.

---

1 a 4) *Tamanho*... tal foi, tam grande...: esta oração é correlata e explicativa da última oração da estância antecedente: [pelo que fica dito, se pode avaliar] quanto foi grande o ódio que o xeque tomou aos portuguezes, ao saber que elles eram christãos. É preciso na

## LXXII

Partiu-se nisto em fim, co-a companhia,  
 Das naus o falso Mouro, despedido  
 Com enganosa e grande cortezia,  
 Com gesto ledõ a todos e fingido.  
 Cortaram os batéis a curta via  
 Das águas de Neptuno, e, recebido  
 Na terra do obseqüente ajuntamento,  
 Se foi o Mouro ao cógnito apousento.

recitação, fazer sentir, pelo abaixamento de voz, que os primeiros quatro versos são a conclusão do pensamento expresso nos últimos da estância anterior || *sequaces da verdade que...*; sectários, crentes das verdades ensinadas por... || *filho de David*, Christo || *filho* (fig.), descendente || *David* (o ultimo *d* não se pronuncia), o propheta e rei de Israel (1040-1016 A. C.) || *sequaces* (hoje «sequazes»), latinismo de *sequax*, *sequacis*, «que segue assiduamente»; cfr. *veloces*, 46-2 || *súpito*; nas edições modernas está substituído por «súbito» (lat. *subito*), de súbito, repentina ou inesperadamente; conservamos, sem embargo, a lição das primeiras edições, ainda hoje usual; êste modo adverbial parece ser evolução popular do vocábulo erudito *súbto*; cfr. o castelhano «de sopeton».

5 a 8) *Os segredos...*: [o que são] os segredos do Deus eterno, a quem a razão não alcança! || *que nunca falte...*; [um dêesses segredos é] que nunca falte um inimigo áquelles de quem foste [ó Christo] tanto amigo (allusão á estância vi, e repetição do pensamento ahí expresso — a familia portugueza amada por Christo) || *tanto amigo*; «tanto» (determinando o verbo) em vez de «tam» (modificando o subst. adjectivado, «amigo»): de quem tanto foste amigo (afeiçãoado).

1 a 4) *nisto*: feita a promessa dos pilotos (referência aos últimos versos) || *falso*, pérfido || *despedido*, [tendo-se] despedido || *enganosa*, fingida || *gesto ledõ e fingido a todos*, fingida alegria no semblante para todos (a = para).

5) *os batéis cortaram a curta via...*, atravessaram o curto caminho..., o pequeno espaço de mar que separava do littoral as naus || *cortando* o mar: expressão usada freqüentemente pelo Poeta; é a semelhança do «cortar a terra com o arado», porque as embarcações, em andamento, deixam atrás de si um rasto, que dura pouco, é verdade, mas que tem parecença com o sulco formado pelo arado.

6 a 8) *recebido... do... ajuntamento...*, o mouro recebido, em terra, pelo povo || *obseqüente*, que o esperava || *Se foi*, dirigiu-se, retirou-se (foi-se) || *ao cógnito apousento*, para a [sua] conhecida morada, cfr. 41-8, 60-5. || Alguns annotadores, dão ao vocábulo



## LXXIII

Do claro assento Ethéreo o gram Thebano,  
 Que da paternal coxa foi nascido,  
 Olhando o ajuntamento Lusitano  
 Ao Mouro ser molesto e avorrecido,  
 No pensamento cuida um falso engano  
 Com que seja de todo destruído;  
 E, emquanto isto, só na alma, imaginava,  
 Comsigo estas palavras praticava:

«obsequente» a significação de «o que obsequia». Moraes (dicc.) cita exemplos de ter sido empregado por AA. antigos para significar — «atrahido» (por pessoa ou cousa de maior grandeza). Quicherat (dict. lat.) dá a «obsequens» as signif. de «obediente, submisso, complacente». Podem, pois, também interpretar-se aquellas palavras por «povo submisso», complacente com o seu xeque; por isso foi esperá-lo ao desembarque || *ajuntamento*, (aqui) os mouros reunidos na praia; cfr. 73-3, «ajuntamento lusitano».

1) *Do...* (= estando no... [e de lá] olhando, vendo); cfr. 17-1 «da olímpica morada se vem» || *claro*, illustre || *assento*, morada || *Ethéreo*, celeste, cfr. Cãm. *Rimas*, cccxix, 5 || *thebano*: epitheto de Baccho, porque sua mãe (Sémele) era de Thebas (hoje pronunc. Thiva), cidade da Grécia antiga, capital da Beócia, fundada segundo a lenda por Cadmo, avô materno do mesmo Baccho. Não se confunda com Thebas «das cem portas» — cidade antiga do Egypto.

2) *da paternal coxa...* havia junto de Nysa (Índia) um monte chamado Meros — vocabulo grego que significava «coxa». Nesse monte, segundo a fábula, se refugiou Baccho quando foi ao Oriente, em occasião de uma terrível peste; e como escapasse, o que produziu admiração, dizia-se que elle ali resuscitara, ou nascera outra vez. A fábula tambem inventou que Júpiter, resoldido a matar Sémele, que estava grávida do mesmo Baccho, tirou o feto do ventre da mãe e metteno na coxa da propria perna, onde o conservou até se completar o período de completa gestação; estando assim Baccho algum tempo no ventre de Sémele, e depois na coxa do pae, dahi a origem de dizer-se que era filho de duas mães e nascera duas vezes.

3 a 8) *Olhando...*, Baccho, vendo que os portuguezes (o ajuntamento lusitano) eram molestos ao Mouro, premedita uma traição para destruir a armada || *molesto*, incómodo || *avorrecido* (arch.), aborrecido, odioso || *cuida*, premedita; *cuidar*, aqui, é transitivo; não assim em outros logares, cfr. 44-8, 57-5, 60-3, etc. || *destruído*, o ajuntamento lusitano, os da frota || *praticava comsigo...*, dizia comsigo; «praticar» com alguém = fallar com alguém; «prática», conversação.

## LXXIV

«Está do Fado já determinado,  
 Que tamanhas victórias, tam famosas,  
 Hajam os Portugueses alcançado  
 Das indi'anas gentes bellicosas:  
 E eu só, filho do Padre sublimado,  
 Com tantas qualidades generosas,  
 Hei de soffrer que o Fado favoreça  
 Outrem, por quem meu nome se escureça?»

## LXXV

Já quizeram os Deuses que tivesse  
 O filho de Filipo nesta parte  
 Tanto poder, que tudo somettesse  
 Debaixo de seu jugo o fero Marte;  
 Mas há se de soffrer que o Fado desse  
 A tam poucos tamanho esforço e arte  
 Que eu, c'o gram Macedónio, e c'o Romano  
 Dêmos logar ao nome Lusitano?

---

1 a 4) *determinado do...* (arch.), determinado pelo... || *Fado*, destino (cfr. 24-6, 28-1, 31-7). Baccho prevê, pelo que disse Marte (38 a 40) e Júpiter approvou (41-2), que os portugueses hão de conquistar a India; por isso diz «hajam alcançado» em vez de «hajam de alcançar», dando como realisado o que dependia do futuro ainda || *victórias tão famosas...*, que hão de ser tam célebres, tam afamadas.

5 a 8) *Padre sublimado*, pae (Júpiter) poderoso || *generosas*, nobres || *por quem meu nome se escureça*: Baccho revela mais uma vez a impaciência (cfr. 31 e 32) de ver como o destino favorece a empresa dos portugueses, e como, por causa dêstes e em resultado de tal favor, ficará escurecido ou esquecido o renome que elle teve na India.

---

1 a 4) *Filipo* (arch., de *Philippus*; cfr. *Alexandro*, 3-3), Filippe, rei de Macedónia, pae de Alexandre Magno, que se apoderou de muitas cidades da Grécia, e que, depois de as ter subjugado assumiu o título de capitão dos hellenos (gregos), passou o Hellesponto, venceu as tropas de Dario (Dario) tomou Tyro, Sidónia e conquistou o Egypto: depois, passando o Euphrates e o Tigre, alcançou uma grande victória dos persas; em seguida tomou Babilónia, Per-

## LXXVI

«Não será assi, porque, antes que chegado  
 Seja êste Capitão, astutamente  
 Lhe será tanto engano fabricado,  
 Que nunca veja as partes do Oriente.  
 Eu decerei á terra, e o indignado  
 Peito revolverei da Maura gente;  
 Porque sempre por via irá direita  
 Quem do opportuno tempo se aproveita.»

sépolis e chegou ao Indo (356-323, A. C.) || *fero*, altivo || *nesta parte*, na Índia || *somettesse*, hoje submettesse, cfr. «sojugar», 32-1: Para Alexandre Magno ter tanto poder... Marte submetteu tudo ao jugo delle (Alexandre).

5 a 8) *há-se de soffrer*, tem-se de...; é-se obrigado a...; hoje dir-se-ia «há de se soffrer»; cfr. 74-7 || *tam poucos*: allusão aos portugueses; poucos os da armada; poucos os habitantes de Portugal — país pequeno — por isso maior razão para a glória delles || *esfôrço e arte*, coragem e sciência militar || *eu, c'o...*, eu e o... || *o gram Maccónio* (antonomásia,) o Grande Alexandre, cfr. v. 2, nota || *Romano* (antonomásia), Trajano, imperador romano (98-117) que subjugou o grande império partho; estendia-se êste do mar Cáspio ao Indo e ao Euphrates.

Obs. Note-se a rima dos versos 1, 3 e 5 — tivésse, somettésse, dêsse (?).

1 a 4) *Não será assi*; Baccho falla consigo mesmo, como quem toma uma resolução || *chegado seja* (arch.), tenha chegado: os antigos conjugavam pela voz passiva, e não pela activa os verbos intransitivos de movimento || *será fabricado*: cfr. com as expressões usuaes «tecer, tramar, urdir» uma cilada; prepará-la com larga premeditação, usando de artificios — do mesmo modo que para se obter um tecido, no que é preciso arte e o trabalho lento, primeiro de urdir os fios, depois de cruzar êstes com outros, os da trama, cfr. 77-5, «tecer», e 96-6 «urdir».

5 a 8) *o peito revolverei*, excitarei [com as minhas palavras] o ódio dos mouros || *quem se aproveita do opportuno tempo...*, quem se aproveita das occasiões consegue o seu fim || *via irá direita*; a occasião era boa, porque estavam os mouros irritados contra os portugueses; fácil era portanto aproveitar a má disposição de ânimo do xeque de Moçambique para o acirrar e para conseguir que elle destruísse a armada, estorvando-lhe assim o descobrimento da Índia || *dereita* (pronúncia arch. e popular), direita.

## LXXVII

Isto dizendo, irado e quasi insano,  
 Sobre a terra Africana descendeu,  
 Onde, vestindo a forma e gesto humano,  
 Para o Prasso sabido se moveu:  
 E, por melhor tecer o astuto engano,  
 No gesto natural se converteu  
 Dum Mouro, em Moçambique conhecido,  
 Velho, sábio e c'o Xequê mui valido.

1 a 4) *Quasi insano*, quasi louco, porque a ira ou a cólera é como que um princípio de loucura || *descender* (latinismo de *descendere*, forma conservada hoje só para designar a seqüência das gerações), *descer* || *vestindo* . . . , disfarçado na forma e rosto humano, cfr. v. 6 || *moveu-se para o Prasso*: partiu para o Prasso || *sabido*, conhecido, cfr. 42-5 || *melhor* (arch.), melhor.

5 a 8) *Tecer* . . . , fazer uma teia: preparar, juntar, travar os meios (como se entretecem os fios) de realizar o engano, a traça, a traição, a cilada, cfr. 76-3 || *converteu-se* . . . disfarçou-se de modo tal que o rosto era exactamente o do mouro . . . || *xequê* (palavra árabe que significa «ancião»), regedor, régulo; nas terras firmes de Moçambique, Ibo, Angoche, ainda últimamente era o xequê a auctoridade administrativa e judicial da terra — auctoridade transmittida umas vezes por herança, outras por eleição, e confirmada pelo governo geral da provincia — isto nos três districtos do norte, onde predominam restos do elemento árabe (pretos mahometanizados); ainda ha poucos annos estavam naquellas circumstancias os xequês da Cabaccira, da Matibana, de Sancul, etc. (no dist. da capital) || *valido com o xequê* (arch.), valido de . . . ; privava com o «xequê», estava por isso em situação de o poder aconselhar.

Até meados d'este século figurou sempre escrito em português, tal como o poeta o empregou, o vocábulo *xequê*, muito usado pelos nossos escritores e chronistas da Asia e Africa e que talvez já pertencesse ao thesouro da lingua portuguesa desde o período da sua formação, como também a outros idiomas da península Hispânica, para onde seria trazido pelos invasores mussulmanos que aqui o deixariam naturalizado. Muito modernamente, porém, começou a ser usado com outras formas peregrinas, alterado na sua escrita e pronúncia, quer á francesa *cheik*, *cheique*, quer á inglesa *sheik*, quer á allemã, *scheik*. Conservamos-lhe a escrita portuguesa tanto no texto como nas notas, por não vermos razão plausível para a modificarmos em qualquer modo que seja.

## LXXVIII

E, entrando assi a fallar-lhe a tempo e horas  
 Á su'a falsidade acomodadas,  
 Lhe diz como eram gentes roubadoras  
 Estas que ora de novo são chegadas;  
 Que, das nações na costa moradoras,  
 Correndo a fama vei'u, que roubadas  
 Foram por estes homens, que passavam,  
 Que com pactos de paz sempre ancoravam.

## LXXIX

«E sabe mais, lhe diz, como entendido  
 Tenho dêstes Christãos sanguinolentos  
 Que quási todo o mar tem destruído  
 Com roubos, com incêndios violentos,  
 E trazem já de longe engano urdido  
 Contra nós; e que todos seus intentos  
 São pera nos matarem e roubarem,  
 E molheres e filhos captivarem.

---

1 a 8) *entrando a...*, começando a... || *a tempo e horas*: é phrase ainda muito usada em collóquio, no sentido de «opportunamente», «quando deve ser» || *acomodadas* (fig.), adequadas para conseguir o perverso fim || *diz como eram...* diz que estas gentes, acabadas de chegar, eram piratas || *que das nações...* [diz-lhe mais] que veiu noticia das povoações vizinhas, [dizendo essa noticia] que ellas tinham sido roubadas pelos portuguezes || *que*, nos versos 5 e 6 é conjunção; no 5.º liga o verbo «diz»; no 6.º liga a oração «veiu a fama»; nos versos 7 e 8 é pronome relativo.

---

1 a 8) *sabe como entendido tenho...* e fica tu sabendo que tenho ouvido dizer || *dêstes*, a respeito dêstes christãos (sei que elles tem destruído) || *sanguinolentos*, sanguinários || *todo o mar* (fig.), todas as povoações do littoral, ou todas as embarcações encontradas no mar || *E trazem...* a conjunção liga «trazem» com «tem» do v. 3 || *e que todos seus intentos...* e [tenho entendido mais] que as suas intenções..., cfr. 83-3 «todo dano» || *molheres* (não se deve elidir o último e); conservamos a orthographia que era usual até êste século, e que está em harmonia com a evolução portuguesa do latim *mulierem* || *captivarem*: assim escrito nas duas primeiras edições, tornarem captivos (escravos), levarem nossas mulheres e filhos para os venderem como escravos.

## LXXX

«E também sei que tem determinado  
De vir por água a terra, muito cedo,  
O Capitão, dos seus acompanhado;  
Que da tenção danada nasce o medo.  
Tu deves de ir também c'os teus armado  
Esperá-lo em cilada, occulto e quêdo;  
Porque, saindo a gente descuidada,  
Ca'irão fácilmente na cilada.

## LXXXI

«E, seinda não ficarem dêste geito  
Destru'idos ou mortos totalmente,  
Eu tenho imaginada no conceito  
Outra manha e ardil, que te contente:  
Manda-lhe dar piloto que de geito  
Seja astuto no engano, e tam prudente,  
Que os leve aonde sejam destru'idos,  
Desbaratados, mortos ou perdidos.»

1 a 4) *determinado de vir* (arch.); desusada hoje a preposição «de» neste e outros verbos empregados com infinitivo || *por água*, em busca de água para abastecimento dos navios, cfr. 84-4 e 86-2 || *dos seus acompanhado*, em companhia dos seus [soldados] || *tenção danada*, intento malévolo; Baccho pretende convencer o xeque de Moçambique de que o Gama viria cedo, escondidamente, por medo de ser visto.

5 a 8) *deves de ir...* sobre a prep. «de», cfr. nota antecedente «in principio» || *c'os teus...*, armado [e] acompanhado pelos teus [hómens] || *cilada*, lugar encoberto junto de algum caminho, onde se esconde gente para acometter de improviso; por extensão, armadilha, qualquer artificio astucioso para fazer damno a alguém || *saindo a gente*: quando o capitão desembarcar com a sua gente, vindo todos descuidados, não se lembrando que os estejam esperando... || *ca'irão*: o sujeito «gente», como colectivo rege o plural (subentende-se «todos», o capitão e os tripulantes dos escaleres).

1 a 4) *inda*; já encontramos *ainda* em outros logares, cfr. 1-4 || *dêste geito*, dêste feitio, dêste modo; edições modernas tem substituído *geito* por «feito» || *totalmente*, todos || *tenho imaginada*, meditei,

## LXXXII

Tanto que estas palavras acabou,  
 O Mouro, nos taes casos sábio e velho,  
 Os braços pelo collo lhe lançou,  
 Agradecendo muito o tal conselho;  
 E logo nesse instante concertou  
 Pera a guerra o belligero apparelho,  
 Pera que ao Português se lhe tornasse  
 Em roxo sangue a água que buscasse.

ideci, (cfr. 29-2, sobre a concordância do particípio) || *no conceito*, no pensamento (pleonasma, êmphase, para produzir maior convencimento, porque a palavra «imaginada» dizia o bastante para Baccho ser comprehendido) || *manha*, habilidade, artificio || *ardil*, estratagemas, invento astuto || *que te contente*, [ardil] que te satisfaça o desejo de destruíres os portuguezes; note-se: o verbo no sing. apesar de ter dous sujeitos, por serem estes de significação synonyma.

5 a 8) *Manda-lhe* [tu]: Baccho explica o ardil, aconselhando o xeque a mandar ao capitão um piloto, que, em vez de ensinar o caminho, faça naufragar as embarcações || *de geito*..., de feição, por índole, por aptidão, seja astuto. No v. 1 «de geito» é locução adverbial. Sobre a rima do mesmo vocabulo repetido (v. 1 e 5) vej. J. Leite de Vasconcellos, *Poesia Amorosa do Povo Português*, Lisboa, 1890, pag. 44-46 || *desbaratados*, dispersos, destroçados (o naufrágio, que desfaria os navios, e arrojaria os navegadores á praia, onde elles ficariam perdidos, ou mortos).

1 a 4) *Tanto que*..., apenas [Baccho] acabou de fallar, o mouro (o xeque)... abraçou-o || *nos taes casos*, em ardis, em enganamentos semelhantes || *tal, taes* (v. 2 e 4), precedidos de artigo, são geralmente pejorativos, i. e., tomam sentido mau: nos feios casos... o mau conselho || *sábio e velho*, sabedor e experimentado || *collo*, pescoço.

5 a 8) *concertou*, [o xeque] combinou, dispôs || *apparelho*, preparativos || *belligero*, destinado para combate || *ao português*... para que o mar ficasse tinto com o sangue dos portuguezes || *roxo*, rubro, vermelho, cfr. 38-4 e *passim*.

## LXXXIII

E busca mais, pera-o cuidado-engano,  
 Mouro que por piloto-á nau lhe mande,  
 Sagaz, astuto-e sábio-em todo dano,  
 De quem fiar-se possa-um feito grande.  
 Diz-lhe que, -acompanhando-o Lusitano  
 Por taes costas e mares, co-elle ande,  
 Que, se daqui-escapar, que lá de'ante  
 Vá cair onde nunca se-alevante.

1 a 4) *busca mais, pera...*; além disso [o xeque], para melhor pôr em prática o premeditado ardid, busca um mouro astuto que vá apresentar-se, na armada portuguesa, como sendo o piloto offerecido; o e de «pera» não se deve elidir na recitação || *um feito grande*, uma empresa importante || *sagaz, astuto*: sagacidade é a penetração de espirito que leva a descobrir o que há difficil nas sciências ou nos negócios; astúcia é a sagacidade applicada a commetter fraudes, produzir maleficios, exercer vinganças ou conseguir outros maus fins || *sábio em todo dano*, exercitado em causar prejuízos.

5 a 8) *Diz-lhe...* o xeque diz ao piloto, que ande com o lusitano, por mares e costas taes, que, se êste escapar de uma cilada, de um naufrágio, vá cair onde nunca se levante (fique morto) || *que*: repetido no v. 7, por pleonasmio para dar maior clareza e mais fôrça á expressão, cfr. «que» 55-7.

O verso 3 é transcripto da 2.<sup>a</sup> edição; muitas tem emendado *todo dano*, para «todo o dano». Afigura-se-nos desnecessária a correcção, porque os clássicos geralmente não empregavam o artigo antes de *todo* com a significação de «qualquer» (lat. *omnis*, -e), cfr. 79-6 «todos seus intentos.»

No verso 8 algumas edições corrigiram «onde» para «donde». Todos dizem actualmente «onde caiu» e não «donde caiu»; se o verbo «levantar» pede a preposição, «de» não a pede o verbo «cair»; portanto a emenda não suppre a ellipse. As palavras «nunca se levante» significam «para sempre fique», «pereça»; qualquer destas expressões não pede a preposição «de»; o advérbio modifica o primeiro e não o segundo verbo, cfr. «aonde» 81-7. Assim o verbo significa: — vá cair em «sítio do qual» nunca mais se alevante; — «onde» é um advérbio relativo que comprehende um antecedente na significação. Vej. *Rev. Lusitana*, I, p. 65.



## LXXXIV

Já o rai'õ-Apollíneo visitava  
 Os montes Nabathe'os acendido,  
 Quando-o Gama, e'os seus, determinava  
 De vir por água-a terra-apercebido;  
 A gente nos batéis se concertava,  
 Como se fosse o-engano já sabido;  
 Mas pode suspeitar-se fácilmente,  
 Que o coração presago nunca mente.

1 e 2) *raio Apollíneo... acendido* (sing. pelo pl.), os raios do Sol (de Apollo) fulgentes, deslumbrantes || *Nabatheos*: de Nabathea, região que era situada entre a Arábia deserta, a Arábia feliz e a Palestina, e cuja correspondência actual é incerta, cfr. Borges de Figueiredo, *Geographia dos Lusitadas*, Lisboa, 1883, pag. 59; (fig.), o Oriente. O sol alumia já a Arábia (o Oriente): estava já a nascer o sol quando...

3 e 4) *determinava de ..*, sôbre a prep. «de» (cfr. 80-2) estava ordenando as cousas para... || *por água*, para ir buscar água, cfr. 80-2, 86-2 || *apercebido*, preparado [com armamento] para não ser victima de alguma traição.

5 e 6) *batéis*, as embarcações meúdas de remos, que os navios trazem para o transporte de gente de bordo: lanchas, escaleres, se diria hoje. Actualmente dá-se a denominação de «batéis», em alguns pontos do nosso littoral, a pequenas embarcações de remos, e mesmo de vela, que vão á pesca || *a gente se concertava*, combinava entre si [sôbre o que faria se fosse acommettida].

7 e 8) *pode suspeitar-se*, [o engano] pode conjecturar-se || *presago* (pronunc. «pressago»), (adj.), que adivinha; «preságio» é um indício pelo qual conjecturamos um caso futuro mais ou menos remoto: «as nuvens escuras impellidas com violência pelo vento do sul são «preságio de tempestade»; dêsse substantivo vem o verbo «presagiar», dizer o que succederá; aqui (e em geral) o vocábulo é empregado no sentido de «mau prenúncio», mas em X, 155-7 usa o Poeta o adj. «presaga» com a significação de «agoureira do bem».

A adversativa «mas» deixa subentender uma affirmativa no pensamento do Poeta: [o engano não era sabido], mas podia fácilmente conjecturar-se, porque o coração presago (que tem o dom de adivinhar) nunca mente (adverte e não engana). Compare-se com as expressões populares: «deu-me uma pancada o coração;... dizia-me o coração...» || *que* (no v. 8) é conj. causal (= porque), e não copulativa do verbo «suspeitar-se».

## LXXXV

E mais também mandado tinha a terra,  
 De antes, pelo piloto necessário;  
 E foi-lhe respondido em som de guerra  
 (Caso, do que cuidava, mui contrário);  
 Por isto, e porque sabe quanto erra  
 Quem se crê de seu pérfido adversário,  
 Apercebido vae, como podia,  
 Em tres batéis sómente que trazia.

## LXXXVI

Mas os Mouros, que andavam pela praia  
 Por lhe defender a água desejada,  
 Um de escudo abraçado e de azagaia,  
 Outro de arco encurvado e seta ervada,  
 Esperam que a guerreira gente saia,  
 Outros muitos já postos em cilada;  
 E, porque o caso leve se lhe faça,  
 Põem uns poucos deante por negaça.

---

1 a 3) *E mais*, e além disso || *de antes*, tempo antes, ou, antes disso (de embarcar, i. e., na véspera), cfr. 1-3 || *mandado pelo piloto*, mandado buscar o piloto. Compare-se com expressões usuas como esta: mandei ao correio por cartas || *som*, qualquer ruído que impressiona o ouvido; não deve confundir-se com «tom», que é o grau de elevação ou abaixamento da voz humana ou do som de um instrumento; «som de guerra» deve significar phrases desabridas, ruidosas, como de gente que estivesse disposta para acometter || *respondido*, o verbo é tomado aqui como intransitivo, equivalendo a «foi-lhe dada a resposta».

4) *Caso*...; caso [êsse], o da resposta desabrida, muito diferente daquillo que cuidava (suppunha): o Gama (54-3) não esperava semelhante couza de gente tão bem tratada, e que dera mostras de tanto affecto aos navegantes.

5 a 8) *sabe quanto erra quem*..., sabe que quem se fia no seu inimigo commette um grande erro || *crer-se de*... (arch.), fiar-se, ou confiar em... || *apercebido*, preparado (cfr. 54-4).

---

2) *Por lhe*, para lhe — ao Gama || *defender a água*, evitar que fosse buscar a água, cfr. 80-2, 84-4, 93-3; «defender» no sentido de «proibir, impedir».

## LXXXVII

Andam pela ribeira alva, arenosa,  
 Os bellicosos Mouros acenando  
 Com a adarga, e co'a ástea perigosa  
 Os fortes Portugueses incitando.  
 Nam soffre muito a gente generosa  
 Andar-lhe os cães os dentes amostrando:  
 Qualquer em terra salta tam ligeiro  
 Que nenhum dizer pode que'é o primeiro:

3 e 4) *Um de escudo... outro de arco...* = alguns... outros; é tomado o singular com carácter de plural, particularidade syntáctica, de que há numerosos exemplos litterários (sr. J. Leite de Vasconcellos, *O texto dos Lusíadas*, já cit., pag. 38 e 39) || *de escudo embraçado...* com o braço esquerdo mettido na correia do escudo e com azagaia (na mão direita) || *escudo*, arma defensiva (cfr. 67-5) || *azagaia*, lança de arremesso || *seta errada*, aquella cujo bico foi embebido no succo de «ervas» venenosas.

5 e 6) *Esperam...* estão próximos do logar do desembarque dos portuguezes, á espera que estes saltem em terra || *Outros muitos, já...*; [estando] outros (além dos que andavam pela praia) já postos de emboscada.

7 e 8) *E, porque...*, e para que... || *O caso se lhe faça leve*, para que se afigure de pouca importância á gente portugueza algum combate com os mouros que se viam; para que aos portuguezes pareça que fácilmente poderão defender-se || *Põem uns poucos...*, os mouros collocam poucos dos seus á vista || *negaça*, chamariz, pássaro que serve com o seu canto para chamar e alliciar outros da mesma espécie, que se pretende caçar; os mouros, postos adiante em pequeno número, eram como chamariz, que convidaria os portuguezes a approximarem-se, e estes, internando-se, mais fácilmente cairiam na emboscada.

1 a 4) *ribeira alva, arenosa*, praia de areia branca || *bellicosos*, armados em guerra (porque traziam azagaias); e são os poucos que apparecem por negaça, não são todos || *adarga*, escudo de couro || *ástea*, asta, aste, subentende-se «da azagaia» || *acnando...* e... *incitando*, mostrando os escudos e desafiando com as azagaias || *perigosa*; por serem os bicos envenenados com certas ervas, cfr. 86-4.

5 a 8) *muito*, subentende-se «tempo» || *gente generosa...* (briosa), os portuguezes que são briosos não supportam que... || *andavam os cães...*, andavam os mouros provocando com as armas || *amostrar*, cfr. 7-6 || *Qualquer*, cada um delles (dos portuguezes) || *nenhum pode...*, saltam todos de súbito, a um tempo; modo emphático de significar que todos eram igualmente briosos e corajosos.

## LXXXVIII

Qual no corro sanguino o ledo amante,  
 Vendo a fermosa dama desejada,  
 O touro busca, e pondo-se de ante  
 Salta, corre, sibila, acena e brada;  
 Mas o animal atroce, nesse instante,  
 Com a fronte cornígera inclinada,  
 Bramando duro, corre e os olhos cerra,  
 Derriba, fere e mata e põe por terra.

1 a 4) *corro*, circo, área em que se davam espectáculos ou corriam touros || *sanguino* (arch., é duvidoso se o *u* se pronunciava), sanguíneo, ensangüentado || *ledo*, alegre || *dama desejada*, dama de quem se está enamorado || *salta* ..; os movimentos, os assobios, os acenos, os gritos exasperam o touro e o tornam mais bravo.

5 a 8) *atroce* (latinismo por «atroz» *atrox*, *atrocis*), bravo como fera, cfr. «veloce», 46-2 || *fronte* (testa), os têstos do touro, que baixa (inclina) a cabeça para *accommetter* || *cornígero*, que tem chifres (a palavra primitiva não se emprega hoje, por se haver tornado termo chulo) || *bramando*, cfr. 35-5 || *duro* (adj. empregado como advérbio), rijamente, com grande ruído.

Nestes versos estão omitidas palavras que se pode suppor estejam na mente do Poeta, e que devem subentender-se para ficar completa a syntaxe :

[Cada mouro é] qual (como, semelhante a) ledo amante [que] vendo a dama .., busca o touro... e pondo-se de ante [delle] salta... e brada; mas [o ímpeto com que os portugueses respondem á aggressão é como] o animal [que] nesse instante... corre, derriba, fere e põe por terra, e mata [quem o provocou]...

Algumas edições tem supprimido a última conjunção *e* do verso 7, e a primeira do 8.º Quer-nos parecer que o Poeta intencionalmente as escreveu para dar mais força á expressão; encontram-se exemplos destas repetições nos clássicos, quando usam de ornato oratório semelhante, denominado «*polysyndeton*» (cfr. III-104. «Viuva e triste e posta em vida escura»...)

## LXXXIX

Eis nos batéis o fogo se levanta  
 Na furi'osa e dura artilheria;  
 A plúmbea péla mata, o brado espanta,  
 Ferido o ar retumba e assovia;  
 O coração dos Mouros se quebranta;  
 O temor grande o sangue lhe resfria:  
 Já foge o escondido de medroso,  
 E morre o descoberto aventureiro.

## XC

Não se contenta a gente portuguesa,  
 Mas seguindo a vitória estrue e mata;  
 A povoação sem muro e sem defesa,  
 Esbombardea, acende e desbarata.  
 Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa,  
 Que bem cuidou comprá-la mais barata:  
 Já blasfema da guerra, e maldizia  
 O velho inerte, e a mãe que o filho cria.

1 e 2) *Eis... o fogo se levanta...* (nestes versos completa-se o pensamento das estâncias anteriores): eis a resposta que os portugueses dão ás provocações dos mouros — disparam a artilheria; apparecem nos nossos batéis os relâmpagos dos pelouros e das bombas de fogo (cfr. 67 e 68) || *dura*, que molesta, que produz estragos.

3 a 6) *plúmbea* (lat. plumbeus), de chumbo, cfr. 89-3 || *péla*, (a bala da artilheria) || *o brado espanta* (fig.), o estouro [das bombas] assusta [os mouros] || *o ar ferido...*, agitado com a explosão da pólvora, retumba (transmite o ruído do tiro), e, com o percurso das balas, sibila, produz um som parecido com o do assobio (arch. e pop. «assovio»). Na recitação é preciso não elidir o *e* de «ferido» || *O coração... quebranta-se*, o animo esmorece || *O temor resfria-lhe* (= lhes), os mouros ficam tão assustados que sentem calefrios.

7 e 8) *Já foge...* (sing. pelo plur.), os que estavam escondidos, e que eram os medrosos, agora fogem (*já*); os que estavam a descoberto (os que andavam na praia), mais afoutos e ousados, esses são mortos pelas balas.

1 e 2) *Não se contenta...*, não fica satisfeita [com o ter pôsto em fuga os agressores], mas, continuando a vitória... || *estruie*, («estruir», forma popular ainda hoje usada, porém, com o sentido de «deteriorar, estragar»), causa destruição.

## XCI

Fugindo, a seta o Mouro vai tirando  
 Sem força, de covarde e de apressado,  
 A pedra, o pau e o canto arremessando;  
 Dá-lhe armas o furor desatinado:  
 Já a ilha e todo o mais desamparando,  
 À terra firme foge amedrontado;  
 Passa e corta do mar o estreito braço,  
 Que a ilha em tórno cerca, em pouco espaço.

3 a 6) *Esbombardea*, arrasa bombardeando || *acende*, incendeia || *Da cavalgada*...; ao mouro já pesa — isto é «já lhe causa pesar» [a resolução] da cavalgada (assaltada) = o mouro já está arrependido da...; o verbo «pesa» aqui é neutro ou intransitivo, impessoal, defectivo, e não tem sujeito, cfr. Epiphanio Dias, *Grammatica Portuguesa*, § 112; cfr. com estas expressões (cit. por Moraes, *Dicc.*): «pesa-me de vos ter offendido», «a meu pay ha de pesar de me ver ir a caçar?» || *Mouro*; sing. pelo plur. (synédoche) || *lhe*, pleonasmio idiomático || *bem cuidou*... pois muito suppoz (que semelhante empresa fosse levada a cabo com menos dispêndio de vidas, e com menores perigos).

7 e 8) *blasfema*, profere blasphêmias (litt. palavras ímpias; por extensão — proposições desarrazoadas); o mouro (cada um delles) amaldiçoa a guerra, maldiz dos velhos que não tem forças e das mães que alimentam os filhos [porque os velhos e as mulheres não podiam ajudá-los a supplantar os portugueses e lhes serviam de estôrvo].

1 a 3) *tirando* (arch.), atirando a seta || *canto*, pedra grande, sequinada || *de apressado*, tal era a precipitação, cfr. «de admirada» 62-2; os mouros, porque são cobardes, vão fugindo, e atirando as setas sem força; o mêdo privou-os de energia, e na precipitação da fuga vão arremessando pedras (meúdas), pedregulhos e paus.

4) *furor*, agitação violenta || *desatinado*, sem tino, louco, insano || *Dá-lhe* [estas] *armas*; o excessivo mêdo não os deixa reflectir...; os mouros atiram com paus e pedras aos perseguidores.

5 e 6) *todo o mais* (arch.), todas as cousas mais: desamparam não só a ilha, mas também os haveres, a familia || *foge á*...; foge para ||

## XCII

Uns vão nas almadias carregadas,  
 Um corta-o mar a nado diligente;  
 Quem se afoga nas ondas encurvadas;  
 Quem bebe-o mar e-o deita juntamente;  
 Arrombam as meúdas bombardadas  
 Os pangaios sotis da bruta gente.  
 Desta arte-o Português emfim castiga  
 A vil malicia, pérfida, inimiga.

*terra firme*, o continente fronteiro á ilha e separado della pelo estreito braço de mar.

7 e 8) *corta*, atravessa (cfr. 17-5 e *passim*) o braço do mar que cerca a ilha || *em tôrno*; pleonasmó que accentua a pequenez da ilha, dando a entender que em qualquer ponto della se vê o mar em volta || *em pouco espaço*: em pouco tempo [passam os mouros da ilha para o continente fronteiro], tal era a rapidez da fuga.

1 e 2) *almadias*, embarcações de uma peça inteiriça, um madeiro cavado || *carregadas*, subent. [de fugitivos] || *Um corta* (synédoche), alguns || *diligente*, apressado ou apressadamente.

3 e 4) *Quem se afoga... Quem bebe*: [há] quem se afoga... [há] quem bebe... = uns afogam-se... outros bebem o mar; os que podem nadar, fazem-o tão precipitamente, que engolem a água do mar e a vomitam || *ondas encurvadas*; as vagas próximo do littoral formam grande curva antes de se estirarem na praia e se desfazem em espuma || *juntamente* (hypérbole); porque não é possível ao mesmo tempo engulir a água e vomitá-la.

5 a 8) *meúdas bombardadas*, tiros de bombardas ameadados, repetidos com pequeno intervallo || *pangaios*, eram embarcações formadas de casca de árvore e cujos pedaços se cosiam com cordas, e que eram movidas a remos ou pás. Dá se hoje esse nome a embarcações de vela, com um ou dous mastros, tripuladas por árabes, e que navegavam entre Moçambique, Madagascar, Comores e Índia || *sotis* (arch., cfr. *someter*, 32-1), subteis; leves, fracos, de costado pouco resistente, que as balas furavam com facilidade || *bruta gente*, grosseira; pode significar (em sentido fig., como epitheto injurioso), «má, torpe» || *malicia... inimiga*, a maldade dos inimigos || *vil e pérfida*, torpe e traiçoira.

## XCIII

Tornam victori'osos pera-a-armada  
 C'o despôjo da guerra-e rica presa,  
 E vão, a seu prazer, fazer aguada  
 Sem achar resisténcia nem defesa.  
 Ficava-a Maura gente, mago'ada,  
 No ódio-antiguo mais que nunca-acesa,  
 E, vendo sem vingança tanto dano,  
 Sómente-estriba no segundo-engano.

## XCIV

Pazes commeter manda-arrepellido  
 O Regedor daquela-inica terra,  
 Sem ser dos Lusitanos entendido  
 Que-em figura de paz lhe manda guerra;  
 Porque-o Piloto falso prometido,  
 Que toda-a má tenção no peito-encerra,  
 Pera-os guiar á morte lhe mandava,  
 Como-em sinal das pazes que tratava.

1 a 6) *Tornam*... regressam ás naus || *despôjo da guerra*, as armas tomadas ao inimigo || *rica presa*, os objectos de valor saqueados pela soldadesca || *a seu prazer*, á sua vontade (como se explica no verso 4) sem encontrarem obstáculos || *defesa*, prohibição, resisténcia || *fazer aguada* (termo de mar), receber provisão de água para os navios (cfr. 80-2, 84-4, 86-2) || *Ficava*... , a maura gente, magoada (molestada), fica acesa, mais que nunca, no ódio antigo — com ódio mais entranhado, mais vehemente do que de antes, contra os portugueses.

7 e 8) *estriba*: aqui é v. n. com a mesma significação (lit.) de estribar-se; (fig.) «fundar esperança de éxito»: os mouros, havendo soffrido tantos prejuizos sem poderem tirar a desforra, põem toda a sua esperança na segunda traição que preparam — com o auxilio do refalsado piloto que intentam mandar para a armada (cfr. 83).

O verso 8 tem o accento predominante nas syllabas 4.<sup>a</sup>, e 8.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup>  
 O verso 6, conquanto tenha accentuada a 6.<sup>a</sup> syllaba, pôde recitar-se fazendo sentir de preferéncia os accents da 4.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup>

1 a 4) *commetter*, offerecer, propôr || *arrepellido*, dizendo-se, fingendo-se arrepellido || *Regedor* (de «reger», governar), o governante (o xeque) || *inica*... (arch.), iniqua, perversa, cfr. «grandiloco», 4-6 ||



## XCV

O Capitão, que já lhe-então convinha  
 Tornar a seu caminho costumado,  
 Que tempo concertado-e ventos tinha  
 Pera-ir buscar o Indo desejado,  
 Recebendo-o Piloto que lhe vinha  
 (Foi delle-alegremente-agasalhado)  
 E respondendo-ao mensageiro,-attento  
 As velas manda dar ao largo vento.

*terra* (fig.), gente || *entendido dos...*, compreendido pelos... (sem os lusitanos perceberem que...) || *em figura de paz...* o mensageiro com aparência de amigo, e que realmente não é senão o instrumento de premeditada traição.

5 a 8) *Porque o Piloto...*, porque [o regedor] mandava-lhe [aos portugueses] o piloto promettido, [homem] falso, que encerra no peito toda a má tenção, [o regedor mandava-o] como signal de paz, [mas para os guiar á morte], cfr. est. 83; procurava-se piloto sagaz e sabedor na maneira de causar damnos, para ir nos navios e fazer que estes naufragassem.

1 a 4) *que já...*, porque já... || *Tornar a...*, voltar para o mar, ao qual estava habituado || *acostumado* ainda hoje se diz por «costumado» || *Que tempo... tinha*, porque tinha bom tempo e ventos favoráveis || *buscar o Indo*, seguir viagem para Índia como desejava. No mesmo sentido de «buscar» se diz em linguagem náutica — «demandar um pôrto» cfr. 102-6 || Na recitação do verso 4 é necessário não elidir o *e* de «pera».

5 a 8) *Foi delle... agasalhado*, [o piloto] foi «por» elle [capitão] agasalhado — recebido e ouvido com agrado || *Recebendo...* *É respondendo*: a conjunção liga os dous participios; a resposta é dada ao mensageiro que viera acompanhando o piloto, e que trouxera a mensagem de paz || *attento*... [o capitão] com os sentidos applicados [á manobra que ordenava] || *dar as velas...* soltá-las, desprendê-las || *vento largo*: diz-se em linguagem náutica que a embarcação vae «com vento largo», quando se desfere, ou larga todo o panno; isto é, quando há vento favorável.

## XCVI

Desta arte despedida, a forte armada  
 As ondas de Amphitrite dividia,  
 Das filhas de Nereo acompanhada,  
 Fiel, alegre e doce companhia.  
 O Capitão, que não caía em nada  
 Do enganoso ardil, que o mouro urdia,  
 Delle mui largamente se informava  
 Da Índia toda e costas que passava.

## XCVII

Mas o Mouro, instruído nos enganos  
 Que o malévolo Baccho lhe ensinara,  
 De morte ou captivoiro novos danos,  
 Antes que á Índia chegue, lhe prepara;  
 Dando razão dos portos Indianos,  
 Também tudo o que pede lhe declara:  
 Que, havendo por verdade o que dizia,  
 De nada a forte gente se temia.

1 a 8) *Desta arte*. . . ; a armada dos fortes portugueses, tendo-se despedido (levantando ancoras) por este modo. . . (o modo como se dissera na estância anterior): a 1.ª oração é de participio || *dividia*, sulcava (cfr. 17-5, 42-3 e *passim*: cortar as águas) || *Amphitrite* (myth.), deusa do mar, filha do Oceano e esposa de Neptuno || *As filhas de Nereo* (myth.), as Nereidas, nymphas do mar, *Nereo* filho do Oceano e de Téthys || *companhia fiel, e alegre*, porque as nymphas acompanhavam a armada com boa vontade, desejando-lhe bem || *doce*, benevolente || *não caía*. . . (no ardil), o capitão não conhecia a astúcia, não a entendia, não a imaginava (cfr. 102-5), porque estava de boa fé, acreditava o que lhe dizia o mouro || *ardil*, cfr. 81-4 || *costas que passava*, a porção de costa compreendida entre Moçambique e Quíloa.

1 a 8) *instruído nos enganos*. . . , que tinha ficado bem ensinado na maneira de illudir os navegantes (cfr. 83) || *lhe* (v. 2), ao mouro: (v. 4) ao Capitão || *Dando razão*. . . , notícia, informações || *tudo o que pede*. . . , o mouro satisfaz a todas as perguntas que lhe dirige o Gama || *Que havendo*. . . pois a forte gente [portuguesa], vendo que eram verdadeiras as informações do piloto, confiaria nelle e mais facilmente cairia no ardil || *de nada*. . . *se temia* (= nada temia); este verbo na forma reflexa e acompanhado da negação emprega-se para significar «não haver motivo para temor».

## XCVIII

E diz-lhe mais, c'ó falso pensamento  
 Com que Sinón os Phrygios enganou,  
 Que perto-está ãa ilha, cujo-asseno  
 Povo-antigo Christão sempre-habitou.  
 O Capitão, que-a tudo estava-attento,  
 Tanto co-estas novas se-alegrou  
 Que, com dádivas grandes, lhe rogava  
 Que-o leve-á terra-onde-esta gente-estava.

## XCIX

O mesmo-o falso Mouro determina,  
 Que-o seguro Christão lhe manda-e pede;  
 Que-a ilha é possuida da malina  
 Gente que segue-o torpe Mahamede.  
 Aqui o-engan-o morte lhe-imagina,  
 Porque em poder e fôrças muito-excede  
 A Moçambique-esta ilha, que se chama  
 Quíloa, mui conhecida pela fama.

---

1 a 3) *Sinón*, grego, filho de Sísipho, e companheiro de Ulysses, deu causa á destruição de Troia, aconselhando traiçoeiramente os habitantes da cidade a que deixassem entrar um cavallo de madeira, dentro do qual vinham os mais notáveis homens de armas do exército grego («Encida» de Vergílio) cfr. 12-8 || *Phrygios*, troianos, habitantes da Phrygia, região da Asia Menor, da qual uma das principaes cidades era Troia; por isso conhecidos por esses dous nomes || *asseno*, sede, povoação || *ãa*, aqui é monosyllabo.

5 a 8) *rogava que o leve*, (constr. arch.) = rogou que o levasse, cfr. 63-6 «pedia que lhe dê.» || *esta* (v. 8): é de crer que não fosse ao acaso, mas intencionalmente, que o Poeta assim escrevesse, e não «essa» (como querem alguns commentadores), porque a repetição dos *tt*, que, noutro caso, constituiria dissonancia, parece aqui uma espécie de onomatopcia, que traz á lembrança a maneira pressurosa e sobresaltada com que o capitão faria o pedido.

---

1 e 2) *O mesmo...*, o piloto refalsado determina a mesma cousa que lhe pede o Christão (Vasco da Gama)—i. é., manda aproar em direcção á ilha, dá a indicação do rumo para se demandar o pórtio

## C

Pera lá se inclinava a leda frota;  
 Mas a deusa em Cythere celebrada,  
 Vendo como deixava a certa rota  
 Por ir buscar a morte não cuidada,  
 Não consente que em terra tam remota  
 Se perca a gente della tanto amada;  
 E com ventos contrairos a desvia  
 Donde o piloto falso a leva e guia.

(Quiloa): o capitão pede, porque não sabe a derrota; manda, porque o piloto está sujeito á obediência do capitão; o piloto determina porque, dada a autorização do capitão, dá o piloto as vozes de commando para a direcção das manobras da embarcação || *seguro*, descansado (que estava confiado no mouro) || Note-se a opposição dos epithetos: «falso» o (mouro), «seguro» o (christão).

3) *que a ilha*, porque . . . || *possuída da . . .*, habitada pela . . . || *malina* (arch.), maligna, malévola.

4 a 8) *segue o . . . segue* [a religião] do . . . || *torpe*, vil || *Mahamede*, Mafamede, Mahomet ou Mohammed ou Mafoma (cfr. 8-6, nota) || *imagina*, premedita, cfr. 69-8, 73-7, 81-3 || *Quiloa* (pron. «Quilua»), cfr. 54-4.

1 e 2) *leda*, alegre || *frota* (fig.), tripulação das naus || *se inclinava . . .*, navegava; os navios inclinavam as proas com direcção a Mombaça, e os tripulantes iam alegres || *a deusa celebrada em Cythere*, Vénus; porque foi célebre o culto dessa deusa em Cythera, ilha da Grécia antiga (hoje Cerigo) proximo do paral. 36.º N. a sul da Morea (20:000 hab.), cfr. 34-1.

3 a 6) *Vendo como . . .*, vendo que [a frota] se desvia do rumo sabido (rota certa) da Índia || *Por ir . . .*, para ir || *morte não cuidada*, não imaginada, que a gente das naus não suppunha que estivesse preparada || *a gente amada della*, protegida por ella, cfr. 33.

7 e 8) *a desvia donde . . .*, do sitio ao qual . . . (cfr. 83 e n.—«caír onde nunca se levante», em sitio do qual . . .) || O adv. «donde» é pedido pelo verbo, por naquelle estar comprehendido o antecedente; se o Poeta dissesse «desvia-a onde . . .», estaria subentendido esse antecedente e a phrase ficaria obscura.

## CI

Mas o malvado Mouro, nam podendo  
 Tal determinação levar avante,  
 Outra maldade inica commettendo,  
 A'inda em seu propósito constante,  
 Lhe diz que, pois as águas discorrendo  
 Os levaram por fôrça por de'ante,  
 Que outra Ilha tem perto, cuja gente  
 Eram Christãos com Mouros juntamente.

## CII

Também nestas palavras lhe mentia,  
 Como por regimento em fim levava;  
 Que aqui gente de Christo não havia,  
 Mas a que a Mahamede celebrava.  
 O Capitão, que em tudo o Mouro cria,  
 Virando as velas a Ilha demandava;  
 Mas, nam querendo a Deusa guardadora,  
 Nam entra pela barra e surge fora.

1 a 4) *não podendo*... , sendo-lhe impossível realizar o intento de aportar a Quíloa || *determinação*, resolução; geralmente «determinar» signif. «ordenar a outrem»; «resolver» significa «ordenar a nós mesmos ou a outrem» || *inica* (arch., cfr. 94-2), atroz, criminosa || *constante em seu propósito*, persistindo na idea de destruir os portugueses.

5 a 8) *Lhe diz*... [ao capitão] || *pois*, visto que... || *as águas discorrendo* (que corriam); as correntes não permittiram que chegassem a Quíloa || *por fôrça* (de mar, de tempo), é expressão consagrada em linguagem náutica e de legislação marítima (não se diz «á fôrça» como pretende um dos commentadores do Poeta) || *por deante*, para deante || *cuja gente eram*: o sing. (representativo do plur.) concordando com o verbo no pl., cfr. 25 a 29 e *passim* || *Eram... com...* (= eram... e...); o traçoceiro piloto diz a Vasco da Gama que há uma ilha próxima (Mombaça, cfr. 102-8), terra de mouros, onde também viviam christãos juntamente; e assim incutia a falsa esperanza de que seria lá recebida com agrado a gente da frota (cfr. II, 6-4); o mesmo engano quisera já o piloto empregar, dizendo que os habitantes de Quíloa eram christãos (98-3 e 4). || Note-se a redundancia do «que» (v. 5 e 7), e cfr. 83-7.

1 a 4) *regimento* (t. de legisl. ant., norma, directório, em que se declaravam os deveres do cargo ou officio público), instrucções; as recommendações que o piloto recebera do xeque de Moçambique

## CIII

Estava a Ilha á terra tam chegada  
 Que um estreito pequeno a dividia;  
 Ua cidade nella situada,  
 Que na frente do mar apparecia,  
 De nobres edificios fabricada  
 Como por fora, ao longe descobria,  
 Regida por um Rei de antiga idade:  
 Mombaça é o nome da Ilha e da Cidade.

para enganar os navegantes || *Que aqui...*, pois nessa ilha não havia christãos (cfr. 8-6) || *o Mouro cria...*, o Gama, que dava crédito ao piloto e tomava por certo o que este dizia...

6 a 8) *Virando as velas* (t. naut.) mudando a direcção dellas (para se mudar de rumo), segundo as indicações do mouro || *demandava a ilha* (t. naut.), dirigia as manobras para se aproximar della || *a deusa*: é Vénus, cfr. 100-2) || *guardadora*, vigilante || *barra*, o conjuncto de obstáculos que ordinariamente se deparam na entrada de um pôrto, ou na embocadura de um rio (recifes, bancos de areia, etc.); «entrar a barra» é atravessar esses obstáculos pela estreita abertura que elles deixam livre; os navios não entraram no porto || *surgir fora* (t. naut.), ancorar fora do pôrto (do fundeadouro em que os navios se abrigam). Dêsse modo, dado o caso de cilada, fácil seria levantar âncoras e navegar logo para o largo; por isso a deusa não quisera que elles entrassem na bahia, e para o conseguir fizera que os ventos fossem contrários. Dentro de um pôrto não é fácil a navios de vela o saírem com presteza em qualquer occasião, porque estão á mercê de vento e maré que lhes sejam favoráveis.

1 e 2) *á terra* [firme]...; a ilha, muito chegada ao continente estava delle separada apenas por um pequeno braço de mar.

3 a 8) *Ua cidade... descobria*, descobria-se uma cidade (é o verbo neutro, com o sentido de «ficar descoberta» cfr. 43-7) || *na frente do mar*, no littoral, á beira mar (frente, a parte deanteira, o sitio onde chegava o mar; a praia) || *apparecia*; não se elide o *e* || *Como por fora* (expr. elliptica), como [parecia] por fora || *fabricada de...*, formada com edificações que tinham bom aspecto || *nobres edificios*, casas altas (aínda hoje se diz o andar nobre, o primeiro andar) || *De antiga idade*, idoso || *Mombaça*: 54-4, 107-7.

Os versos 3 a 6 devem entender-se do seguinte modo:

«Uma cidade [se] descobria nella (na ilha) ao longe — [cidade] que apparecia na frente do mar, que era fabricada de nobres edificios, como [parecia] por fora, [e que era] regida por um rei de antiga idade.

## CIV

E sendo-a ella-o Capitão chegado,  
 Estranhamente ledo, porque-espera  
 De poder ver o povo baptizado,  
 Como-o falso Piloto lhe dissera;  
 Eis vem batéis da terra com recado  
 Do Rei, que já sabia a gente que-era;  
 Que Baccho muito de-antes o-avisara  
 Na forma doutro mouro que tomara.

## CV

O recado que trazem é de-anigos,  
 Mas debaixo-o veneno vem coberto;  
 Que-os pensamentos eram de-inimigos,  
 Segundo foi o engano descoberto.  
 Ó grandes e gravíssimos perigos!  
 Ó caminho da vida nunca certo!  
 Que-a'onde-a gente põe-a sua-esperança  
 Tenha-a vida tam pouca segurança!

1 a 6) *sendo... chegado*, = tendo chegado, cfr. 76-1 e 2 || *Estranhamente*, desusadamente || *ledo*, alegre || *espera de poder* = espera poder... (cfr. «deseja de comprar, procura de habitar, determinava de vir» 16-8, 54-6, 80-2) || *o povo baptizado*: os christãos, cfr. 101-8 || *batéis*, cfr. 45-2, 56-2, 92-1, 92-6 || *recado*, mensagem do rei || *sabia a gente que era*: expr. idiomática e pop. que deve entender-se dêste modo: «sabia que gente era a [que tinha chegado].

7 e 8) *Que*, pois || *outro...* Baccho já se tinha disfarçado em mouro apparecendo ao xeque de Moçambique, para incitar êste a promover a perda dos navegantes (cfr. 77-6 a 8) || *muito de antes...* (arch.), muito antes de chegarem as naus, cfr. 1-3.

1 a 4) *debaixo...* o veneno; o veneno [traição] vem coberto (= encoberto) debaixo [do recado] || *os pensamentos*, as intenções || *Segundo foi...* (expressão anacolúthica), segundo [veiu depois a saber-se quando] foi descoberto o engano.

5 a 8) *Ó grandes...* oh! vêde quanto são grandes || *a gente* (expr. pop.), os entes humanos || *caminho nunca certo*, caminho nunca seguro (o destino de cada homem), cfr. 71 || Não se elide o *e* de *perigos* nem o segundo *e* de *esperança* || Note-se a repetição da idea em 71-5 a 8.

## CVI

No mar tanta tormenta e tanto dano,  
 Tantas vezes a morte apercebida!  
 Na terra tanta guerra, tanto engano,  
 Tanta necessidade avorrecida!  
 Onde pode acolher-se um fraco humano?  
 Onde terá segura a curta vida,  
 Que não se arme e se indigne o Céu sereno  
 Contra um bicho da terra tam pequeno!

1 a 4) *apercebida*, preparada || *necessidade avorrecida*, privações odiosas, cfr. 73-4.

6 a 8) *Onde... que...*; em que logar terá [o fraco ente humano] segura a vida, [logar em] que o Céu... não se encolerize... contra [êsse ente que é] um bicho da terra tão pequeno (cfr. com a expressão bíblica: *Ego sum uermis et non homo.*) || *Céu sereno*, Providência benigna, cfr. 25-6.

Nestas sentenciosas exclamações (que em litteratura constituem o que se chama «epiphonema»), parece vemos o poeta identificar-se com os heróes que está celebrando, e que apesar de tanto trabalharem, tanto merecerem e tanto esperarem, se encontram a braços com as mais cruéis tribulações.



## ÍNDICE

	Estâncias
Exposição do assumpto. Declara o Poeta que vae cantar os feitos gloriosos dos Portugueses.....	1-3
Invoca as Musás do Tejo para que o inspirem.....	4, 5
Dirige-se a el-rei D. Sebastião.....	6-8
dizendo-lhe que vae narrar os «pátrios feitos valerosos»;	9-11
que ha de celebrar Nuno Álvares Pereira, Egas Moniz, D. Fuas Roupinho, Os Doze (portugueses) de Inglaterra, Vasco da Gama, o rei D. Affonso I, e o III, IV e V, o rei D. João I e o II, e Duarte Pacheco Pereira, Affonso de Albuquerque, D. João de Castro e outros portugueses que se immortalisaram no Oriente.....	12-14
Louvores ao rei D. Sebastião.....	15-17
Dedicatória do Poema.....	18
Começa a narrativa. A armada de Vasco da Gama vae velejando no alto mar.....	19

	Estâncias
Reúne-se no Olympo um concílio dos deuses presidido por Júpiter.....	20
o qual, expondo os merecimentos dos portuguezes e a intenção que teem de ir á Índia, determina que sejam «agasalhados na costa Africana como amigos» e sigam a sua derrota.....	21-29
Baccho oppõe-se á determinação de Júpiter.....	30-32
Vénus dá o seu voto a favor dos Portuguezes.....	33, 34
Levanta-se tumulto no Olympo.....	35
Marte sustenta o partido de Vénus.....	36-40
Júpiter dá o seu assentimento ás palavras de Marte e encerra o concílio.....	41
A armada portuguesa está no Oceano (próximo da costa Africana); descobre várias ilhas, mas não se dirige para ellas porque as suppõe deshabitadas.....	42-44
Apparecem, porém, alguns batéis com gente da terra.....	45-48
Esta, entrando nos navios, pergunta quem são os navegantes, donde veem e para onde vão.....	49-50
Responde-lhe Vasco da Gama, o Capitão da armada, e pergunta-lhe também que terra é aquella, e se ali ha da Índia alguns signaes.....	51, 52
«Um (mouro) dos das ilhas lhe tornou»: que eram estrangeiros na terra, que os indígenas são selvagens, que a ilha se chama Moçambique, e que ali lhe será dado piloto para a Índia.....	53-54
O Mouro retira-se. Descripção da noite e da madrugada	55-58
O Xeque de Moçambique chega a bordo; é agasalhado pelo Capitão e faz perguntas.....	59-63

	Estâncias
Resposta de Vasco da Gama.....	64-66
Êste, a pedido do Xequê, manda mostrar-lhe as armas com que os portugueses pelejavam.....	67, 68
O Mouro premedita atraiçoá-los; reflexões do Poeta sobre a perfidia.....	69-71
O Mouro volta para terra.....	72
Baccho resolve destruir a armada e apresenta-se, disfarça- do, ao Xequê, ensinando-lhe um strategema.....	73-83
Vasco da Gama desembarca. Traição dos mouros, que acom- mettem os portugueses.....	84-90
Estes põem-nos em fuga.....	91-92
Regressam para os navios, mas voltam a terra para fazer aguada; nova cilada; o Xequê, fingindo-se arrependido, manda pedir pazes, e manda piloto industriado para ou- tra traição.....	93-95
A armada segue em direcção a Quíloa. O piloto diz a Vasco da Gama haver ali christãos, e prepara-lhe novos damnos.....	96-99
Vénus, para defender os navegantes, manda-lhes vento que os desvia de Quíloa.....	100
O pérfido piloto dirige o rumo para Mombaça, onde chegam as naus e Baccho tem preparada nova traição.....	101-104
Considerações do Poeta sôbre as incertezas da vida.....	105, 106



## GLOSSÁRIO

Vão mencionados neste glossário os seguintes vocábulos do primeiro canto dos *Lusíadas*:

a) Os que são hoje menos usados, ou teem commumente diversa acceção da que lhes era dada no tempo do Poeta, ou occorrem com varias significações: *cógnito, rota, sagittífero, gesto, roxa, concertar, bárbaro, canto, peregrino, alto, duro, fero, gente, armas, céo, etc.*;

b) Aquelles em que ha variantes orthographicas ou de pronúncia, taes como: *antiguo, pera, polo, fée, fê, dano, decer, devulgar, veloces, malina, visibil, nam, não, tam, apousento, etc.*;

c) Os nomes próprios, históricos, geográficos, mythológicos, etc.;

d) E geralmente aquelles a respeito dos quaes há nota explicativa, ainda mesmo que não estejam expressos no texto, mas a que se faça allusão por períphrase, ex.: *Amina, Abdallá.*

### Observações

1.<sup>a</sup> Adeante de cada vocábulo segue-se geralmente uma explicação abreviadíssima, ex.: *Arcturo, apercebido*; outras vezes transcreve-se a palavra que lhe vem junta no texto, para dar idea da diversidade de significações; ex.: *alto, fero, gente, armas.*

2.<sup>a</sup> Vão incluídas neste indice algumas explicações que não couberam na página onde está a respectiva nota, e outras que occorrem depois da impressão.

3.<sup>a</sup> Quando se citam diversos logares, as citações teem o fim de facilitar confrontos, mas em regra há nota explicativa no primeiro logar citado.

4.<sup>a</sup> Sôbre a concordância de participios acompanhados do verbo *ter*, vej. 29-2; 40-2; *tem experimentados perigos*, etc.

5.<sup>a</sup> Sôbre participios acompanhados do verbo *ser*, vej. 104-1: *sendo o capitão chegado*...

6.<sup>a</sup> Sôbre o emprego de modos e tempos de verbos, vej.:

- 9-4, quando *ireis*;
- 35-8, *vae*... em três batéis que *trazia*;
- 36-5, Marte em pé se *levantava*;
- 45-7, que gente *será*... que rei *teriam*;
- 49-4, o capitão os *recebia*;
- 63-4, para ver se *seja*;
- 63-6, *pedia* que lhe *dê*;
- 64-4, *dar-te-hei* relação das armas que *trazia*;
- 66-2, os livros que *pedes* não *trazia*;
- 66-4, *posso* escusar... o que *devia* andar na alma;
- 66-6, se *queres* vêr... esse desejo te *seria*;
- 74-3, hajam *alcançado* (por hajam de alcançar);
- 98-7, lhe *rogava* que o *leve*.

7.<sup>a</sup> Sôbre a forma impessoal do infinito veja-se 87-6; «andar-lhe os cães» em vez da forma pessoal «andarem-lhe os cães». Cfr. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Der portugiesische Infinitiv*, Separata do vol. VII das *Romanischen Forschungen*, *passim* e espec. pag. 4 (texto e nota). É liberdade poética.

## A

- abastecida espessura, 35-2; floresta povoada.
- Abdallá, 53-8; (significa em árabe «servo de Deus») o pae de Mafoma.
- Abrahão [o descendente de], 53-6; Mafoma.
- acatamentos, 41-7; cortesias, respeitos.
- acenar, 48-1; fazer signal (com as mãos ou qualquer objecto) para chamar.
- 88-4; *id.*, para provocar.
- acende, 90-4; incendeia.
- acendidas, 46-6; incendiadas, queimadas.
- 84-2; encendido, cheio de luz.
- Acheronte (che = que) 51-8; Inferno.
- acommodadas, 78-2; apropriadas.
- acompanhar («as estréllas os céos acompanhavam»), 58-3; adornavam.
- acostumado, 95-2.
- adargas, 47-6, 87-3; escudos de couro.
- Affonsos, 13-8; Aff. I, Aff. III, Aff. IV e Aff. V, reis de Portugal.
- afigurado, 16-2; representado.
- Áfrico, 27-4; vento Sul.
- agasalhado, 95-6.
- agreste avena, 5-2; flauta pastoril.
- aguada, 93-3; fazer aguada, receber o navio água para consumo da tripulação.
- ajuntamento, 72-7, 73-3; povo.
- Albuquerque [Affonso de —], 14-7.
- Alexandro [Magno, III de Macedónia], 3-3, 55-7.
- alevantar, 3-8, 26-6, 37-2.
- algũs, 52-8.
- alhea, 39-7.
- almadias, 92-1.
- Almeida, [D. Francisco D. Lourenço de —], 14-6.
- alta lei, 28-2.
- vêrga, 48-7.

- altamente, 31-7; immensamente.
- altivo coração, 44-3.
- alto prêmio, 10-2.
- império, 8-1.
- Júpiter, 23-7.
- valor, 3-8.
- gesto, 22-4.
- som, 4-5.
- poder, 21-2.
- mar, 31-3.
- Deus, 66-1.
- amainassem (as prôas [das naus]), 48-4.
- amaina-se a vêrga alta, 48-7.
- Ámina, 53-8; a mãe de Mafoma.
- amostrar, 7-6.
- Amphitrite, 96-2; esposa de Neptuno, o mar.
- anafis, 47-8 (singular *anafil*); trombetas mouriscas.
- angélica paz, 17-3.
- Antártico, 51-2; Sul.
- antes. *Vej. de antes.*
- antigo, 3-7, 6-2, 26-1, 31-6, 36-3, 43-6, 93-6; mas 33-4, *antigo.*
- antre, 36-5; mas 36-2, *entre.*
- apartar as ondas, 19-2; *vej. cortar.*
- apercebido, 84-4, 85-7, 106-2; acantelado; preparado.
- Apollo, 37-7; o Sol. *Vej. Phaetón.*
- apollíneo raio, 84-1.
- apparelhado por dote, 16-6.
- apousentos, 41-8, 60-5, 72-8; aposentos, morada.
- arábica lingua, 50-2.
- Arcturo, 21-6; Norte, *vej. Antártico.*
- ardente engenho, 4-2.
- terra, 55-2.
- ardil, 81-4, 96-6; astúcia, estratagemas.
- argento, 18-5; mar.
- argenteos, 58-2; prateados.
- argonautas, 18-6; navegadores.
- armada, 58-7; ajuntamento de navios. *Cfr. frota.*
- armadura, o conjuncto das armas defensivas e offensivas, 67-2.
- armas, 1-1; exércitos.
- 13-3; feitos militares.
- 7-7; escudo, brasão.
- arneses, 67-3; espécie de armadura que defendia o tronco do guerreiro.
- arte, 2-8; saber. *Vej. desta arte.*
- asianas, 60-6; asiáticas. *Cfr. indianas.*
- ásperos perigos, 29-2; grandes, duros de soffrer.
- assento, 22-3, 23-1, 24-2, 73-1, 98-3; objecto em que se pode estar assentado; habitação; lugar, sítio.
- assi, 34-4; assim.
- assi como, 59-1; assim que, logo que.
- assi que, 34-5; de maneira que.
- assinalados, 1-1; illustres.
- assoviar, 89-4; assobiar.
- assýrios, 24-8; da antiga Assýria, hoje Curdistão (Asia).
- astuto, 62-5, 77-5, 81-6, 83-3; manhoso.
- Atlante, 20-8; filho de Júpiter.
- atreuimento, 18-3; commettimento.
- atrocce, 88-5; atroz.
- Aurora, 14-2; 21-8, 59-1; o nascimento do Sol, terras do Oriente, a filha do Titão Hyperiónio.
- Austro, 21-8, 35-1, 42-4; Sul.
- avena, *vej. agreste.*
- avorrecido, 73-4, 106-4; aborrecido; *cfr. assoviar.*
- avós [de D. Sebastião], 17-2; D. João III de Port. e Carlos V de Hesp., imper. da Allem.
- azagaia, 86-3; lança de arremesso, usada por povos de Africa, bárbaros ou selvagens. É vocábulo berbere.

## B

- Baccho (= baco), 36-5, 39-3, 96-2, 104-7, vencedor da Índia, segundo a fábula. *Cfr. padre, thebano, Lyæu.*
- bárbaro gentio, 16-3;
- bárbara linguagem, 62-4.
- barões, 1-1; varões (lat. *maronem de mas, maris J. Cornu*).

- bastão, 37-6; insígnia de mando.
- bateis, 45-2, 56-2; pequenas embarcações (como são, por ex.: as almadias).
- bellicosa tuba, 5-3;  
— gente, 42-3;
- bellicosos mouros, 87-2.
- belligera gente, 34-4;
- belligero apparelho, 82-6.
- bem, 90-6; no sentido de «muito».
- bemfeito, 28-7, 55-5; justo.
- bem fôra que... , 39-3; bom seria que.
- bem-nascida, 6-1; nascida para o bem.
- berços do dia, 27-8; terras do Oriente.
- bombas de fogo, 68-1; balas de ferro ôcas, com que se carregavam as bombardas.
- bombardas, 68-4; morteiros ou canhões curtos.
- bombardadas, 92-5; tiros de bombardas. Vej. *esbombardear*.
- boninas, 58-4; florinhas do campo.
- Bóreas, 35-1; vento Norte.
- bramar a montanha, 35-5;  
— o touro, 88-7.
- bravas (chuças), 67-7; rijas.
- braveza, 35-4; fúria.
- buscar, 50-8, 52-1, 55-2, 64-8, 82-8, 83-1, 88-3, 95-4, 100-4, etc.; demandar terras, mares; dirigir-se para...

## C

cães, 87-6; epíteto injurioso applicado aos mouros; «andar-lhe os cães» em vez de andarem-lhe os cães»: infinitivo invariável por inf. pessoal. Vej. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Der Portugiesische Infinitiv*, pag. 43. Veja-se a observação 6.<sup>a</sup> que precede este glossário. Esta expressão de vitupério era já usada na antiguidade clássica, desde os poemas homéricos, onde é frequente o chamar cães aos inimigos.

- cair donde, 83-8.
- Callisto, 51-2; Norte.
- canora, 5-3; estridente.
- cantar, 2-7, 3-5, 15-1, etc.; celebrar em verso.
- canto, pag. 1; divisão do poema.  
— 5-5; inspiração para louvar  
— 15-4; louvor.  
— 91-3; pedregulho.
- Capitão, 44-1, 49-4, 50-3, etc.; Vasco da Gama.
- cargo, 56-6; incumbência, ordem.
- Carlos (Magno), 13-1; rei de França e imperador do Occidente.  
— (Quinto), 17-2; imperador de Allemanha (um dos avôs de D. Sebastião).
- caso, 32-2, 82-2, 85-4, 86-7; acaso, acontecimento.
- Cáspios, 60-5 (adj. e neolog.); do mar Cáspio.
- Castelhano, 25-5; os reis de Castella.
- Ceirão, vej. *Taprobana*.
- certa (lei), 53-5; verdadeira.  
— (escala), 54-2; constante.
- cerúleo (lat. *caeruleus*, que Theil, *Nouveau Dictionnaire Latin Français* refere a *caesius*, «cinzento». Vej. no *tantanto Dictionnaire Étymologique Latin* de Michel Bréal e Anatole Bailly, sub. voc. *caelum*) 16-5; azulado dos ceus, dos mares.
- cerva, 26-8; fêmea do veado.
- Cesar, cesárea, 13-2, 7-4; título dos imperadores romanos e dos do Occidente.
- Céu 39-8, 43-2; Deus; por inadvertência transcrevemos algumas vezes *céo*; assim está com effeito nas primeiras edições; mas por coherência com os princípios que deixamos expostos deveríamos ter sempre escripto *céu*.  
— sereno, 27-6, 106-7; Deus benigno.  
—, 59-3; bom tempo.  
—, rimando com «deceu», 65-7 e S. cfr. J. Cornu, *Port. Spr.* 64.



- Céus, 21-2, 51-4, 58-3; regiões atmosféricas.  
— 29-3; tempos.
- Christandade, 6-4; povos christãos.
- christianíssima (majestade) 7-4; título dos reis de França.
- Christo, 7-2, 63-4, 65-7, 66-1, 71-4.
- chuça, 67-8; pau com choupa.
- cilada, 86-6. Cfr. *ardil*, *engano*, *astuto*.
- cintas, 47-5; cinturas.
- cithara, 12-4; antigo instrumento músico; símbolo da poesia.
- claro (adj. tomado adverbialmente), 34-2; com certeza;  
— assento, 24-2, 73-1, illustre;  
— (a) dea, 34-3, idem;  
— descendente, 53-6; idem;  
— dia, 56-6; resplandecente;  
— raios, 58-1; idem.
- climas, 29-3; regiões.
- c'o, c'os, (por *com o* etc.); 48-1, 77-8, etc.
- cógnito, 72-8; sabido, (latinismo).
- collo, 36-7, 82-3; pescoço.
- commetter ô mar, 27-2.
- commetter pazes, 94-1; propor. Vej. *tratar*.
- como (= quando, logo que), 41-1.  
— (= que), 78-3.
- companhia, 56-2, 61-2, 72-1; conjuncto de pessoas que acompanham outras;  
— batéis *em companhia*, 45-4; uns juntos dos outros.
- comprido (desejo), 66-6; cumprido, satisfeito.
- cóncavas (velas), 19-4; enfundadas, inchadas pelo vento.
- conceito, 81-4; pensamento.
- concertar, 23-4; concordar;  
— 82-5, 84-5; preparar.
- concertado (tempo), 95-3; bom, próprio para navegar.
- concilio, 20-3; assemblea religiosa (no passo citado, fig., a assemblea dos deuses do paganismo).
- conforme á..., 63-3; segundo a...
- confuso, 62-5; hesitante.
- consagradas águas, 19-7; sagradas, por serem habitadas de Neptuno (os mares). Cfr. *consagrado* Olympo, 35-8.
- consentir, 30-5, 41-2; concordar.
- Constantino, 60-8; o décimo terceiro imperador do Oriente. Vej. *Costantino*.
- conto do bastão, 37-6; ponteira, ou conteira.
- contraíro, 100-7; forma ant. de *contrário*.
- cornigera (fronte), 88-6; que tem pontas, hastes.
- corrente (estyllo), 4-6; fluente.
- corro, 88-1; circo onde se correm bois.
- corrupção (de linguagem), 33-8; modificação, ou alteração para forma errada ou menos correcta.
- cortar as águas, o mar, 17-5, 42-3, 45-4, 72-5, 91-7, 92-2; navegar.
- Costantino, 60-8 (forma antiga e popular). Vej. *Constantino*.
- covas (dos ventos), 58-6; nelas, segundo a mythologia, se suppunha estar o vento encerrado.
- crer (o capitão cria o mouro em tudo), 92-5; acreditar.
- crer-se de..., 85-6; confiar em...
- crystallino céu, 20-5; puro, transparente.  
— assento de estréllas, 22-3; brilhante.
- cuidar (sem complemento), 44-8, 85-4, 90-6; suppor;  
— comsigo em..., 57-5; reflectir em...;  
— em si que..., 60-3; suppor;  
— um engano no pensamento, 73-5; premeditar uma cilada.
- cuidado engano, 83-1; premeditado. Cfr. *alegria não cuidada*, 57-2; inesperada.
- Cythera, 100-2; hoje Cerigo, ilha no Mediterrâneo.
- Cytherea, 34-1; venerada em Cythera (Vénus).

## D

danado, dano, danoso (orthographia antiga, conforme com a pronunção); hoje «damado, damno, etc.», comquanto se não pronuncie o *m*.  
 danada tenção, 80-4; perversa.  
 danado estômago, 39-6; enraivecido;  
 — peito, 70-6; idem.  
 danoso, 68-2; que produz estragos.  
 dano, 106-1; prejuízo, estrago.  
 David, 71-4; rei de Israel, ascendente de Jesus Christo.  
 de, 4-7; a respeito de.  
 —, 48-8, 72-6; por; recebido *de...*; ferido *de*.  
 —, 45-6, 62-2 (*de* alegria, *de* admirada = por estar alegre, por estar admirada).  
 — (entre dous verbos, tendo o primeiro d'elles a funcção de auxiliar): 16-8, deseja *de* comprar-vos; 54-6, procuramos *de* habitá-la; 80-5, deves *de* ir; 80-2, tem determinado *de* vir; 84-3, determinava *de* vir; 104-2, espera *de* poder ver.  
 Cfr. Epiph. Dias, *Gram. port.*, § 224, 1 e 3.  
 — com os verbos *ver*, *olhar*, 17-1, 73-3; da olympica morada vê = estando na... de lá vê; corresponde a *desde* castelhano, *da* italiano, *from* inglês, com nomes de logar.  
 dea, 34-3; deusa.  
 deante, vej. *por deante*.  
 de antes, 1-3, 84-2; antigamente.  
 debatem, 34-7; questionam.  
 decer, 8-4, 76-5; descer. Note-se *deceu*, rimando com *céu*, 65-7. Vej. *descender*.  
 demandar (o pôrto), 102-6; dirigir o navio para elle (t. marítimo). Cfr. *buscar*.  
 derradeiro, 8-4; (adj. tomado adverbialmente), por último, afinal.  
 derredor, 47-3; em volta.  
 desatinado, 91-4; insano.

desbaratado, 81-8; destruído-descender, 77-2; descer (forma latina).  
 descobrir, 43-7, 103-6 (verbo intrans.); ficar descoberto.  
 despójo da guerra, 93-2; a presa, o que se toma ao inimigo, determinados apouentos. 41-8; os que pertencem a cada um (dos deuses).  
 Deus-homem, 66-1; Christo.  
 devulgado, 66-1; divulgado.  
 deziam, 45-7; diziam.  
 dia é comprido e... é breve, 27-6; unas regiões onde o dia é comprido, e [outras] onde o [dia] é breve.  
 Diana, 56-7; a lua.  
 diffirir, 30-3, differir, divergir, ser de opinião differente da de outrem.  
 dino, 22-1; digno.  
 direito (juíz), 38-7; justo.  
 discorrer, 101-5; correr.  
 discretas repostas, 50-6; cau telosas repostas.  
 dizer, vej. *deziam*.  
 doce companhia, 96-4; benevolente.  
 doer, 31-7; causar mágoa.  
 Dóris, 31-4; nereida, filha do Oceano; signif. o próprio Mar.  
 dourada paz, 17-3; feliz.  
 doze pares (de França), 12-5;  
 doze (portugueses) de Inglaterra, 12-6.  
 duro inverno, 28-5; tempestuoso.  
 — Júpiter, 37-4; austero.

## E

e... 12-6; = comprehendendo o... Vej. *gente e marinheiros*, 48-5.  
 ê, vej. *en*.  
 edificaram um reino, 1-7; criaram, instituíram.  
 Egas Moniz, 12-3; o aio de D. Affonso Henriques.  
 elmo, 37-1; capacete com cimeira.  
 embarcações... veloces, 46-1; «ha madeira d'elles he lyada e cosida com tamisa que cha-

- maom cairo» Duarte Barbosa, citado pelo sr. conde de Ficalho, *Flora dos Lus.*, pag. 51.
- embaçado escudo, 86-3; seguro no braço.
- em continente (lat. in continenti) 49-5; immediatamente.
- em nascendo, 8-1; ao nascer.
- en, -ês; encontram-se estes suffixos em 35-6 (rompen-se), 40-2 e 66-5 (tês), 43-4 (nuvês), etc.; escrevemos porém «rompem-se, tens, nuvens», etc., porque esta última orthographia também ocorre em outros trechos do poema.
- Eneas, 12-8; príncipe de Troia, heróe da Eneida, filho de Anchises e da deusa Vénus. Vej. pag. 1.
- enfiado, 37-8; pálido.
- engano, (fabricado, tecido, urdido) 76-3, 77-5, 79-5, 81-6, 93-8, 99-5, 105-4, 106-3; cilada.
- enjeitar, 49-8; rejeitar.
- engenho, 2-8, 4-2; talento.
- enleada linguagem, 62-4; embaraçada, inintelligível.
- enojadas gentes, 64-6; odiosas.
- entendido, 79-1; ouvido.
- entrando a . . . , 78-1; começando a . . .
- enveja, 39-7; inveja.
- enxarcia; vej. *exarcia*.
- épico, epopea, vej. pag. 1.
- errada seita, 57-7; que segue doutrinas erradas, falsas. Vej. *seita*.
- ervada; vej. *seta*.
- esbombardear, 90-4.
- escala, 54-2; pôrto de escala, pôrto intermédio em que tocam os navios antes de chegarem ao termo da viagem.
- escudo, 67-5, 36-3; arma defensiva. Cfr. *armas*, 7-5; *trophéos*, 35-7; *adargas*, 47-6.
- escurecer, fazer escuro, 13-4, 74-8; diminuir o brilho, a fama de . . .
- esforçados, 1-5; intrépidos.
- espalharei as armas . . . 2-7; tornarei conhecidos, divulgarei os feitos militares.
- espalhe-se a vossa gente, 5-7; seja conhecida, apregoada a sua fama.
- espalhou os cabellos (a auro-ra), 59-2: esparziu os raios de luz que precedem o nascimento do sol; porque a Aurora era representada como tendo formosíssimos cabellos louros.
- esparziu néctar, 41-4; espalhou, derramou.
- espessura, 35-1; floresta.
- esquecimento, vej. *Lethe*.
- estômago, 39-6; (ainda popular hoje) estômago, ânimo.
- estellifero, 24-2; estrellado.
- estender-se, 34-4; chegar.
- estômago, vej. *estômago*.
- estranha gente 49-2; desconhecida Cfr. *peregrino*;
- glória, 13-4; estrangeira, não portuguesa;
- alegria, 57-2; extraordinária.
- estranhas Musas, 11-3, não portuguesas.
- estranhamente, 104-2; extraordinariamente.
- estrangeiros na terra, lei e nação, 53-2.
- estrella, 33-5; sorte.
- estribar (em), 93-8; esperar bom êxito (de).
- estruir, 90-2; destruir.
- estylo, 4-6; (lat. stylus, stilus) era um punção de metal, de que os antigos se serviam para escrever sobre tábuas, em que havia uma camada de cera; daqui veio o tomar-se o vocabulo na accepção de «maneira de escrever, ou de exprimir o pensamento».
- ethérea, casa do Olympo, 42-2; puríssima.
- ethéreo assento, 73-1; região celeste.
- Ethiôpia, 42-5, 43-6; parte da Africa oriental.
- Europa, 64-7; citada em contraposição á Turquia, porque os turcos procediam da Asia.

exércia, 62-2; *enzércia*, — a cordalha do navio.  
exício, 16-2; destruição.

## F

**Fado, Fados**, ora no sing., ora no pl.; ora escrito com letra maiúscula, ora com letra minúscula; ora significando o destino, ora os decretos dos deuses, ora os próprios deuses da mythologia. *Fado*, segundo a myth. era uma divindade filha do Cahos, e os seus decretos eram irrevogáveis; todos os deuses lhe obedeciam. Cfr. 24-6, 28-1, 31-1, 74-1, 74-7, 75-5. Cfr. *fatal*; *grandes*.  
**fabricada** (cidade) de nobres edificios, 103-5; formada. Vej. *Mombaça*.  
**fabricado** (engano); 76-3, preparado.  
**falso**, 72-2, 94-5, 99-1, 100-8, 104-4, perverso.  
**famosa gente**, 5-5; afamada; — ilha, 42-5; notável.  
**fatal**, 6-6; providencial.  
**fazer aguada**, 93-3; (t. marít.) tomar água para abastecimento dos navios.  
**fazer-se subido**, 14-3; elevar-se, ennobrecer-se. Cfr. X, 27-1, «*farão Mombaça quemada*» (= queimarão), e 28-7, «*fará a (nau) capitaina despejada*» (= despejará), etc.  
**favorecer**, 34-8; dar voto a favor.  
**fêe**, 2-3; *fê*.  
**fê**, 63-2; rimando com *crê* e *dê*.  
**feitos valerosos**, 9-7; acções notáveis. Cfr. *feito grande* 83-4.  
**feo**, 52-4; feio.  
**ferido da âncora o mar**, 48-6; batido pela ancora. Cfr. *ferido o ar*, 89-4.  
**fermoso**, 42-1, 59-2, 88-2; forma antiga de *formoso*.  
**fero raio**, 22-2; implacável;  
— Nuno, 12-1; altivo;  
— Austro, 35-1; violento;  
— Marte, 75-4; guerreiro.

**forte gente**, 36-4; guerreira, Cfr. *fortes portugueses*, 14-6, 32-8, 50-5; *fortes corações*, 33-5; e (na accep. usual) *forte* escudo, 36-7.

**Fortuna**, 32-2; divindade allegórica; cfr. 44-4 (na accepção usual de «boa sorte»).

**frauta**, 5-2; flauta.

**frio mouro**, 16-1; medroso.

**fronte**, 51-7; semblante.

—, 88-6; a cabeça do touro.

— do mar, 103-4; frente, a praia.

**frota**, 29-7, 100-1; ajuntamento de navios.

**Fuas** [Roupinho], 13-3; notável capitão português (fins do seculo XII), ao qual se allude novamente em VIII-17.

**fúria sonora**, 5-1; rapto de eloquência.

**furor dos ventos**, 29-4; violência.

## G

**gado de Próteo**, 19-8; vej. *phocas*.

**Gama**, 12-7, 84-3 e *passim*; quasi sempre vem mencionado com este único appellido; em 44-1 encontra-se «Vasco da Gama» (como se menciona usualmente na prosa).

**Ganges**, 8-8; rio da Índia.

**geito** (dêste geito) 81-1; dêste modo;

— (que de geito seja astuto), 81-5; que por índole seja astuto.

**gente** [das naus], 28-6, 38-3, 56-3, 58-7; os tripulantes.

— remota, 1-7; habitantes de países longinquos;

— famosa, forte, bellicosa, 5-6, 36-4, 42-3; os portugueses;

— de Christo, 102-3; christãos;

— e marinheiros, 48-5; (= toda a gente que vinha a bordo;

não eram só os marinheiros) e

os navios, além dos pilotos e mestres, levavam «homens de

armas, homens do mar e bombardeiros». *Gaspar Correia*,

cit. em Pinheiro Chagas, *História de Portugal*, iv. pag. 429 n.

— (cuja gente eram christãos), 101-7; «gente» nesta phrase poderá considerar-se sujeito regendo o verbo no plural, segundo uma particularidade da syntaxe portugueza? ou deverá considerar-se attributo, sendo «christãos» o sujeito? inclinamo-nos á segunda hypothese; cfr. os seg. exemplos: a melhor fructa são as laranjas; a esquadra são navios couraçados; tudo são montes, etc.

gentes lusitanas, 48-2.

— inhumanas, 64-4; os turcos.

— enojosas, 64-6; idem.

— medrosas, 68-6; (os de Moçambique).

— indianas, 74-4.

— roubadoras, 78-3.

gentio, 8-7, 16-3, 53-8; idólatras, pagãos.

gesto, 5-4, 9-2, 16-7, 22-4,

40-3, 69-5, 72-4, 77-3 e 6; semblante; aspecto.

glorioso, 20-3, 41-5; resplandecente.

gram, 75-7; (proclítico) grande. Vej. *grão*.

grandes fados, 24-6; poderosos.

grandiloco, 4-6; hoje *grandiloquo*, eloquente; cfr. *inico*. *grão*, 73-1 (tónico) grande. Vej. *gram*.

Grego, 31; Ulysses.

gregos, 24-8; os povos da Grecia antiga.

grosso pêso (do exercito), 15-5; immensa fôrça.

guardadora (deusa), 102-7; vigilante.

## H

hastea, 87-3; o pau em que está enxerido o ferro da lança.

hebraea, 53-8; de raça hebraica, (a mãe de Mafoma) 1.

hemisphérico, 8-3, 65-3; significando o globo terrestre; cfr. 38-3 (na accepção lit.)

Hespanha, 31-2; por Hispânia, ou peninsula hispânica.

Hippocrene, 4-8; a fonte do cavallo (Pégaso), symbolo da inspiração poética.

Homero, 12-3; célebre poeta grego, que a tradição considera autor da *Iliada* e da *Odyssea*. Ignora-se onde e quando nasceu. Sete cidades disputaram o seu nascimento:

Esmyrna, Rhodes, Cólophon, Salamina, Chios (= Quios), Argos e Athenas. Alguns

<sup>1</sup> «Hebreus» nome com o qual eram designados pelos estrangeiros os israelitas; demonstra-se que significava «os da banda de além» subentendendo-se «do Euphrates». «Israelitas» era nome patronymico, e genérico, que abrangia os hebreus e os judeus (estes, os do reino de Judá): vej. Dr. Bernardo Stade, *Hist. dos povos de Israel*, vol 1, pag. 110 e 113. Também se disse que a palavra «hebreus» quer dizer «os filhos de Éber» (neto de Sem, progenitor de Abraham), vej. *Hebrew English Lexicon* (V. O. J.), pag. 186; e W. Gesenius, *Gram. Hebr.*, novamente revista e publicada por C. Rüdiger, Lipsia, 1841, pag. 7.

«Este vocábulo «hebreu» (EBRAIOS) só talvez foi empregado pelos gregos desde o principio da nossa era, e sempre referindo-se unicamente á lingua e costumes, e não directamente como nome ethnico, talvez substituído pelo nome, que se tornara politicamente mais importante, de «judeu» (IOYDAIOS); emquanto os antigos, desde Heródoto, diziam sómente SYROI HOI EN PALAISTINE (os syros da Palestina).» *Compêndio de geographia antiga*, de Henrique Kiepert, Berlin, 1878, pag. 175, n.º 158, n. 2.

«A genealogia mythica refere ao mesmo progenitor Éber (o de além) não só os povos de Ammón e de Moab, mais de perto aparentados com os israelitas, mas também todas as tribus nómadas do norte da Arábia, cujas sôdes estavam além do Jordão». Id., ib., ib., n.º 3.

Vejá-se também G. Maspero, *História antiga dos povos do Oriente*, Paris 1876, pag. 162 e seg.; e Bluteau, sub v. *judeu*, *hebreu*.

(Nota do sr A. R. Gonçalves Vianna.)

AA. duvidam mesmo da existência delle, suppondo que esses poemas são collecções ampliadas de cantos heroicos dispersos na Grécia.  
 honrado, 23-5; qualificado; aquelle a quem se concedem honras ou tratamento respeitoso.  
 humanamente, 49-3; com benignidade.  
 humanos [entes], 24-7, 106-3; a humanidade, os homens.  
 humilde verso, 4-3; próprio da gente dos campos; estylo pastoril.  
 Hydaspes, 55-2; affluente do Indo; hoje Jalom, vej. Vasconcellos Abreu, *Estudo scolastico sobre a Epopeia portugueza*, pag. 72.  
 Hyperião, 59-4; o pae de Aurora, Apollo, o sol.

## I

-ibil, por -ivel 65-2, 4 e 6 (visível, insensível, insoffrível); latinismo usual nos *Lus.*; ambos do suffixo lat. -ibilis.  
 idade, 17-7; existência.  
 —, 6-6; tempo.  
 —, 9-3; vida humana.  
 ilha de Madagascar ou de S. Lourenço, 42-6.  
 — de Moçambique, 43-8, 48-4, 53-1, 54-8.  
 — de Quíloa, 98-3.  
 — de Mombaça, 101-7, 103-8.  
 imaginar, 69-8, 73-7, 81-3, 99-5; premeditar.  
 império, 2-3, 38-1; domínio.  
 impito, 35-4; impeto.

inda, 11-8; alterna com «ainda»: 1-4, 81-1.  
 Índia, 31-4, 32-3, 40-8, 52-8, 64-8, 96-8.  
 Indianas, 74-4. Cfr. *asianas*.  
 Indo, 32-1, 52-2, 55-2, 95-4.  
 infâmia, 34-5; perda da fama, da celebridade.  
 inico, 94-2, 101-3; hoje *iniquo*; malévolo. Cfr. *grandiloco*.  
 inimigos ventos, 29-4; contrários, soprando contra a proa do navio, não o deixando por isso seguir no seu rumo.  
 inhabitada terra, 44-5; deserta.  
 Inglaterra. Vej. *doze*.  
 invocar, 18-8; chamar.  
 irmã (de Phebo), 56-7; Diana ou Phebea, a Lua.  
 ismaelita, 8-6; = sectário de Maforma, por ser este descendente de Ismael, o filho de Abrahão e de Agar, conforme a Bíblia.

## J

Joanne, 13-7<sup>1</sup>. D. João II.  
 João (D.), III, 17-2. Vej. *avós*  
 juço, 8-5, 16-4, 75-4; domínio.  
 juizo, 71-6; intelligência.  
 Júpiter, 23-7, 30-1; o pae dos deuses.

## L

lacteo, 20-6, 4-5; côr de leite, esbranquiçado.  
 lago de Acheronte, (= Aqueronte) 31-8; o Inferno.  
 lâminas, 67-4 (fôlhas, chapas); espécie de armaduras. Eram uma vestidura militar com-

<sup>1</sup> Forma primitiva de João (latim *Johannem*), sendo esta última adoptada por falsa analogia com os nomes lat. em -anu (manu, mão), do mesmo modo que *pão* (= panem) *cão* (= canem); portanto *Joanne* ou *Joã* teriam sido as formas primitivas sendo a última proclítica, isto é, subordinada á accentuação do vocábulo seguinte. Cfr. *sã* e *são* (por *santo*) antes de nome começado por consoante (São Bernardo, São Matheus, etc.); cfr. ainda *dom* (*Dom José*, *Dom Manuel*) e *dono* (ambos representando o latim *dominus*), o primeiro, proclítico, o segundo com accento próprio.

(Nota do Sr. A. R. Gonçalves Vianna.)

- pleta; e composta de muitas fôlhas de metal sobrepostas até metade, a modo das escamas nos peixes, e cravadas com tal arte que podiam jogar, ou digamos dobrar-se; forravam-se por dentro e por fora com velludo, que ficava esmaltado de tachinhas douradas, por meio das quaes se liavam as fôlhas em boa ordem, e faziam formosa vestidura. Chegava esta armadura quasi até os joelhos, e algumas eram mais curtas. Vê-se a pintura dellas nos retratos de antigos reis portuguezes. (Faria e Sousa, *Commentário de Lusíadas*). Podem ainda ver-se algumas no museu da Armeria em Madrid. Em hesp. «brillantinas». V. Maindrón, *Les Armes*, passim.
- Lampethusa**, 46-8; irmã de Phaetonte.
- lança**, 6-5; hostes, exércitos. — 13-3; feitos militares.
- lassa frota**, 29-7, 57-1; fatigada.
- ledo**, 49-3, 51-7, 69-6, 72-4, 83-1, 100-1, 105-2; alegre.
- lei** (da morte, do fado), 28-2; princípios que regulam a ordem do mundo. —, 45-8, 53-2, 4 e 5, 63-2, 65-1; religião, doutrina.
- lenho**, 27-2; (madeiro) navio.
- Lethe**, 32-4; rio do Inferno, cuja água produzia esquecimento, perda de memória, a quem a bebia.
- leve caso**, 86-7; successo fácil.
- lião**, 68-8; leão.
- liberdade**, 6-2; independência.
- licôr**, 8-8, 49-6, 61-6; corpo líquido.
- lingua portuguesa**, 33-7. — arábica, 50-2. — escura, 64-2; língua dos indigenas negros. — latina, 33-7.
- linguagem bárbara e enleada**, 62-4; a dos indigenas.
- lhe**, 28-1, 43-7 e *passim*; lhes.
- Laurenço** (ilha de Sam), 42-6; Madagascar.
- lua**, 56-7; *lúa*, 58-1.
- Luso**, 24-4, 39-4, 62-1; primeiro rei da Lusitânia, segundo a lenda litterária. Vej. pag. 1.
- lusitanos**, 1-2, 30-8, 33-2 e *pass.*; portuguezes.
- Lyeu**, 49-6; cognome de Bacco, deus do vinho.

## M

- Macedónio**, 75-7; Alexandre Magno, filho de Philippe, rei da Macedónia—país da Europa antiga, correspondendo hoje a uma parte da Bulgária e da Turquia, ao norte da Grécia.
- Madagascar**, 42-6; por outro nome, ilha de Sam Lourenço; grande ilha no oceano Indico.
- Mafamede**, vej. *Mahamede*.
- Mafoma**, vej. *Mahamede* (encontra-se em outras estâncias Mahoma).
- Magriço**, 12-6; epitheto de Alvaro Gonçalves Coutinho, da familia dos condes de Marialva, um dos doze de Inglaterra, cujo episodio faz objecto das estâncias 42 a 69 do canto VI.
- Mahamede**, 99-4, 102-4. Vej. a nota ao voc. *Ismaelita*, 8-6. Cfr. *Mafoma*.
- Mahomet**, vej. *Mahamede*.
- majestade**, 9-1; superioridade.
- malina**, 99-3; litterariamente, «maligna», pronunciando-se o *g*; mas actualmente ainda se pronuncia «febre malina», e substantivamente «uma malina».
- malhas**, 67-4; saias de malha, vestidura de annéis de ferro, que rebate as estocadas (Bluteau, voc. *saya*.)
- maneira**, 46-1; feito. —, 57-6; costumes.
- manha**, 81-4.
- marketado**, 23-1, 59-1; embutido.
- Marte**, 3-6, 5-6, 36-1; o deus da guerra, vej. *Mavorte*; em

- 75-4, empregado o vocábulo (por antonomásia) como epíteto de Alexandre o grande (?).
- mata, 35-3; o terreno onde é basto o arvoredo; o próprio arvoredo.
- maura lança, 6-5 (forma lat. *maurus*) exércitos da Mauritânia. Vej. *mouro*, *Mafoma*.
- Mavorte, 41-3; uma das formas latinas de *Marte*.
- memórias, 2-1, 13-2, 17-5, 31-8; actos que deixam memória, que não serão esquecidos.
- Mercurio, 40-5; mensageiro dos deuses.
- meúdas, 92-5.
- mi, 4-4 e *passim*; mim.
- ministros, 67-2; serventes.
- Moçambique, 54-8, 77; a ilha e cidade portuguesa, agora capital do Estado do mesmo nome, na costa oriental de Africa, por 15.º lat. Sul. Vej. *ilhas*.
- Mombaça, 54-4, 103-8, 101-7; cidade em uma ilha do mesmo nome na costa oriental de Africa; era cercada de densas florestas de mangueiras, e construída á moda das cidades árabes do sul da Hespanha, com casas de terraço (açoteia); por isso o Poeta diz ser de «nobres edificios fabricada». Em 14 de agosto de 1505 foi tomada por D. Francisco de Almeida, quando ia para a Índia assumir o cargo de vice-rei.
- mostras, 56-4, 69-5; apparencia, maneiras.
- mouro, 25-3, 60-2 e *passim*; o natural da Mauritânia ou Mourama; por extensão, os que seguem a religião de Mafoma, por isso empregado o vocábulo muitas vezes para designar o xeque de Moçambique; é usado quasi sempre como substantivo, pois como adjectivo serve-se o poeta do voc. *mauro*. Cfr. 6-5.
- Musas, 3-7, 11-4; divindades pagãs, invocadas como protectoras da Poesia, Música, etc.

## N

- Nabatheos, 84-2; nome antigo de montes da Arábia, que segundo a tradição teriam o nome de Nabath, primogénito de Ismael.
- nam, 102-7, occorre a par de *não*.
- natura, (latinismo) 53-4; natureza.
- navegar-se, 52-4; «o mar... dos feios phocas se navega». Nesta expressão encontra-se a conjugação passiva do verbo, representada pela forma reflexa, com agente expresso. É insólita em português moderno esta construcção, comquanto freqüente em port. ant. e em castelhano. Vej. por ex. João de Barros, *Décadas*. Quando de uma acção não se menciona o agente, a regra é, actualmente, usar-se a forma reflexa do verbo como por exemplo: *nesta loja vendem-se livros*; se, porém, o agente figura na oração, emprega-se a forma passiva, ex.: *nesta loja são os livros vendidos por caixeiros do dono*; e não se diz: *vendem-se por caixeiros, etc.* O agente na proposição constituída pelo verso 4 da est. 52 está expresso, é *phocas*, equivalendo a prep. *de* a *por* como em *estimado de todos* (= *estimado por todos*); assim a construcção usual seria: *dos (pelos) feios phocas é navegado*.
- néctar, 41-4; bebida dos deuses.
- negaça, 86-8; chamariz.
- negro, 32-6. Vej. *esquecimento*, *Lethe*.
- Neptuno, 3-6, 72-6; deus do mar, filho de Saturno e de Rhea, o oceano.
- neptuninas, 58...; marítimas.
- Nereu, 96-3; deus marinho,



- filho do Oceano e de Téthys; as filhas (nereidas), nymphas. novo paterno, 10-4; pátria, vej. *paterno*.
- Noto**, 27-4, vento sul.
- notificar**, 54-7; declarar.
- novo reino**, 1-8; mais um.
- novo engenho**, 4-2; outro (diverso).
- numerosos (versos)** 9-8; harmoniosos.
- Nuno** [Álvares Pereira] 12-1; condestável do reino, grande vulto na História portuguesa.
- Nysa**, 31-8; antiga cidade da Índia, de que não ha vestígios, e que a fábula dava como construída por Baccho. A forma do vocábulo é grega.
- O**
- Obsequente ajuntamento**, 72-7; complacente povo. É duvidosa a acceção. Vid. a nota a este ponto.
- Occidente**, 1-2, 7-3, 50-7; Europa.
- olhar a causa**, 45-6; ver a causa, olhar para a causa.
- olhando o lusitano ser molesto ao mouro**, 73-3; vendo o lusitano ser... , vendo que o lusitano era...
- Olympo**, 20-1, 35-8, 42-2; nome de um monte da Thesália, cfr. 17-1, a morada dos deuses, o céu.
- Oriente**, 15-8, 30-7, 42-4, 50-8; geralmente para significar a Índia.
- Orlando**, 11-8; principal personagem do poema épico, denominado *Orlando Furioso*, do poeta italiano Ariosto.
- P**
- Pacheco**, 14-5 (Duarte Pacheco Pereira); valente capitão, que fez proezas na Índia.
- Pado**, 46-8, rio de Itália, hoje chamado Pó.
- padre**, 22-2, 38-1, 40-1, 74-5; pae, epítheto de Júpiter, e (30-5) também de Baccho.
- pannos**, 47-1; vestuário dos negros.
- pannos de algodão**, 47-1; podiam ser de origem indiana, Cfr. *Flora dos Lus.*, já cit., pag. 52.
- pangaícos**, 92-6; embarcações meúdas; nome dado também a navios de mouros, que navegam entre a Índia e Moçambique.
- Parcas**, 34-2; filhas de Érebo e da Noite. Regulavam os destinos dos homens, e fiavam-lhes a trama dos dias.
- Parcs de França**, 12-5; doze cavalleiros, que acompanhavam Carlos Magno, e que eram considerados os seus mais valentes guerreiros.
- Parnaso**, 32-4; monte dedicado ás musas. Vej. *Hippocrene*.
- partasanas**, 67-8; espécie de alabardas.
- partes**, 27-5; regiões.
- , 36-2; parcialidade, partido.
- partir-se**, 41-6, 72-1, partir.
- passar**, 39-5; ser desculpado.
- pátrios**, 9-7; em favor da pátria.
- paterno ninho**, 10-4; a pátria.
- paz dourada**, 17-3.
- pazes**. Vej. *commetter*, *tratar*.
- peças**, 61-3; objectos diversos.
- peito**, 3-5, 5-4, 70-6, 76-6; ânimo.
- peitos**, 63-3; couraças.
- peixes**, vej. *peces*.
- pêla**, 89-3; bala de artilheria.
- pendentes trophéos**, 25-8; (pendurados), expostos.
- penetrante pancada**, 37-5; de som penetrante (nos ouvidos).
- pera**, 36-8, 44-5, 47-5, 61-4, etc.; hoje literariamente *para*.
- perdida gente**, 28-6, 81-8; exausta; com as forças extintas.
- peregrino**, 26-7; estrangeiro.
- peregrinas covas**; estranhas para os homens, conhecidas só dos ventos.
- perfia**, 22-7; hoje *porfia*, que

também occorre em outros logares.  
 perlas, 23-2; hoje *pérolas*.  
 persas, 24-8; (os antigos) do império persa, que no século v. (A. C.) dominava em toda a Asia Anterior, e conquistou Babilónia aos chaldeus.  
 pesa-lhe (ao mouro), 90-5; o mouro arrepende-se.  
 péso grosso dos exercitos, 15-5; domínio inflexível.  
 pexes, 42-8; *peixes*, nome de uma constellação ou grupo de estréllas, da qual se aproxima o sol entre 19 de fevereiro e 20 de março. Vej. *Typhœu*.  
 Phaetón, 46-6, filho de Apollo. phantástico, 11-2; inventado.  
 piloto, 70-1; o que conduz o navio.  
 Phebo, 4-7, 56-5; Apollo, o Sol.  
 Philippo, 75-2; rei de Macedonia. cfr. *Alexandro*.  
 phocas, 52-4; mamíferos amphibios. Vej. *Próteo*.  
 phrygios, 98-2; troianos.  
 pilouros, 67-6 (pelouros); bolas de arcabuz.  
 plúmbeo, 89-3; de chumbo.  
 pólo, 24-2; extremidade do eixo imaginário sobre o qual gira a terra em 24 horas.  
 polo, 15-6, 34-6; alterna com *pelo*, 49-2.  
 por, 4-7, 86-2; = para; por água, 80-2, 84-4; para ir buscar água.  
 por diante, 44-7, 101-6.  
 porfia, 34-7, 36-2. Vej. *perfia*.  
 potente, 51-5; poderoso.  
 praticar, 73-8; proferir, conversar.  
 prantar, 49-6; plantar.  
 Prasso, 43-5, 77-4; hoje Cabo Delgado (costa de Moçambique).  
 preço, 5-8; cousa de valor.  
 pregão, 10-4; a publicação de qualquer cousa que convém que todos saibam (Bluteau).  
 prêmio largo, 10-2; bom pagamento.  
 privado amigo, 39-4; íntimo.

proa, 48-3; a parte deanteira do navio.  
 promontório, 43-5; ponta de terra alta entrando pelo mar, cabo.  
 prometter de... 1-6.  
 propósito, 27-7; resolução.  
 próprios da terra, 53-3, 54-6; indígenas.  
 Próteo, Proteio, Proteu, 9-8; monstro marinho, que segundo a fábula pastoreava os peixes e as phocas.

## Q

qual... tal, 35-1 e 7.  
 qualquer, 34-7, 87-7; todos, cada um delles.  
 quando ireis, 9-4.  
 que, 3-5, 84-8, 102-3, 107-7 e *passim*; = porque.  
 —, 5-7, 6-7 e *passim*; = para que.  
 —, 85-7, 83-7, 101-7; empregado pleonásticamente.  
 — (relativo, servindo de complemento, anteposto ao verbo) 25-4; mas IX, 92-7 e 8, sendo sujeito, anteposto também ao verbo.  
 quebranta-se o coração, 89-5.  
 quebrada lei, 38-2; não cumprida.  
 quero, 80-6; quieto.  
 quem..., quem..., 92-3 e 4; uns..., outros...  
 Qujloa, 54-4, 99-8; cidade na Africa Oriental. Nas notas affirmámos que se deve pronunciar *Quilua* (e não *Quilôa* como tem escripto alguns AA.) Fundamos a nossa affirmativa em duas razões: 1.<sup>a</sup> a exigencia da métrica, pois o verso, recitado de outro modo, ficaria errado na accentuação; 2.<sup>a</sup> o termos ouvido pronunciar *Quilua* aos mouros daquellas paragens. Já depois de escriptas as mesmas notas lemos em Burton (illustrado viajante que também esteve em Zanzibar e proximidades) ser essa a pronúncia usual

(Kilwa). *The Lusiads*, vol. iv, pag. 77. O *o* em «Quilua» vê-se bem que corresponde ao *u* moderno (cfr. graph. ant. de «ágoa»), pois o *u* se pronunciava também *v*, e empregava-se o *o* nos vocábulos em que pudesse a leitura tornar-se duvidosa. Se antigamente se escrevesse «Quilua» poderia suscitar-se duvida se devera pronunciar-se «Quilva». Cfr. *Java* «Java».

## R

raio. Vej. *Apollíneo*, *Vulcano*.  
 ramo de árvore, 7-2; descendente de família.  
 razão (é) 52-5; é [de] razão, é justo.  
 — 53-4; intelligência.  
 — 30-4; argumento.  
 razões, 97-5; notícias.  
 recado, 104-5, 105-2.  
 rédeas do reino; 15-3.  
 reformar-se, 40-8; descansar.  
 refrésco, 55-6, 60-3; mantimentos frescos que os navios recebem.  
 regedor, 59-7, 94-2; o que rege ou governa.  
 regente, 55-6; idem.  
 regimento, 21-1, 102-2; instrucções, recommendações.  
 reino, 1-8; empório.  
 remota gente, 1-7, 52-3, 57-3; de logares longinquo.  
 reposta, 50-6; hoje literariamente, «resposta».  
 respirar, 19-3, 32-5.  
 rio santo, 8-8; o Ganges.  
 — do inferno, 32-6. Vej. *Lethe*, *Acheronte*.  
 Rodomonte, 11-7; personagem do poema ital. *Orlando Furioso*, de Ariosto.  
 Rogeiro, 11-7; hoje Rogério; personagem do mesmo poema.  
 Romano, 75-5; Trajano, imperador romano.  
 romanos, 24-8, 33-4.  
 romper, 35-3 e 6; partir.  
 Rómulo, 26-2; segundo a lenda, fundador de Roma.

rota, 29-8, 100-3; derrota, rumo, viagem.  
 roxa entrada do sol, 28-4; vermelha.  
 — entrada do Hyperiónio, 59-3; vermelha.  
 roxo sangue, 82-8; vermelho.  
 ruda, 5-2; rude, grosseira. (fig.) pastoril.  
 rutilante, 22-7; scintillante.

## S

sábiamente, 55-4; discretamente.  
 sábio, 8-2, 83-3.  
 sagaz, 83-3.  
 sagittíferas aljavas, 67-7; bolsas, em que se levavam as setas.  
 salso, 18-5; salgado.  
 sanguinolentos, 79-2.  
 sanguino, 88-1; sangüíneo.  
 sanguinoso, 17-4.  
 segurança, 6-1; penhor.  
 seguro por dar seu parecer 37-2; firme.  
 seita, 57-7.  
 Sémele. Vej. *Baccho*.  
 senhorio, 16-5, 53-6; posse.  
 sentença, 30-3; voto, parecer.  
 sequazes, 71-3; (latinismo), *sequazes*. Vej. *veloces*.  
 ser chegado (= ter chegado), 76-2; 104-1.  
 sereno, 59-3. Vej. *céu*.  
 Sertório, 26-7; capitão dos lusitanos, que, sendo romano de nação, os dirigiu contra os romanos. (82 A. C.)  
 seta ervada, 86-4; «são quasi exclusivamente substancias vegetaes que nas diversas regiões servem para este fim» (o de envenenar as armas), cfr. *Flora dos Lusiadas*, já cit., pag. 54.  
 sinaes, 52-8 (hoje escrito «sinaes» sem todavia se pronunciar o *g*); noticia. Cfr. *malina*.  
 singulares, 15-7; únicos.  
 Sinón, 98-2; soldado grego que arrou uma cilada aos troianos no cêrco de Troia.

so- (por sub-), 32-1 (sojugar) e 75-3 (someter) e 92-6 (sotis).  
 soberano gesto, 22-4, 4; majestoso.  
 soberbo coração, 44-3; excelente.  
 sobraçado, 47-4; mettido de baixo de um braço.  
 Sofala, 54-4; cidade da costa oriental de África.  
 Sol, 28-4. Vej. *roxa*, *Apollo*, *Aurora*, *Phaetón*.  
 sólio, 37-6; throno de reis.  
 som, 4-5, 35-5, 85-3.  
 sonoroso, 5-1, 47-8; de som harmonioso.  
 sotis. Vej. *so*.  
 sub-. Vej. *so*.  
 subido, 14-3; elevado, ennobrecido.  
 sublimar, 1-8, 4-5, 74-5; engrandecer.  
 sublime, 5-8, 49-4.  
 superno, 10-6; supremo, absoluto.  
 súbito, 76-2; súbito.  
 surge (o navio), 102-8.  
 sustenta, 39-3; favorece.

### T

Tágides, 4-1; nymphas do Tejo, (latim *Tagus*).  
 tal, vej. *qual*.  
 tam; concorre com «tão», *passim*.  
 tanto (engano) 76-3; tantas ciladas (é adj.).  
 tanto (amigo), 71-1; tão extremamente (é adv.).

Taprobana, 1-4. Ceilão<sup>1</sup>.  
 tarçado, 47-6; terçado, espada curta.  
 tecer engano, 77-5; cfr. urdir intriga.  
 Tejo, 14-6, 25-4.  
 temerosas, 68-4; cfr. *temor*, 6-5.  
 templo eterno, 9-4, 17-8.  
 tempos, 43-3; estado atmosférico.  
 tengão, 39-5, 80-4, 94-6.  
 tenro, 7-1, 9-2, 16-7; juvenil.  
 ter, 21-6; governar.  
 terra firme, 91-6; continente.  
 Téthys, 16-5.  
 thebano, 73-1; da Thebas grega (Baccho).  
 tingitana, 33-6; de Tingis ou Tânger (Mauritânia).  
 Toda parte, 2-7; inadvertidamente, porque tínhamos á vista uma das edições modernas, transcrevemos «toda a parte», introduzindo o *a* que não se encontra nas primeiras. Os antigos geralmente não empregavam o artigo *o* depois de «todo» quando este vocabulo tinha a accepção de totalidade em número (correspondendo ao latim *totus*); assim «toda parte» = «todas as partes»; mas = «todo o mundo»; porque esta última phrase = «o mundo inteiro»; «toda a parte» quereria dizer a «parte completa»; «todo o logar» si-

<sup>1</sup> Em latim *Taprobane* (Theil, *Dictionnaire Latin-Français*), em grego também *TAPROBANE* (Pape, *Wörterbuch der griechischen Eigennamen*); donde se depreheende que a accentuação exacta deveria ser *Tapróbana*. Pape, todavia, cita a forma *TAPROBĒNOI*, que daria em latim *Taprobēni*, em português *Taprobēnos*.

Este nome antigo, e o mais moderno, desconhecido da antiguidade clássica, *Ceilão*, são de origem indiana árca, e explicam-se pelo sâmscrito. Veja-se detidamente a memória do sr. G. de Vasconcellos Abreu, publicada por ocasião do tricentenário de Camões, *Fragmentos de uma tentativa de estudo scolástico da epopeia portugueza*, Lisboa, 1880, pag. 39 e seguintes. Em sâmscrito as formas dos dois nomes indicados são: *tâmra parña*, e *sihalâ*, transcritos na memória citada *tâmra parna* e *simhalá*.

(Nota do sr. A. R. Gonçalves Vianna.)

gnificaría «o lugar inteiro, comprehendidas todas as cousas»; «todo lugar» = qualquer lugar. *todo dano*, 83-3; e *passim* (sem artigo); qualquer dano, etc.

*todo o mande*, 6-7.

*todo o insensibil*, 65-4; *todo o [ente] insensibil*.

*todos seus intentos*, 79-6; aqui não se encontra o artigo porque não era uso geralmente empregar-se junto dos pronomes possessivos: poderia dizer-se «seus intentos todos» ao passo que hoje diríamos: «os seus intentos todos».

*toldos alegres*, 59-6; de côres vivas, que alegram.

*Tonante*, 20-7; trovejador (epitheto de Júpiter, *tonans*, usado pelos poetas latinos, significando «o que despede o raio»); empregado como substantivo.

*tornar respostas*, 50-6.

— (na accep. de *voltar*) 93-1, 95-2.

*torpe ismaelita*, 8-6;

— Mahamede, 94-4.

*torvado*, 37-7; tomado de susto, (per)turbado.

*toucas*, 47-7; carapuças, barretes, coberturas para a cabeça.

*trabalhada gente*, 28-6; molestada por trabalhos, privações.

*Trajano*, 3-3; (Marco Úlpio), imperador romano (52-117, que intentou conquistar a Índia).

*tratar pazes*, 94-8; convenciona-las.

*Troiano*, 3-3; Eneas. Vej. *Phrygius*.

*trophéus pendentes*, 25-8.

*tuba canora*, 5-3; trombeta, estridente (fig.) a epopeia.

*turco oriental*, 8-7; turcos da Asia. A Turquia asiática é separada da Turquia europeia pelo mar Negro; cfr. *Cáspios*.

*Turquia*, 62-8, 64-6; cfr. *turco*.

*Typhéu*, 42-7; (myth.) um dos gigantes que se rebellaram

contra Júpiter; por isso foi por este fulminado. A respeito de Typhéu há outra lenda além da que ficou referida na nota, e que é a seguinte: Elle perseguia Vénus e Cupido, que fugiram para o mar, onde dous peixes os levaram para terra, pondo-os na margem do Euphrates. Foram esses dous peixes que Júpiter, a pedido de Vénus, pôs no céu, dando-lhes por habitação as duas estréllas, que se ficaram chamando *pisces* («peixes»). Cfr. IX, 37 «*typheas armas*».

## U

*ũa*, 5-1, 31-2, 37-8, 69-4 e *passim*; a orthographia camoniana é geralmente *ũa*, e também se encontra *huma*.

*um e outro*, 34-5 e 6; elle e ella.

*ús*, 43-3, 92-1; cfr. *ũa*.

*usadas vias*, 27-3; navegadas.

*urdir ardil*, 96-6; cfr. *fabricar engano*.

## V

*valeroso*, 2-5, 9-7, 17-6, 41-3; hoje *valoroso*.

*valia*, 38-4.

*valido com*, 77-8; hoje *valido de*.

*vão Rogeiro*, 11-1; imaginário.

*Vasco da Gama*, 44-1; cfr. *Gama*.

*veloces*, 46-2; (latin.) velozes.

*velas* (o vento inchando as concavas), 19-4.

— (tomar as), 48-7.

— (dar as) 95-8.

— (virar as) 102-6.

*velas... de esteira... de palma*, 46-3; «a materia empregada neste grosseiro tecido devia ser a folha grande e flabelliforme de uma especie de *Borassus...*, conhecida dos naturaes pelo nome de *Madicoa*», *Flora dos Lu-*

*siadas*, já cit., pag. 51 e 52.  
**ventos** (os ventos respiravam), 19-3.  
 — inimigos, 29-4.  
 — (os ventos levavam os navegantes), 43-1.  
 — (repousavam pelas covas peregrinas), 58-6.  
**Vénus**, 33-1, 34, 100-2, 102-7; (myth.), deusa do mar; por isso a ficção de proteger ella os navegantes portuguezes, que tanto se aventuravam no mar.  
**ver**, 8-2; alumiar.  
**ver-se**, 17-5; ser visto.  
 —, 17-1; rever-se como em um espelho.  
**versos** numerosos, 9-8; versos harmoniosos.  
**via láctea**, 20-6; constellação estellar, a estrada de Santiago.  
**vias**, 27-3, 72-5; mares.  
 —, 76-7; caminho, meio.  
**viciosas terras**, 2-3; terras habitadas por gente não civilisada.  
**vil prémio**, 10-2; mesquinho, deshonroso.

**vir**, 39-4; descender.  
**Viriato**, 26-3; capitão lusitano.  
**visibil**. Vej. *-ibil*.  
**vitupério**, 38-5; opprobrio, deshonra.  
**Vulcano**, 22-2, 68-3; (myth.), filho de Júpiter e de Juno, esposo de Vénus, deus do fogo, o que forjou os raios com que Júpiter fulminou os gigantes rebeldes.  
 — os de Vulcano, 68-3; os artelleiros.

## X

**Xeque**, 77-8; regedor, autoridade entre os mouros.  
 Sobre a necessidade de conservar feição nacional na transcrição portugueza de nomes estranhos ler-se há com vantagem o que escreveu o sr. A. R. Gonçalves Vianna na *Revista de Educação e Ensino*, III, pag. 66 e na *Revista Lusitana*, II, pag. 57 e 58. Seguimos em geral essa doutrina em todos nomes que nestas notas incluímos<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> «O modo de escrevermos o som inicial com que pronunciamos este vocabulo é antiquissimo nas graphias hispánicas, usado não só em portuguez, gallego, asturiano, catalão e até vasconço, mas igualmente no antigo castelhano até o seculo XVI; e no moderno, apesar de ter desapparecido o som, o x tem continuado a servir para a transliteração dos nomes orientaes em letra romana, representando o ش arabico; modernamente foi com esse valor empregado o x pelos srs. Paschoal Gayangos e Simonet, e prescripto, como a única representação de tal som que possa convir á escrita hispanhola, pelo sr. Leopoldo Eguilaz Yanguas no seu opúsculo «*Estudio sobre el valor de las letras arabigas en el alfabeto castellano y reglas de lectura*», 1874, e recentemente adoptado pelo mesmo arabista no seu *Glosario etimológico de las palabras españolas de origen oriental*, 1886.»

(Nota do sr. A. R. Gonçalves Vianna.)











CAMONEANA

34

B. N. L.

